

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Diogo Rafael Lemos Marinho

**Os círculos segmentados do
Noroeste de Portugal (Inventário) - Anexo I**

Anexo I

Índice de figuras

Figura 1 – Localização de Quinta do Paranho 1 em excerto da Carta Militar de Portugal nº 69, na escala 1/25 000, CIGeoe.	10
Figura 2 – Localização de Quinta do Paranho 1 em excerto da Carta Geológica de Portugal, Folha 5C – Barcelos, na escala 1/ 50 000, LNEG.	11
Figura 3 - Fotogrametria da Quinta do Paranho 1. A régua da fotogrametria tem 0,50 m.	14
Figura 4 - Fotogrametria da Quinta do Paranho 1. A régua da fotogrametria tem 0,50 m.	16
Figura 5 - Quinta do Paranho 1, vista rasante a partir de este.	16
Figura 6 - Quinta do Paranho 1 vista desde noroeste.	17
Figura 7 - Pormenor do círculo segmentado do painel 2 da Quinta do Paranho 1.	17
Figura 8 - Círculo segmentado associado a círculos concêntricos no painel 2 da Quinta do Paranho 1.	17
Figura 9 - Fotogrametria da rocha nº 23, em depósito no Museu da Sociedade Martins Sarmento.	20
Figura 10 – Aspeto da rocha nº 23, em depósito no Museu da Sociedade Martins Sarmento.	20
Figura 11 – Localização de Pedra Escrita em excerto da Carta Militar de Portugal nº 44, escala 1/25 000, CIGeoe.	21
Figura 12 – Localização de Pedra Escrita em excerto da Carta Geológica de Portugal, 6A – Montalegre, escala 1/50 000, LNEG.	22
Figura 13 - Decalque da Pedra Escrita (Fontes & Roriz, 2007, p. 57).	24
Figura 14 – Fotogrametria do painel 1 da Pedra Escrita.	25
Figura 15 – Fotogrametria do painel 1 da Pedra Escrita.	25
Figura 16 – Fotografia da superfície aplanada onde se localiza o painel 1 da Pedra Escrita, vista a partir de norte.	26
Figura 17 - Painel 2 da Pedra Escrita.	27
Figura 18 - Pedra Escrita vista desde noroeste, com localização dos painéis 1 e 2.	27
Figura 19 – Localização da Rocha 1 do Gião 1 em excerto da Carta Militar de Portugal nº 16, escala 1/25 000, CIGeoe.	28
Figura 20 – Localização da Rocha 1 do Gião em excerto da Carta Geológica de Portugal 1D -Arcos de Valdevez, escala 1/ 50 000, LNEG.	30
Figura 21 – Vista da rocha 1 do Gião 1, desde noroeste.	31
Figura 22 - Rocha 1 do Gião 1 vista desde sudeste.	32
Figura 23 -Figura 19 - Levantamento da rocha 1 do Gião 1 (Fonte: Adaptado de Baptista, 2018, p. 36-37).	33
Figura 24 -Levantamento da rocha 1 do Gião e a divisão por painéis (Fonte: Adaptado de Baptista, 2018, p. 36-37)	34
Figura 25 - Levantamento 3D do setor esquerdo da rocha 1 do Gião 1, feito pela empresa 3Decide (Baptista, 2018, p. 34).	36
Figura 26 - Levantamento 3D do setor central esquerdo da rocha 1 do Gião 1, feito pela empresa 3Decide (Baptista, 2018, p. 35).	37

Figura 27 - Levantamento 3D do setor central da rocha 1 do Gião 1, feito pela empresa 3Decide (Baptista, 2018, p. 35).	39
Figura 28 - Pormenor com círculo segmentado da rocha 1 do Gião 1	40
Figura 29 – Localização da Rocha 21 do Gião 1 em excerto da Carta Militar de Portugal nº 16, escala 1/25 000, CIGeoe.....	42
Figura 30 – Localização da Rocha 21 do Gião 1 em excerto da Carta Geológica de Portugal, 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.	44
Figura 31 - Contexto onde está inserido a rocha 21 do Gião 1 e o painel gravado (assinalado com uma seta).....	45
Figura 32 - Fotogrametria da parte gravada da rocha 21 do Gião 1.....	46
Figura 33 - Decalque das rochas 22, 23 e 24 e decalque parcial da rocha 21 do Gião 1 (Fonte: Baptista, 2018, p. 51)	47
Figura 34 - Relação entre a rocha 21 e 23 do Gião 1, as gravuras da rocha 21 localizam-se no topo aplanado.	47
Figura 35 – Localização da Rocha 23 do Gião 1 em excerto da Carta Militar de Portugal nº 16, escala 1/25 000, CIGeoe.....	49
Figura 36 – Localização da Rocha 23 do Gião 1 em excerto da Carta Geológica de Portugal, 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.	51
Figura 37 - Rocha 23 do Gião 1.	52
Figura 38 - Fotogrametria da rocha 23 do Gião 1.	53
Figura 39 - Decalque das rochas 22, 23 e 24 e decalque parcial da rocha 21 do Gião 1 (Fonte: Baptista, 2018, p. 51)	54
Figura 40 - Relação da rocha 23 com a rocha 21 do Gião 1.....	54
Figura 41 – Localização da Pedra da Costa 1 em excerto da Carta Militar de Portugal nº 8, escala 1/25 000, CIGeoe.	56
Figura 42 – Localização da Pedra da Costa 1 em excerto da Carta Geológica de Portugal, 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.	57
Figura 43 - Vista geral da Pedra da Costa I com o vale do ribeiro de Frades, ao fundo.....	59
Figura 44 - Fotogrametria da Pedra da Costa 1.	60
Figura 45 - Pormenor do círculo segmentado da Pedra da Costa 1.	61
Figura 46 - Fotogrametria da Pedra da Costa 1.	62
Figura 47 - Pedra da Costa 1 vista a partir de este.	63
Figura 48 - Pormenor da área este da Pedra da Costa 1.	63
Figura 49 – Localização da Laje das Fogaças em excerto da Carta Militar nº14, escala 1/25 000, CIGeoe.	65
Figura 50 – Localização da Laje das Fogaças em excerto da Carta Geológica 1C – Caminha, escala 1/50 000, LNEG.....	66
Figura 51 - Vista para oeste e sudoeste desde a Laje das Fogaças, com o monte de Santa Tecla em último plano (Fonte: Ana Bettencourt).	67
Figura 52 - Imagem área da Laje das Fogaças (Fonte: Ana Bettencourt).....	69
Figura 53 - Fotogrametria da Laje das Fogaças e respetiva divisão dos painéis.	70
Figura 54 - Fotogrametria da Laje das Fogaças.	71
Figura 55 - Fotogrametria do painel 1 da Laje das Fogaças.....	73
Figura 56 - Pormenor do painel 1 da Laje das Fogaças (Fonte: Ana Bettencourt).	74
Figura 57 - Fotogrametria do painel 2 da Laje das Fogaças.....	75
Figura 58 – Laje das Fogaças painel 2A.	76

Figura 59 - Laje das Fogaças painel 2B.	78
Figura 60 - Laje das Fogaças painel 3C.	79
Figura 61 - Pormenor de um círculo segmentado no painel 2 da Laje das Fogaças.	79
Figura 62 - Pormenor do painel 2 da Laje das Fogaças.	80
Figura 63 – Pormenor do painel 2 da Laje das Fogaças.....	80
Figura 64 - Pormenor do painel 2 da Laje das Fogaças.....	81
Figura 65 - Fotogrametria do painel 3 da Laje das Fogaças.	82
Figura 66 - Decalque da Laje das Fogaças (Fonte: Ana Bettencourt).	83
Figura 67 - Decalque da Laje das Fogaças (Fonte: Gomes, 2020).....	84
Figura 68 - Laje das Fogaças vista desde sudeste.	85
Figura 69 – Localização de Pombas 2 em excerto da Carta Militar nº 15, escala 1/25 000, CIGeoe.	86
Figura 70 – Localização de Pombas 2 em excerto da Carta Geológica 1C – Caminha, escala 1/50 000, LNEG.....	87
Figura 71 - Vista geral sob Pombas 2, onde se pode observar a área de lameiro a este.	88
Figura 72 - Fotogrametria do painel 1 de Pombas 2.	89
Figura 73 - Fotogrametria do painel 1 de Pombas 2.	90
Figura 74 - Vista 3D do painel 1 de Pombas 2.	91
Figura 75 -Vista 3D do painel 1 de Pombas 2.	92
Figura 76 - Pormenor da superfície gravada de Pombas 2.	92
Figura 77 – Localização de Alto da Portela do Pau/Pau em excerto da Carta Militar nº 5, escala 1/25 000, CIGeoe.	93
Figura 78 – Localização de Alto da Portela do Pau/Pau em excerto da Carta Geológica 2A – Portos, escala 1/50 000, LNEG.....	95
Figura 79 - Vista nordeste sobre o afloramento gravado de Alto da Portela do Pau/Pau e do planalto de Castro Laboreiro.....	95
Figura 80 - Caos de blocos onde se encontram as gravuras de Alto da Portela do Pau/Pau.	96
Figura 81 - Fotogrametria das gravuras do Alto da Portela do Pau/Pau.	98
Figura 82 - Fotogrametria das gravuras do Alto da Portela do Pau/Pau.	98
Figura 83 - Vista 3D das gravuras do Alto da Portela do Pau/Pau.	99
Figura 84 - Pormenor da oval com cruz inscrita no seu interior de Alto da Portela do Pau/Pau.	100
Figura 85 – Localização de Fieiral 1 em excerto da Carta Militar nº 5, escala 1/25 000, CIGeoe.; Localização do Fieiral 1 em excerto da Carta Geológica 2A – Portos, escala 1/50 000, LNEG.	101
Figura 86 - Esquerda: Vista sobre o Fieiral 1 a partir de nordeste, com Fieiral 2 ao fundo; Direita: Fieiral 1 visto de noroeste.	102
Figura 87 – Vista desde sul para o Fieiral 1	104
Figura 88 - Fotogrametria de Fieiral 1 e respetiva divisão dos painéis.....	105
Figura 89 - Vista 3D, a partir de poente, de Fieiral 1.....	106
Figura 90 - Vista 3D, a partir de sul, de Fieiral 1.....	106
Figura 91 - Fotogrametria do painel 1 de Fieiral 1.	107
Figura 92 - Fotogrametria do painel 2 de Fieiral 1.	108
Figura 93 - Fotogrametria do painel 2 do Fieiral 1, vista a partir de poente.	109
Figura 94 - Fotogrametria do painel 3 de Fieiral 1.	110
Figura 95 – Localização de Fieiral 2 em excerto da Carta Militar nº5, escala 1/25 000, 2015, CIGeoe; Excerto da Carta Geológica de Portugal 2A – Portos, escala 1/50 000, LNEG.	111
Figura 96 - Esquerda: Fieiral 2 visto de norte; Direita: Vista de nascente para o Fieiral 2.	113
Figura 97 - Fieiral 2 visto de oeste com o Fieiral 1 ao fundo.	114

Figura 98 - Vista 3D, a partir de nascente, de Fieiral 2.....	114
Figura 99 - Fotogrametria do Fieiral 2 e respetiva divisão dos painéis.....	115
Figura 100 - Fotogrametria do painel 4 de Fieiral 2.	117
Figura 101 - Fotogrametria do painel 4 de Fieiral 2.	117
Figura 102 - Pormenor dos dois círculos segmentados do painel 4 de Fieiral 2.....	118
Figura 103 - Fotogrametria do painel 6 de Fieiral 2.	119
Figura 104 - Fotogrametria do painel 6 de Fieiral 2, vista desde nascente.	120
Figura 105 - Fotogrametria do painel 10 de Fieiral 2.	122
Figura 106 - Pormenor do painel 10 de Fieiral 2.	122
Figura 107 - Pormenor do painel 10 de Fieiral 2.	123
Figura 108 – Localização de Monte da Fonte Seca em excerto da Carta Militar nº8, escala 1/25 000, CIGeoe.	125
Figura 109 – Localização de Monte da Fonte Seca em excerto da Carta Geológica 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.....	126
Figura 110 – Monte da Fonte Seca.....	128
Figura 111 - Fotogrametria do Monte da Fonte Seca.....	129
Figura 112 - Fotogrametria do Monte da Fonte Seca.....	130
Figura 113 - Localização de Chão das Agrads em excerto da Carta Militar nº 8, escala 1/25 000, CIGeoe.	131
Figura 114 – Localização de Chão das Agrads em excerto da Carta Geológica 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.....	132
Figura 115 - Chão das Agrads a partir de norte.....	133
Figura 116 - Fotogrametria do Chão das Agrads.	135
Figura 117 - Fotogrametria do Chão das Agrads.	136
Figura 118 - Pormenor de círculo segmentados de Chão das Agrads.	137
Figura 119 – Localização de Teixugos 2 em excerto de Carta Militar de Portugal, nº 3, escala 1/25 000, CIGeoe.	138
Figura 120 – Localização de Teixugos em excerto de Carta Geológica de Portugal, 1B - Monção, escala 1/50 000, LNEG.	139
Figura 121 - Teixugos 2 visto a partir de sul.....	140
Figura 122 - Fotogrametria de Teixugos 2.....	142
Figura 123 - Fotogrametria de Teixugos 2.....	143
Figura 124 – Localização de Vargielas 1 em excerto da Carta Militar nº 8, escala 1/25 000, CIGeoe. .	145
Figura 125 – Localização de Vargielas 1 em excerto da Carta Geológica 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.	146
Figura 126 - Esquerda: Vista das Vargielas 1, a partir de sul para norte, com o painel 5, em primeiro plano. Direita: Vista das Vargielas 1, de norte para sul.....	147
Figura 127 - Fotogrametria dos painéis 3, 4 e 5 das Vargielas 1 e sua respetiva divisão.	148
Figura 128 - Fotogrametria do painel 3 de Vargielas 1.	149
Figura 129 - Fotogrametria do painel 3 de Vargielas 1.	150
Figura 130 - Fotogrametria do painel 4 de Vargielas 1.	151
Figura 131 - Fotogrametria do painel 4 de Vargielas 1.	152
Figura 132 - Pormenor do painel 4 de Vargielas 1.....	152
Figura 133 - Pormenor de um círculo segmentado do painel 4 de Vargielas 1.	153
Figura 134 - Fotogrametria do painel 5 de Vargielas 1.	154
Figura 135 - Fotogrametria do painel 5 de Vargielas 1.	155

Figura 136 – Localização de Vargielas 2 em excerto da Carta Militar nº8, escala 1/25 000, CIGeoe. ...	156
Figura 137 – Localização de Vargielas 2 em excerto da Carta Geológica 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.	157
Figura 138 – Vargielas 2.....	158
Figura 139 - Fotogrametria de Vargielas 2.	159
Figura 140 - Fotogrametria de Vargielas 2.	160
Figura 141 - Pormenor do círculo segmentado de Vargielas 2.	160
Figura 142 – Localização de Monte de Porreiras 3 em excerto da Carta Militar nº 7, escala 1/25 000, CIGeoe.	162
Figura 143 – Localização de Monte de Porreiras 3 em excerto da Carta Geológica 1C – Caminha, escala 1/25 000, LNEG.	163
Figura 144 - Esquerda: Contexto da rocha 3 do Monte de Porreiras, vista de sudoeste. Direita: rocha 3 do Monte de Porreiras vista de sudeste.....	165
Figura 145 - Fotogrametria da rocha 3 do Monte de Porreiras 3.	166
Figura 146 - Fotogrametria da rocha 3 do Monte de Porreiras 3.	166
Figura 147 - Pormenor do círculo segmentado de Monte de Porreiras 3.....	167
Figura 148 – Localização de Chã da Coelheira em excerto da Carta Militar nº17, escala 1/25 000, CIGeoe.	168
Figura 149 – Localização de Chã da Coelheira em excerto da Carta Geológica 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.....	169
Figura 150 - Chã da Coelheira, vista para o planalto e localização dos painéis (Fonte: Adaptado de Rodrigues, 2014).	171
Figura 151 - Localização dos painéis 1 e 2 de Chã da Coelheira a sul do afloramento.....	172
Figura 152 - Fotogrametria do painel 1 de Chã da Coelheira.	173
Figura 153 - Pormenor do painel 2 de Chã da Coelheira.	174
Figura 154 - Fotogrametria do painel 2 de Chã da Coelheira.	175
Figura 155 - Fotogrametria do painel 2 de Chã da Coelheira.	176
Figura 156 - Esquerda: Pormenor de um círculo segmentado do painel 2 de Chã da Coelheira, a que se associou uma cruz grega, de sulco algo distinto. Direita: Pormenor do painel 2 de Chã da Coelheira...	176
Figura 157 – Localização de Chã da Rapada 3 em excerto da Carta Militar nº 17, escala 1/25 000, CIGeoe.	178
Figura 158 – Localização de Chã da Rapada 3 em excerto da Carta Geológica 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.....	179
Figura 159 - Esquerda: Vista para norte a partir da Chã da Rapada 3. Direita: Vista para este a partir da Chã da Rapada 3.	180
Figura 160 - Vista da Chã da Rapada 3 a partir de sul.	181
Figura 161 - Fotogrametria da Chã da Rapada 3.	183
Figura 162 - Vista 3D, sul, da Chã da Rapada 3.	184
Figura 163 - Decalque da Chã da Rapada 3 (Fonte: Alves, 2012).	185
Figura 164 – Localização de Breia 1 em excerto da Carta Militar nº 40, escala 1/25 000, CIGeoe.	186
Figura 165 – Localização de Breia 1 em excerto da Carta Geológica 5A - Viana do Castelo, escala 1/50 000, LNEG.....	187
Figura 166 - Breia 1 durante os trabalhos de limpeza, em 2017. Ao fundo, a Serra de Arga (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 26).....	189
Figura 167 - Fotogrametria da Breia 1 e respetiva divisão dos painéis (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 33).	190

Figura 168 – Fotogrametria do painel 1 da Breia 1 (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 35).	191
Figura 169 - Painel 1 da Breia 1 (Fonte: Bettencourt, 2013).	192
Figura 170 - Fotogrametria do painel 2 da Breia 1 (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 40).	193
Figura 171 - Fotogrametria do painel 7 da Breia 1 (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 36).	194
Figura 172 – Localização de Breia 5 em excerto da Carta Militar nº40, escala 1/25 000, CIGeoe.	195
Figura 173 – Localização de Breia 5 em excerto da Carta Geológica 5A - Viana do Castelo, escala 1/50 000, LNEG.....	196
Figura 174 - Breia 5 (Fonte: Bettencourt, 2018, p. 54).	198
Figura 175 - Fotogrametria da Breia 5 (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 59).....	199
Figura 176 - Breia 5 vista a partir de noroeste, com o par de equídeos em primeiro plano (Fonte: Bettencourt, 2018, p. 56).	200
Figura 177 – Localização de Breia 9 em excerto da Carta Militar nº40, escala 1/25 000, CIGeoe.	201
Figura 178 – Localização de Breia 9 em excerto da Carta Geológica 5A - Viana do Castelo, escala 1/50 000, LNEG.....	202
Figura 179 - Breia 9 (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 69).	204
Figura 180 - Fotogrametria da Breia 9 (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 72).....	205
Figura 181 – Localização de Ereira 2 em excerto da Carta Militar nº 27, escala 1/25 000, CIGeoe.....	207
Figura 182 – Localização de Ereira 2 em excerto da Carta Geológica 5A - Viana do Castelo, escala 1/50 000, LNEG.....	208
Figura 183 - Ereira 2.....	209
Figura 184 - Contexto da Ereira 2.	210
Figura 185 - Fotogrametria de Ereira 2.....	211
Figura 186 - Vista 3D, desde noroeste, da Ereira 2.....	212
Figura 187 - Fotogrametria de Ereira 2.....	213
Figura 188 - Fotogrametria total da Ereira 2 (Fonte: Ana Bettencourt).....	214
Figura 189 – Localização de Figueiró 1 em excerto da Carta Militar nº 27, escala 1/25 000, CIGeoe..	215
Figura 190 – Localização de Figueiró 1 em excerto da Carta Geológica 5A - Viana do Castelo, escala 1/50 000, LNEG.....	216
Figura 191 - Desenho de Figueiró 1 de Abel Viana (1960).....	218
Figura 192 – Localização de Laje da Churra em excerto da Carta Militar nº 27, escala 1/25 000, CIGeoe.	219
Figura 193 – Localização de Laje da Churra em excerto da Carta Geológica 5A - Viana do Castelo, escala 1/50 000, LNEG.	220
Figura 194 - Laje da Churra vista a partir de sul.....	222
Figura 195 - Fotogrametria da Laje da Churra.....	223
Figura 196 - Fotogrametria da Laje da Churra e respetiva divisão por painéis.	224
Figura 197 - Fotogrametria do painel 2 da Laje da Churra.....	225
Figura 198 - Decalque do painel 2 da Laje da Churra (Fonte: Santos, 2014, p. 53).....	225
Figura 199 - Fotogrametria do painel 3 de Laje da Churra.....	226
Figura 200 - Decalque do painel 3 da Laje da Churra (Fonte: Santos, 2014, p. 54).....	227
Figura 201 - Fotogrametria do painel 5 da Laje da Churra.....	228
Figura 202 - Fotogrametria do painel 5 da Laje da Churra.....	229
Figura 203 - Decalque do painel 5 da Laje da Churra (Fonte: Santos, 2014, p. 55).....	230

Figura 204 - Fotogrametria do painel 6 da Laje da Churra.....	231
Figura 205 - Decalque do painel 6 da Laje da Churra (Fonte: Santos, 2014, p. 57).....	232
Figura 206 - Decalque do painel 8 da Laje da Churra (Santos, 2014, p. 58).....	233
Figura 207 - Fotogrametria do painel 11B da Laje da Churra.	235
Figura 208 - Decalque do painel 11b da Laje da Churra (Fonte: Santos, 2014, p. 63).....	236
Figura 209 - Fotogrametria dos painéis 3 (à esquerda) e 6 (à direita).....	237
Figura 210 – Afloramentos gravados do lugar das Parentas. Afloramentos com círculo segmentados: B, C, E e G.....	239
Figura 211 – Localização de Crastoeiro 2 em excerto da Carta Militar nº 87, escala 1/25 000, CIGeoe.	241
Figura 212 – Localização de Crastoeiro 2 em excerto da Carta Geológica 10A - Celorico de Basto, escala 1/50 000, LNEG.	242
Figura 213 - Direita: Crastoeiro 2. Esquerda: Crastoeiro 2 em primeiro plano.	243
Figura 214 - Fotogrametria do Crastoeiro	244
Figura 215 - Fotogrametria do Crastoeiro 2.....	245
Figura 216 - Fotogrametria do Crastoeiro 2.....	246
Figura 217 - Decalque do Crastoeiro 2 (Fonte: CVARN).....	247
Figura 218 – Localização de Eira das Lamelas em excerto da Carta Militar nº 73, escala 1/25 000, CIGeoe.	248
Figura 219 – Localização de Eira das Lamelas em excerto da Carta Geológica 6C - Cabeceiras de Basto, escala 1/50 000, LNEG.....	249
Figura 220 - Esquerda: Eira das Lamelas, vista a partir de este. Direita: Contexto da Eira das Lamelas.	250
Figura 221 - Fotogrametria da Eira das Lamelas e respetiva divisão por painéis.....	252
Figura 222 - Vista para sudeste de Eira das Lamelas, com o painel 1 em primeiro plano.....	253
Figura 223 - Fotogrametria dos painéis 3, 4, 5 e 6 de Eira das Lamelas.	255
Figura 224 - Fotogrametria dos painéis 3, 4, 5 e 6 de Eira das Lamelas.	257
Figura 225 - Pormenor dos painéis 3 e 4 de Eira das Lamelas.	257
Figura 226 – Localização de Outeiro Machado em excerto da Carta Militar nº 34, escala 1/25 000, CIGeoe.	259
Figura 227 – Localização de Outeiro Machado em excerto da Carta Geológica 6B – Chaves, escala 1/50 000, LNEG.....	260
Figura 228 - Contexto de Outeiro Machado.	261
Figura 229 – Outeiro Machado visto de este, onde se pode observar a sua altura e paredes ravinosas. Há também a assinalar a existência de um abrigo.....	262
Figura 230 – Esquerda: Outeiro Machado desde a extremidade sudoeste, a área de acesso ao topo. Direita: Outeiro Machado visto de sul.	262
Figura 231 – Outeiro Machado: visto de norte, desde o painel 1.....	263
Figura 232 - Fotogrametria de Outeiro Machado.	265
Figura 233 - Divisão dos painéis de Outeiro Machado.	266
Figura 234 -Fotogrametria do painel 1 e pormenor do painel 1 de Outeiro Machado com quadrados segmentados, falso círculo segmentado e cruzeiros históricas.	268
Figura 235 - Fotogrametria do painel 2 de Outeiro Machado.	269
Figura 236 - Fotogrametria do painel 2 de Outeiro Machado.	270
Figura 237 - Fotogrametria do painel 3A e 3B de Outeiro Machado.	271
Figura 238 - Fotogrametria do painel 3A e 3B de Outeiro Machado.	272

Figura 239 – Localização de Santo Ovídio 1 em excerto da Carta Militar nº 31, escala 1/25 000, CIGeoe.	274
Figura 240 – Localização de Santo Ovídio 1 em excerto da Carta Geológica 6A – Montalegre, escala 1/50 000, LNEG.....	275
Figura 241 - Contexto de Santo Ovídio 1 quando ocorreu a dragagem da barragem da Paradela (cortesia de Horst Stricker)	276
Figura 242 - Santo Ovídio 1 (cortesia de Horst Stricker).	277
Figura 243 - Pormenor do círculo segmentado sobreposto por um cruzeiro (cortesia de Horst Stricker).	278
Figura 244 – Localização de Santo Ovídio 2 em excerto da Carta Militar nº 32, escala 1/25 000, CIGeoe.	279
Figura 245 – Localização de Santo Ovídio 2 em excerto da Carta Geológica 6A – Montalegre, escala 1/50 000, LNEG.....	280
Figura 246 - Pormenor de Santo Ovídio 2.	282

INVENTÁRIO

1. Introdução

Os dados apresentados tiveram por base uma ficha de inventário que se inspirou nos critérios apresentados pelo *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste português* - CVARN (www.cvarn.org) (Bettencourt *et al.*, 2017). Partindo deste pressuposto, adicionaram-se alguns critérios direcionados para o estudo detalhado dos círculos segmentados, consistindo na análise da orientação dos seus segmentos, bem como quais os motivos a que estes surgem associados. Além disso, este inventário foca-se, igualmente, numa análise de todo o espaço físico envolvente do afloramento gravado, seguindo as ideias de Richard Bradley (2000) que defende ser esta uma excelente abordagem para a interpretação destes locais. Para tal, enumeram-se doze critérios: (1) localização administrativa (distrito, concelho, freguesia e lugar); (2) coordenadas geográficas, em graus minutos e segundos, segundo o sistema WGS 84, e respetiva altimetria; (3) acesso ao local do afloramento; (4) contexto físico e ambiental; (5) contexto arqueológico; (6) descrição física da superfície gravada; (7) historial; (8) descrição dos motivos gravados; (9) descrição da técnica de gravação; (10) estado de conservação; (11) bibliografia; (12) classificação.

O inventário irá apresentar-se por distritos e, conseqüentemente, por municípios, estando por ordem alfabética.

2. Inventário

2.1 Distrito de Braga

2.1.1. Barcelos

1) Quinta do Paranho 1

Localização administrativa: Braga/ Barcelos/ Remelhe/ Paranho.

Coordenadas: N 41° 29'28" / O 8° 36'3"

Altitude: cerca de 229 metros.

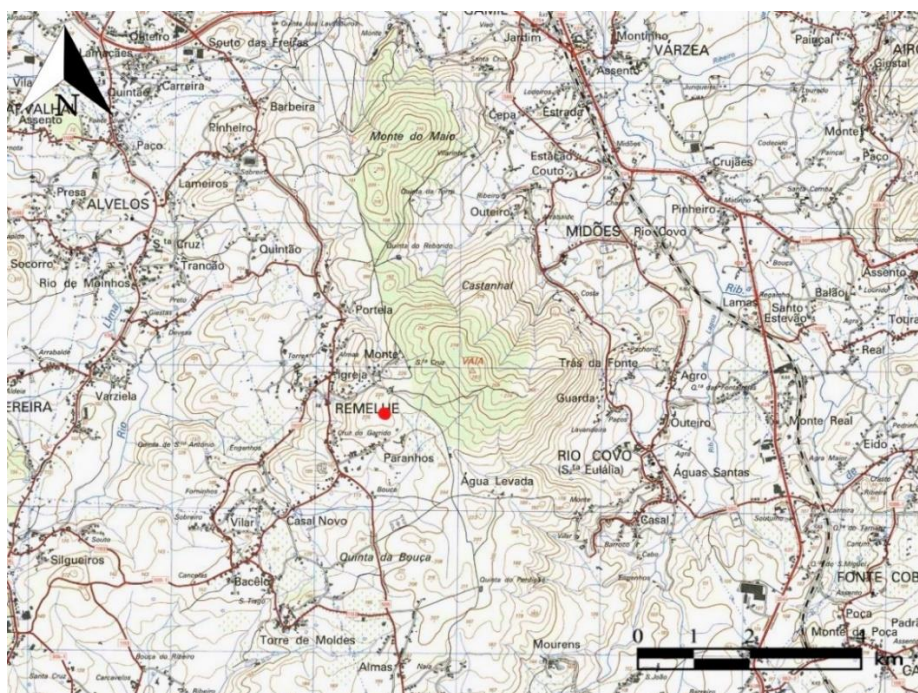


Figura 1 – Localização de Quinta do Paranho 1 em excerto da Carta Militar de Portugal n° 69, na escala 1/25 000, C/Geoe.

Acesso: Seguir em direção à Igreja Paroquial de Santa Maria de Remelhe. De seguida, percorrer a rua de Santa Marinha, virando à esquerda para a rua do Paranho. No final desta rua, existe um caminho de terra batida, do lado esquerdo, o qual tem de se percorrer por via pedestre, encontrando o afloramento à esquerda do caminho, dentro de uma propriedade murada.

Contexto físico e ambiental:

Localiza-se num pequeno patamar aplanado na vertente oeste-sudoeste do Monte da Vaia, que constitui uma zona de passagem entre o vale e o topo do monte. Nas suas imediações existe a

presença da “Fonte dos Santos” e o ribeiro dos Amiais, afluente da margem esquerda rio Cávado (Fig. 1). Destaca-se, ainda, a abundância de águas subterrâneas em todo o Monte da Vaia, observando-se que o lugar acumula água quando ocorre precipitação. No local houve extração de pedra artesanal (Sampaio & Bettencourt, 2017).

O substrato geológico desta área é o granito não profiróide de grão fino a médio, relativamente, aos recursos mineiros, apenas se regista vestígios da exploração de estanho a oeste, cerca de 5 km (Teixeira *et al.*, 1969) (Fig. 2).

A vegetação arbórea predominante é o eucalipto e o pinheiro e a vegetação arbustiva é a urze.

Em termos de visibilidade, é possível observar o oceano Atlântico, sem a vegetação atual, bem como vislumbrar o vale do rio Lima e a vertente norte-nordeste do Monte da Saia, na qual está inserido o complexo de afloramentos gravados da Laje dos Sinais ou do Monte do Olheiro (Sampaio & Bettencourt, 2017). Ocorre uma boa visibilidade para poente, reunindo ótimas condições para observação do ciclo solar, podendo observar-se o mesmo cenário para nascente, no caso de não existir a vegetação exógena atualmente predominante no terreno. Este afloramento revela uma boa exposição solar, durante todo o dia.

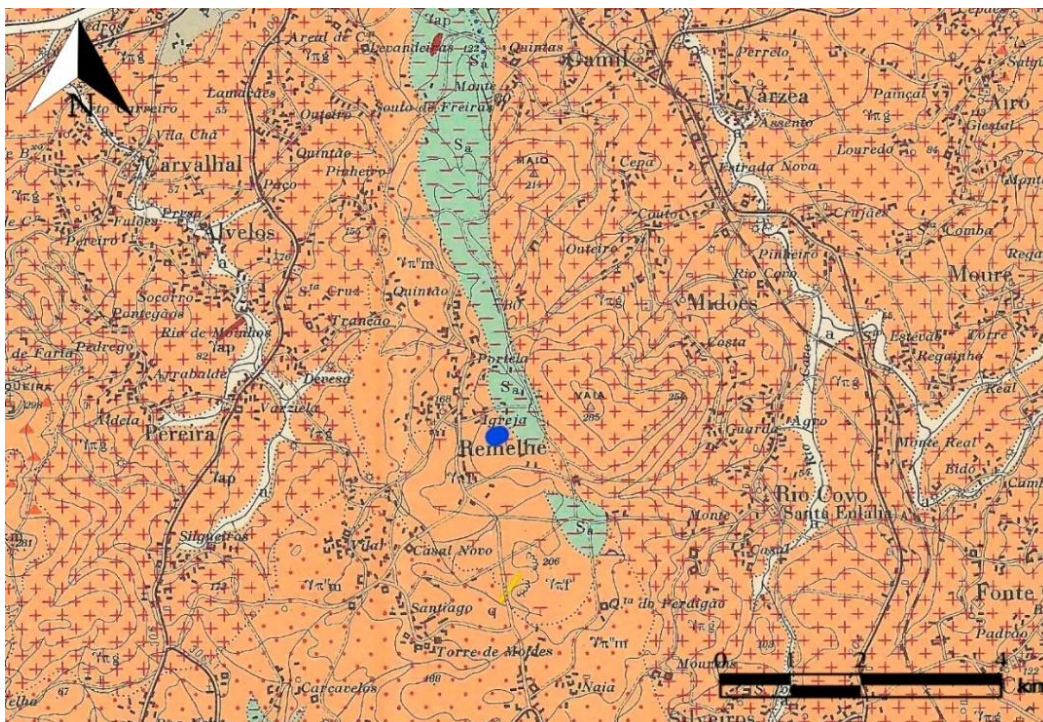


Figura 2 – Localização de Quinta do Parinho 1 em excerto da Carta Geológica de Portugal, Folha 5C – Barcelos, na escala 1/ 50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Este afloramento está próximo de vários contextos arqueológicos de diferentes períodos cronológicos. Para noroeste está identificado o povoado da Idade do Bronze Médio do Rapido, segundo Bettencourt (2013, p.26) e uma ocupação do Bronze Final no Castelo Faria (Bettencourt, 2000a, 2000b). A sudoeste, os vestígios calcíticos de Passos, consistindo num lote de fios de ouro destinados para o trabalho de ourivesaria, segundo os dados do Portal do Arqueólogo. A sul, fica o complexo rupestre do Monte da Saia, com a Laje dos Sinais e Monte de Olheiro (Sampaio & Bettencourt, 2017) e, ainda nesta área, o balneário de Forno dos Mouros, fixado cronologicamente na: Idade do Ferro. A sudeste, foi encontrado o depósito metálico de Viatodos datado da Idade do Bronze (Vasconcellos, 1906; Savory, 1951; Sampaio, 2014). O afloramento gravado, fica, ainda, nas imediações da Estrada Real.

Historial:

A descoberta do afloramento 1 da Quinta do Paranho ocorreu quando um adolescente, natural de Remelhe, procedia à recolha de musgo para a elaboração do presépio de Natal. Este complexo rupestre foi publicado cientificamente por Bettencourt e Sampaio (2017), tendo colocado as representações presentes nesta rocha dentro da temática da Arte Atlântica.

Descrição física da superfície gravada:

O afloramento gravado é rasante ao solo, estando parcialmente subterrado (Fig. 5). Tem pequenas dimensões com cerca de 4,70 metros no sentido nordeste/sudoeste e cerca de 2,64 metros no sentido este/oeste e, está, parcialmente, fraturado nas suas extremidades nordeste, este e sudeste. É de superfície plana, contendo no quadrante nordeste um declive acentuado. Apresenta-se com um contorno sub-triangular. É de granito não porfiroide de grão fino com algumas micas, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, 5C – Barcelos, na escala 1/50 000 (Teixeira *et al.*, 1969). No seio do afloramento constata-se algumas diaclases, uma rompendo o afloramento na sua totalidade no sentido noroeste/sudeste.

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento está profusamente gravado, possuindo três painéis (Fig. 3). O painel 1, encontra-se no quadrante sudoeste, separado dos restantes painéis por uma diaclase que irrompe no sentido noroeste/sudeste. No rebordo oeste do painel observa-se um semicírculo concêntrico com covinha central, a este deste motivo observa-se um círculo concêntrico de menores dimensões

com cerca de três voltas, observa-se para sudeste deste último, um círculo com covinha central, podendo-se observar dois círculos simples de pequenas dimensões associados ao semicírculo concêntrico (Sampaio & Bettencourt, 2017) (Fig. 4). A sudeste deste painel, observa-se um círculo segmentado, encontrando-se na extremidade da rocha que está parcialmente fraturada. Os seus segmentos encontram-se orientados para nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste.

O painel 2, ocupa a área central do afloramento, possuindo uma figura dominante. Um círculo concêntrico de cinco voltas do qual parte um sulco que passa por um círculo concêntrico de duas voltas e se liga a outra figura dominante - novo círculo concêntrico de quatro voltas, segmentado em oito partes (Sampaio & Bettencourt, 2017) (Fig. 6). Em torno destas figuras contabilizam-se sete círculos concêntricos, todos com covinha central. Na extremidade norte deste painel, observa-se um círculo segmentado no interior de um círculo simples, estando os seus segmentos orientados para sudoeste/nordeste e noroeste/sudeste (Figs. 4, 7, 8).

O painel 3 revela pouco motivos gravados, sendo possível observar um círculo com covinha central, algumas covinhas e sulcos (Sampaio & Bettencourt, 2017), alguns parecendo antropomorfos esquemáticos.



Figura 3 - Fotogrametria da Quinta do Paranho 1. A régua da fotogrametria tem 0,50 m.



Figura 4 - Fotogrametria da Quinta do Paranho 1. A régua da fotogrametria tem 0,50 m.



Figura 5 - Quinta do Paranho 1, vista rasante a partir de este.



Figura 6 - Quinta do Paranho 1 vista desde noroeste.



Figura 7 - Pormenor do círculo segmentado do painel 2 da Quinta do Paranho 1.



Figura 8 - Círculo segmentado associado a círculos concêntricos no painel 2 da Quinta do Paranho 1.

Técnica: picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: médio.

Bibliografia: Sampaio & Bettencourt, 2017 e dados inéditos.

2.1.2 Guimarães

2) Círculo segmentado da Sociedade Martins Sarmiento - N.º23

Localização administrativa e geográfica: Braga / Guimarães / União das freguesias de Oliveira, S. Paio e S. Sebastião

Acesso:

Em depósito no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães.

Descrição física da superfície gravada:

Bloco de granito de grão médio, com 32 cm de comprimento, 27 cm de largura e 11 cm de espessura. Contem uma fissura num dos seus quadrantes

Historial:

Este bloco com um círculo segmentado gravado foi encontrado por Francisco Martins Sarmiento e publicou-o no ano 1905. Este autor, aquando da descoberta, encontrou paralelos com as moedas gaulesas do período romano.

Descrição dos motivos gravados:

Encontra-se parcialmente gravado, identificando-se apenas um círculo internamente segmentado (Fig. 9). Os sulcos do círculo e dos segmentos, têm secção em "V", tendo sido feitos, provavelmente, com pico metálico. De notar que os segmentos não se cruzam com o círculo, podendo indicar que foram feitos num momento diferente. Toda superfície fraturada do bloco aparenta ter sido trabalhada, pois encontra-se bastante regular (Fig. 10).

Técnica: Picotado.

Estado de conservação: Bom

Bibliografia: Sarmiento, 1905.

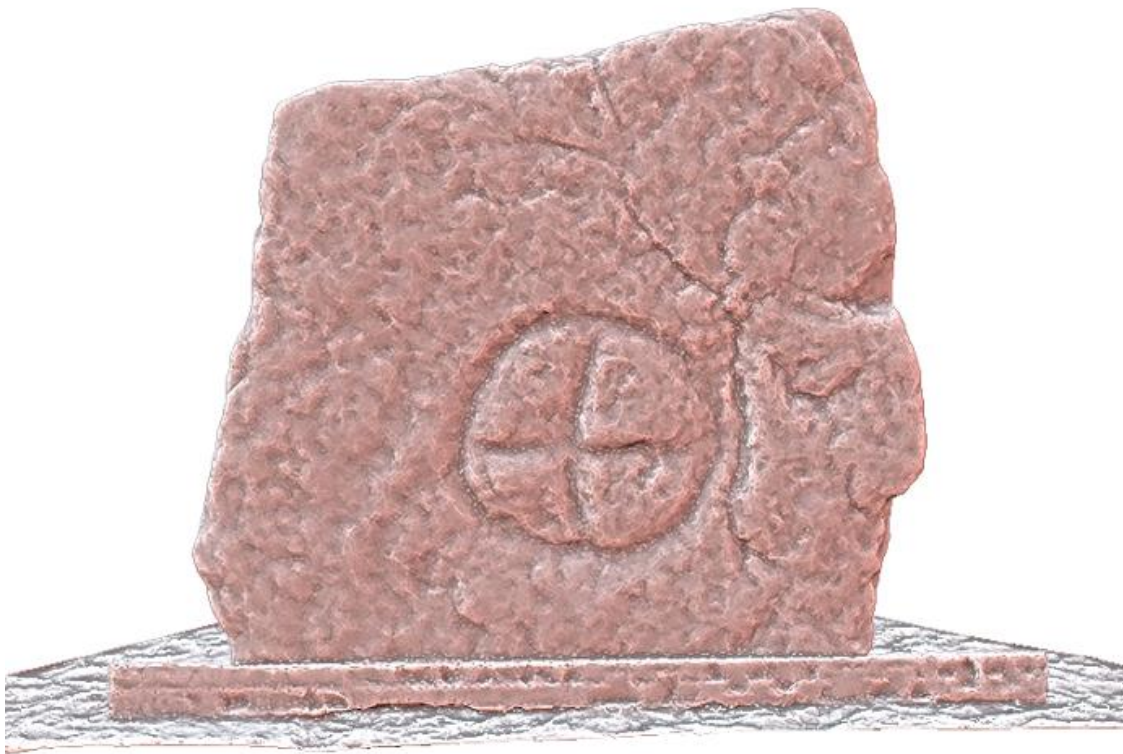


Figura 9 - Fotogrametria da rocha n° 23, em depósito no Museu da Sociedade Martins Sarmento.



Figura 10 – Aspeto da rocha n° 23, em depósito no Museu da Sociedade Martins Sarmento.

2.1.3 Vieira do Minho

3) Pedra Escrita

Localização administrativa: Braga /Vieira do Minho /Cantelães / Lage.

Coordenadas: N 41° 39' 19" / O 8° 4' 52"

Altitude: cerca de 770 metros.

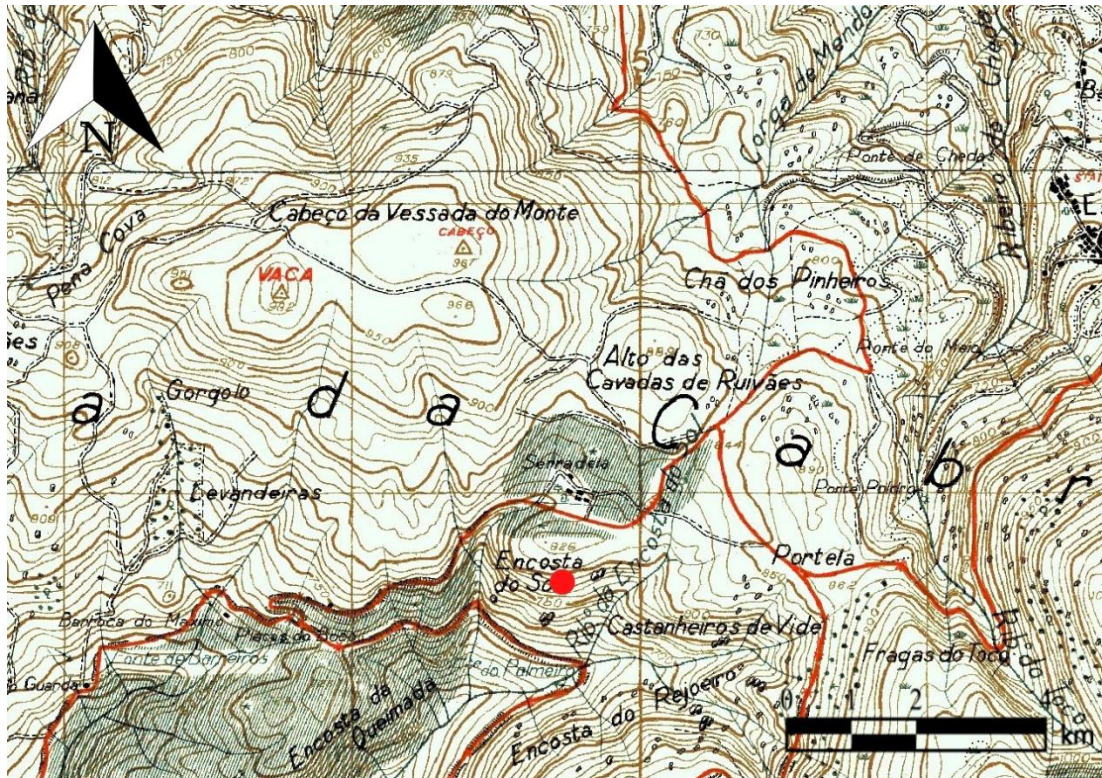


Figura 11 – Localização de Pedra Escrita em excerto da Carta Militar de Portugal n° 44, escala 1/25 000, CIGeoe.

Acesso: Seguir em direção ao centro de Vieira do Minho depois seguir pela estrada que liga Cantelães a Ruivães, em direção à N103, passando por Serradela. No local há uma placa que indica “Miradouro da Pedra Escrita”.

Contexto físico e ambiental:

A gravura localiza-se na vertente sudeste e declivosa do Cabeço da Vessada do Monte, em plena Serra da Cabreira. Situa-se na margem direita de um anfiteatro natural no qual corre o ribeiro de Turio, que desagua na barragem do Ermal, construída no rio Ave (Fig. 11).

Na sua envolvente regista-se a presença de massas rochosas graníticas dos mais variados tamanhos, sendo o substrato geológico de grão médio de duas micas, designado de Granito da Cabreira (Noronha & Ribeiro, 1983) (Fig. 12). No que diz respeito à presença de recursos mineiros, observa-se a cerca de 4 km para este, a exploração de tungsténio que se associa muitas vezes à presença de estanho, no entanto a uma maior distância, cerca de 15 km a este, existe várias evidências da exploração de estanho.

O meio físico no qual se insere este afloramento encontra-se profundamente alterado, devido aos grandes incêndios que ocorreram, destruindo a flora que até então existia

Predomina a vegetação arbórea sob a forma de mimosas e pinheiros e a vegetação arbustiva sob a forma de giestas. Este afloramento fica sobranceiro ao Pinhal de Turio. Este lugar é nitidamente uma área de pastoreio de animais de grande porte, sobretudo de equídeos.

Relativamente à visibilidade, regista-se inequivocamente um domínio visual total para os quadrantes nordeste, este, sudeste e sul e visibilidade reduzida para oeste. Este afloramento tem bastante exposição solar.

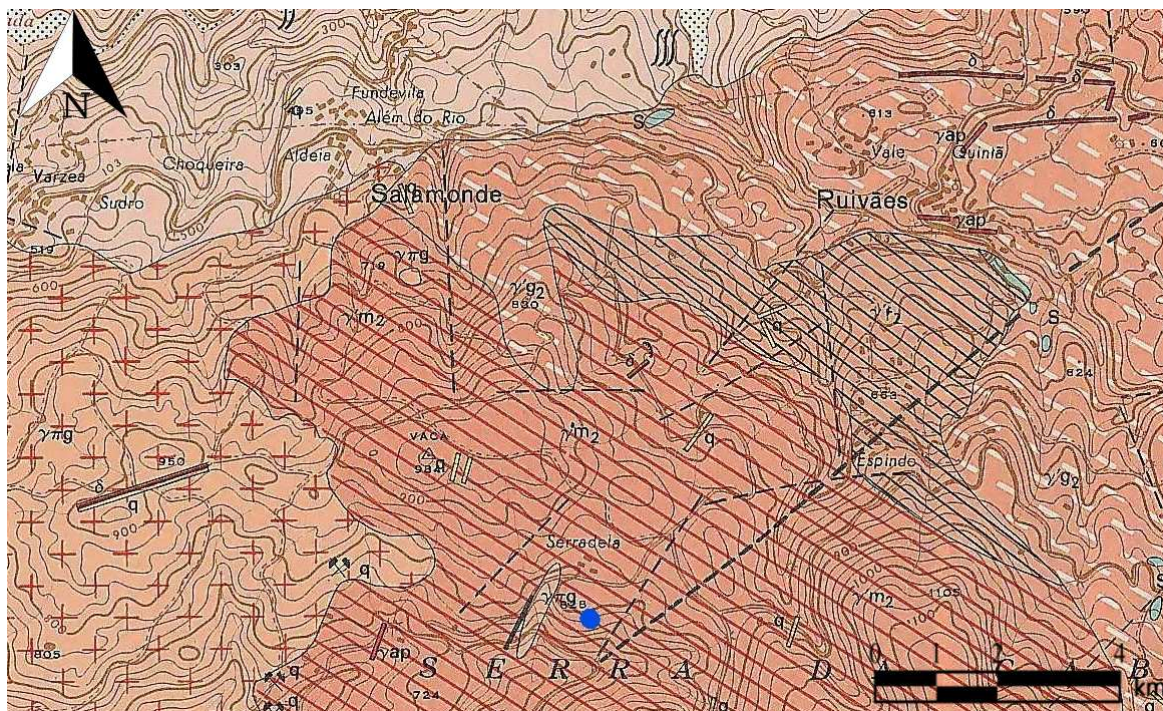


Figura 12 – Localização de Pedra Escrita em excerto da Carta Geológica de Portugal, 6A – Montalegre, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Segundo dados do Portal do Arqueólogo, a Pedra Escrita localiza-se nas imediações de alguns sítios arqueológicos. A sudoeste existe o abrigo da Pedra Bela, datado do Mesolítico. Por outro lado, destaca-se a sudeste o monumento funerário megalítico ou de tradição megalítica da Chã do Prado. Na extremidade oposta, a noroeste, observa-se a presença do monumento funerário megalítico ou de tradição megalítica de Pena Cova. Por fim, a sul, regista-se mais um monumento funerário megalítico ou de tradição megalítica, denominado de Alto da Serrinha. A sudoeste registam-se as gravuras do Penedo da Pegadinha, tendo Moreira (2018) atribuído os podomorfos presentes neste afloramento à Idade do Bronze. Evidencia-se, ainda, a forte presença de sítios do período medieval e moderno um pouco por toda a área da Serra da Cabreira e as suas aldeias.

Descrição física da superfície gravada:

Afloramento bastante destacado do solo, possuindo um contorno poligonal, se visto de cima, com uma parede vertical, perpendicular ao solo (Fig. 18). O afloramento destaca-se sobretudo pelas suas dimensões, com cerca de 9 metros de comprimento, cerca de 1,40 metros de largura e 2,20 metros de altura. É de granito de grão médio de duas micas, denominado de Granito da Cabreira, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, 6A – Montalegre, na escala 1/50 000 (Noronha & Ribeiro, 1983), com presença de imensas fraturas (dando um aspeto reticulado à sua superfície que, por vezes, se interligam com as gravuras. As pendentes de ambos os painéis estão direcionadas para nascente.

Historial:

Este afloramento já era conhecido de Francisco Martins Sarmento desde o século XIX (Cardoso, 2015), no entanto, só no século XX é que foi alvo de estudo científico e respetiva valorização turística. Foi realizado um decalque, pela Unidade de Arqueologia, em 1997 que, passado dez anos, em 2007, foi publicado pela primeira vez por Fontes e Roriz (2007, p. 57) (Fig. 13). Foi também alvo de estudos por parte de Cardoso (2015) que considerou que este afloramento começou a ser gravado desde a Pré-história Recente, por ter identificado com base no decalque publicado por Fontes e Roriz (2007, p. 57) um quadrado segmentado que poderia pertencer à arte esquemática. A fotogrametria realizada no decorrer deste trabalho não comprova este motivo. Trata-se de um cruciforme complexo.

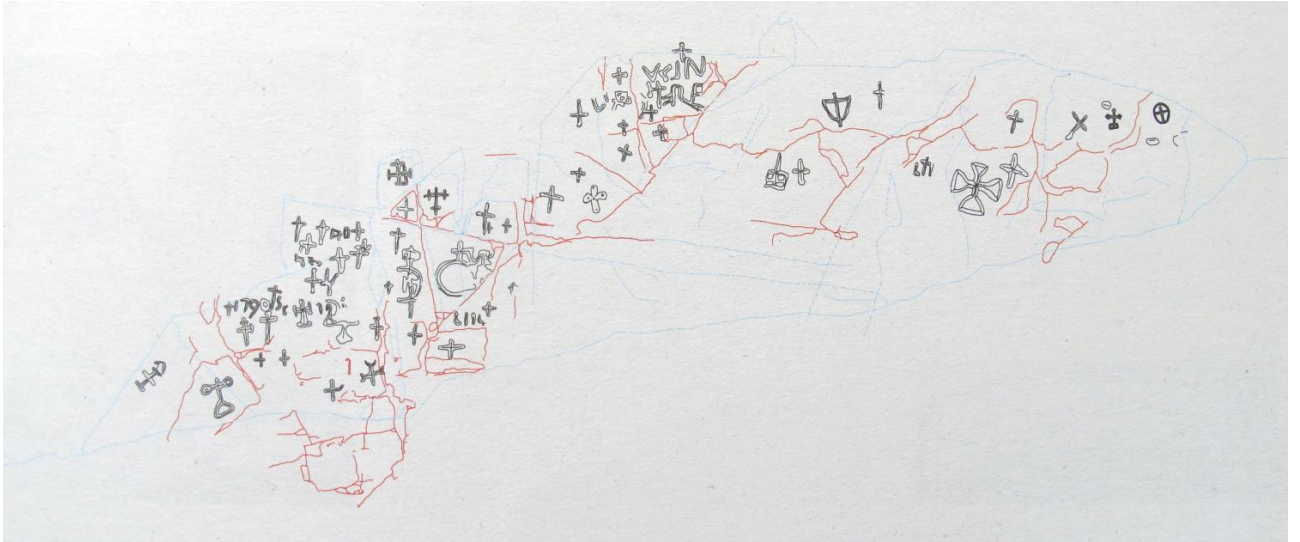


Figura 13 - Decalque da Pedra Escrita (Fontes & Roriz, 2007, p. 57).

Descrição dos motivos gravados:

Afloramento profusamente gravado na face ravinosa virada a nascente, possuindo dois painéis.

O painel 1, no topo do afloramento, rasante ao solo pelo lado oeste e com parede ravinosa pelo lado este, caracteriza-se por possuir escassos motivos (Fig. 16). Observa-se, a sudeste do painel, um círculo segmentado, com os sulcos bastante finos de secção em “V” e feitos por um objeto metálico (Figs. 14, 15, 16). Os seus segmentos não unem ao círculo que os rodeia pelos lados norte e oeste. Estão orientados nos sentidos norte/sul e este/oeste. Associado a este motivo surge, mais a sul, um cruzeiro de base retangular com um pequeno círculo em cada terminação da cruz.

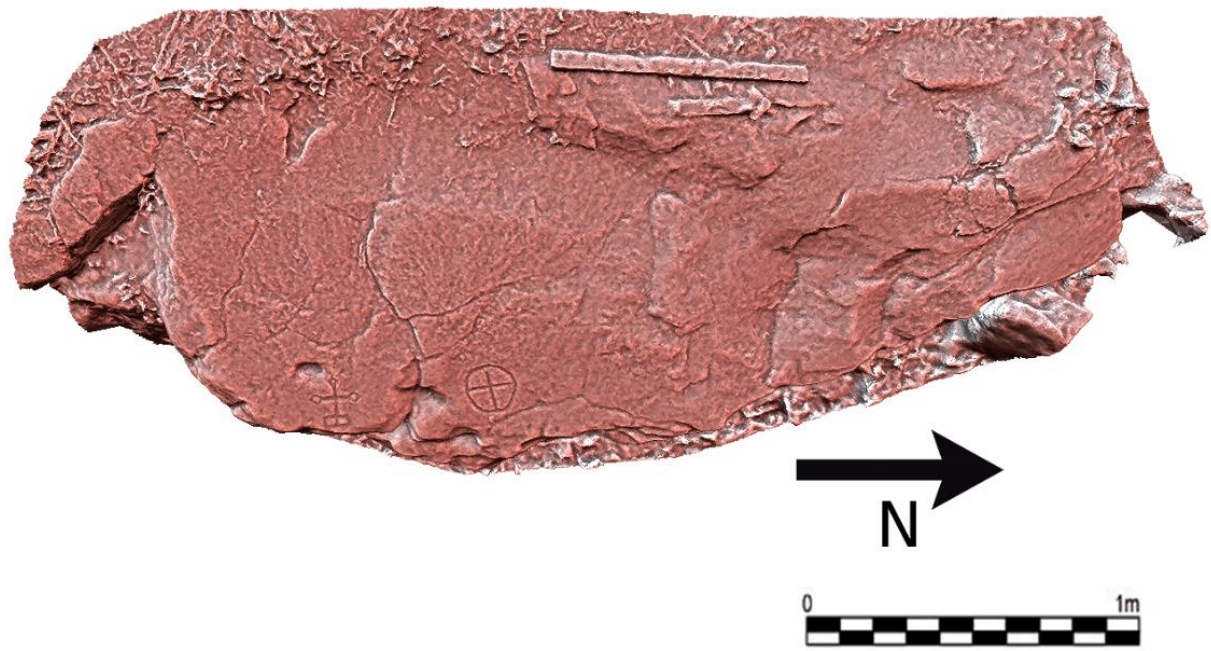


Figura 14 – Fotogrametria do painel 1 da Pedra Escrita.

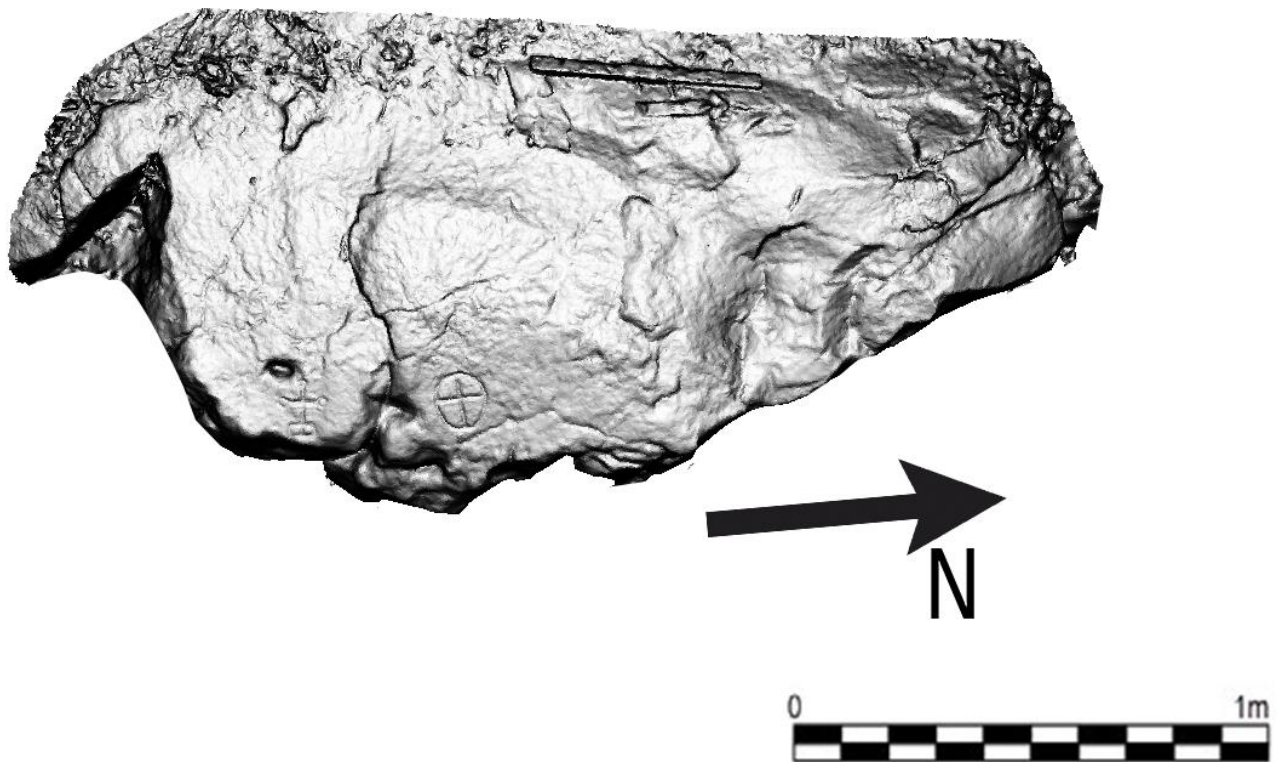


Figura 15 – Fotogrametria do painel 1 da Pedra Escrita.



Figura 16 – Fotografia da superfície aplanada onde se localiza o painel 1 da Pedra Escrita, vista a partir de norte.

O painel 2 caracteriza-se por ser um painel vertical, estando perpendicular em relação ao painel 1. Possui um vasto conjunto de motivos, estando na sua génese gravuras de índole cristã (Fig. 17). Partindo de norte para sul, surgem várias cruces latinas e gregas, destacando-se uma cruz da Ordem de Cristo evolucionada, de grandes dimensões, conhecida desde o século XV. Seguindo para sul contabilizam-se mais cinco cruces, estando uma envolta por num sulco semioval. Na área central, a oeste, observa-se uma inscrição com caracteres latinos pouco impercetíveis devido à imensidão de cruciformes em seu torno e a sobreposições, embora seja possível identificar-se este conjunto de letras (V IN RE), podendo o “V” ser abreviatura de *Verbi*. Ainda mais para sul, observa-se, novamente, uma quantidade considerável de cruciformes de várias tipologias e tamanhos. Dois associam-se a eventuais letras: um D e um C (Chistus Dominus?). Por fim, observa-se a data que remete para “1790”, estando esta associada a um cruzeiro de base triangular que se encontra na extremidade do afloramento (Fontes & Roriz, 2007).

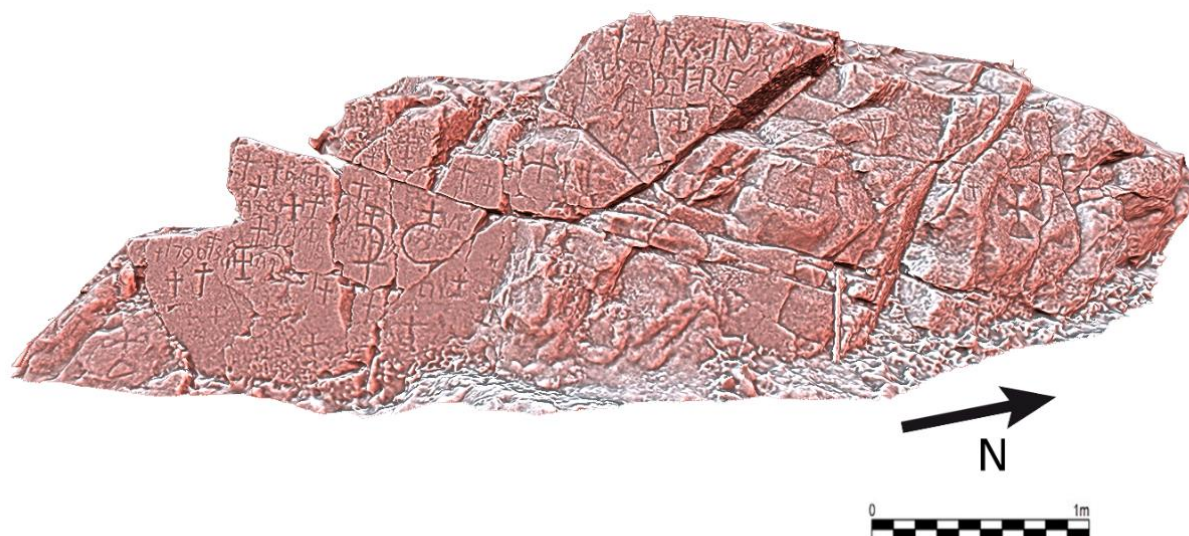


Figura 17 - Painel 2 da Pedra Escrita.

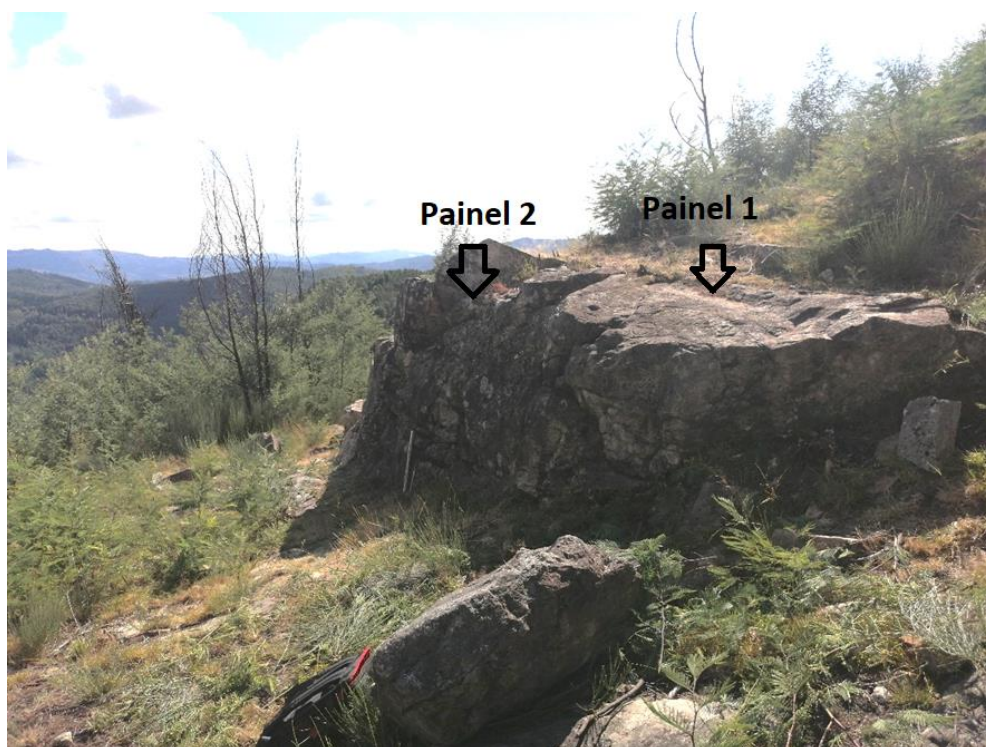


Figura 18 - Pedra Escrita vista desde noroeste, com localização dos painéis 1 e 2.

Técnica: picotado seguido de abrasão e incisão com objeto metálico.

Estado de conservação: razoável, está desprotegido dos agentes erosivos.

Bibliografia: Fontes & Roriz, 2007; Cardoso, 2015 e dados inéditos

2.2 Distrito de Viana do Castelo

2.2.1 Arcos de Valdevez

4) Gião 1 – rocha 1

Localização administrativa: Viana do Castelo/ Arcos de Valdevez/ Cabana Maior/ Alto do Gião.

Coordenadas: N 41° 52' 5" / O 8° 19' 46"

Altitude: cerca de 760 metros.

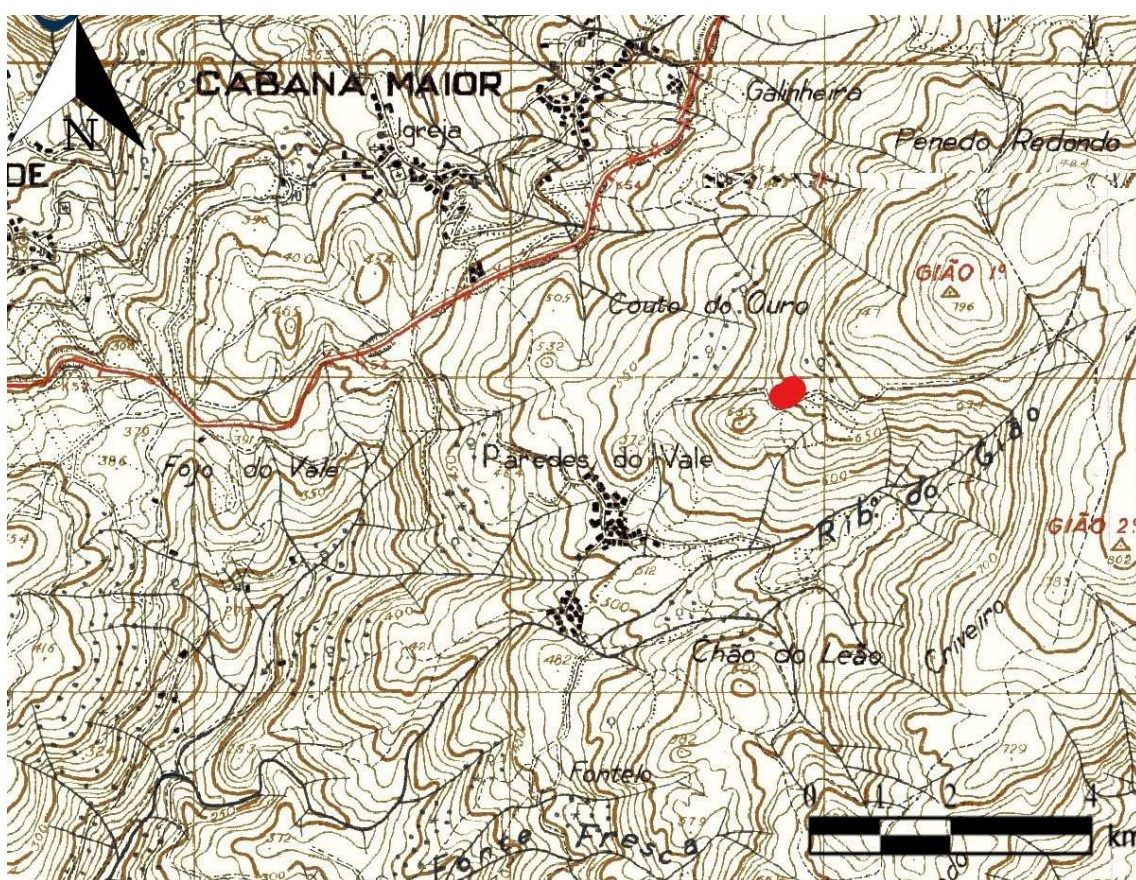


Figura 19 – Localização da Rocha 1 do Gião 1 em excerto da Carta Militar de Portugal n° 16, escala 1/25 000, CIGeo.

Acesso: Partindo de Arcos de Valdevez, segue-se pela E.N. 202 em direção a Cabana Maior e Soajo. Alcançado o posto turístico da Porta do Mezio, deve prosseguir-se pelo estradão em terra batida, à direita. Seguir sempre por esse caminho, tendo como ponto de referência o posto de vigia do Gião. Prestes a chegar a esse ponto existe uma entrada à direita que dá acesso direto ao

santuário rupestre do Gião. A rocha 1 localiza-se no setor central oeste do santuário rupestre do Gião, estando perto da cerca do Gião, localizada a este.

Contexto físico e ambiental:

A rocha 1 do Gião 1, localiza-se no Alto do Gião, na Serra do Soajo, incorporando um anfiteatro natural com inúmeros afloramentos e blocos erráticos graníticos e presença de quartzo, distribuído de forma homogênea por todo o anfiteatro. Trata-se da bacia de recepção do ribeiro do Gião, que corre na margem direita do rio Lima. Corresponde a uma área de lameiros, observando-se três fontes: a Fonte das Eirinhas, a oeste; a Fonte das Abatujas, no centro; e a Fonte dos Sete Olhos, a este (Baptista, 2018) (Fig. 19). Deteta-se a presença de quartzo distribuído de forma homogênea por todo o anfiteatro natural. A rocha 1 ocupa o setor central/oeste, tendo nas suas imediações um pequeno outeiro, a norte, e a cerca do Gião, a nordeste. O substrato geológico deste local é o granito porfiróide de grão médio, de duas micas sendo designado por Granito do Mezio, por outro lado não se registam recursos mineiros metálicos nas suas imediações (Moreira & Simões, 1988) (Fig. 20).

A vegetação arbórea, é pouco abundante, registando-se apenas alguns amieiros e a abundância de tojo e giestas. Destacam-se as práticas ancestrais da pastorícia, sobretudo, de gado bovino e equino em toda esta área (Alves, 2013).

É notável o domínio visual que se possui a partir da rocha 1, embora o afloramento também seja visualizado a grande distância, o que lhe confere especial destaque. São constantes as intervisibilidades entre os vários afloramentos existente que compõem o santuário rupestre do Gião, demonstrando o caráter orgânico e a harmonização de que o observador possui a partir de qualquer ponto desta área. Acrescenta-se a estas características as excelentes condições de visibilidade, em todos os quadrantes, para a observação astronómica, proporcionando cenários únicos. A rocha 1 do Gião 1 apresenta uma excelente exposição solar.

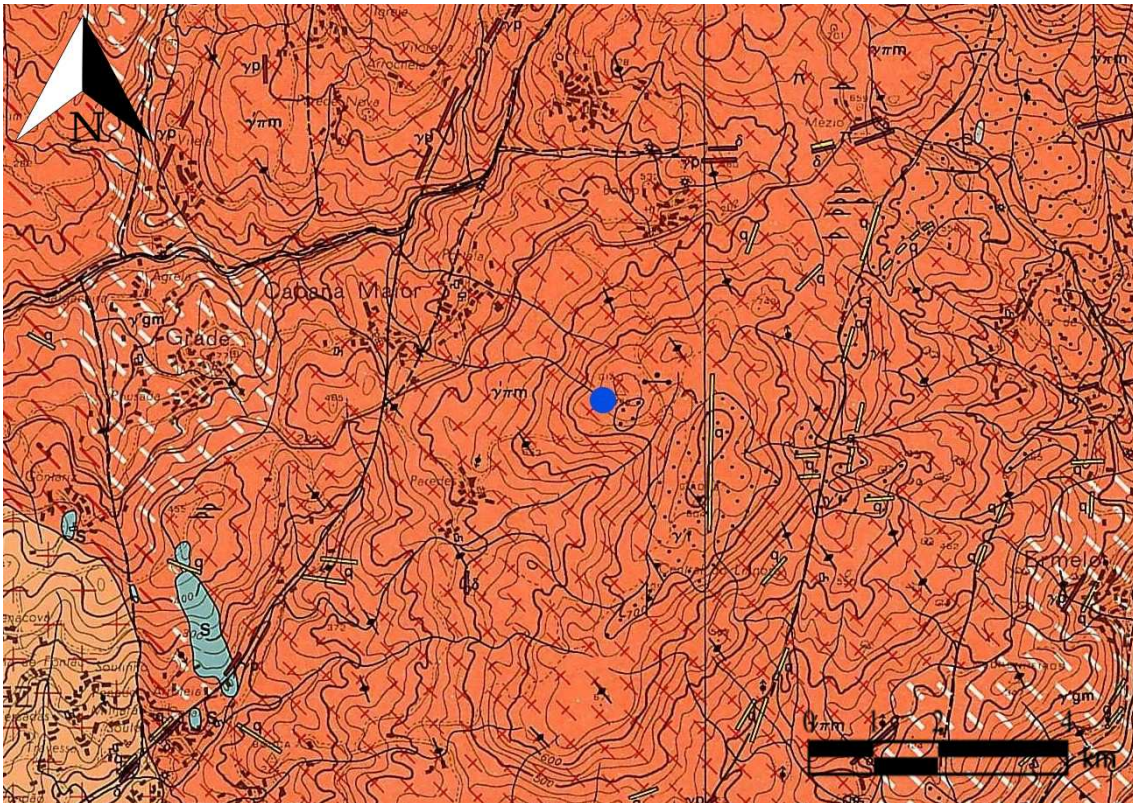


Figura 20 – Localização da Rocha 1 do Gião em excerto da Carta Geológica de Portugal 1D -Arcos de Valdevez, escala 1/ 50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

O lugar denota uma inevitável conexão com os inúmeros afloramentos gravados que compõe o santuário rupestre do Gião, sendo o contexto arqueológico mais importante. A oeste, num raio de 5 km, existem várias ocupações da Idade do Bronze, quer as do Bronze Médio e do Bronze Final dos Penedos Grandes (Bettencourt *et al.*, 2000/2001), quer a ocupação do Bronze Médio da Bouça do Carriço/Mocegueira, todas na freguesia de Vale, Arcos de Valdevez (Bettencourt, 2013, p. 28).

Segundo dados do Portal do Arqueólogo, bem como em trabalho de campo, identificou-se, a nordeste, o complexo megalítico do Mezio, cujos monumentos escavados são do Neolítico (Soares, 2000). A sudoeste observa-se o mesmo cenário, com o monumento megalítico de Paredes (Pereira, 1902).

Descrição física da superfície gravada:

O afloramento é parcialmente destacado do solo, pelo lado este, encontrando-se a oeste rasante ao mesmo (Fig. 21). São notáveis as suas dimensões, possuindo cerca de 25 metros no sentido

nordeste/sudoeste e cerca de 14,20 metros no sentido sudeste/noroeste, tendo cerca de 3 metros de altura (Fig. 22). É de granito de grão médio de duas micas, denominado de Granito do Mezio, no qual se destacam algumas incrustações de cristais de quartzo, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, 1D – Arcos de Valdevez, na escala 1/50 000 (Moreira & Simões, 1988). A superfície gravada apresenta uma ligeira inclinação para sul. Apresenta várias diaclases, na sua maioria orientadas de norte para sul. A rocha apresenta uma acentuada pendente para sul, que por sua vez coincide com a orientação para o interior do anfiteatro. É nesta área da rocha que se encontra a maioria das gravuras (Baptista, 2018, p.32).



Figura 21 – Vista da rocha 1 do Gião 1, desde noroeste.



Figura 22 - Rocha 1 do Gião 1 vista desde sudeste.

Historial:

O Gião foi descoberto no século XX pelo Padre Saraiva de Miranda, descrito como o “grande descobridor do Gião” foi acompanhado por Joaquim Fontes e Félix Alves Pereira no seu estudo. Deste trabalho resultaram algumas publicações de Fontes (1928, 1932, 1933, 1934). Nos anos 80, Martinho Baptista (1983/1984) colocou as gravuras do Gião no grupo II do Noroeste, atribuindo-lhe uma cronologia entre o Bronze Final e a Alta Idade Média. Mais tarde, destacam-se os trabalhos de Alves (2013) com uma atualização dos dados sobre este complexo rupestre e Martinho Baptista (2018), apresentando uma análise diacrónica da imagética presente no Gião, auxiliado por novas tecnologias para a arte rupestre, como por exemplo a utilização de modelos 3D. Nenhum destes autores faz qualquer referência especial aos círculos segmentados.

Descrição dos motivos gravados:

Afloramento profusamente gravado, possuindo quatro painéis que se individualizam através das principais diaclases que se orientam norte/sul, sendo no quadrante sul que se concentram a maioria das gravuras (Baptista, 2018, p. 32), embora estas ocorram, de forma mais dispersa por toda a superfície superior (Figs. 23, 24).

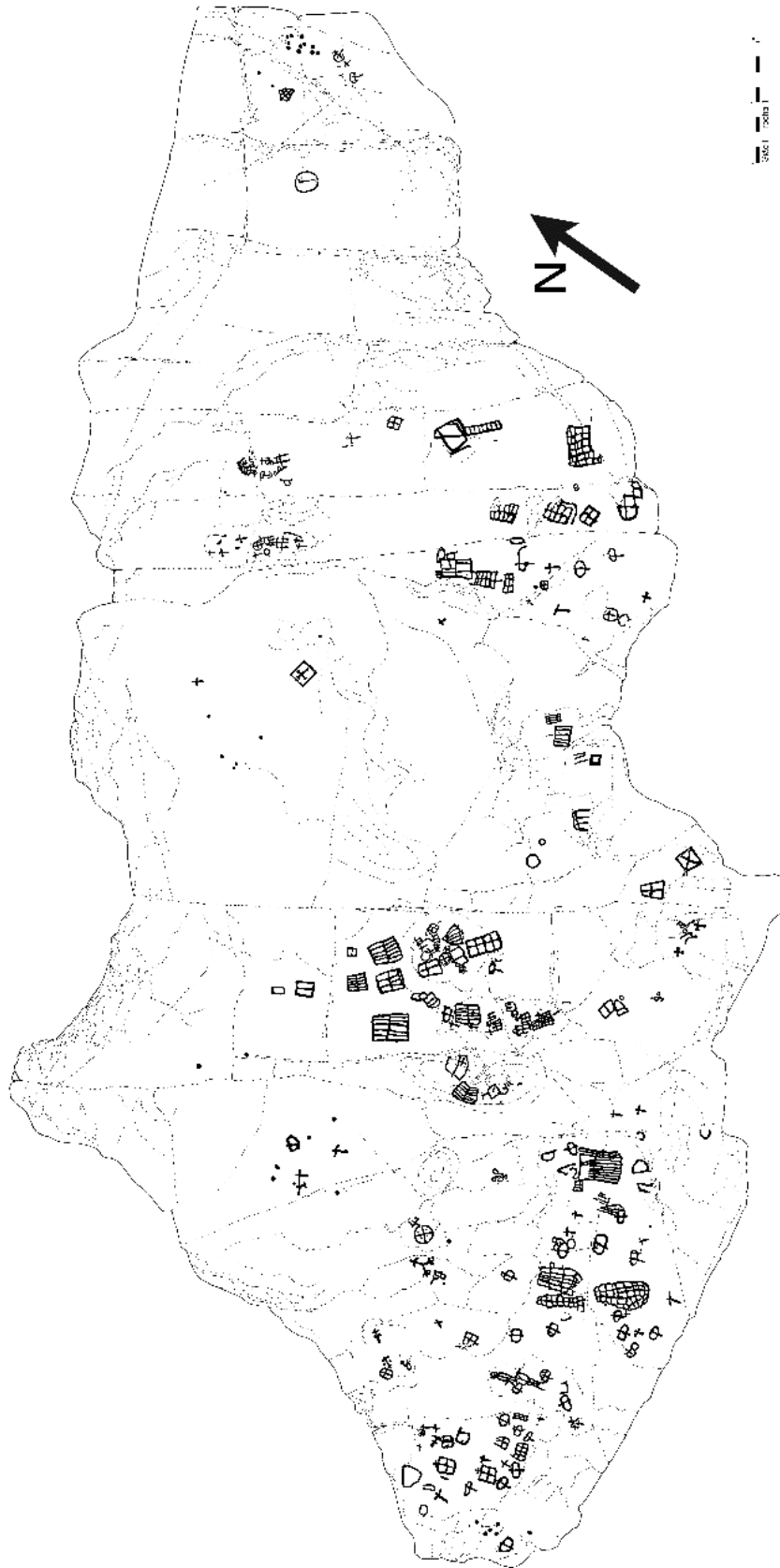


Figura 23-Figura 19 - Levantamento da rocha 1 do Gião 1 (Fonte: Adaptado de Baptista, 2018, p. 36-37).

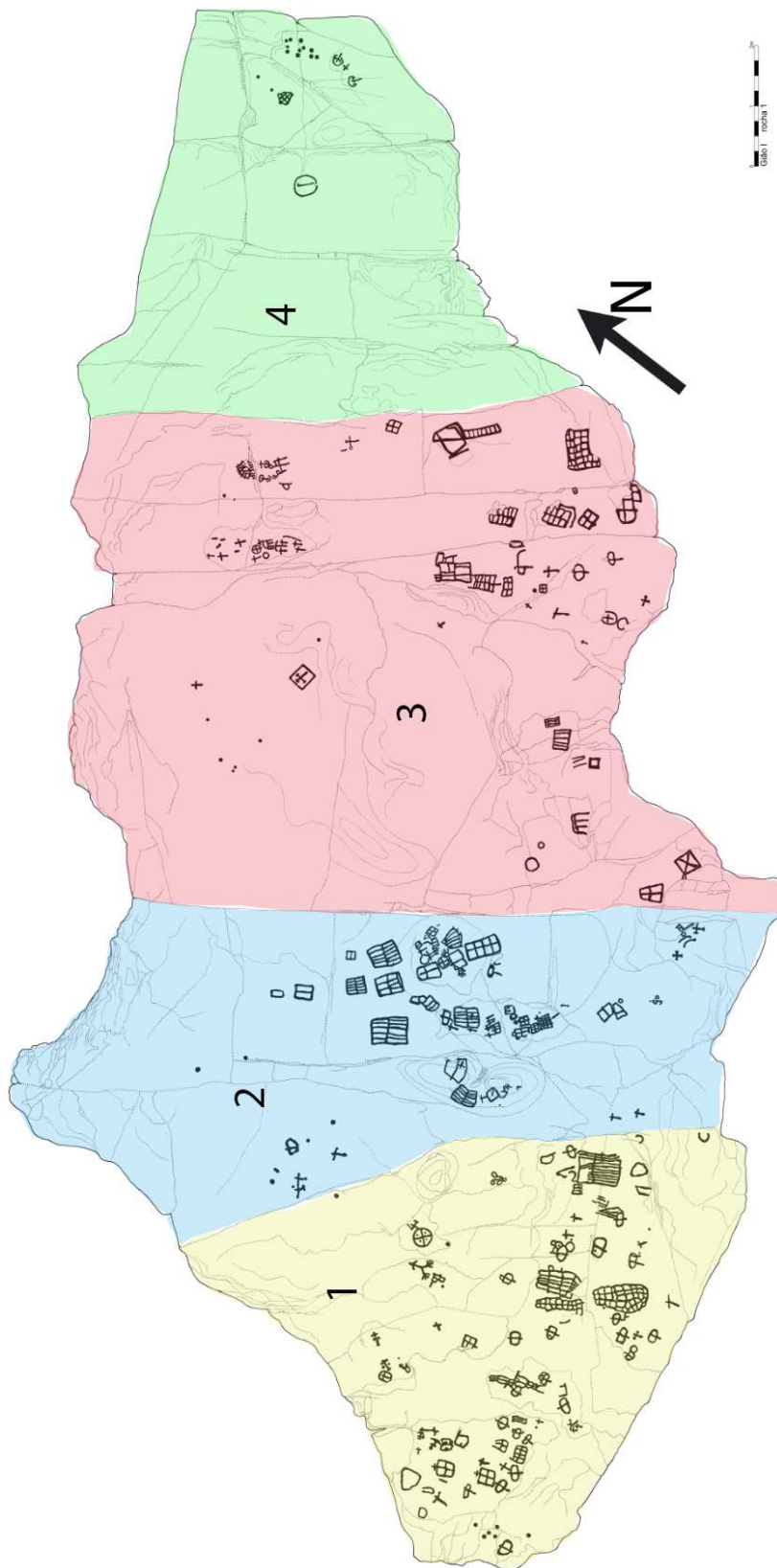


Figura 24 - Levantamento da rocha 1 do Gila e a divisão por painéis (Fonte: Adaptado de Baptista, 2018, p. 36-37)

O painel 1, localiza-se numa extremidade a nascente do afloramento, encontrando-se a sudoeste do painel 2.

Neste painel, com bastantes gravuras, destaca-se a existência de várias e dispersas formas em *phi* em toda a sua extensão. Para além, destes motivos existem quadrados segmentados simples e outros com cruciformes adossados, nota-se também a existência de antropomorfos esquemáticos. Todas estas representações são manifestações da arte esquemática (Fig. 25). Para além disso surgem umas figuras a este do painel que, Baptista (2018) designa como *grelhas*, colocando a hipótese de resultarem da junção de formas em *phi*. A norte do painel regista-se um círculo segmentado, que se incorpora numa elevação de contorno circular natural, cujos segmentos orientam-se nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste (Fig. 26). Adossado a esta figura surge um antropomorfo esquemático. A oeste desta composição surge um antropomorfo esquemático com braços e as pernas em “V” invertido, estando representados os pés (relativamente desproporcionais ao resto do corpo) com bastante pormenor. A noroeste, nota-se a existência de um círculo com uma cruz latina inscrita no interior, sendo um falso círculo segmentado. Correspondendo a um último momento de gravação e presente por todo o painel são os cruciformes, predominando as cruces latinas.



Figura 25 - Levantamento 3D do setor esquerdo da rocha 1 do Gião 1, feito pela empresa 3Decide (Baptista, 2018, p. 34).

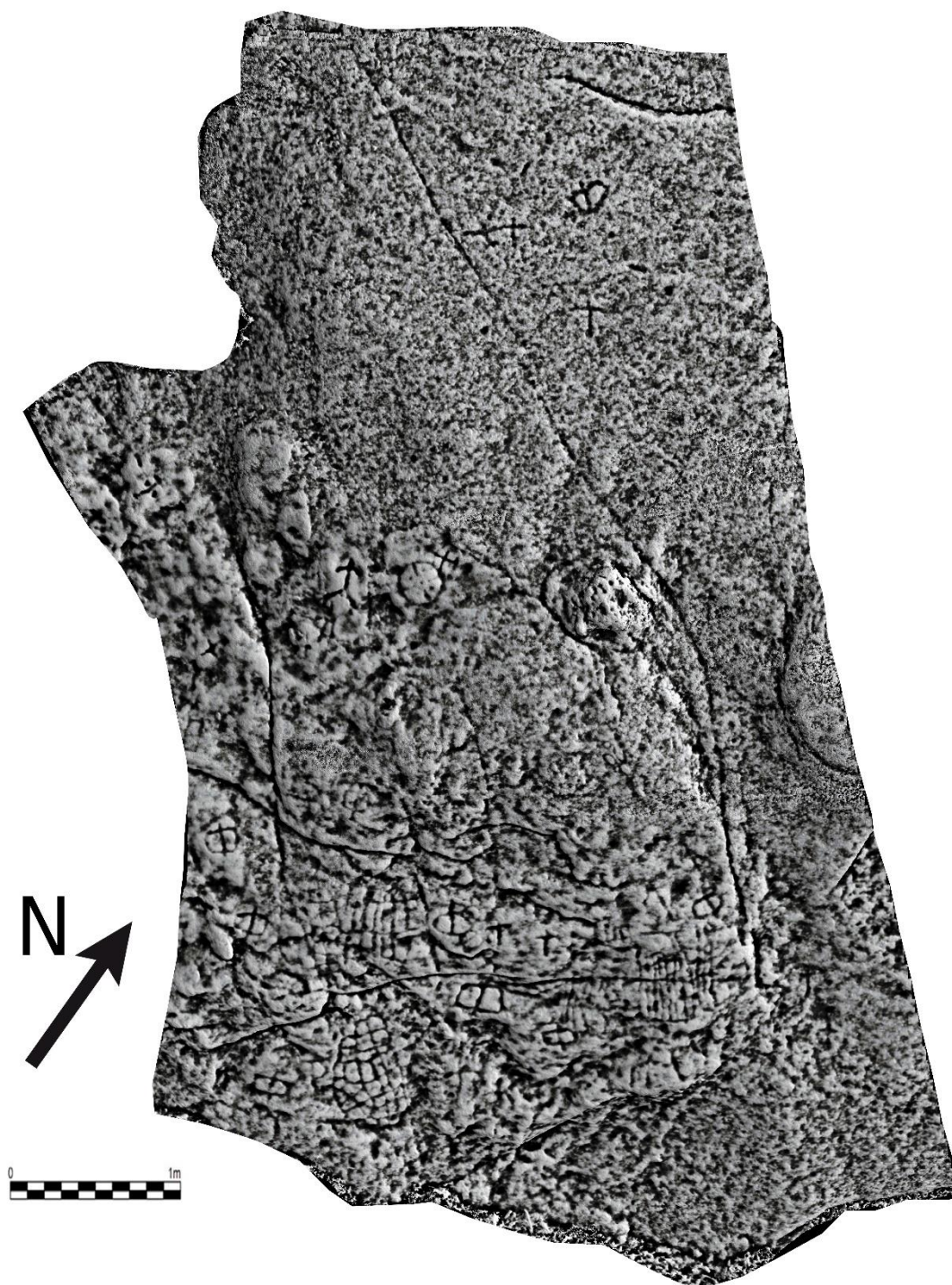


Figura 26 - Levantamento 3D do setor central esquerdo da rocha 1 do Gião 1, feito pela empresa 3Decide (Baptista, 2018, p. 35).

O painel 2, situa-se numa posição mais central em relação ao afloramento e a nordeste do painel 1 e a sudoeste/oeste do painel 3.

O centro do painel, é a área que se encontra mais gravada possuindo várias figuras retangulares diversas vezes segmentadas. No seio destas gravuras situa-se, um retângulo ao qual se adossaram braços abertos, de cada lado, que rematam em mãos abertas com cinco dedos. Por cima desta figura, existe um círculo segmentado com os seus segmentos orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste (Fig. 27). Ao mesmo nível desta composição, a este, surge uma figura de contorno tendencialmente triangular, segmentada em 5 partes, com sulcos verticais. Sob o círculo segmentado, observa-se um cruciforme (cruz latina) envolto num retângulo de cantos redondos; um círculo aberto que se prolonga através de dois pequenos sulcos verticais paralelos e sobre o qual existe, adossado à base do círculo, um sulco horizontal que se prolonga para cada um dos lados (antropomorfo?); um quadrado subdividido em dois, cujo segmento se prolonga para um dos lados e se associa a um círculo e de onde saem pequenos sulcos de cada um dos seus cantos, espessados na extremidade (representação antropomorfa com cabeça, braços e mãos grandes, apenas esboçadas?). Neste painel, registam-se ainda antropomorfos esquemáticos. Num último momento de gravação surgem os cruciformes (cruzes latinas) dispersos pelo painel.

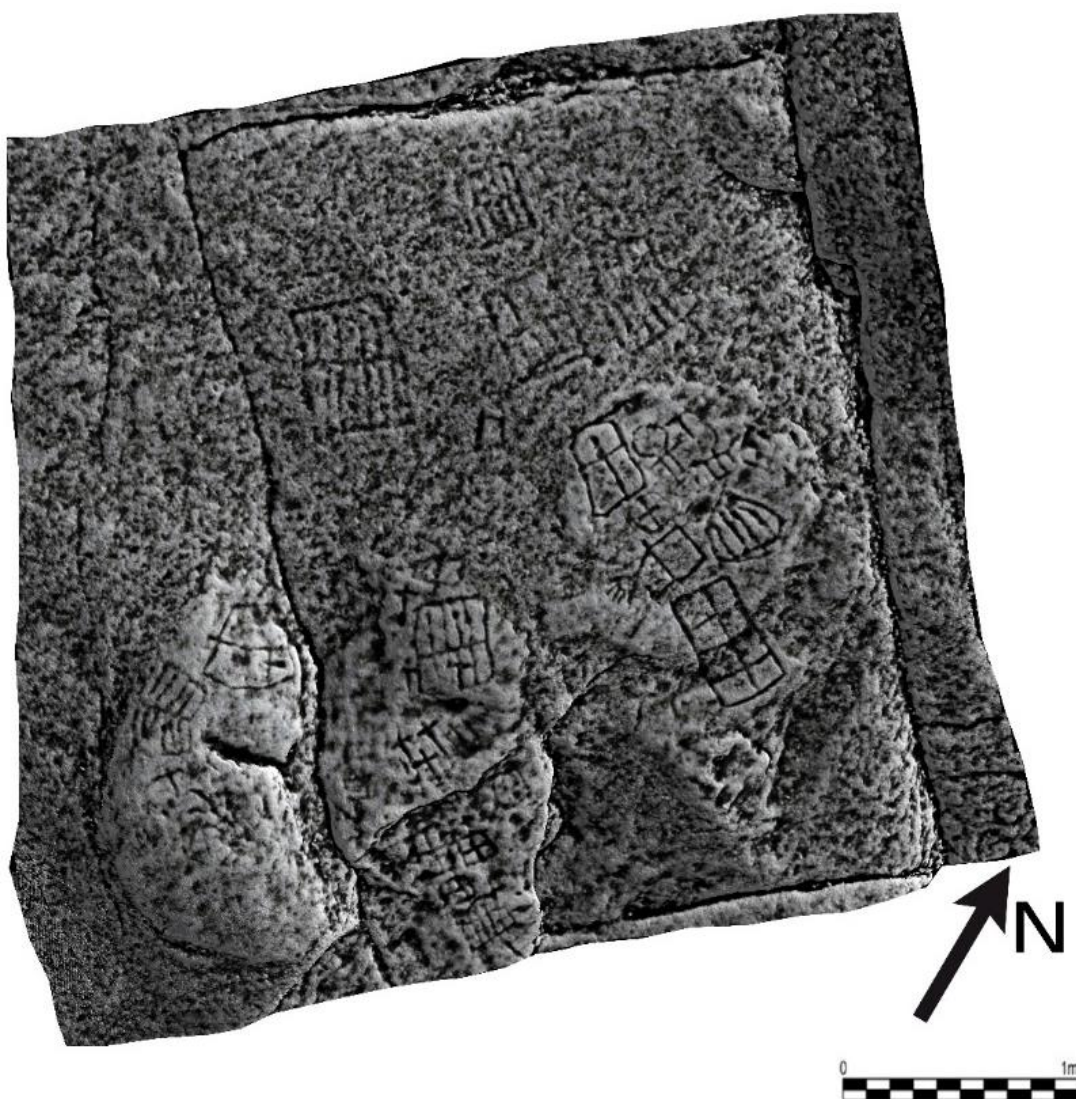


Figura 27 - Levantamento 3D do setor central da rocha 1 do Gião 1, feito pela empresa 3Decide (Baptista, 2018, p. 35).

O painel 3, ocupa, igualmente uma posição central no afloramento, localizando-se a nascente do painel 2 e a poente do painel 4.

Correspondente à arte esquemática, contabilizam-se vários quadrados segmentados, predominando nos quadrantes sul e este do painel, nas suas imediações surgem figuras retangulares várias vezes segmentadas, e várias formas em *phi*. Junto destas figuras, a nordeste, na extremidade inferior surge um círculo com uma cruz grega inscrita no seu interior. A norte, no limite com o painel 4, surge um escalariforme.

Correspondendo ao momento posterior de gravação surge a norte, um círculo segmentado, cujos segmentos estão orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste (Fig. 28). Este motivo tem a particularidade de estar envolto por vários cruciformes contabilizando-se dez exemplares e uma figura oval com quatro sulcos exteriores. À direita observa-se um conjunto de antropomorfos esquemáticos com os braços levantados, estando abaixo deles duas figuras peculiares: dois antropomorfos cruciformes de braços levantados com um semicírculo a envolver a extremidade inferior das figuras (Baptista, 2018, p. 39). Por fim, registam-se outros motivos como círculos simples e várias cruzes, um deles localizado no centro do painel, consistindo num quadrado com um cruciforme (cruz latina) no interior.



Figura 28 - Pormenor com círculo segmentado da rocha 1 do Gião 1

O painel 4, menos gravado que todos os anteriores, apresenta as suas gravuras na extremidade nordeste do afloramento. Em primeira instância observa-se um círculo com um sulco vertical e mais a nascente, uma grelha de contorno irregular com covinha na extremidade superior. Na extremidade sudeste do painel observam-se dois possíveis antropomorfos em *phi*, sendo que no meio de ambos se regista um cruciforme. Associadas a todos estes motivos contabilizam-se 13 covinhas equidistantes entre si. Não se registam círculos segmentados.

Técnica: picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: médio, porém com elevado risco de erosão.

Bibliografia: Baptista, 1983-84; Moreira & Simões, 1988; Alves, 2013a; Sá, 2015; Baptista, 2018; e dados inéditos.

5) Gião 1 – rocha 21

Localização administrativa: Viana do Castelo/ Arcos de Valdevez/ Cabana Maior/ Alto do Gião.

Coordenadas: N 41° 52' 6''/ O 8° 19' 49''

Altitude: cerca de 760 metros.

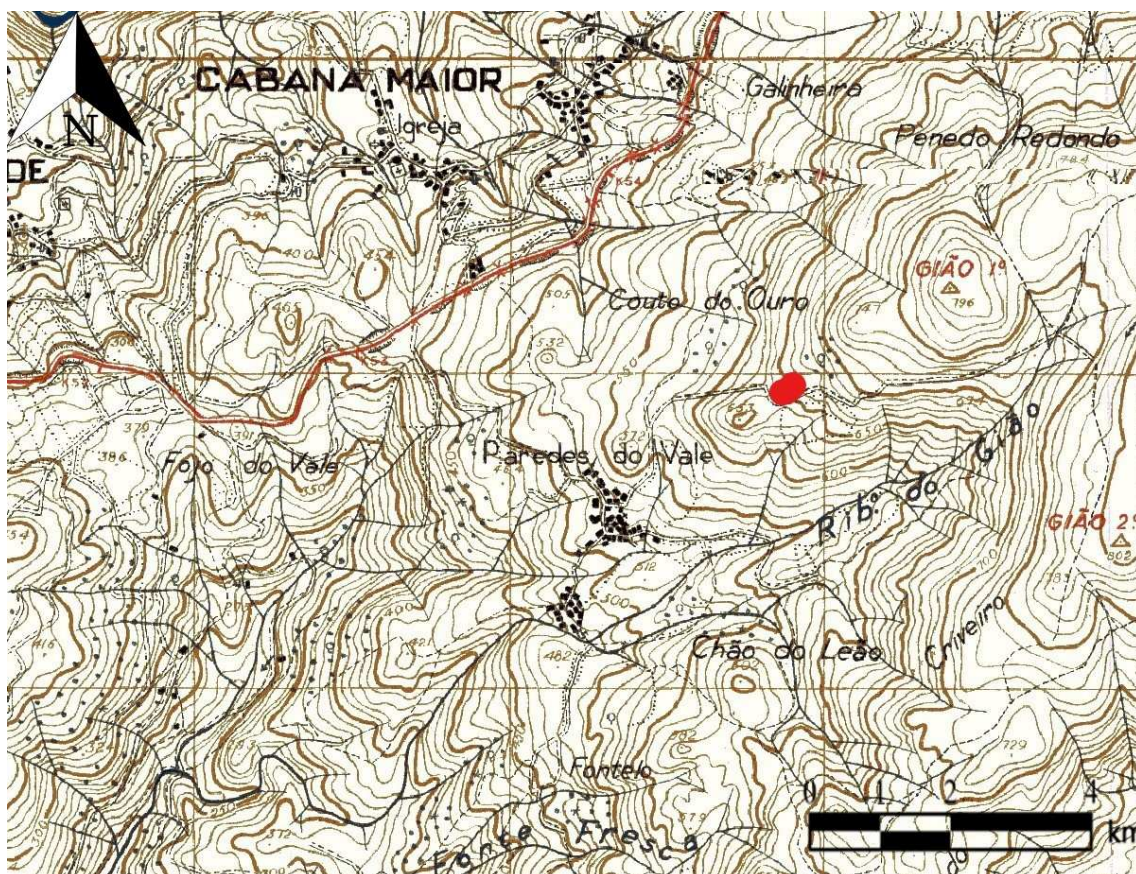


Figura 29 – Localização da Rocha 21 do Gião 1 em excerto da Carta Militar de Portugal n.º 16, escala 1/25 000, CIGeo.

Acesso: Partindo de Arcos de Valdevez, segue-se pela E.N. 202 em direção a Cabana Maior e Soajo. Alcançado o posto turístico da Porta do Mezio, deve prosseguir-se pelo estradão em terra batida, à direita. Seguir sempre por esse caminho, tendo como ponto de referência o posto de vigia do Gião. Prestes a chegar a esse ponto existe uma entrada à direita que dá acesso direto ao santuário rupestre do Gião. A rocha 21 localiza-se a meio da vertente noroeste, nas imediações de um cruzamento de caminhos pedestres junto da Portela do Gião de Cima. Localiza-se num aglomerado de afloramentos muitos dos quais gravados, destacando-se as rochas 22 e 23.

Contexto físico e ambiental:

A rocha 21 do Gião 1, localiza-se no Alto do Gião, na Serra do Soajo, incorporando um anfiteatro natural com inúmeros afloramentos e blocos erráticos graníticos e presença de quartzo, distribuído de forma homogénea por todo o anfiteatro. Trata-se da bacia de receção do ribeiro do Gião, que corre na margem direita do rio Lima. Corresponde a uma área de lameiros, observando-se três fontes: a Fonte das Eirinhas, a oeste; a Fonte das Abatujas, no centro; e a Fonte dos Sete Olhos, a este (Baptista, 2018) (Fig. 29). O substrato geológico deste local é o granito porfiróide de grão médio, de duas micas sendo designado por Granito do Mezio, por outro lado não se registam recursos mineiros metálicos nas suas imediações (Moreira & Simões, 1988) (Fig. 30).

A vegetação arbórea, é pouco abundante, registando-se apenas alguns amieiros e a vegetação arbustiva é composta por abundância de tojo e giestas. Destacam-se as práticas ancestrais da pastorícia, sobretudo, de gado bovino e equino em toda esta área (Alves, 2013).

A rocha 21 encontra-se num patamar elevado associado a um núcleo de afloramentos, muitos deles gravados, a oeste e sudoeste da barreira física denominada de Portela do Gião de Cima, observando-se uma visibilidade reduzida neste quadrante. Por outro lado, destacam-se as excelentes condições de visibilidade para os quadrantes sul, sudeste, este e nordeste. A norte e a noroeste o observador é surpreendido, pois o cenário só permite a observação do espaço celeste.

Destaca-se ainda as constantes intervisibilidades entre os vários afloramentos existente que compõe o santuário rupestre do Gião, sobretudo a rocha 23 que se localiza junto da rocha 21, a norte. Acrescentando a estas características é notável as excelentes condições de visibilidade para a observação astronómica e detém uma boa exposição solar.

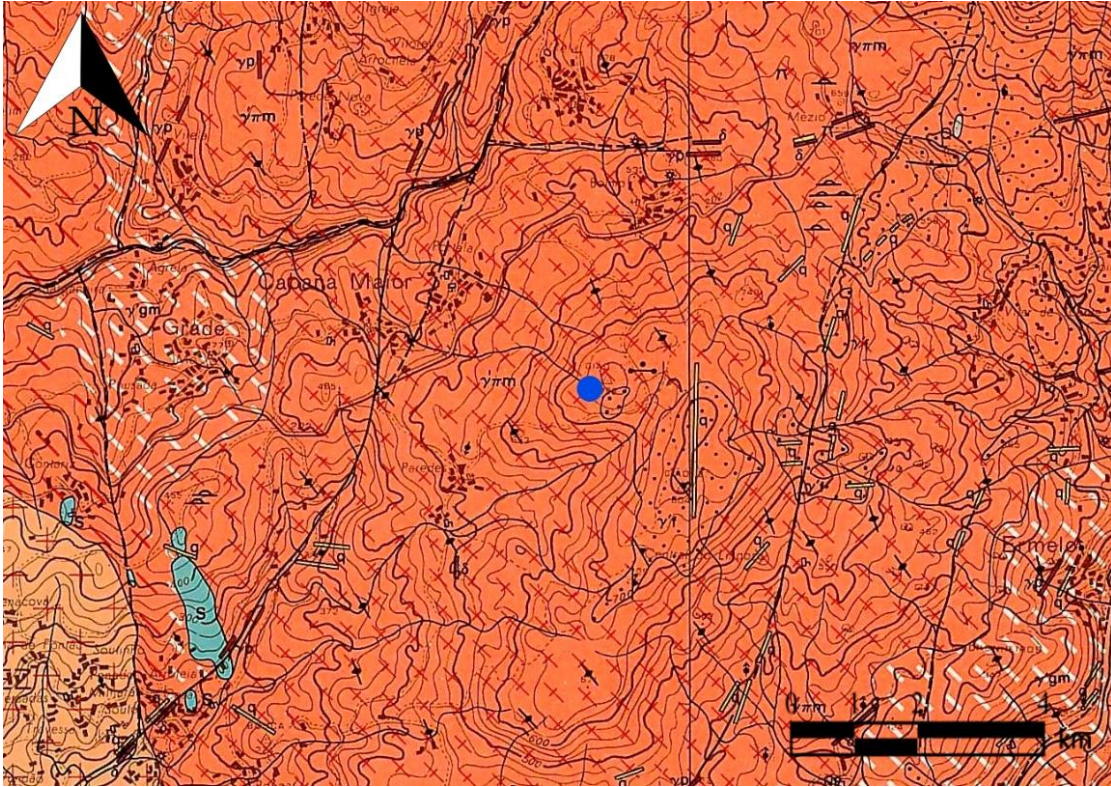


Figura 30 – Localização da Rocha 21 do Gião 1 em excerto da Carta Geológica de Portugal, 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

O lugar denota uma inevitável conexão com os inúmeros afloramentos gravados que compõe o santuário rupestre do Gião, sendo o contexto arqueológico mais importante. A oeste, num raio de 5 km, existem várias ocupações da Idade do Bronze, quer as do Bronze Médio e do Bronze Final dos Penedos Grandes (Bettencourt et al., 2002), quer a ocupação do Bronze Médio da Bouça do Carriço/Mocegueira, todas na freguesia de Vale, Arcos de Valdevez (Bettencourt, 2013, p. 28).

Segundo dados do Portal do Arqueólogo, bem como em trabalho de campo, identificou-se, a nordeste, o complexo megalítico do Mezio, cujos monumentos escavados são do Neolítico (Soares, 2000). Na mesma área, porém, a uma maior distância, identifica-se o monumento megalítico do Alto das Pias. A sudoeste observa-se o mesmo cenário, com o monumento megalítico de Paredes.

Descrição física da superfície gravada:

A totalidade do afloramento revelou-se de difícil configuração pelo facto de comportar no seu topo alguns pequenos afloramentos que se lhe sobrepõem, parcialmente, nomeadamente o que se designa por rocha 24. Trata-se de um afloramento de grandes dimensões (Fig. 31), rasante ao

solo, de contorno sub-retangular de granito de grão médio de duas micas, denominado de Granito do Mezio, no qual se destacam algumas incrustações de cristais de quartzo, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, 1D – Arcos de Valdevez, na escala 1/50 000 (Moreira & Simões, 1988). No centro é mais elevado, tendo declives ligeiros para sul, oeste, sudoeste.

A área gravada fica a norte do afloramento. Esta tem cerca de 2,30 metros no sentido este/oeste e 3,40 metros no sentido norte/sul.



Figura 31 - Contexto onde está inserido a rocha 21 do Gião 1 e o painel gravado (assinalado com uma seta).

Historial:

O Gião foi descoberto no século XX pelo Padre Saraiva de Miranda, descrito como o “grande descobridor do Gião” foi acompanhado por Joaquim Fontes e Félix Alves Pereira no seu estudo. Deste trabalho resultaram algumas publicações de Fontes (1928, 1932, 1933, 1934). Nos anos 80, Martinho Baptista (1983/1984) colocou as gravuras do Gião no grupo II do Noroeste, atribuindo-lhe uma cronologia entre o Bronze Final e a Alta Idade Média. Mais tarde, destacam-se os trabalhos de Alves (2013) com uma atualização dos dados sobre este complexo rupestre e

Martinho Baptista (2018), apresentando uma análise diacrónica da imagética presente no Gião, auxiliado por novas tecnologias para a arte rupestre, como por exemplo a utilização de modelos 3D. Nenhum destes autores faz qualquer referência especial aos círculos segmentados.

Descrição dos motivos gravados:

Este afloramento está parcialmente gravado na extremidade norte, na proximidade das rochas 22 e 23 (Fig. 34). Ai, observa-se um círculo imperfeito segmentado. Os seus segmentos orientam-se de norte para sul e de este para oeste. Este motivo encontra-se associado a uma figura, tendencialmente, retangular segmentada em duas partes. Mais a sul observa-se a maior figura desta superfície, que consiste num círculo com um segmento horizontal no interior. Observa-se, ainda, o que parece uma cruz latina alterada por um estalamento (Figs. 32, 33).



Figura 32 - Fotogrametria da parte gravada da rocha 21 do Gião 1.

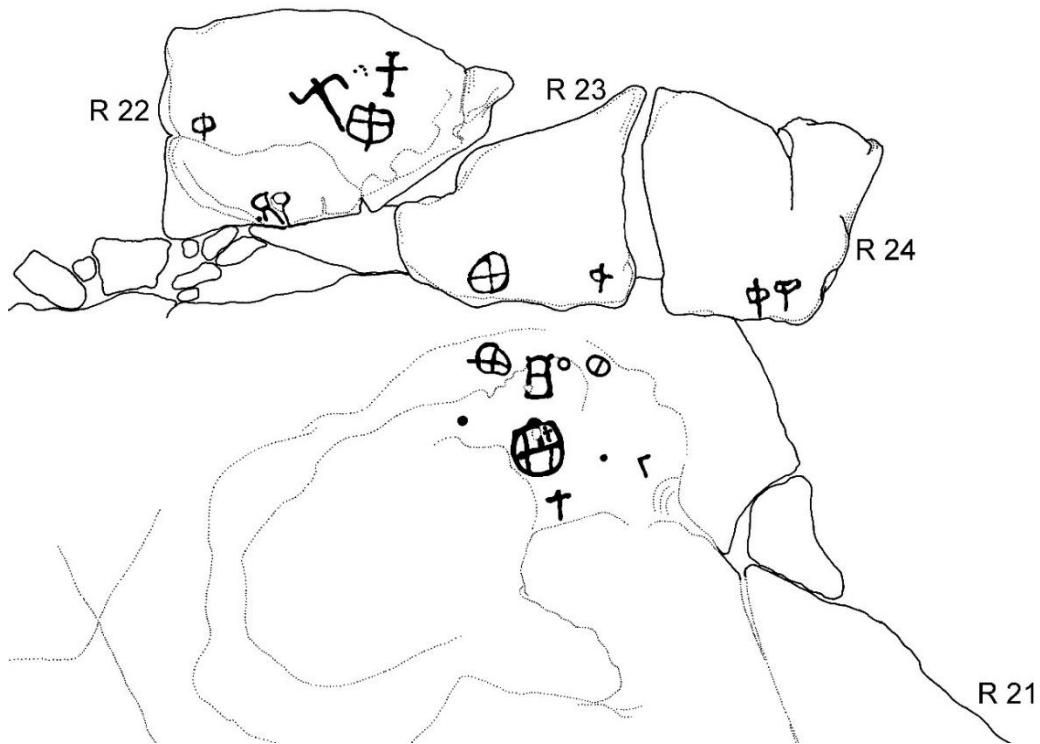


Figura 33 - Decalque das rochas 22, 23 e 24 e decalque parcial da rocha 21 do Gião 1 (Fonte: Baptista, 2018, p. 51)

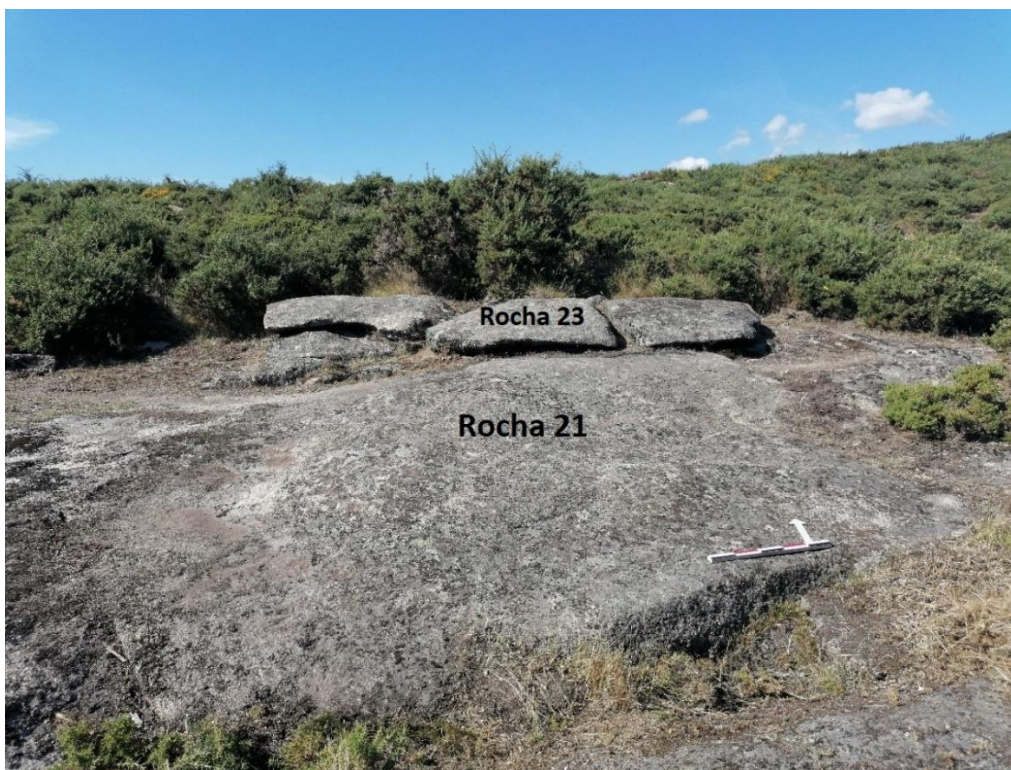


Figura 34 - Relação entre a rocha 21 e 23 do Gião 1, as gravuras da rocha 21 localizam-se no topo aplanado.

Técnica: picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: bom, porém com elevado risco de erosão.

Bibliografia: Baptista, 1983-84, 2018; Moreira & Simões, 1988; Alves, 2013 e dados inéditos.

6) Gião 1 – rocha 23

Localização administrativa: Viana do Castelo/ Arcos de Valdevez/ Cabana Maior/ Alto do Gião.

Coordenadas: N 41° 52' 6"/ O 8° 19' 49''

Altitude: cerca de 760 metros.

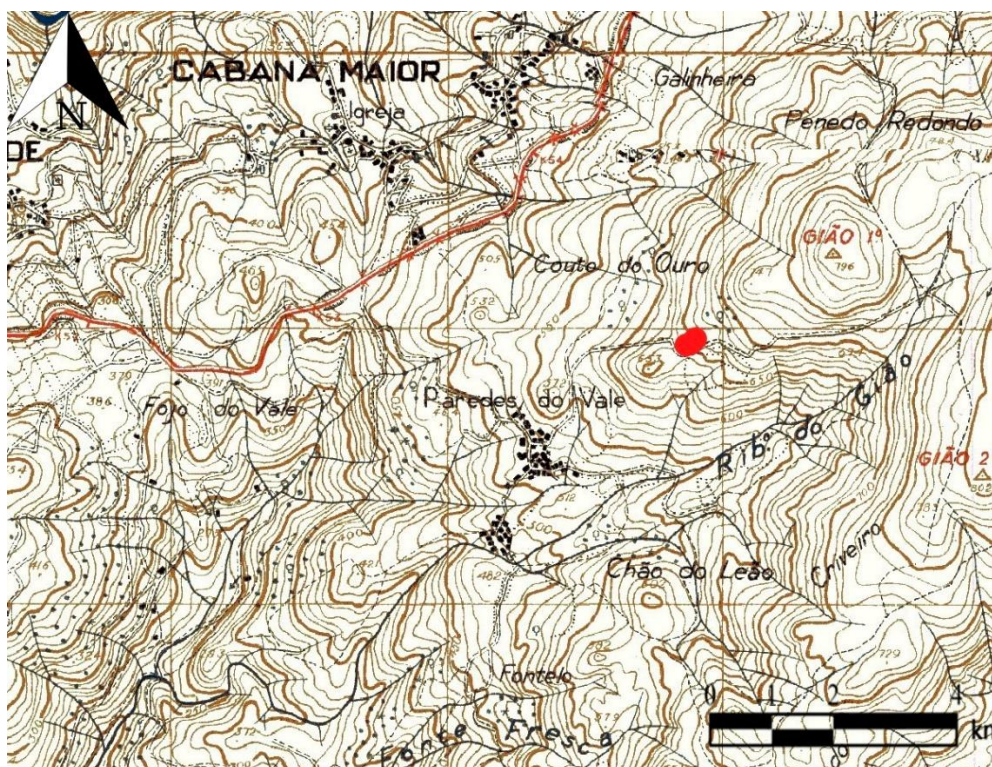


Figura 35 – Localização da Rocha 23 do Gião 1 em excerto da Carta Militar de Portugal n° 16, escala 1/25 000, CIGeo.

Acesso: Partindo de Arcos de Valdevez, segue-se pela E.N. 202 em direção a Cabana Maior e Soajo. Alcançado o posto turístico da Porta do Mezio, prosseguir pelo estradão em terra à direita. Seguir sempre por esse caminho, tendo como ponto de referência o posto de vigia do Gião. Prestes a chegar a esse ponto existe uma entrada à direita que dá acesso direto ao santuário rupestre do Gião. A rocha 23 localiza-se a meio da vertente noroeste, associado a um cruzamento de caminhos pedestres junto da Portela do Gião de Cima. Fica num aglomerado de afloramentos muitos do quais gravados, das quais se destacam as rochas 21 e 22.

Contexto físico e ambiental:

A rocha 23 do Gião 1, localiza-se no Alto do Gião na Serra do Soajo, incorporando um anfiteatro natural com inúmeros afloramentos e blocos erráticos graníticos e a presença de quartzo, distribuído de forma homogénea por todo o anfiteatro. Trata-se da bacia de receção do ribeiro do Gião, que corre na margem direita do rio Lima. Corresponde a uma área de lameiros, observando-se três fontes: a Fonte das Eirinhas, a oeste; a Fonte das Abatujas, no centro; e a Fonte dos Sete Olhos, a este (Baptista, 2018) (Fig. 35). O substrato geológico deste local é o granito porfiróide de grão médio, de duas micas sendo designado por Granito do Mezio, por outro lado não se registam recursos mineiros metálicos nas suas imediações (Moreira & Simões, 1988) (Fig. 36).

A vegetação arbórea, é pouco abundante, registando-se apenas alguns amieiros e a vegetação arbustiva é composta por abundância de tojo e giestas. Destacam-se as práticas ancestrais da pastorícia, sobretudo, de gado bovino e equino em toda esta área (Alves, 2013).

A rocha 23 encontra-se num patamar elevado, associado a um núcleo de afloramentos, muitos deles gravados, encontra-se protegido a oeste e sudoeste pela barreira física denominada de Portela do Gião de Cima. Daqui há uma visibilidade reduzida estes quadrantes. Por outro lado, destacam-se as excelentes condições de visibilidade para os quadrantes sul, sudeste, este e nordeste. A norte e a noroeste o cenário só permite a observação do espaço celeste. Destaca-se ainda as constantes intervisibilidades entre os vários afloramentos existente que compõe o santuário rupestre do Gião, sobretudo as rochas 21 e 22 que são contíguas desta a rocha a norte. Acrescentando a estas características é notável as excelentes condições de visibilidade para a observação astronómica e detém uma boa exposição solar.

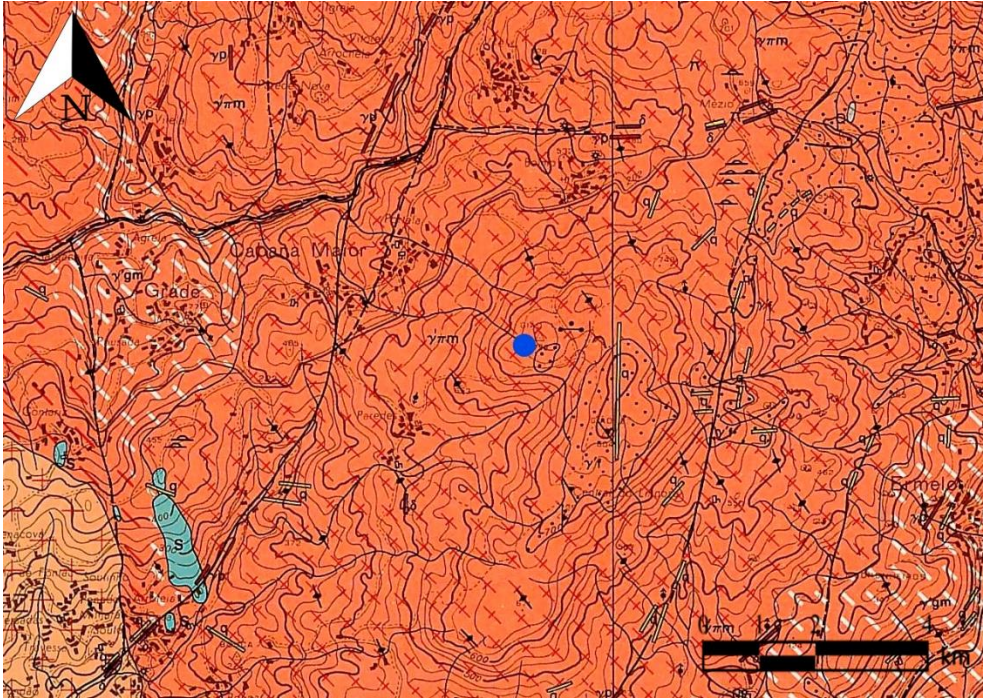


Figura 36 – Localização da Rocha 23 do Gião 1 em excerto da Carta Geológica de Portugal, 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

O lugar denota uma inevitável conexão com os inúmeros afloramentos gravados que compõe o santuário rupestre do Gião, sendo o contexto arqueológico mais importante. A oeste, num raio de 5 km, existem várias ocupações da Idade do Bronze, quer as do Bronze Médio e do Bronze Final dos Penedos Grandes (Bettencourt et al., 2002), quer a ocupação do Bronze Médio da Bouça do Carriço/Mocegueira, todas na freguesia de Vale, Arcos de Valdevez (Bettencourt, 2013, p. 28).

Segundo dados do Portal do Arqueólogo, bem como em trabalho de campo, identificou-se, a nordeste, o complexo megalítico do Mezio, cujos monumentos escavados são do Neolítico (Soares, 2000). Na mesma área, porém, a uma maior distância, identifica-se o monumento megalítico do Alto das Pias. A sudoeste observa-se o mesmo cenário, com o monumento megalítico de Paredes.

Descrição física da superfície gravada:

Trata-se de um afloramento pouco destacado do solo com contorno tendencialmente retangular (Fig. 37), de granito de grão médio de duas micas, denominado de Granito do Mezio, no qual se destacam algumas incrustações de cristais de quartzo, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, 1D – Arcos de Valdevez, na escala 1/50 000 (Moreira & Simões, 1988).

Encontra-se fraturado no quadrante noroeste e apresenta ligeiras pendentes para sul e sudoeste. Tem cerca de 1,74 metros no sentido nordeste/sudoeste e cerca de 1,45 metros no sentido noroeste/sudeste.



Figura 37 - Rocha 23 do Gião 1.

Historial:

O Gião foi descoberto no século XX pelo Padre Saraiva de Miranda, descrito como o “grande descobridor do Gião” foi acompanhado por Joaquim Fontes e Félix Alves Pereira no seu estudo. Deste trabalho resultaram algumas publicações de Fontes (1928, 1932, 1933, 1934). Nos anos 80, Martinho Baptista (1983/1984) colocou as gravuras do Gião no grupo II do Noroeste, atribuindo-lhe uma cronologia entre o Bronze Final e a Alta Idade Média. Mais tarde, destacam-se os trabalhos de Alves (2013) com uma atualização dos dados sobre este complexo rupestre e Martinho Baptista (2018), apresentando uma análise diacrónica da imagética presente no Gião, auxiliado por novas tecnologias para a arte rupestre, como por exemplo a utilização de modelos 3D. Nenhum destes autores faz qualquer referência especial aos círculos segmentados.

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento é pouco gravado, contendo apenas um motivo, nas imediações da rocha 21, ou seja, a sul (Figs. 39, 40). Ai, apresenta-se um círculo segmentado bastante erodido, cujos segmentos se orientam norte-nordeste/su-sudeste e este/oeste (Fig. 38).

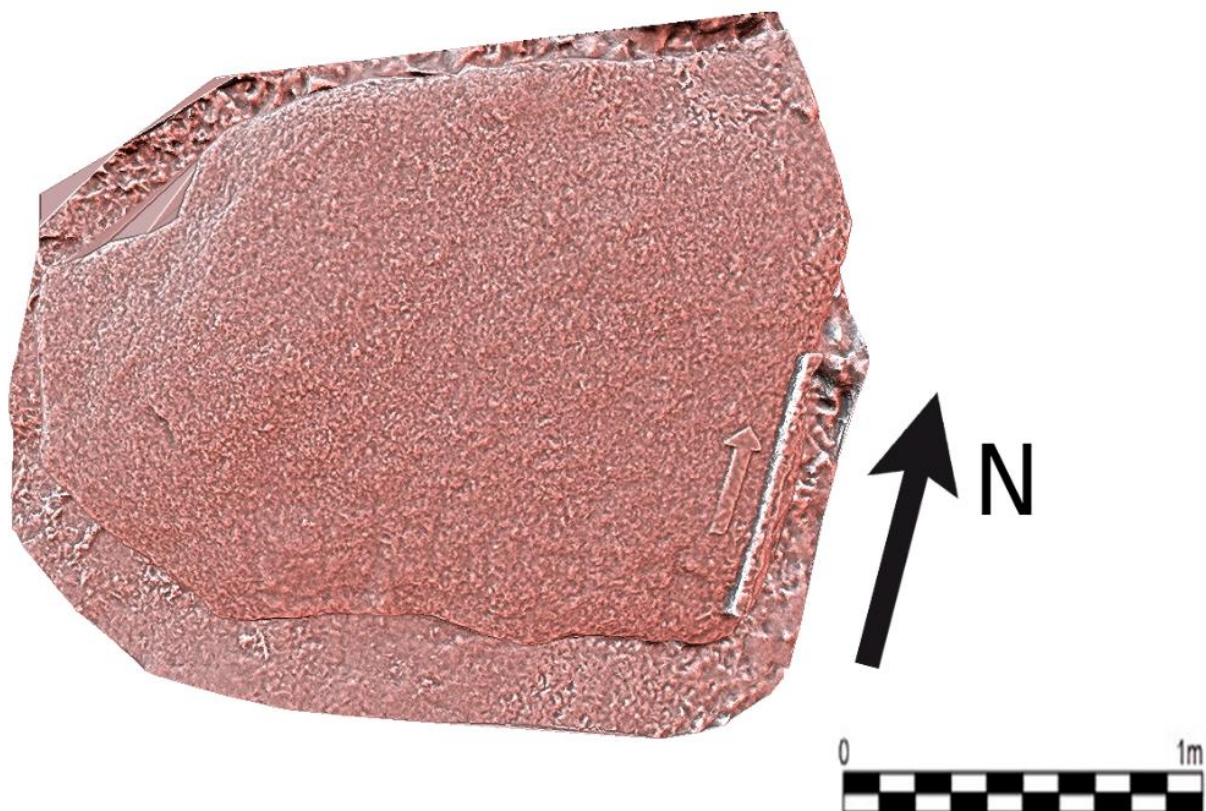


Figura 38 - Fotogrametria da rocha 23 do Gião 1.

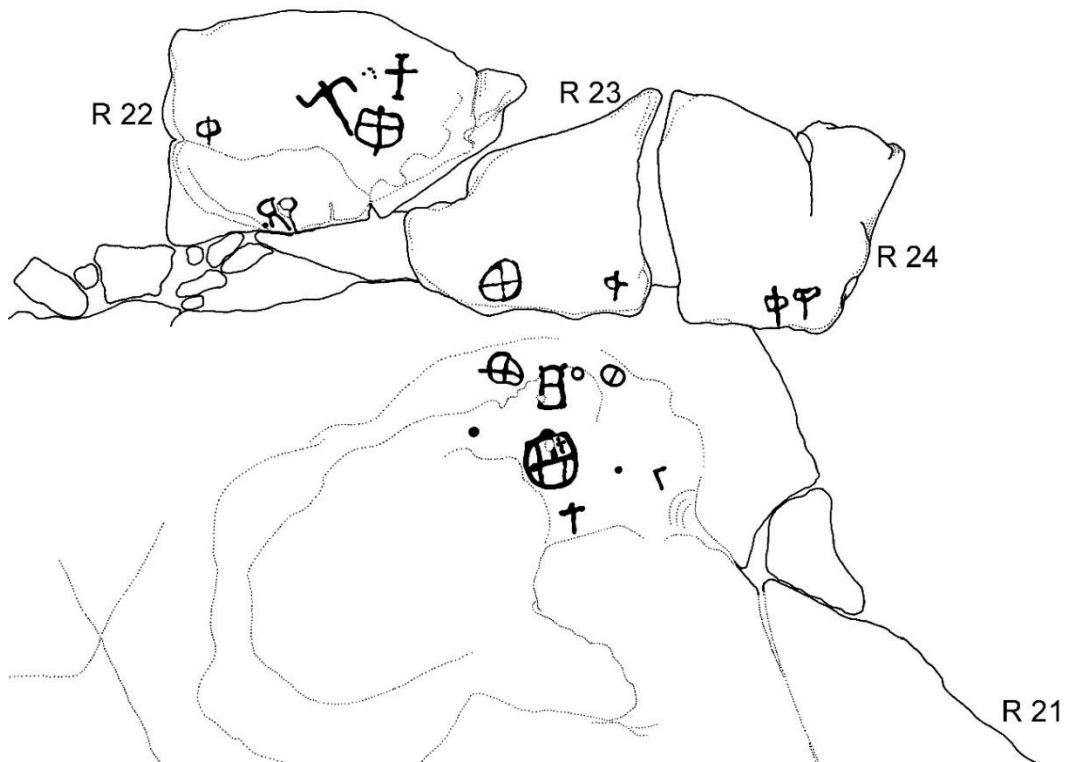


Figura 39 - Decalque das rochas 22, 23 e 24 e decalque parcial da rocha 21 do Gião 1 (Fonte: Baptista, 2018, p. 51)

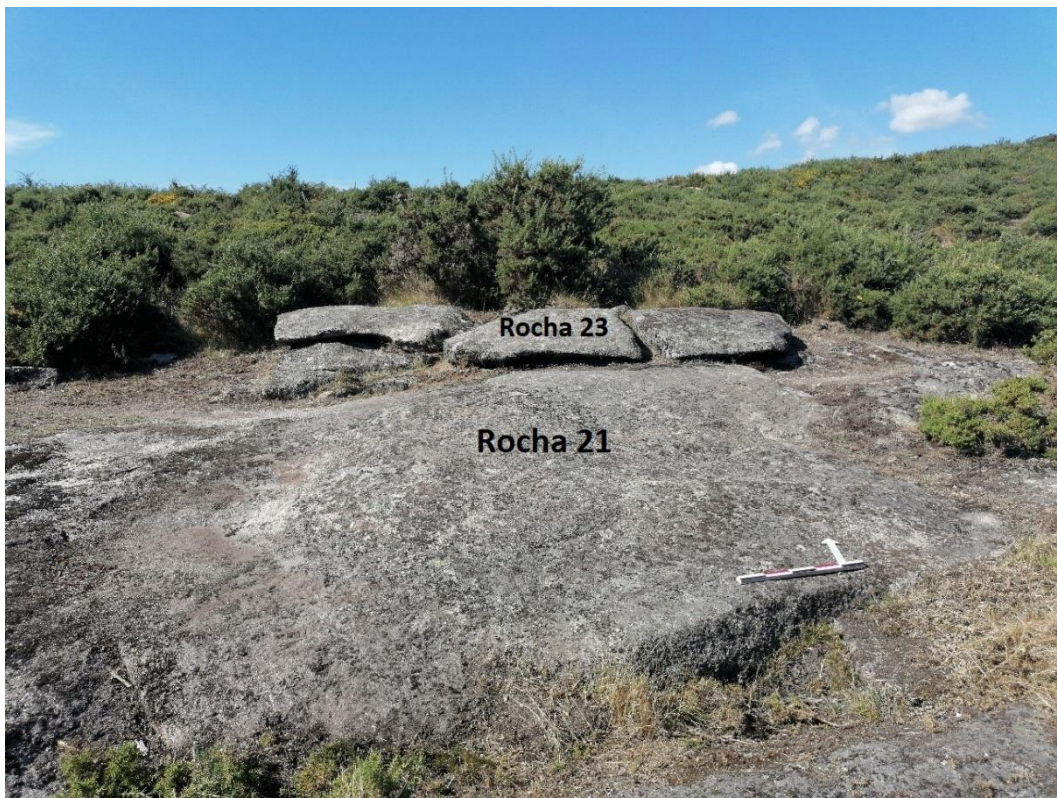


Figura 40 - Relação da rocha 23 com a rocha 21 do Gião 1.

Técnica: picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: bom, porém com elevado risco de erosão.

Bibliografia: Baptista, 1983-84, 2018; Moreira & Simões, 1988; Alves, 2013; Sá, 2015 e dados inéditos.

7) Pedra da Costa 1

Localização administrativa: Viana do Castelo/ Arcos de Valdevez/ União de freguesias de Álvora e Loureda/ Crasto.

Coordenadas: N 41° 56' 14" / O 8° 27' 8"

Altitude: cerca de 229 metros.

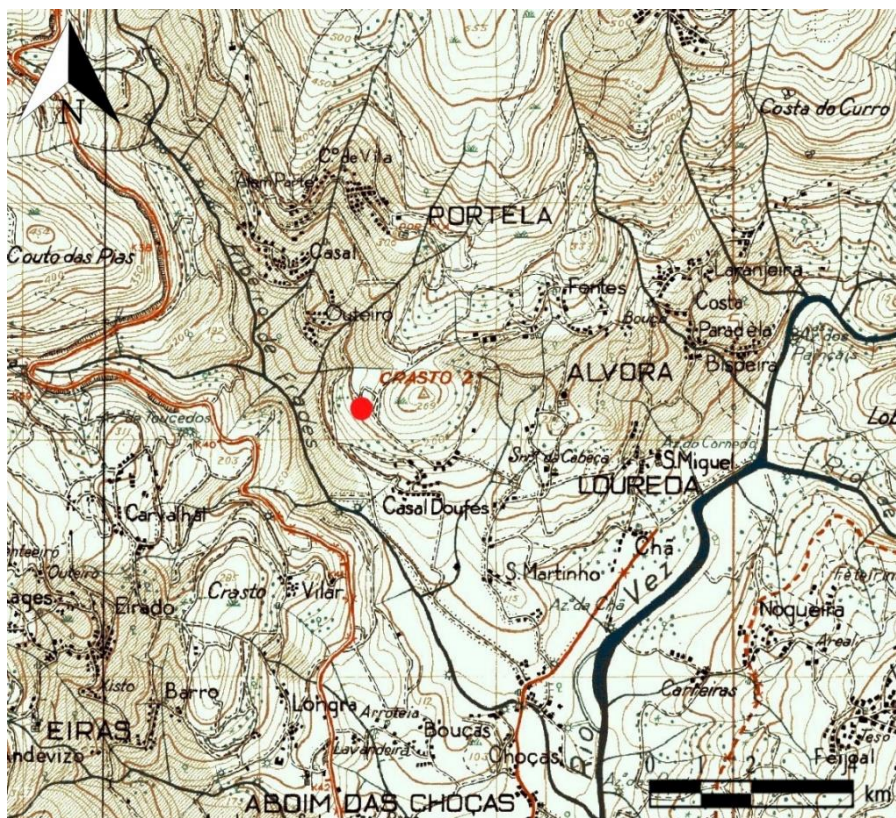


Figura 41 – Localização da Pedra da Costa 1 em excerto da Carta Militar de Portugal n.º 8, escala 1/25 000, CI Geoe.

Acesso: Saindo de Arcos de Valdevez, pela EN202-2 deve seguir-se o caminho até alcançar a EM505-4 e, posteriormente, a EM505, em direção a Álvora. Ao chegar à placa indicativa de Outeiro e Casal deve-se virar nesse sentido e continuar pela estrada alcatroada à esquerda até chegar a um caminho empedrado. O afloramento localiza-se numa vertente bastante acentuada junto à estrada, não sendo possível observá-lo desde a estrada, devido à presença de vegetação intensa.

Contexto físico e ambiental:

Localiza-se numa plataforma natural a meio da vertente oeste do Monte do Crasto de Álvora. Corre nas imediações o ribeiro de Frades, afluente do rio Vez (Fig. 41).

Este local apresenta-se numa zona de transição no que ao substrato geológico diz respeito, existindo granodioritos da porfiróides de grão médio, biotíticos, designados por Granodioritos da Boalhosa, Padroso e Luzio e, existindo granito inhomogéneo, de grão fino a médio, de duas micas, sendo um granito subautóctone designado de Granito do vale do rio Vez (Moreira & Simões, 1988) (Fig. 42). Relativamente à presença de recursos mineiros metálicos, apenas, existe evidência da exploração de estanho e tungsténio a cerca de 5 km a sudoeste deste lugar (Moreira & Simões, 1988).

A vegetação arbórea predominante inclui eucaliptos, pinheiros e as mimosas e a vegetação arbustiva o tojo e o feto.

Detém uma boa visibilidade para o espaço circundante nomeadamente para os quadrantes noroeste, oeste e sudoeste, podendo ter uma boa visibilidade para sul caso a vegetação exógena não interferisse. A este fica o cume do Monte do Castro de Álvora que, impede que este afloramento tenha uma boa exposição solar, apenas recebendo luz solar de forma parcial.

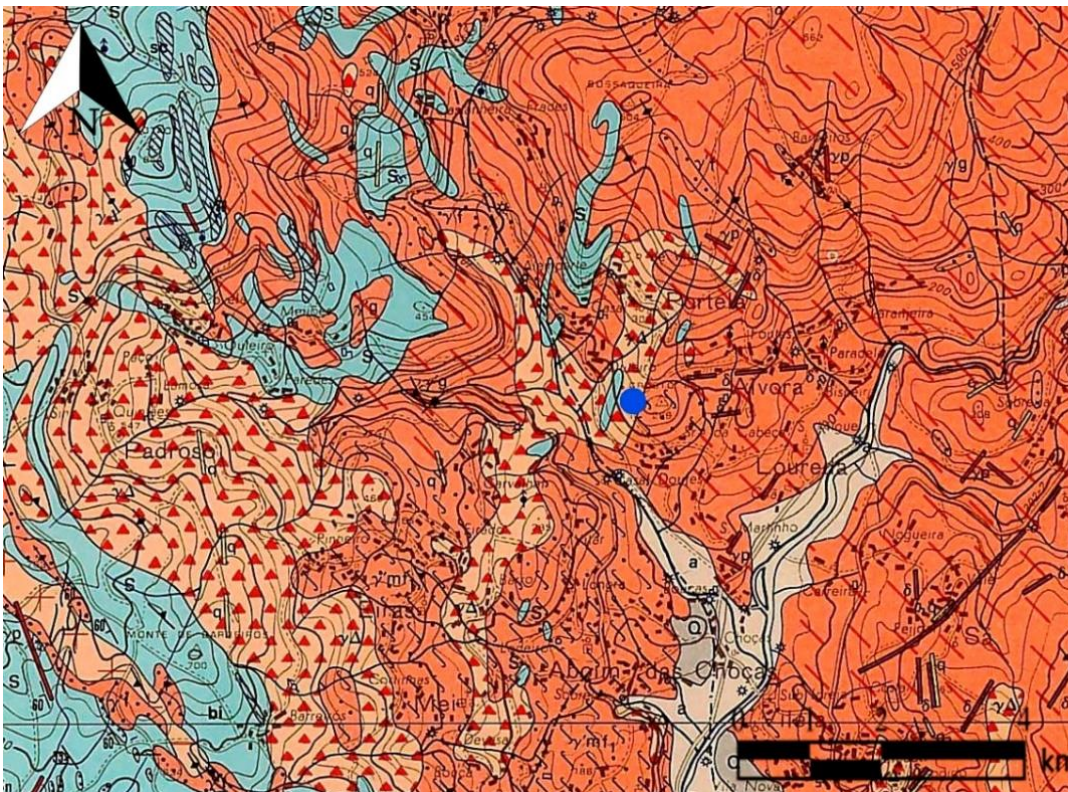


Figura 42 – Localização da Pedra da Costa 1 em excerto da Carta Geológica de Portugal, 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Segundo o Portal do Arqueólogo, nesta região, na união de freguesias da Portela e Extremo regista-se a presença de um monumento megalítico denominado de Penedo do Lobo. A poente, regista-se, também, o monumento megalítico de Padroso. O Castro de Álvora, no topo do monte onde se encontra a Pedra da Costa 1, é um povoado fortificado que regista atividade desde a Idade do Bronze Final (Bettencourt, 1988, 1999) até ao período romano (Gomes, 1979, 1980, 1981). Por fim a sudoeste, situa-se mais um povoado fortificado, denominado de Monte do Crasto, tendo evidência da ocupação datável da Idade do Ferro (Pereira, 1924).

Descrição física da superfície gravada:

Afloramento parcialmente destacado do solo, encontrando-se subterrado no se quadrante nordeste, é de granito inhomogéneo, de grão fino a médio, de duas micas, sendo um granito subautóctone designado de Granito do vale do rio Vez, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, 1D – Arcos de Valdevez, na escala 1/50 000 (Moreira & Simões, 1988) (Figs. 43, 47). Encontra-se alterado devido à ação dos recentes incêndios que ocorreram no local (Sá, 2015). Possui várias diaclases, na sua maioria, com a orientação no sentido noroeste/sudeste. Para além disso há a registar uma depressão natural do afloramento a oeste, na qual se acumula água. A sua superfície tem uma ligeira inclinação para sul e sudoeste. Mede cerca de 4,70 metros no sentido noroeste/sudeste e cerca de 3,74 metros no sentido norte/sul.



Figura 43 - Vista geral da Pedra da Costa I com o vale do ribeiro de Frades, ao fundo.

Historial:

A Pedra da Costa 1 foi pela primeira vez mencionada por Martinho Baptista (1986) na nota explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1-D (Arcos de Valdevez). Mais tarde, Sá (2015) integra este lugar na Arte Atlântica e considera-o apropriado para a valorização turístico-didática.

Descrição dos motivos gravados:

Afloramento parcialmente gravado, estando os motivos localizados na área central e em todo o seu quadrante este, registando-se, apenas, um motivo a sul (Figs. 44, 46). A norte do afloramento encontra-se uma nuvem de pontos delimitada por dois círculos concêntricos, bem como motivos reticulados erodidos. Nas suas imediações estão associadas várias nuvens de pontos delimitadas, por vezes, por sulcos. Na área central desenham-se, novamente, nuvens de pontos no interior de círculos, unidos por sulcos. Do círculo maior sai um sulco meandriforme que vai atravessar um círculo concêntrico de duas ou três voltas, cujo interior está gravado com inúmeras covinhas, existente a sul do afloramento. Este encontra-se, ainda, parcialmente segmentado por um sulco que, do seu interior, se orienta para este. Na extremidade este do afloramento, observa-se a nuvem

de pontos maior e mais bem delineada de todo o afloramento, inscrita num motivo de contorno ligeiramente quadrangular de cantos arredondados, estando a ela associada um círculo segmentado (Fig. 45). Este tem a particularidade de ter o sulco do círculo mais profundo e largo e os sulcos dos seus segmentos mais finos e estreitos em “U”, indiciando que foram adicionados posteriormente. Para além destas características, o centro do círculo segmentado encontra-se preenchido com covinhas (Figs. 45, 48). Os seus segmentos orientam-se nos sentidos nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste. Toda a zona oeste do afloramento é estéril de motivos, provavelmente devido à depressão natural existente.



Figura 44 - Fotogrametria da Pedra da Costa 1.



Figura 45 - Pormenor do círculo segmentado da Pedra da Costa 1.

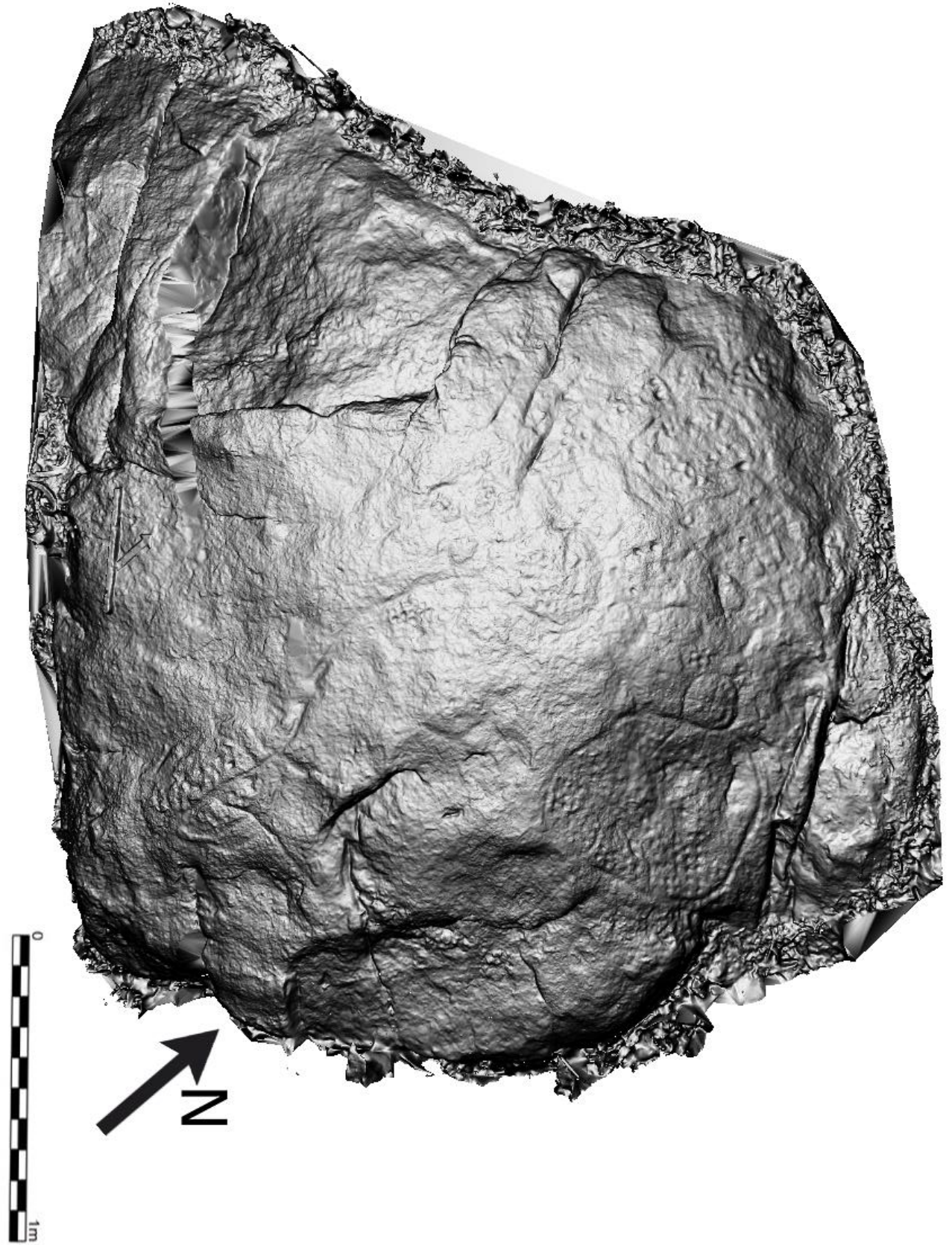


Figura 46 - Fotogrametria da Pedra da Costa 1.



Figura 47 - Pedra da Costa 1 vista a partir de este.



Figura 48 - Pormenor da área este da Pedra da Costa 1.

Técnica: picotado seguido de abrasão nas nuvens de pontos e círculo concêntrico, incisão com objeto metálico nos segmentos do círculo segmentado.

Estado de conservação: razoável, porém algo erodido devido aos incêndios, observando-se uma fratura a Este do afloramento.

Bibliografia: Sá, 2015; Marinho *et al*, 2020 e dados inéditos.

2.2.2 Caminha

8) Laje das Fogaças

Localização administrativa: Viana do Castelo/Caminha/Lanhelas/Boavista

Coordenadas: N 41° 54' 27" / O 8° 47' 6"

Altitude: cerca de 90 metros.

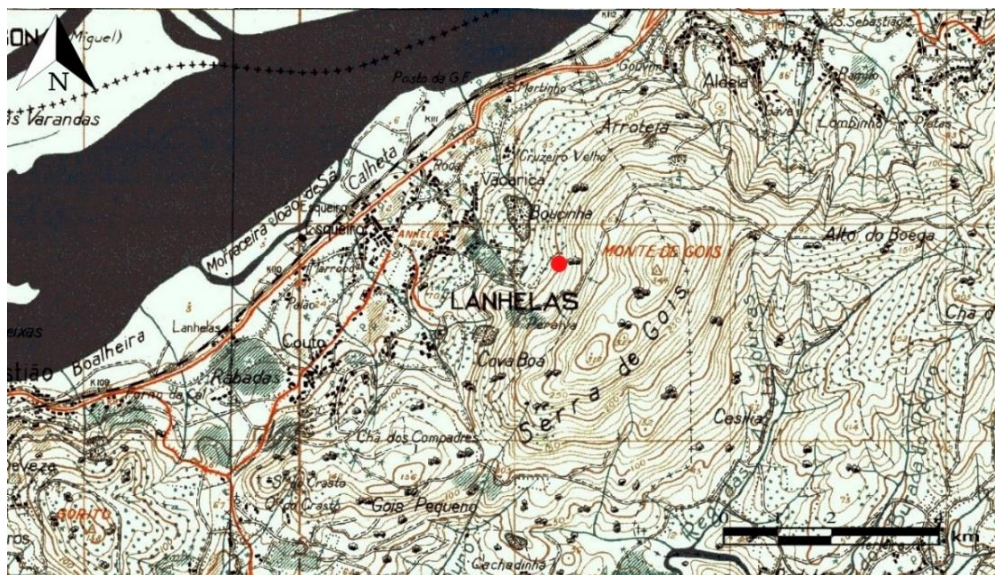


Figura 49 – Localização da Laje das Fogaças em excerto da Carta Militar n.º14, escala 1/25 000, CI Geoe.

Acesso: Seguindo pela E.N. 13 a partir de Viana do Castelo, desvia-se para Lanhelas entre os km 97 e 98. Nesta localidade, a partir da Igreja Matriz, toma-se a Rua Ilídio Couto, seguindo-se à esquerda até à Rua da Boavista, que conduz ao cimo do lugar, onde se situam as ruínas da antiga oficina de pirotecnia da firma Libério Fernandes, Lda. As gravuras rupestres da Laje das Fogaças ocupam um penedo que se encontra dentro do perímetro da propriedade, junto aos pavilhões mais antigos da fábrica (Alves, 2013).

Contexto físico e ambiental:

A Laje das Fogaças localiza-se num patamar do sopé do Monte de Góis, a oeste, numa área com bons acessos a partir do vale. Nesta área existem inúmeras fontes de água que originam acumulação e escorrência da mesma para a parte inferior do Monte de Góis (Alves, 2013) (Fig. 49). Localiza-se na margem esquerda do rio Minho. Nas suas imediações existe uma zona habitacional.

O substrato geológico predominante nesta área é o granito alcalino de grão grosseiro, relativamente aos recursos mineiros, constata-se a presença de estanho a sudeste e a sudoeste, ficando a cerca de 2,5 km e 3,5 km, respetivamente (Teixeira, 1961) (Fig. 50).

No coberto vegetal existente regista-se apenas vegetação arbórea sobre as formas do carvalho e o eucalipto.

Possui boas condições de visibilidade para oeste e sudoeste conseguindo ver-se, por vezes, o oceano Atlântico. No espectro noroeste/sudeste vislumbra-se o rio Minho e respetivo estuário (Valdez, 2010). A oeste observa-se o monte galego de Santa Tegra ou Santa Tecla, na designação portuguesa (Fig. 51). Nos restantes quadrantes a visibilidade é reduzida, devido à orografia, vendo-se para sul um remate de esporão e para nordeste, este e sudeste, as vertentes mais altas do monte. Reúne excelentes condições para a observação do ciclo solar no horizonte, pelo menos para o quadrante de sudoeste a noroeste, em adição, detém, também, um domínio visual sobretudo sobre a via de circulação natural que representa o rio Minho. Pelo facto de se encontrar no sopé do Monte de Góis, revela reduzida exposição solar, estando iluminada diretamente em determinados momentos do dia.

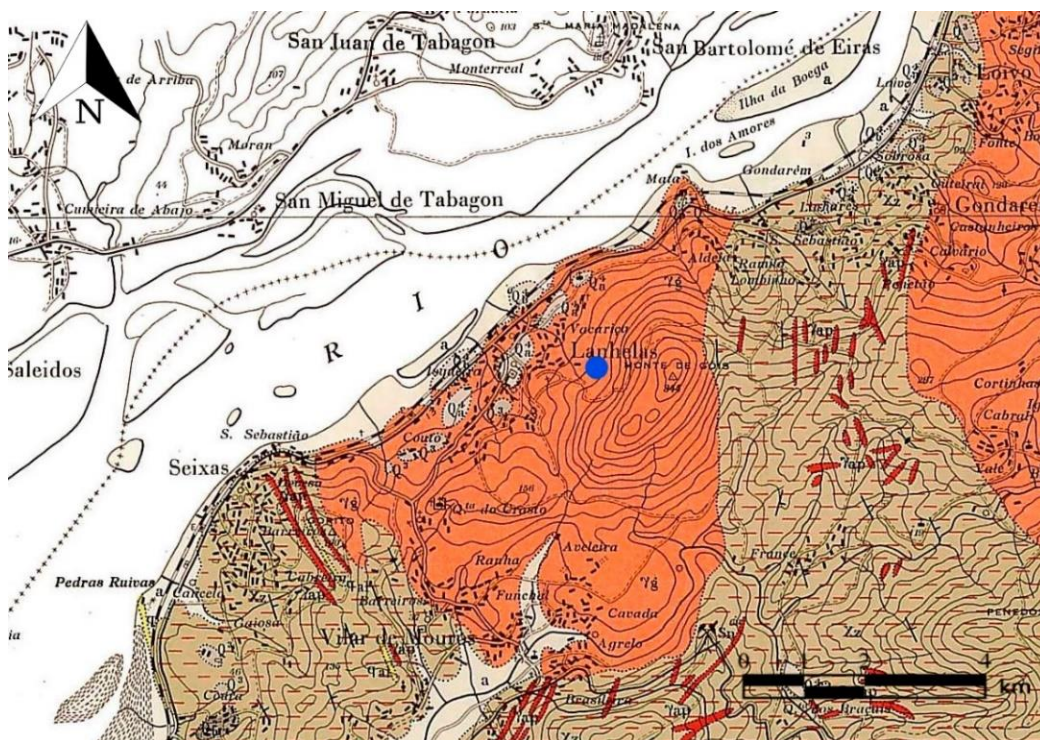


Figura 50 – Localização da Laje das Fogaças em excerto da Carta Geológica 1C – Caminha, escala 1/50 000, LNEG.



Figura 51 - Vista para oeste e sudoeste desde a Laje das Fogaças, com o monte de Santa Tecla em último plano (Fonte: Ana Bettencourt).

Contexto arqueológico:

Este lugar encontra-se no Monte de Góis, onde existem, bastantes contextos arqueológicos, na sua grande maioria manifestações rupestres. Com efeito, regista-se nas suas imediações, a sudeste, nove afloramentos gravados correspondentes à Chã das Carvalheiras, com motivos que se inscrevem na arte atlântica clássica e outros mais figurativos, como equídeos. A nordeste, a uma curta distância, o Penedo do Trinco e a uma maior distância, a Bouça Velha, predominando as representações de círculos concêntricos, cruciformes, um círculo com uma cruz inscrita, covinhas, sulcos retos e curvos e espirais (Viana, 1960; Valdez, 2010). A este regista-se o povoado fortificado do Castro do Monte de Góis tendo ocupação da Idade do Ferro e do período romano (Monteiro, 2003). A sudeste na vertente nascente do Monte de Góis registam-se cerca de dezasseis afloramentos gravados denominados de Almoladoras (Gomes, 2009). A sul regista-se as gravuras rupestres da Cachadinha e cerca de quatro afloramentos gravados de Góis pequeno. A sudoeste, regista-se o castro de Vilar de Mouros, com ocupação entre a Idade do Ferro e o período romano, no entanto Nuno Oliveira¹ identificou materiais correspondentes à Idade do Bronze. Neste

¹ Agradecimento a Nuno Oliveira por esta informação.

quadrante, em Caminha, num raio de 5km, regista-se um depósito de um machado de talão em bronze com duplo anel, possuindo cronologia da Idade do Bronze (Fortes, 1902; Savory, 1951; Ribeiro, 1969).

Historial:

A Laje das Fogaças é pela primeira vez referida através do registo de Francisco Martins Sarmento no ano 1887. Posteriormente, em 1929, Abel Viana publica o artigo *Insculturas rupestres de Lanhelas* na revista *Portucale* no qual apresenta vários afloramentos desta região no qual se inclui a Laje das Fogaças. Nos anos 50, Mário Cardoso realiza uma renomeação deste lugar através do contacto com as populações, no entanto foi corrigido posteriormente por Abel Viana. Em 1960, Viana, apresenta um novo artigo, agora denominado, *Insculturas rupestres do Alto Minho*, no qual apresenta um decalque da Laje das Fogaças e elabora uma descrição mais pormenorizada. No final da década de 60, um novo artigo é publicado, desta vez por Lanhas (1969), no qual inclui a Laje das Fogaças. No ano 1972, este afloramento é incluído no livro *A Pré-História de Portugal* de Manuel Santos. Em 1974 este afloramento é classificado como Monumento Nacional através do Decreto n.º 735/74. A partir da sua classificação e devido à sua importância no contexto da arte rupestre nacional, este afloramento foi sendo estudado e analisado em vários artigos, como por exemplo, Baptista (1984, 1986) e Alves (1985). No século XXI, foram feitos estudos de impacte ambiental e prospeções na área que se insere a Laje das Fogaças (Monteiro, 2003; Alves, 2005, 2006; Gomes, 2009). Em 2010, Valdez realiza a sua dissertação de mestrado intitulada *A Gravura na Arte Esquemática do Noroeste Peninsular. O Caso de Monte Góios (Lanhelas, Caminha)*, na qual analisa vários afloramentos, incluído a Laje das Fogaças, sobretudo no que diz respeito à aferição de visibilidades a partir dos afloramentos com o recurso aos SIG's. Alves (2013) elabora uma descrição da Laje das Fogaças que se insere no livro da autoria de Bettencourt (2013) denominado *A Pré-História do Noroeste Português*. Recentemente a mesma autora abordou com novas perspetivas este lugar (Bettencourt, 2019). O último artigo e decalque deste afloramento é de Mário Varela Gomes (2020).

Descrição física da superfície gravada:

Afloramento de grandes dimensões, rasante ao solo com um contorno trapezoidal. Possui cerca de 15 metros no sentido nordeste/sudoeste e cerca de 10,90 metros no sentido sudeste/noroeste (Fig. 52). É de granito alcalino de grão médio com algumas micas, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, 1C - Caminha, na escala 1/50 000 (Teixeira, 1961). Este

afloramento encontra-se tendencialmente aplanado na sua zona nordeste, acumulando água em algumas partes, embora com forte pendente para sul, sudoeste e oeste. Destaca-se, ainda, algumas grandes diáclases no sentido este/oeste que possibilitaram a subdivisão do afloramento em painéis. Na extremidade noroeste o afloramento apresenta-se mais degradado, tendo umas escadas contemporâneas em cima.



Figura 52 - Imagem área da Laje das Fogaças (Fonte: Ana Bettencourt).

Descrição dos motivos gravados:

Afloramento profusamente gravado, sobretudo na sua área central e a nascente, resultando em três painéis (Figs. 53, 54, 66, 67, 68).

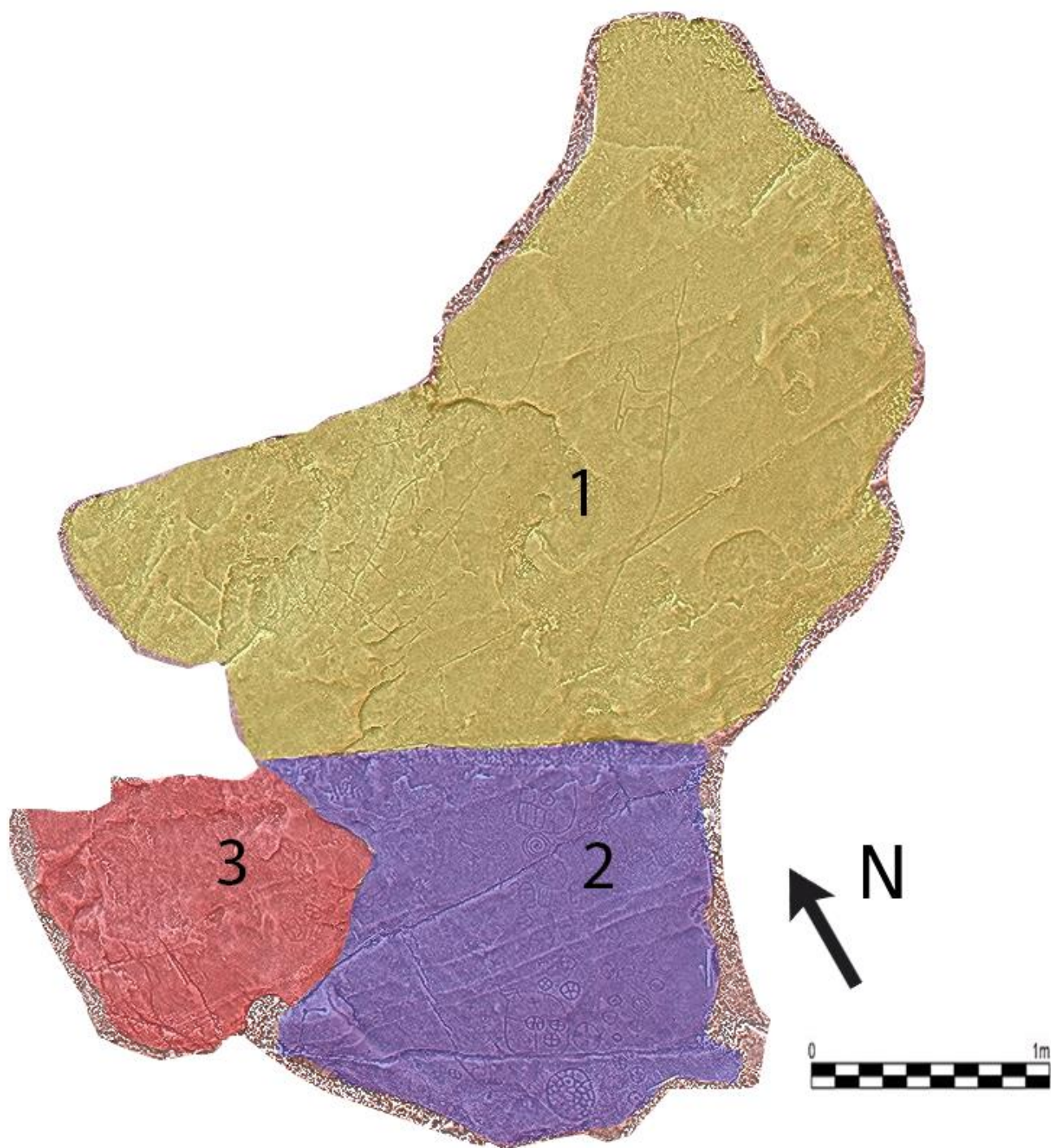


Figura 53 - Fotogrametria da Laje das Fogaças e respetiva divisão dos painéis.



Figura 54 - Fotogrametria da Laje das Fogaças.

O painel 1, localizado nos quadrantes nordeste, norte e noroeste do afloramento, separa-se do painel 2 por uma diáclase que se orienta no sentido sudoeste/nordeste.

Este painel caracteriza-se por se encontrar parcialmente gravado e possuir uma superfície aplanada na sua área nordeste, registando-se, a partir da mesma, um desnível para todo os

quadrantes do afloramento. Na sua área inferior, junto à diaclase, regista-se um círculo segmentado cujos segmentos orientam-se norte/sul e este/oeste, estando junto a outro círculo cujos segmentos são irregulares, sendo alguns deles curvos que partem de um pequeno retângulo que se localiza mais ou menos a meio do círculo. A oeste, parece existir a representação de um equídeo montado, com um cavaleiro portador de uma arma de arremesso (Fig. 55).

Na parte superior do painel, junto da área aplanada, constata-se que a figura dominante é um equídeo subnaturalista, de grandes dimensões, orientado a poente (Fig. 56). Por cima deste esboça-se outro equídeo subnaturalista, orientado para o mesmo lado, muito mais pequeno e erodido. No seu lado direito irrompe um sulco de grandes dimensões no sentido nordeste/sudoeste. No topo deste motivo, do seu lado esquerdo, observa-se outro equídeo subnaturalista orientado a nascente. Ainda deste lado da composição há o que parece ser o membro de outro quadrúpede. No lado direito do sulco, regista-se um possível quadrúpede subnaturalista, orientado a nascente e uma espiral. A noroeste do painel regista-se apenas um círculo simples. Na extremidade oeste do painel, já numa zona bastante declivosa e bastante acidentada apenas se observa algumas covinhas dispersas que poderão ser mais recentes.

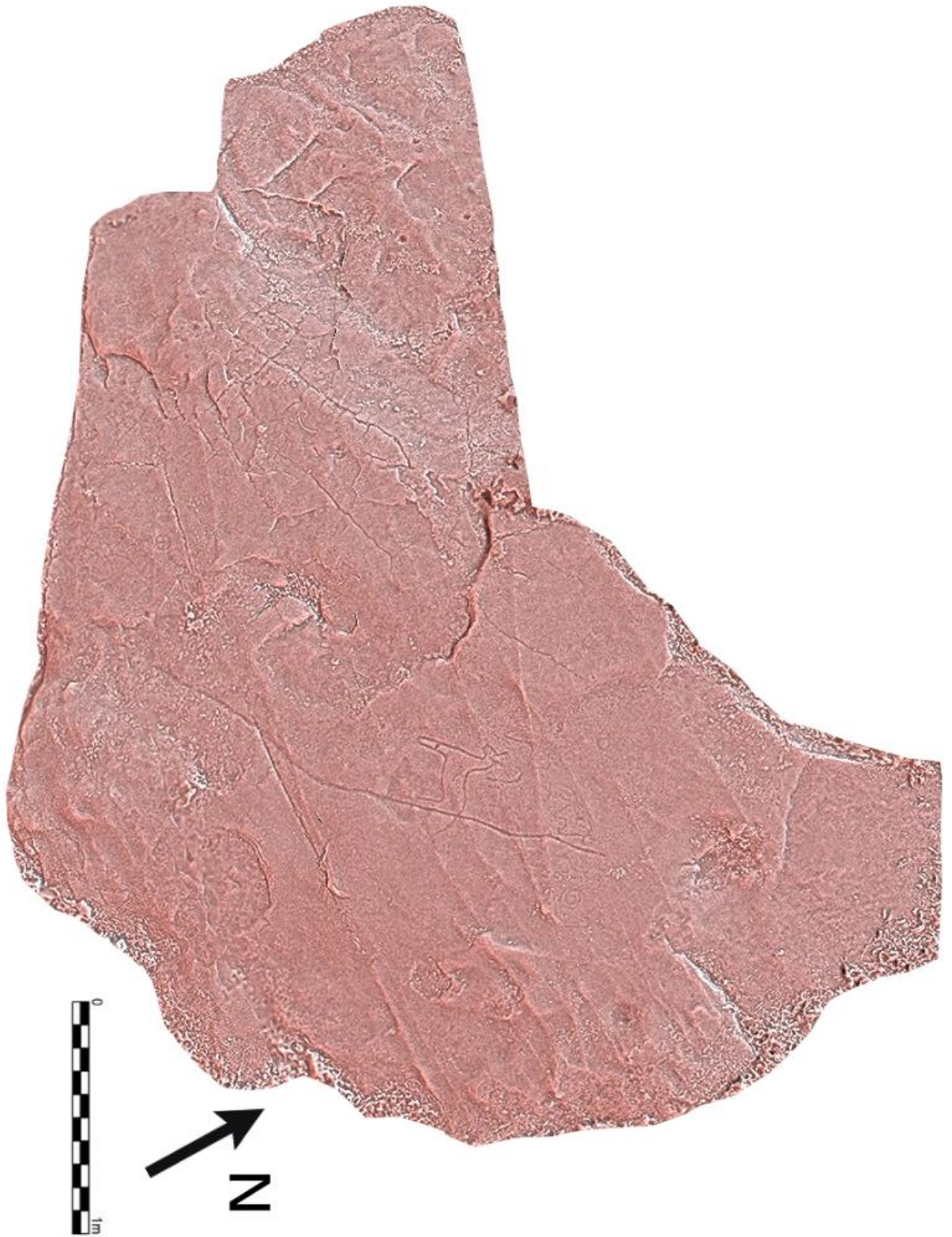


Figura 55 - Fotogrametria do painel 1 da Laje das Fogaças.



Figura 56 - Pormenor do painel 1 da Laje das Fogaças (Fonte: Ana Bettencourt).

O painel 2 ocupa a base, o centro e toda a parte este do afloramento. Localiza-se a sul do painel 1 e a este do painel 3, separa-se de ambos por uma diaclase a nordeste e por uma zona mais irregular a oeste, respetivamente. Caracteriza-se por ter uma superfície com a pendente bastante inclinada para sudeste, sul e sudoeste. Devido a ser um painel bastante extenso, subdividiu-se, através das diaclases, o mesmo em painel 2A, 2B e 2C, correspondendo a parte superior, intermédia e inferior, respetivamente (Fig. 57).

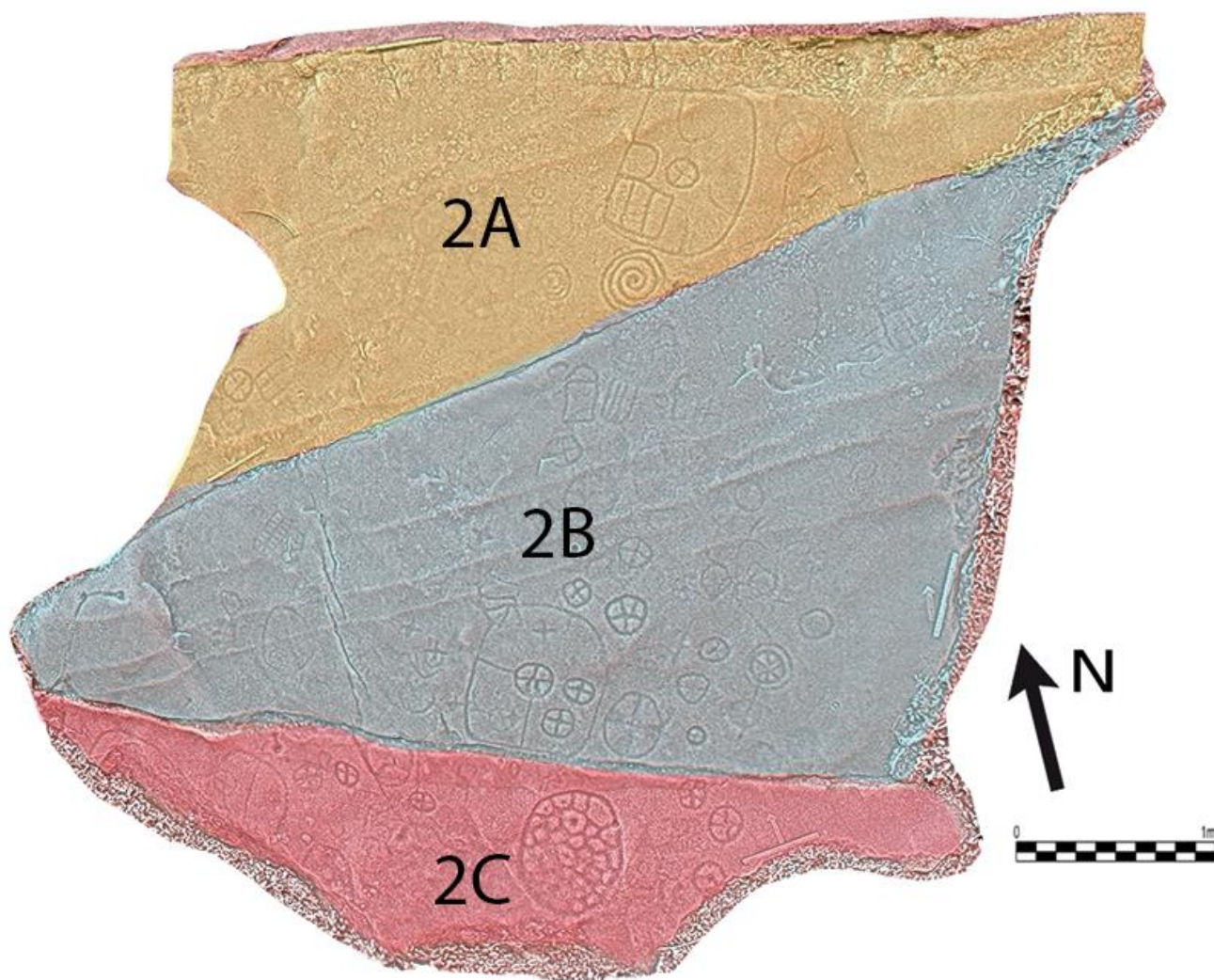


Figura 57 - Fotogrametria do painel 2 da Laje das Fogaças.

A parte superior do painel 2A, localiza-se a sul do painel 1, apenas apresenta gravuras no quadrante sudoeste e pelo lado oeste (Fig.58, 64). A oeste, destaca-se a presença de uma grande figura subcircular, perto da área central, possuindo no seu centro, um círculo segmentado com os seus segmentos orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. Associado a este motivo, ainda no interior da grande figura subcircular, observa-se a sudoeste um retângulo segmentado em três partes, tendo um círculo simples adossado à sua extremidade superior. Note-se, ainda, no interior desta grande figura, a presença de sulcos que indiciam semicírculos. No lado direito desta figura, surge associado um círculo segmentado em duas partes. Adossado a este, pelo seu exterior, existe um sulco se prolonga até a uma diáclase que fica a sul. A sul da composição principal regista-se uma espiral estando, do seu lado esquerdo um círculo concêntrico com três voltas ou uma espiral (?).



Figura 58 – Laje das Fogaças painel 2A.

A área central do painel, painel 2B, separa-se do painel 2A por uma diáclase a sul, caracteriza-se por possuir a superfície mais profusamente gravada de todo o afloramento (Fig. 59).

Na extremidade nordeste deste painel, junto à diaclase que o separa do painel 2A, surgem alguns motivos, estando a maior parte dos mesmos bastante erodidos e, conseqüentemente, pouco perceptíveis. Assim sendo, apenas se consegue identificar um círculo segmentado que possui os seus segmentos orientados no sentido norte/sul e este/oeste.

Na parte superior, ao centro, identifica-se uma figura retangular com uma extremidade arredondada (idoliforme?), um retângulo segmentado por diversos sulcos na vertical e, abaixo, alguns círculos segmentados e simples (alguns bastante erodidos). Dois destes motivos segmentados dividem-se em quatro partes e um em cinco partes. Este último possui os seus segmentos orientados norte/sul e este/oeste, possuindo um segmento orientado a nordeste. O círculo segmentado localizado acima do anterior possui os seus segmentos orientados noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste, o círculo segmentado à sua esquerda possui os seus segmentos orientados para norte/sul e este/oeste.

Na parte inferior do painel há uma composição principal - uma grande figura subcircular que se localiza no centro. No interior deste motivo regista-se a presença de um círculo segmentado precisamente localizado no centro. A este se conectam dois sulcos, um vindo de poente e outro vindo de sul. Associados a este motivo surgem mais dois círculos segmentados, do lado direito,

estando inseridos no interior da grande figura subcircular. Os segmentos dos três círculos segmentados orientam-se nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. Dentro desta composição figura um cruciforme recente, na parte superior, e um círculo simples no quadrante sudoeste da mesma. Sobrepondo-se ao aro norte da grande figura subcircular ocorre um quadrúpede. Por cima deste, parece existir um outro, figurado apenas pela linha cérvico-dorsal do animal.

No lado direito desta composição, observa-se uma grande quantidade de motivos. Desde logo, regista-se a presença de um círculo segmentado de grandes dimensões estando os seus segmentos orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. Junto deste motivo surge uma grande figura subcircular, com a particularidade de o sulco estar bastante erodido. No seu interior, possui um círculo segmentado em seis partes tendo um círculo simples a envolvê-lo, possui um sulco, a sul, que conecta esta figura a um círculo em baixo-relevo. Os segmentos do círculo segmentado orientam-se nos sentidos, nordeste/sudoeste, noroeste/sudeste e este/oeste. Dentro da figura subcircular, no quadrante sudoeste, registam-se dois círculos segmentados, adossados ao sulco delimitador, que possuem os seus segmentos orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. No quadrante nordeste no interior da figura subcircular encontra-se apenas um círculo simples. Na área exterior desta figura, observam-se alguns motivos por vezes indeterminados, entre os quais se identificam dois possíveis equídeos subnaturalistas, que foram sobrepostos pela composição circular anteriormente descrita.

Por fim, na extremidade poente, junto a uma diaclase que se orienta norte/sul, observa-se, na parte superior, um pequeno equídeo montado (?) que se parece dirigir para um reticulado inscrito numa oval estreita e imperfeita. Por baixo desta composição há um pequeno círculo imperfeito, associado a um pequeno sulco e, um outro círculo imperfeito, de maiores dimensões, que aparenta ter um círculo segmentado, podendo os seus segmentos estar orientados norte/sul e este/oeste no seu interior, a sudoeste. Há, ainda, cruces gregas e um sulco em “L” que remata com uma covinha em cada vértice, que são muito recentes.



Figura 59 - Laje das Fogaças painel 2B.

Na base do afloramento, no painel 2C, observa-se, a nascente, um círculo segmentado cujos segmentos se orientam nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste (Figs. 60, 61, 62, 63). Acima deste motivo observa-se um círculo com um segmento vertical que é intercetado por dois sulcos horizontais paralelos entre si. Na parte inferior em relação ao círculo segmentado, regista-se um semicírculo com covinha central, infelizmente, destruído. Na área central observa-se uma grande figura oval que possui, no seu interior, sulcos que se interligam e que criam pequenos círculos em alto relevo, possuindo alguns destes motivos uma covinha central. Este grande motivo, apresenta-se bastante erodido a sudoeste. Os motivos a que está associado são, na extremidade norte, junto a uma diaclase, dois semicírculos paralelos que se adoçam a esta a figura, do lado direito, observa-se um círculo simples bastante erodido. À esquerda desta composição central registam-se dois círculos simples e um semicírculo com um pequeno compartimento no seu interior, estando este motivo interrompido por uma diaclase a norte. Na parte inferior destes motivos, registam-se três círculos segmentados, dos quais dois possuem os seus segmentos orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste, apenas um possui os seus segmentos orientados nos sentidos norte-nordeste/su-sudeste e este/oeste. Na extremidade sudoeste da base do painel, regista-se um semicírculo com três motivos circulares em alto relevo. Na extremidade oeste, regista-se um grande semicírculo irrompido por um sulco

vertical que se prolonga para lá dos limites do motivo a nordeste. Dentro deste motivo regista-se um círculo segmentado, cujos segmentos orientam-se noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. Acima desta composição observam-se duas covinhas profundas interligadas por um sulco, também ele profundo. Do lado esquerdo, regista-se um sulco curvo parcialmente destruído ao qual se associa um semicírculo com covinha central, do qual parte um sulco orientado a norte.



Figura 60 - Laje das Fogaças painel 3C.



Figura 61 - Pormenor de um círculo segmentado no painel 2 da Laje das Fogaças.



Figura 62 - Pormenor do painel 2 da Laje das Fogaças.



Figura 63 – Pormenor do painel 2 da Laje das Fogaças



Figura 64 - Pormenor do painel 2 da Laje das Fogaças

O painel 3, encontra-se na extremidade oeste do afloramento, a oeste do painel 2a e sudoeste do painel 1. Estabelece-se numa área bastante declivosa e rugosa, estando parcialmente gravado. Separa-se do painel 2a pela presença de várias diaclases que materializam uma zona bastante irregular.

Este painel evidencia uma maior concentração dos seus motivos no seu quadrante sudeste. Aí observa-se um retângulo segmentado, dois círculos segmentados, um dos quais muito erodido e inscrito num círculo maior. Ambos têm os seus segmentos orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste (Fig. 62). Há, ainda um pequeno retângulo, de onde saem dois pequenos sulcos. Numa zona mais elevada e cónica do afloramento regista-se um círculo concêntrico com cinco voltas, junto a uma diáclase no limite sul com o painel 2a. Na extremidade oeste não existe evidência de motivos gravados.

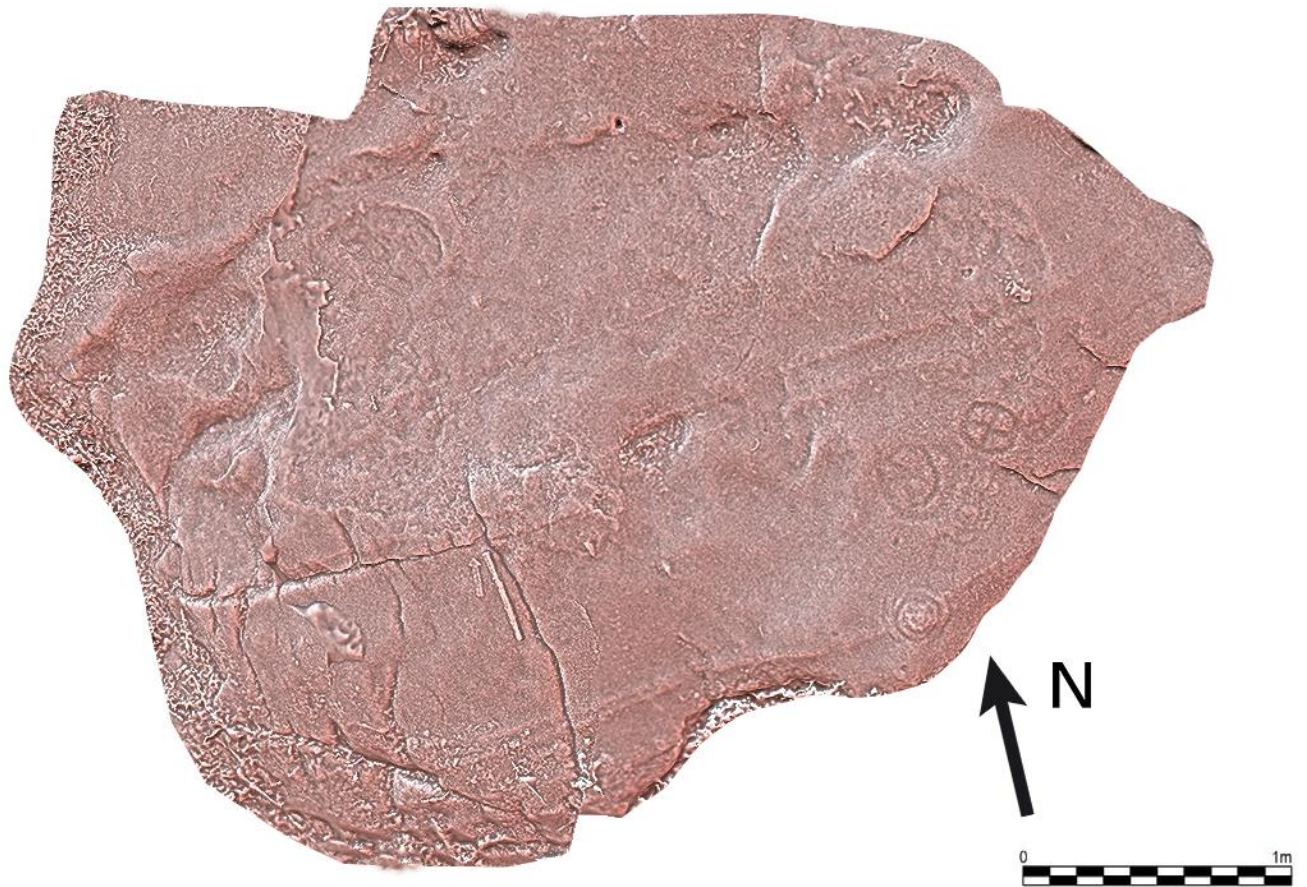


Figura 65 - Fotogrametria do painel 3 da Laje das Fogaças.

Técnica: picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: razoável.

Classificação: MN – Monumento Nacional, Decreto n.º 735/74, DG, I Série, n.º 297, de 21-12-1974.

Bibliografia: Sarmiento, 1887; Viana, 1929; Cardoso, 1950; Viana, 1960; Lanhas, 1969; Santos, 1972; Baptista, 1984; Alves, 1985; Baptista, 1986; Monteiro, 2002; Alves, 2005, 2006; Gomes, 2009; Valdez, 2010; Alves, 2013; Bettencourt; 2019; Gomes, 2020; dados inéditos.

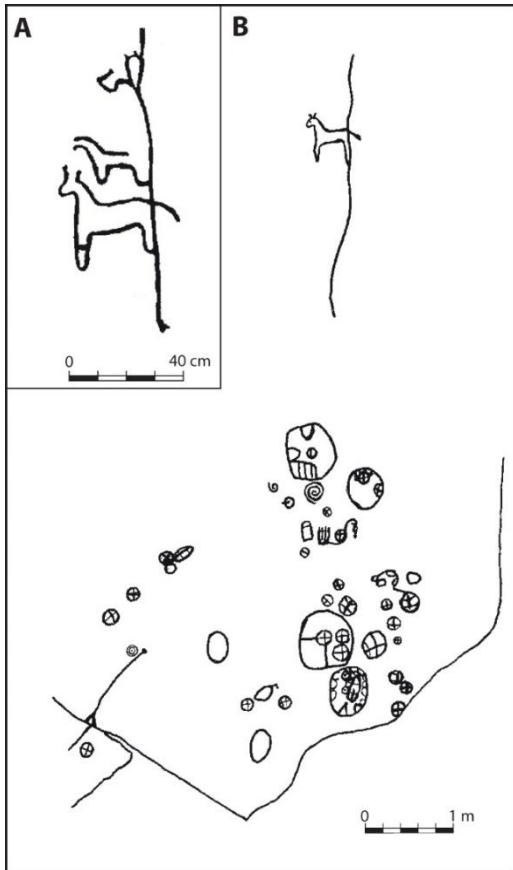


Figura 66 - Decalque da Laje das Fogaças (Fonte: Ana Bettencourt).



Figura 67 - Decalque da Laje das Fogaças (Fonte: Gomes, 2020).



Figura 68 - Laje das Fogaças vista desde sudeste.

9) Pombas 2

Localização administrativa: Viana do Castelo/Caminha/União de Freguesias de Arga/Pombas.

Coordenadas: N 41° 50' 43" / O 8° 42' 17"

Altitude: cerca de 510 metros.



Figura 69 – Localização de Pombas 2 em excerto da Carta Militar nº 15, escala 1/25 000, CI Geo.

Acesso: Chegando a Arga de Baixo seguir a estrada EM 552 que vai em direção a Arga de Cima. Após algumas centenas de metros, à esquerda, existe um caminho em terra batida que tem uma casa abandonada nas suas imediações. Seguir por esse caminho até atravessar a Ponte das Traves. De seguida, subir por um pequeno caminho de terra batida que cruza com um outro mais largo. Nesse cruzamento, seguir pela direita e subir até chegar à primeira curva que desvia para a esquerda. As gravuras situam-se a cerca de 300 metros do caminho para norte-nordeste, num amontoado de afloramentos onde existe um abrigo.

Contexto físico e ambiental:

Afloramento localizado num pequeno outeiro no topo aplanado do Monte de Pombas, no qual abunda xisto e quartzo, provocando um efeito de brilho quando observado à distância. A sudoeste deste lugar corre o ribeiro da Arga, afluente do ribeiro de S. João, que por sua vez tributa o rio Coura, afluente da margem direita do rio Minho (Fig. 69). Para além disso, existem evidências da existência de águas subterrâneas a norte e nordeste do afloramento, caracterizando-se por ser uma zona de acumulação de água onde, outrora, foram cultivados o milho e o centeio.

O substrato geológico que se apresenta neste local são xistos andaluzíticos, no que diz respeito aos recursos mineiros metálicos, revela-se impressionante a quantidade de vestígios de exploração e da existência de estanho junto deste sítio arqueológico bem como da serra de Arga, na qual Pombas 2 está inserido (Teixeira, 1961) (Fig. 70).

O coberto vegetal, consiste sobretudo na presença de pinheiros e, no que diz respeito à vegetação arbustiva, observa-se a presença de tojo e urze.

A partir deste lugar reúnem-se boas condições visibilidade e observação do ciclo solar, destacando-se os quadrantes noroeste, norte, nordeste, sudeste, denotando-se uma ligeira diminuição do alcance ocular para os quadrantes sul, sudoeste e oeste, devido à presença de vegetação arbórea. Sem a presença desta vegetação, este afloramento teria uma excelente exposição solar.

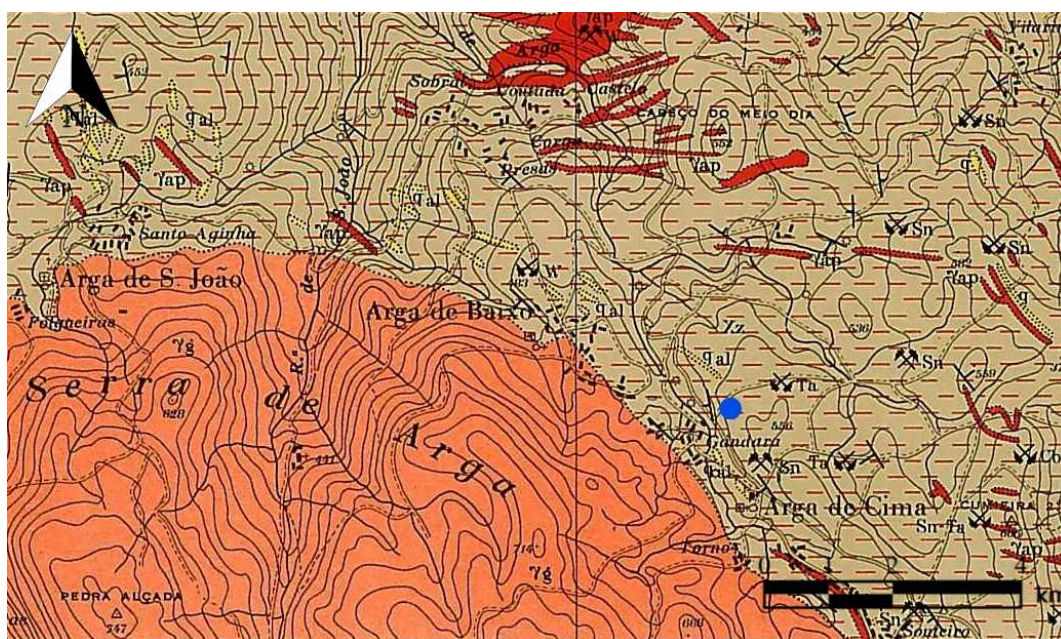


Figura 70 – Localização de Pombas 2 em excerto da Carta Geológica 1C – Caminha, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Pombas 2 integra um conjunto de mais dois afloramentos que contêm gravuras rupestres com reticulados e outros motivos difíceis de interpretar, mas que se afastam da gramática atlântica

Descrição física da superfície gravada:

Afloramento pouco destacado do solo, de contorno subretangular, composto por xistos andaluzíticos, segundo a Carta Geológica de Portugal, folha 1-C Caminha, na escala 1/50 000 (Teixeira, 1961) (Fig. 71). As suas dimensões consistem em cerca de 6,45 metros no sentido noroeste/sudeste e cerca de 4,87 metros no sentido nordeste/sudoeste. Possui a sua pendente ligeiramente inclinada a sudoeste. Caracteriza-se por ter duas áreas distintas, uma mais elevada a noroeste, na qual se encontram as gravuras, sendo o seu topo, mais ou menos aplanado, ligeiramente inclinada para sudoeste. Como é elevado do solo, a partir do topo, existe declive acentuado para todas as direções. A sudoeste observa-se uma área que acumula água e que tende a aplanar toda essa superfície, materializando o segundo patamar. Aí notam-se, alguns estalamentos.



Figura 71 - Vista geral sob Pombas 2, onde se pode observar a área de lameiro a este.

Descrição dos motivos gravados:

Na área sobrelevada regista-se a presença de uma composição na qual se inserem um grande círculo segmentado do qual sai um sulco (Figs. 72, 73). Este motivo apresenta os seus segmentos orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. A sul deste motivo surge um cruciforme (cruz grega). A oeste deste observa-se um círculo segmentado bastante erodido, no qual se consegue perceber que os seus segmentos se orientam, igualmente, nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste, tendo a sul a presença de uma cruz grega (Figs. 74, 75). Na área deste motivo, a norte, observa-se um quadrado segmentado que possui uma covinha em cada compartimento, encontrando-se os seus segmentos orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. Trata-se de um motivo de arte esquemática antiga, ao qual se parecem ter adicionado círculos segmentados (Fig. 76). Por fim, a sudeste do painel, na extremidade, regista-se apenas duas covinhas.

Técnica: percussão seguida de abrasão.

Estado de conservação: razoável, apesar de um painel estar bastante erodido.

Bibliografia: inédito; agradecimento a Cândido Verde pela localização do afloramento.

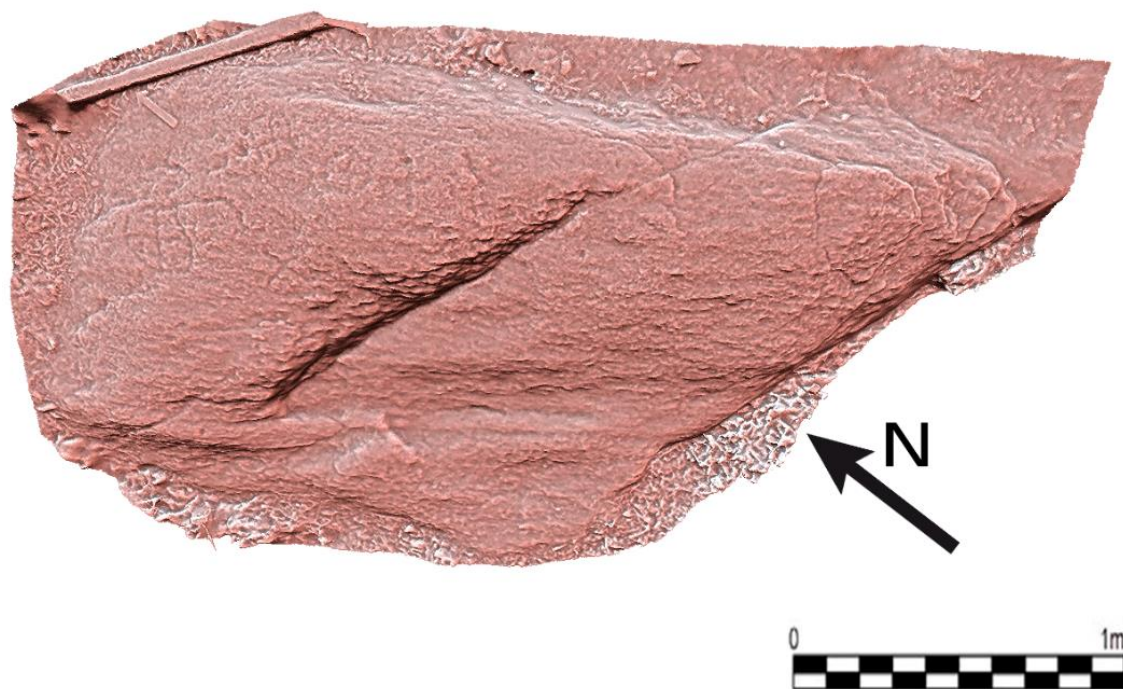


Figura 72 - Fotogrametria do painel 1 de Pombas 2.

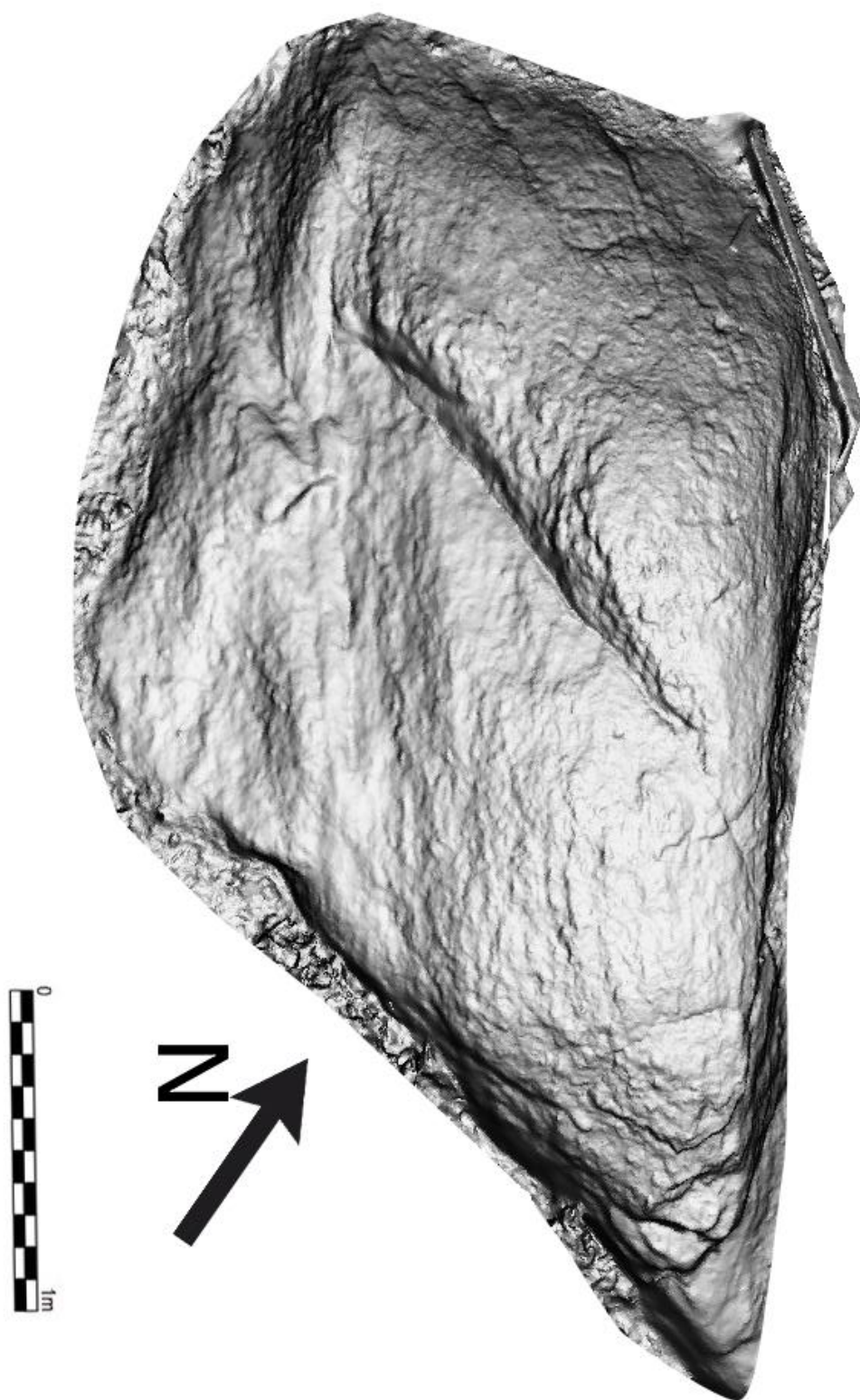


Figura 73 - Fotogrametria do painel 1 de Pombas 2.



Figura 74 - Vista 3D do painel 1 de Pombas 2.

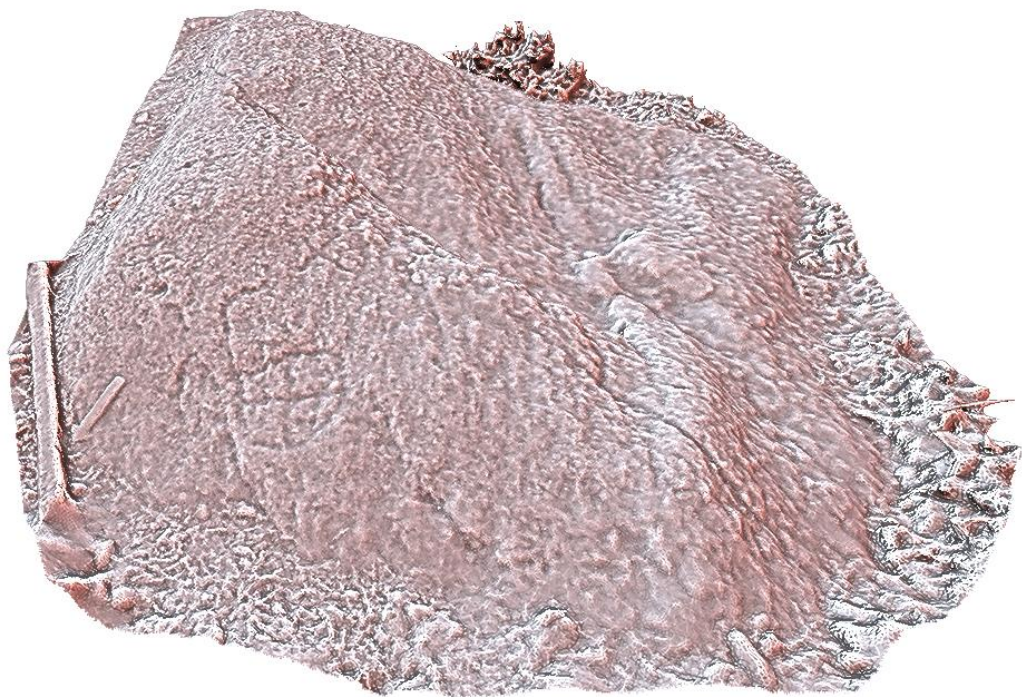


Figura 75 -Vista 3D do painel 1 de Pombas 2.



Figura 76 - Pormenor da superfície gravada de Pombas 2.

2.2.3 Melgaço

10) Alto da Portela do Pau/ Pau

Localização administrativa: Viana do Castelo/Melgaço/União de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro/Pau.

Coordenadas: N 42° 4' 9" / O 8° 5' 42"

Altitude: cerca de 1250 metros.

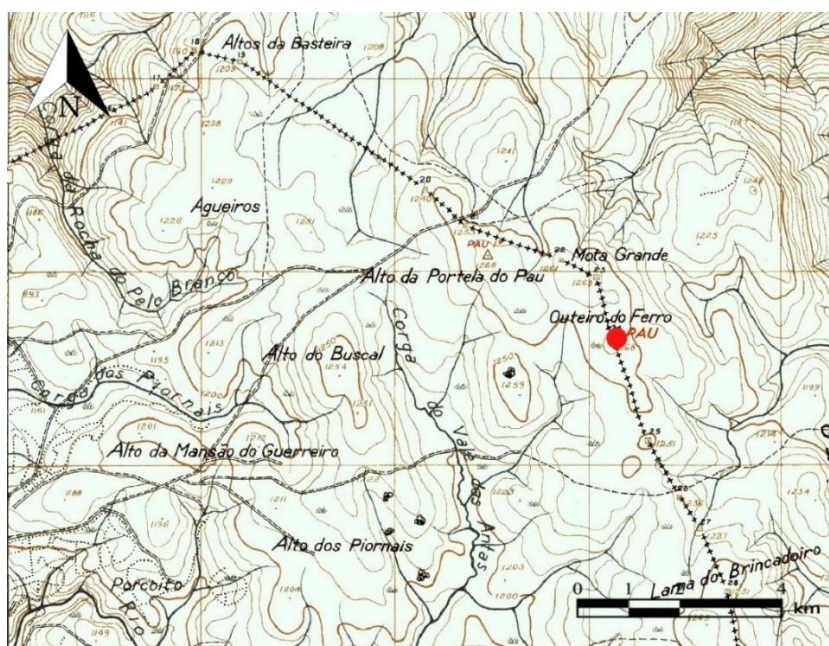


Figura 77 – Localização de Alto da Portela do Pau/Pau em excerto da Carta Militar n° 5, escala 1/25 000, CIGeoe.

Acesso: Partindo de Castro Laboreiro em direção à Vila de Melgaço, pela E.N. 202.3, encontra-se, a cerca de 1200 m, à direita, a E.M. 1158, que segue em direção à Branda do Rodeiro. Chegando à Branda, seguir pelo estradão de terra batida que fica a norte do lugar e que dá acesso ao planalto. Prosseguindo por esse estradão durante 2 km, percorrendo o trilho do megalitismo do Alto da Portela do Pau através das placas, deve chegar-se a esse lugar. A rocha gravada ficará junto a um marco de divisão da fronteira entre Portugal e Espanha, mais concretamente a Galiza, a sudeste da mamoa visitável.

Contexto físico e ambiental:

A rocha gravada do Pau, situa-se no planalto de Castro Laboreiro, em plena Serra da Peneda. Localiza-se no pequeno outeiro do Pau junto a um marco de divisão territorial entre Portugal e Espanha, nas imediações de pequenas elevações, como o Alto da Portela do Pau e o Alto da Mansão do Guerreiro, a sudeste (Fig. 77). Este lugar está próximo da nascente da Corga do Vale das Antas, que fica a sudoeste, e da Lagoa dos Piornais, que fica a oeste. O terreno envolvente é caracterizado por possuir lameiros que acumulam água. Nas imediações deste lugar são observáveis vários blocos e afloramentos graníticos de pequenas e médias dimensões de granito porfiróide calco-alcálico, de duas micas, com biotite predominante, havendo ainda evidência da presença de quartzo, não existindo evidência da presença de recursos mineiros metálicos (Teixeira, 1969) (Fig. 78).

Insere-se numa zona de pastoreio, sobretudo de animais de grande porte (gado bovino e equino). A vegetação predominante é a arbustiva, com a presença do tojo e urze. Situa-se junto de alguns caminhos pedestres a nascente e a poente.

A norte, nordeste e este são observáveis alguns montes imponentes do lado galego. Para sul estende-se um grande planalto, sendo observável a uma considerável distância um grande outeiro de granito.

Relativamente às visibilidades, é possível ter um domínio visual sobre uma vasta área, excetuando parte do quadrante noroeste. Afloramento com uma boa exposição solar (Fig. 79).

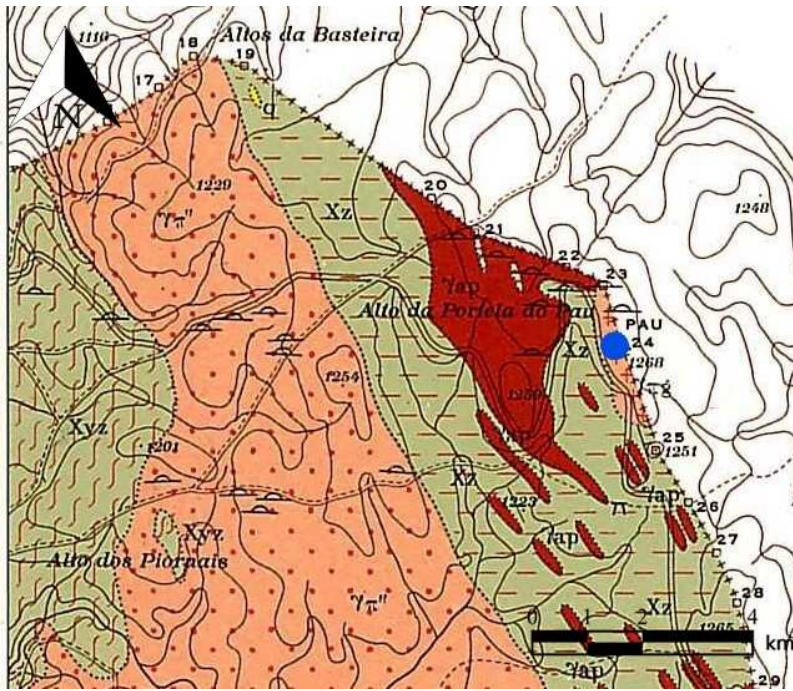


Figura 78 – Localização de Alto da Portela do Pau/Pau em excerto da Carta Geológica 2A – Portos, escala 1/50 000, LNEG.



Figura 79 - Vista nordeste sobre o afloramento gravado de Alto da Portela do Pau/Pau e do planalto de Castro Laboreiro.

Contexto arqueológico:

Desde o lugar onde estão localizadas as gravuras é visível, do lado galego, dois monumentos funerários megalíticos da Mota Grande, a norte. No quadrante noroeste é possível observar o complexo funerário megalítico do Alto da Portela do Pau (Jorge *et al.*, 1997), quase na sua totalidade, os monumentos funerários megalíticos de Lamas do Rego 1 e 2 e os monumentos funerários megalíticos do Alto do Buscal (Rodrigues, 2009). A sudoeste vislumbra-se o complexo funerário megalítico do Alto da Mansão do Guerreiro (Rodrigues, 2009). Apesar de não serem visíveis é pertinente realçar a presença das gravuras rupestres do Fieiral 1 e 2 que possuem, em certa medida, a mesma temática representada no que diz respeito aos círculos segmentados.

Descrição física da superfície gravada:

Afloramento bastante destacado do solo de contorno ovalado, inserido num caos de blocos (Fig. 80). É de granito porfiroide calco-alcalino, de duas micas, com biotite predominante, de grão fino e com algumas incrustações de quartzo, segundo a Carta Geológica de Portugal, folha 2A – Portos, à escala 1/50 000 (Teixeira, 1969). Caracteriza-se por ser um afloramento de médias dimensões, possuindo cerca de 5,10 metros no sentido noroeste/sudeste, cerca de 3,10 metros no sentido norte/sul e cerca de 1,20 metros de altura. Possui uma zona aplanada a noroeste e oeste do afloramento, observando-se um grande declive para as zonas limítrofes. A pendente da superfície inclina-se para sul, sudoeste e sudeste.



Figura 80 - Caos de blocos onde se encontram as gravuras de Alto da Portela do Pau/Pau.

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento apenas possui um conjunto de gravuras no quadrante a oeste da zona aplanada (Fig. 81). Assim sendo observa-se, na extremidade norte, um círculo bastante erodido, eventualmente segmentado, facto que não é completamente perceptível. A oeste deste motivo surge um cruciforme (cruz latina) associado a uma oval com uma cruz latina no seu interior, motivo gravado com um sulco mais profundo e largo, do que os restantes motivos. Deste motivo parte um sulco em direção a sul que se articula com um novo círculo segmentado com um sulco menos profundo e não tão visível, cujos segmentos, que se orientam nos sentidos norte/sul e este/oeste, não atingem o círculo em três dos seus lados. Adossado a este último motivo regista-se um quadrado segmentado, do qual parte um sulco em direção a sudoeste, articulando-se com uma oval com uma cruz latina no seu interior. Este último motivo tem a particularidade de possuir uma covinha em cada interceção dos segmentos com a oval, contabilizando-se, assim, quatro covinhas. Deste motivo parte igualmente um sulco em direção a sudoeste, articulando-se com um círculo segmentado, cujos segmentos se orientam a noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste (Fig. 82). Fora deste motivo regista-se apenas uma covinha, a sudoeste. Por fim e acima deste último motivo, regista-se apenas um cruciforme (Fig. 83).

A particularidade da maioria destes motivos afasta-os dos círculos segmentados em estudo e considerados pré-históricos ou proto-históricos, quer por alguns resultarem de cruces inscritas em ovais, quer por, noutros casos, os segmentos não atingirem o círculo exterior dando-lhe um ar atípico. Deste modo, a título hipotético, consideram-se como sendo históricos e talvez relacionados com a demarcação de termos, talvez da própria fronteira, local onde estas gravuras se localizam (Fig.84).



Figura 81 - Fotogrametria das gravuras do Alto da Portela do Pau/Pau.

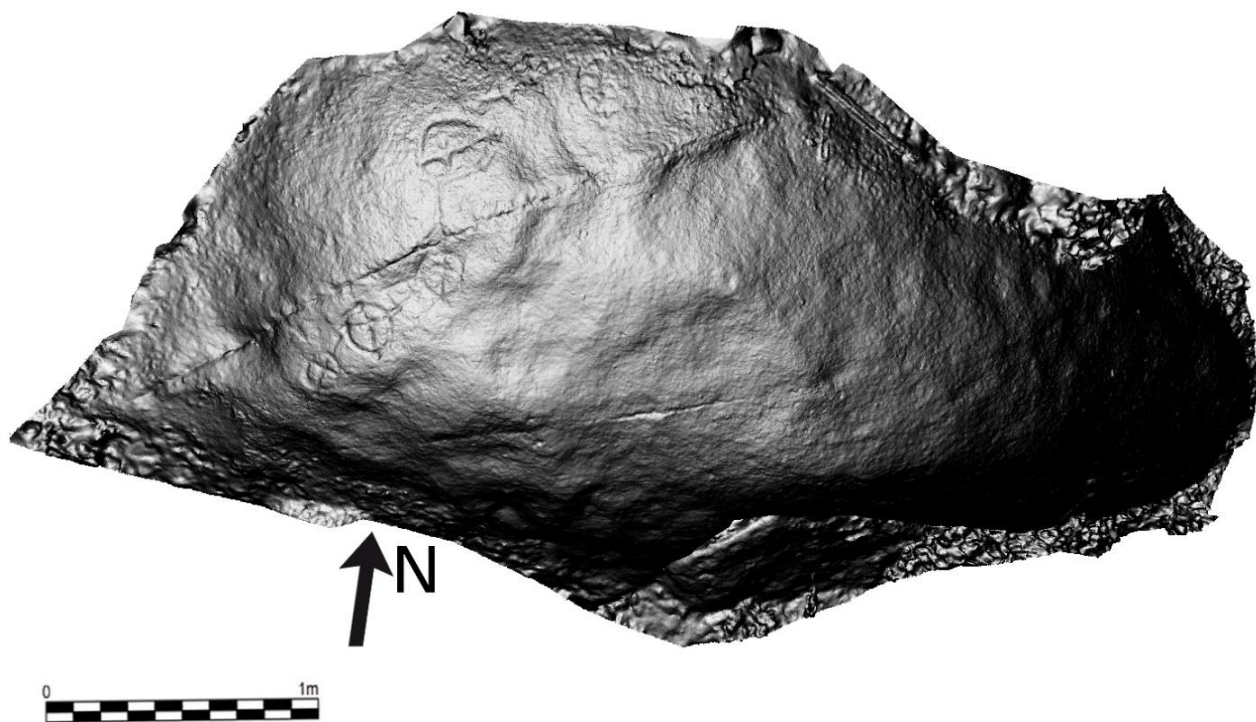


Figura 82 - Fotogrametria das gravuras do Alto da Portela do Pau/Pau.

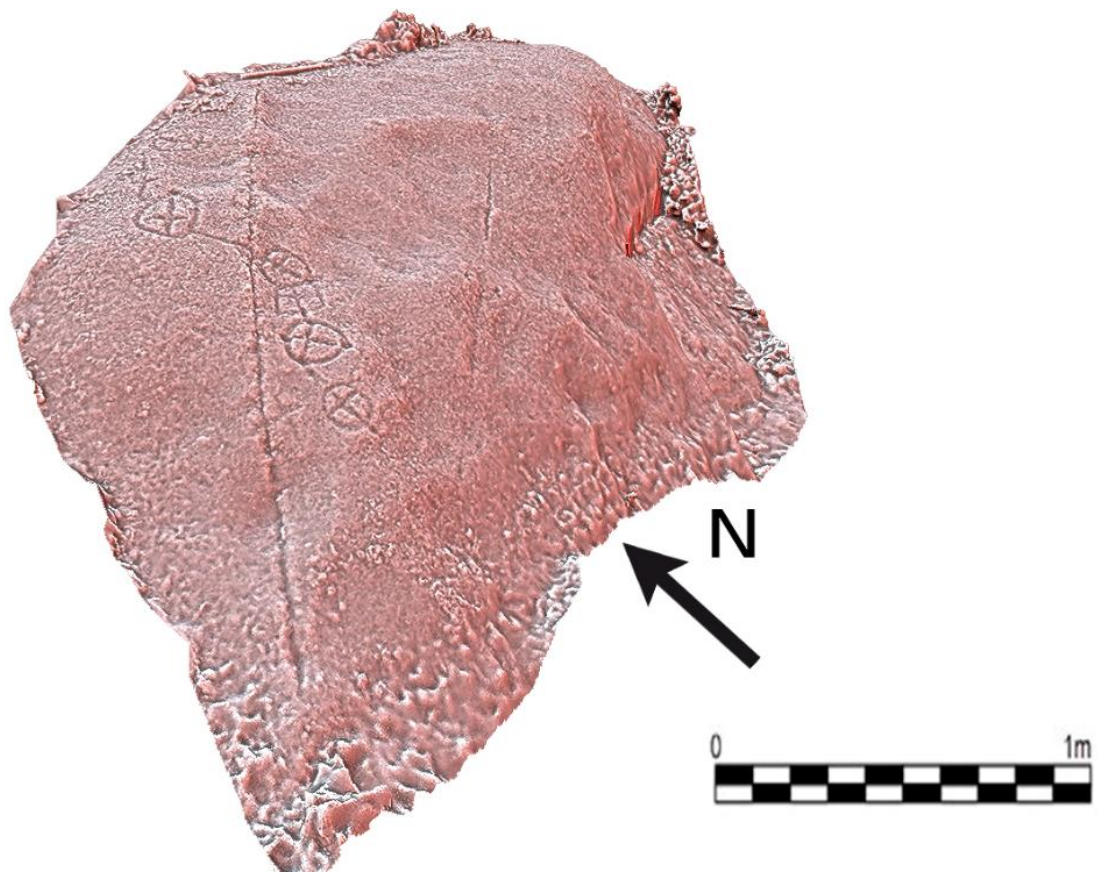


Figura 83 - Vista 3D das gravuras do Alto da Portela do Pau/Pau.



Figura 84 - Pormenor da oval com cruz inscrita no seu interior de Alto da Portela do Pau/Pau.

Técnica: picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: razoável, bastante exposto aos agentes erosivos.

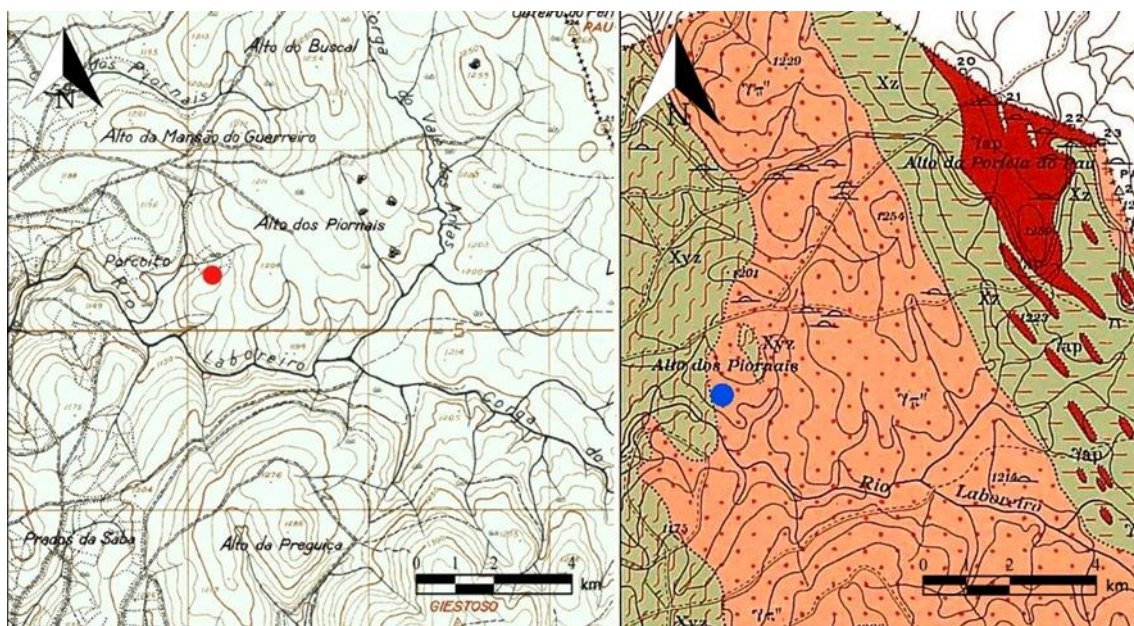
Bibliografia: inédito; agradecimento a Cândido Verde pela localização do afloramento.

11) Fieiral 1

Localização administrativa: Viana do Castelo/Melgaço/União de freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro

Coordenadas: N 42° 3' 18" / O 8° 7' 9"

Altitude: cerca de 1170 metros.



*Figura 85 – Localização de Fieiral 1 em excerto da Carta Militar n.º 5, escala 1/25 000, CIGeo.;
Localização do Fieiral 1 em excerto da Carta Geológica 2A – Portos, escala 1/50 000, LNEG.*

Acesso: Partindo de Castro Laboreiro em direção à Vila de Melgaço, pela E.N. 202.3, encontra-se a cerca de 1200 m, à direita, a E.M. 1158, que segue em direção à Branda do Rodeiro. Chegando à Branda, seguir pelo estradão de terra batida que fica a norte do lugar e que dá acesso ao planalto. Prosseguindo por esse estradão durante 2 km, encontra-se um caminho de pé posto, à direita, que deve ser percorrido durante 700 m. Este caminho leva a uma pequena elevação onde, a aproximadamente 500 m para sul, se encontra o Fieiral.

Contexto físico e ambiental:

Fieiral 1 localiza-se no planalto de Castro Laboreiro, na Serra de Peneda, na base da vertente sudeste do Alto dos Piornais, em área sobranceira a uma linha de água que corre para o rio Laboreiro. Trata-se de um local de passagem e de acumulação de água, sendo que o Fieiral 1 ocupa a margem direita do rio Laboreiro (Fig. 85). Observa-se, ainda, a norte, a Corga dos Piornais,

a noroeste, a Corga de Vale de Antas e, nas imediações do afloramento, a Corga do Fieiral. Registam-se inúmeros lameiros nas suas imediações.

A geologia local é caracterizada por ser bastante diversificada, registando-se a presença de granito alcalino, em geral moscovítico, orientado, xisto e quartzo, este último por vezes proporciona paisagens reluzentes (Texeira, 1961) (Fig. 85). Existe presença de estanho a cerca de 5 km para sul deste local.

No que diz respeito ao coberto vegetal, predomina a vegetação arbustiva, consistindo no tojo e na urze. Destaca-se a atividade da pastorícia, praticada nesta área, predominando o pastoreio de animais de grande porte, sobretudo gado bovino e equino.

Relativamente às questões da visibilidade, o Fieiral está rodeado por vários cumes: a nordeste o Alto dos Piornais, a norte o Alto da Mansão do Guerreiro e a sudeste o Alto da Preguiça e o Giestoso. A maior visibilidade verifica-se para oeste e para sul. Este afloramento possui uma excelente exposição solar (Fig. 86).



Figura 86 - Esquerda: Vista sobre o Fieiral 1 a partir de nordeste, com Fieiral 2 ao fundo; Direita: Fieiral 1 visto de noroeste.

Historial:

As gravuras do Fieiral, foram desde sempre conhecidas pela população local. No entanto, foram referidas cientificamente, pela primeira vez, em 1986 por Baptista. Mais tarde, Machado (1991), insere-as no *Grande dicionário da língua portuguesa*. Em 1995, são referidas na inventariação levada a cabo por Dordio para o SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico). Baptista (1997), volta a abordar estas gravuras no contexto da arte megalítica do planalto de

Castro Laboreiro. Bettencourt e Rodrigues (2013), publicam uma breve descrição sobre estas gravuras.

Contexto arqueológico:

Fieiral 1 situa-se no seio da necrópole megalítica do planalto de Castro Laboreiro (Rodrigues, 2009), existindo, a poente, a cerca de 500 metros o monumento funerário megalítico do Porcoito 1 e, a cerca de 450 metros, a norte, o monumento funerário megalítico do Alto dos Piornais, ambos balizados entre o Neolítico e o Calcolítico (Bettencourt & Rodrigues, 2013). A nordeste regista-se o monumento funerário megalítico da Corga das Antas (Bettencourt & Rodrigues, 2013) e, a uma maior distância, regista-se o complexo megalítico (Jorge *et al.*, 1997) e as gravuras do Alto da Portela do Pau, tendo as gravuras a mesma tipologia de motivos porém mais recente, estando todos estes monumentos situados entre o Neolítico e Calcolítico. Para além disso, há a registar a constante intervisibilidade e inter-relação com o Fieiral 2, quer pela proximidade física quer pela proximidade da temática gravada.

Descrição física da superfície gravada:

Afloramento destacado do solo de grandes dimensões, com um contorno oval. Possui cerca de 10,20 metros no sentido noroeste/sudeste e cerca de 8,80 metros no sentido este/oeste, tendo ainda uma altura de cerca de 0,50 metros (Fig. 87). É de granito alcalino, em geral moscovítico, orientado, de grão fino, de tipo Castro Laboreiro, com alguma quantidade micas, segundo a Carta Geológica de Portugal, folha 2A – Portos, à escala 1/50 000 (Texeira, 1961; Bettencourt & Rodrigues, 2013). A sua pendente norte é caracterizada por ter uma profusão de diaclases, sobretudo orientadas a nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste, criando uma divisão natural de painéis. A zona central caracteriza-se por ser aplanada a norte, possuindo um declive algo acentuado para sul, no entanto regista-se uma depressão natural, com encaves de quartzo hialino. Na pendente sul, observa-se um declive suave orientado para sudoeste.



Figura 87 – Vista desde sul para o Feiral 1

Descrição dos motivos gravados:

Feiral 1 é um afloramento parcialmente gravado, estando os motivos localizados, na sua maioria, a poente e a sul. Foi dividido em 3 painéis (Fig. 88).

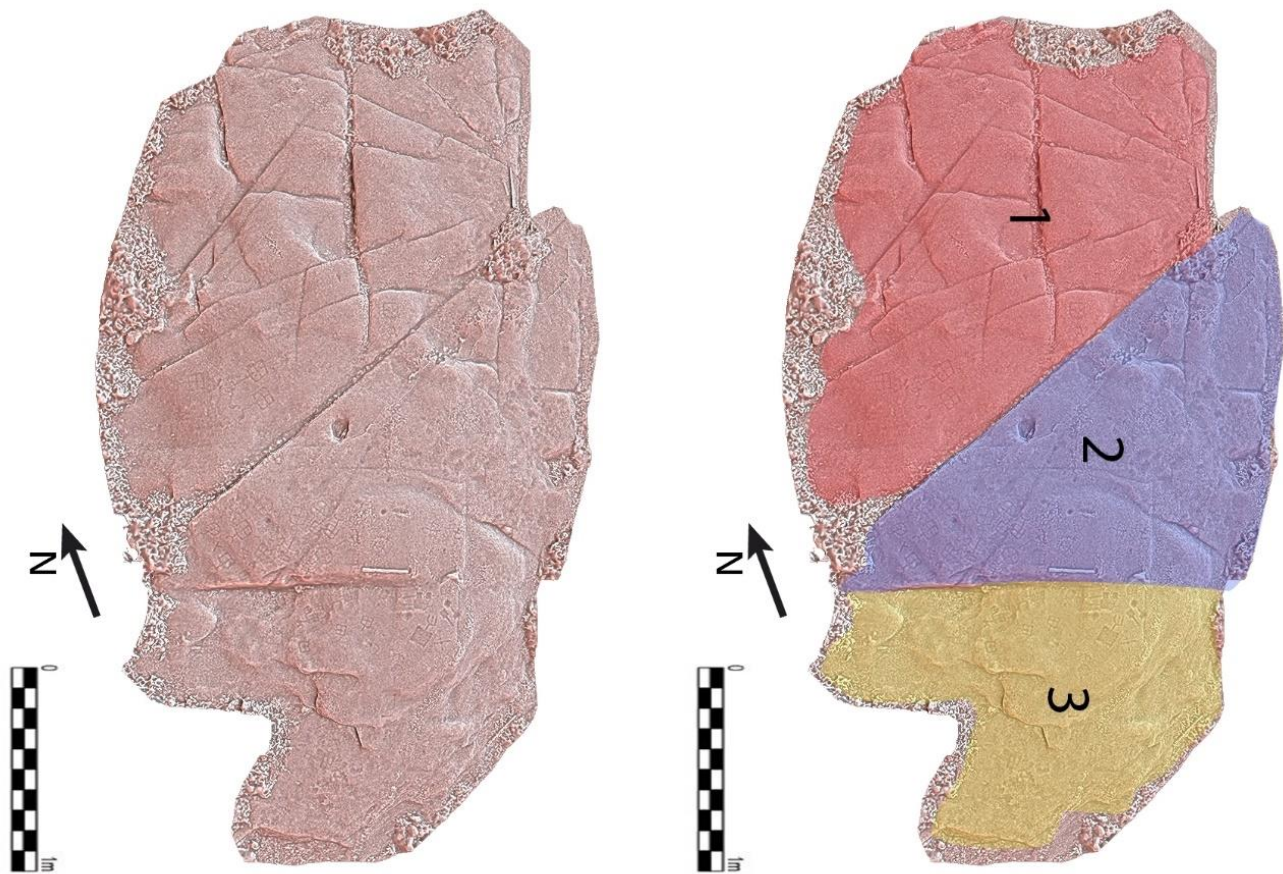


Figura 88 - Fotogrametria de Fieiral 1 e respetiva divisão dos painéis.

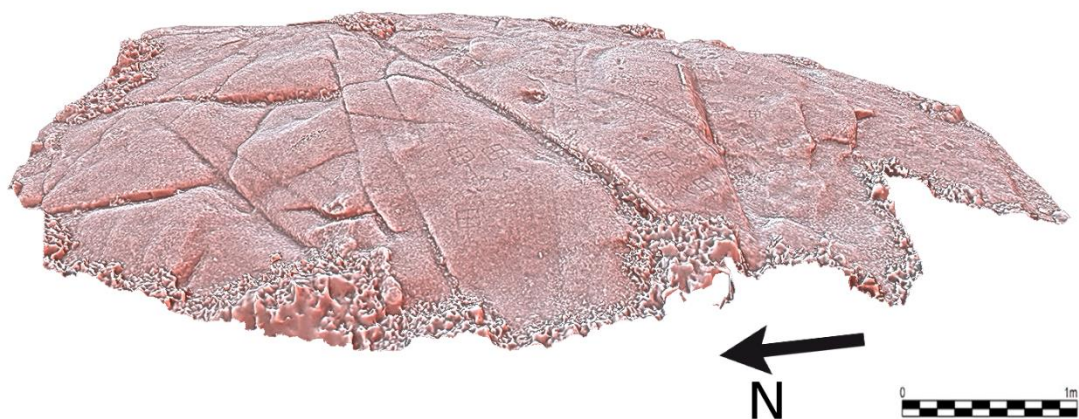


Figura 89 - Vista 3D, a partir de poente, de Fieiral 1.

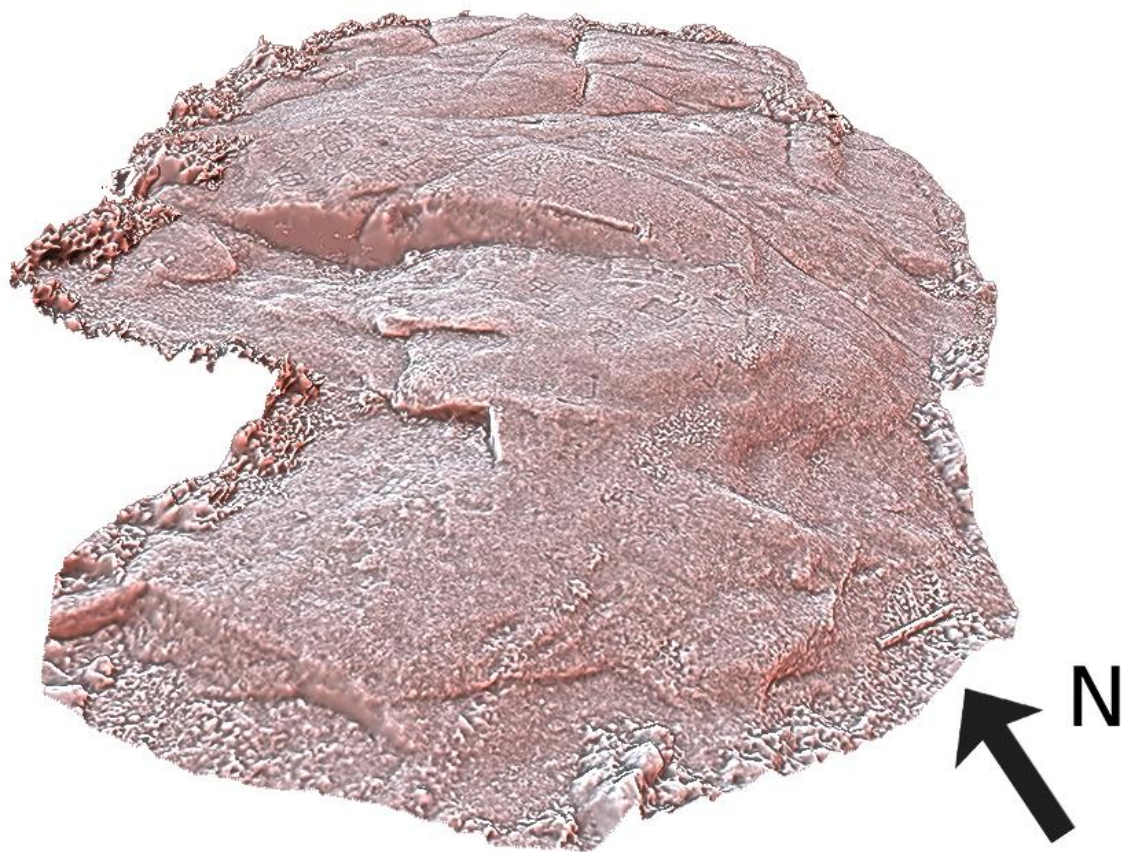


Figura 90 - Vista 3D, a partir de sul, de Fieiral 1.

O painel 1 surge a norte do afloramento. Fica, ainda, a norte do painel 2, separado deste por uma grande diáclase. A sua superfície, plana, vai-se esbatendo para norte e nordeste aglutinando-se

com o solo (Fig. 91). Observa-se uma concentração de motivos no seu quadrante sudoeste, na imediação do painel 2, nomeadamente três quadrados segmentados com apêndice exterior, parecendo um deles ter sido transformado em antropomorfo. Estes motivos inserem-se na Arte Esquemática Antiga segundo a classificação de Bettencourt (2017). Apenas se regista um círculo segmentado na extremidade sul, junto a uma diaclase, bastante erodido, com os seus segmentos orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste.



Figura 91 - Fotogrametria do painel 1 de Fieiral 1.

O painel 2 localiza-se a norte do painel 3 e a sul do painel 1, separado de ambos por duas diáclases que atravessam o afloramento, caracteriza-se por ter uma superfície aplanada, possuindo uma ligeira pendente, inclinada para nascente.

Revela uma concentração considerável de motivos no seu quadrante sudoeste (Fig. 92). A sul regista-se apenas dois cruciformes e destaca-se a representação de covinhas dispersas, predominando a sua presença a sudoeste. Nesta área os motivos encontram-se bastante erodidos. Desde nascente para poente, identificam-se dois quadrados segmentados, bastante erodidos, associando-se um círculo segmentado, igualmente bastante erodido, com os seus segmentos

orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste, possuindo um apêndice exterior. Junto deste motivo surge um novo círculo segmentado com os seus segmentos orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. Esta sequência é interrompida por dois quadrados segmentado, ambos com apêndice exterior. Novamente, surgem dois círculos segmentados, ambos com os seus segmentos orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste (Fig. 90). Junto destes motivos surgem alguns bastante erodidos cuja forma é impossível de determinar, apenas conseguindo vislumbrar-se mais quatro quadrados segmentados com apêndice e um cruciforme.

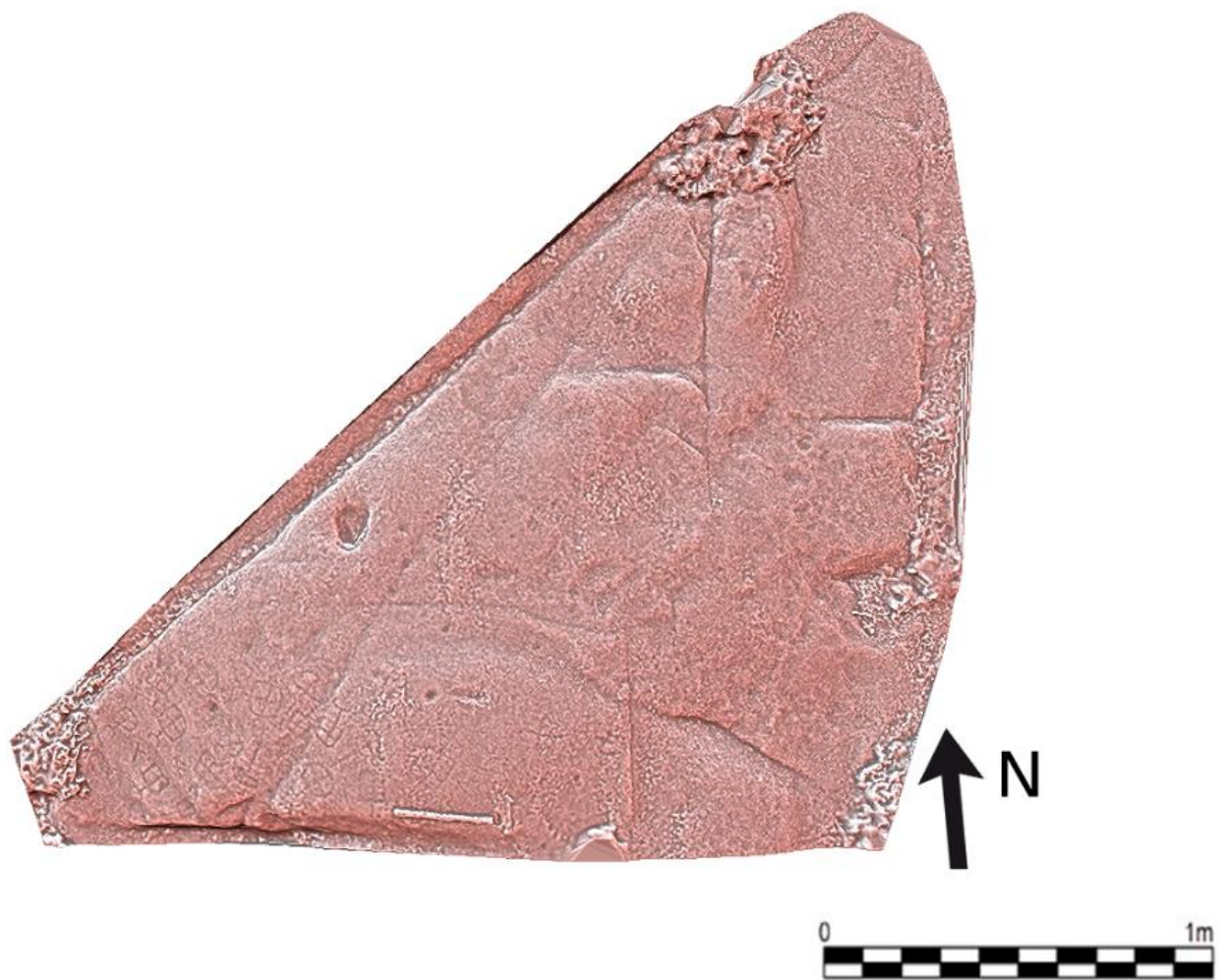


Figura 92 - Fotogrametria do painel 2 de Fieiral 1.

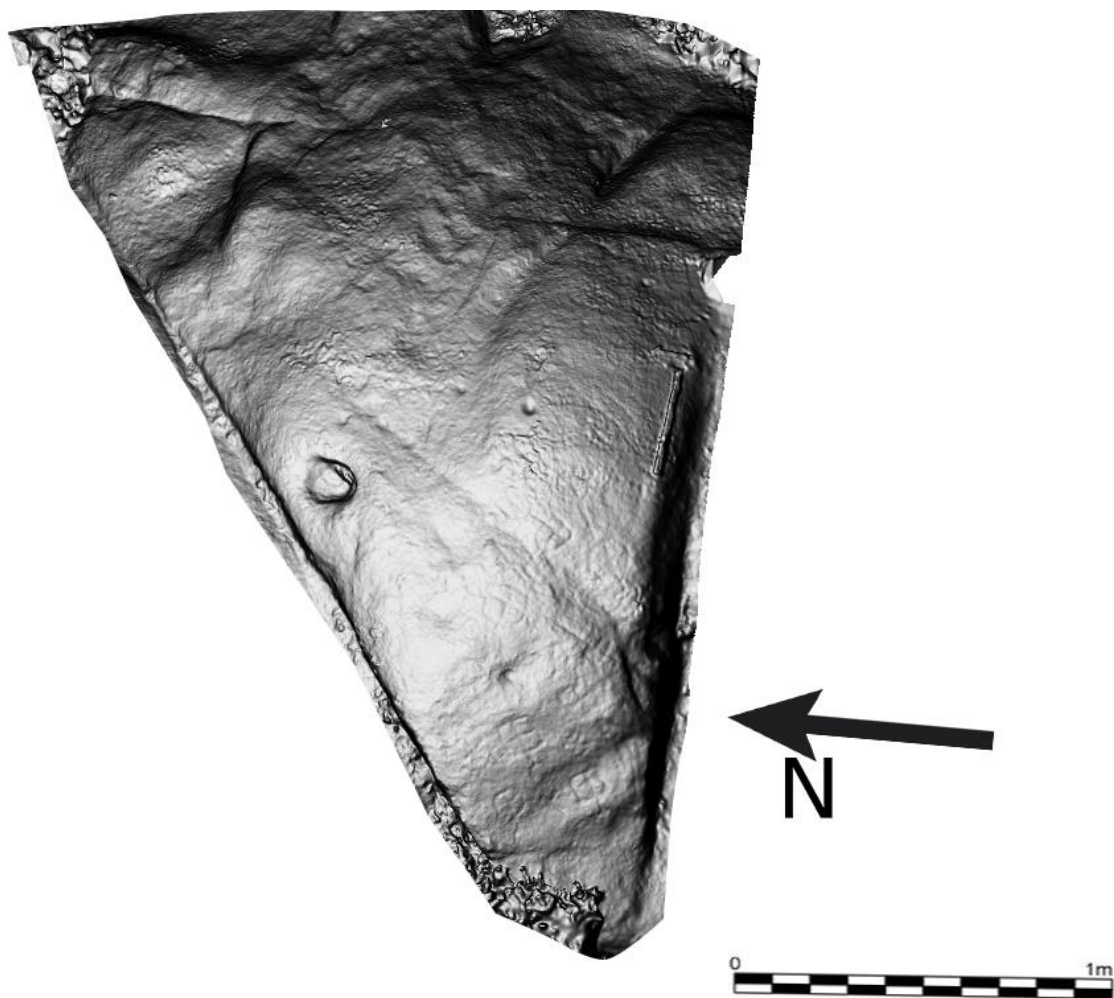


Figura 93 - Fotogrametria do painel 2 do Fieiral 1, vista a partir de poente.

O painel 3 localizada na extremidade sul do afloramento, caracteriza-se por ter uma superfície com uma pendente bastante inclinada para sul e sudoeste (Fig. 90). Separa-se do painel 2, a norte, devido a uma depressão natural do afloramento. A maioria dos seus motivos ocupam a sua extremidade norte e noroeste, registando-se apenas um quadrado segmentado na vertente sul. De uma forma geral, registam-se quadrados segmentados, alguns com apêndice exterior, estando na sua maioria orientados para poente, inseríveis na Arte Esquemática Antiga segundo Bettencourt (2017). Posteriormente inscreveram-se aqui paletas. Não tem círculos segmentados (Fig. 94).

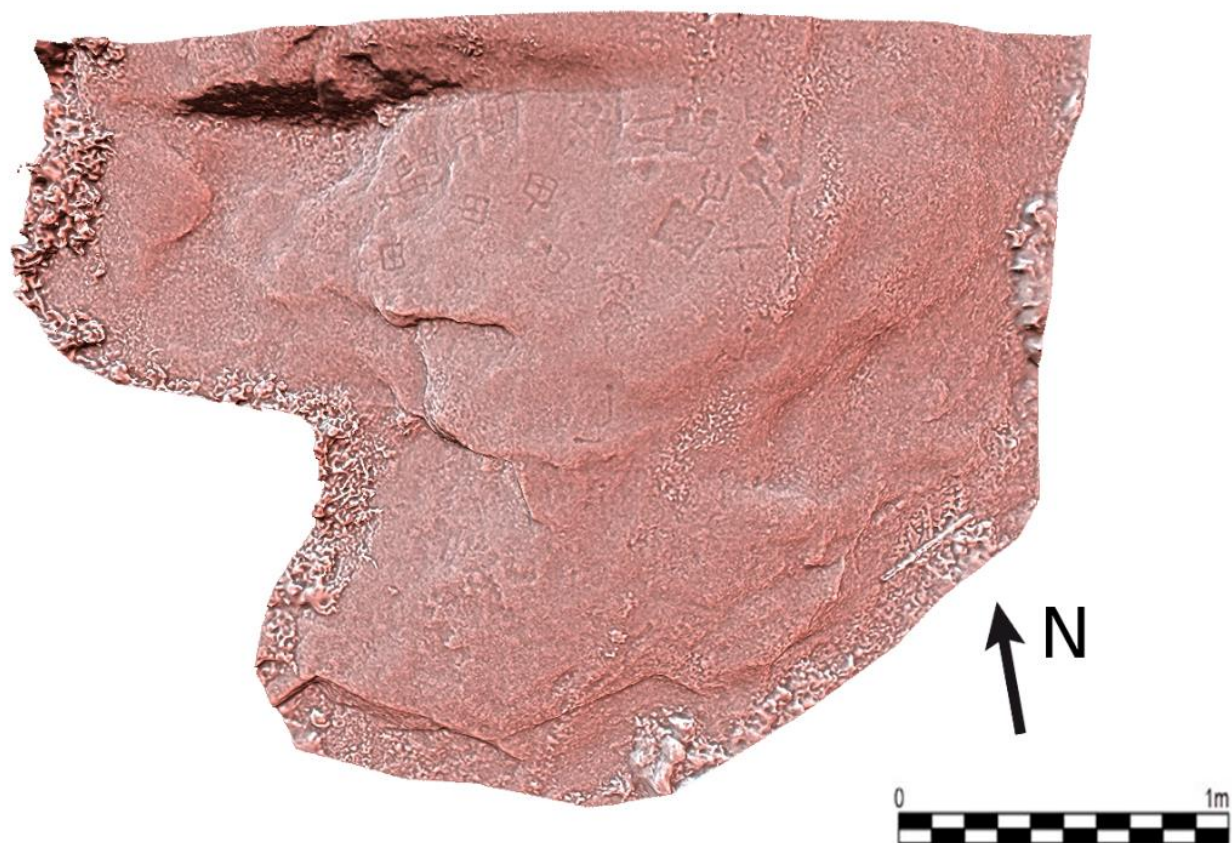


Figura 94 - Fotogrametria do painel 3 de Fieiral 1.

Técnica: picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: razoável, porém, bastante exposto aos agentes erosivos.

Bibliografia: Machado, 1991; Baptista, 1997; Bettencourt & Rodrigues, 2013; dados inéditos.

12) Fieiral 2

Localização administrativa: Viana do Castelo/ Melgaço/ União de freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro/

Coordenadas: N 42° 3' 18'' / O 8° 7' 11''

Altitude: cerca de 1170 metros.

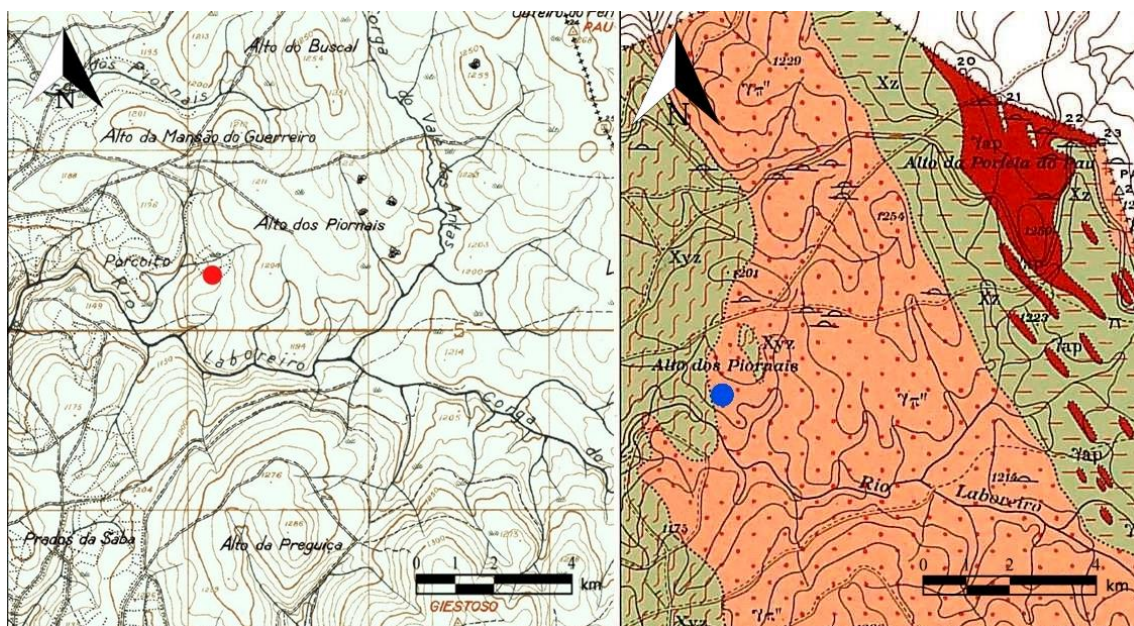


Figura 95 – Localização de Fieiral 2 em excerto da Carta Militar nº5, escala 1/25 000, 2015, CIGeo; Excerto da Carta Geológica de Portugal 2A – Portos, escala 1/50 000, LNEG.

Acesso: Partindo de Castro Laboreiro em direção à Vila de Melgaço, pela E.N. 202.3, encontra-se a cerca de 1200 m, à direita, a E.M. 1158, que segue em direção à Branda do Rodeiro. Chegando à Branda, seguir pelo estradão de terra batida que fica a norte do lugar e que dá acesso ao planalto. Prosseguindo por esse estradão durante 2 km, encontra-se um caminho de pé posto, à direita, que deve ser percorrido durante 700 m. Este caminho leva a uma pequena elevação onde, a aproximadamente 500 m para sul, se encontra o Fieiral.

Contexto físico e ambiental:

Fieiral 2 localiza-se no planalto de Castro Laboreiro, na Serra de Peneda, na base da vertente sudeste do Alto dos Piornais, em área sobranceira a uma linha de água que corre para o rio Laboreiro. Trata-se de um local de passagem e de acumulação de água, sendo que o Fieiral 2 ocupa a margem direita do rio Laboreiro. Observa-se, ainda, a norte, a Corga dos Piornais, a

noroeste, a Corga de Vale de Antas e, nas imediações do afloramento, a Corga do Fieiral (Fig. 95). Registam-se inúmeros lameiros nas suas imediações.

A geologia local é caracterizada por ser bastante diversificada, registando-se a presença de granito alcalino, em geral moscovítico, orientado, xisto e quartzo, este último por vezes proporciona paisagens reluzentes (Texeira, 1961) (Fig. 95). Existe presença de estanho a cerca de 5 km para sul deste local.

No que diz respeito ao coberto vegetal, predomina a vegetação arbustiva, consistindo no tojo e na urze. Destaca-se a atividade da pastorícia, praticada nesta área, predominando o pastoreio de animais de grande porte, sobretudo gado bovino e equino.

Relativamente às questões da visibilidade, o Fieiral está rodeado por vários cumes: a nordeste o Alto dos Piornais, a norte o Alto da Mansão do Guerreiro e a sudeste o Alto da Preguiça e o Giestoso. A maior visibilidade verifica-se para oeste e para sul. Este afloramento possui uma excelente exposição solar (Fig. 97).

Historial:

As gravuras do Fieiral, foram desde sempre conhecidas pela população local. No entanto, foram referidas cientificamente, pela primeira vez, em 1986 por Baptista. Mais tarde, Machado (1991), insere-as no Grande dicionário da língua portuguesa. Em 1995, são referidas na inventariação levada a cabo por Dordio para o SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico). Baptista (1997), volta a abordar estas gravuras no contexto da arte megalítica do planalto de Castro Laboreiro. Bettencourt e Rodrigues (2013), publicam uma breve descrição sobre estas gravuras (Bettencourt & Rodrigues, 2014b). Bettencourt (2017b) refere a presença de um círculo segmentado associado a um machado, considerando esta imagética da Idade do Bronze. Moreira (2018, p. 159) publica os podomorfos aí encontrados, inserindo-os, também, na Idade do Bronze.

Contexto arqueológico:

Fieiral 2 situa-se no seio da necrópole megalítica do planalto de Castro Laboreiro (Rodrigues, 2009), existindo, a poente, a cerca de 500 metros o monumento funerário megalítico do Porcoito 1 e, a cerca de 450 metros, a norte, o monumento funerário megalítico do Alto dos Piornais, ambos balizados entre o Neolítico e o Calcolítico (Bettencourt & Rodrigues, 2013). A nordeste regista-se o monumento funerário megalítico da Corga das Antas (Bettencourt & Rodrigues, 2013) e, a uma maior distância, regista-se o complexo megalítico (Jorge et al., 1997) e as gravuras do

Alto da Portela do Pau, tendo as gravuras a mesma tipologia de motivos porém mais recente, estando todos estes monumentos situados entre o Neolítico e Calcolítico. Para além disso, há a registar a constante intervisibilidade e inter-relação com o Fieiral 1, quer pela proximidade física quer pela proximidade da temática gravada.

Descrição física da superfície gravada:

Afloramento pouco elevado do solo, de contorno alongado e irregular, de dimensões extremamente grandes (Figs. 96, 98). Possui cerca de 35 metros no sentido noroeste/sudeste, cerca de 15 metros no sentido este/oeste e possui cerca de 0,83 metros de altura. É de granito alcalino, em geral moscovítico, orientado, de grão fino, de tipo Castro Laboreiro, com alguma quantidade micas segundo a Carta Geológica de Portugal, folha 2A – Portos à escala 1/50 000 (Texeira, 1961). A sua área central é a mais elevada, acentuando-se o declive para nascente. Os restantes quadrantes são aplanados. No entanto, na extremidade sul, há uma ligeira elevação, com pendente orientada a sul. Há algumas diaclases mais profundas, sobretudo orientadas a nordeste/sudoeste. Na extremidade norte da área central observam-se vestígios de fratura.



Figura 96 - Esquerda: Fieiral 2 visto de norte; Direita: Vista de nascente para o Fieiral 2.



Figura 97 - Feiral 2 visto de oeste com o Feiral 1 ao fundo.

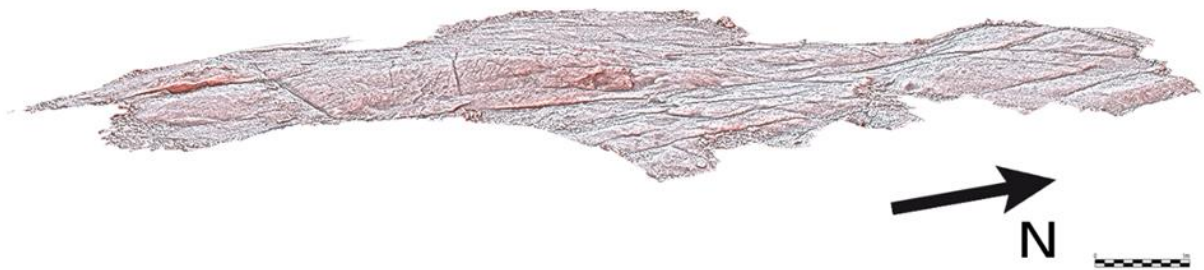


Figura 98 - Vista 3D, a partir de nascente, de Feiral 2.

Descrição dos motivos gravados:

Feiral 2 é um afloramento que se apresenta profusamente gravado, especialmente na sua área central e no quadrante norte. No entanto, as gravuras apresentam-se bastante erodidas e pouco perceptíveis devido à altitude em que se encontra o afloramento, sujeito a grandes amplitudes térmicas. Foi necessário a sua subdivisão em painéis que obedeceram a diferentes altitudes ou a

áreas que se separavam de outras por diáclases (Fig. 99). Nem todos os painéis tem círculos segmentados. Para estes não se apresentou fotogrametria detalhada.

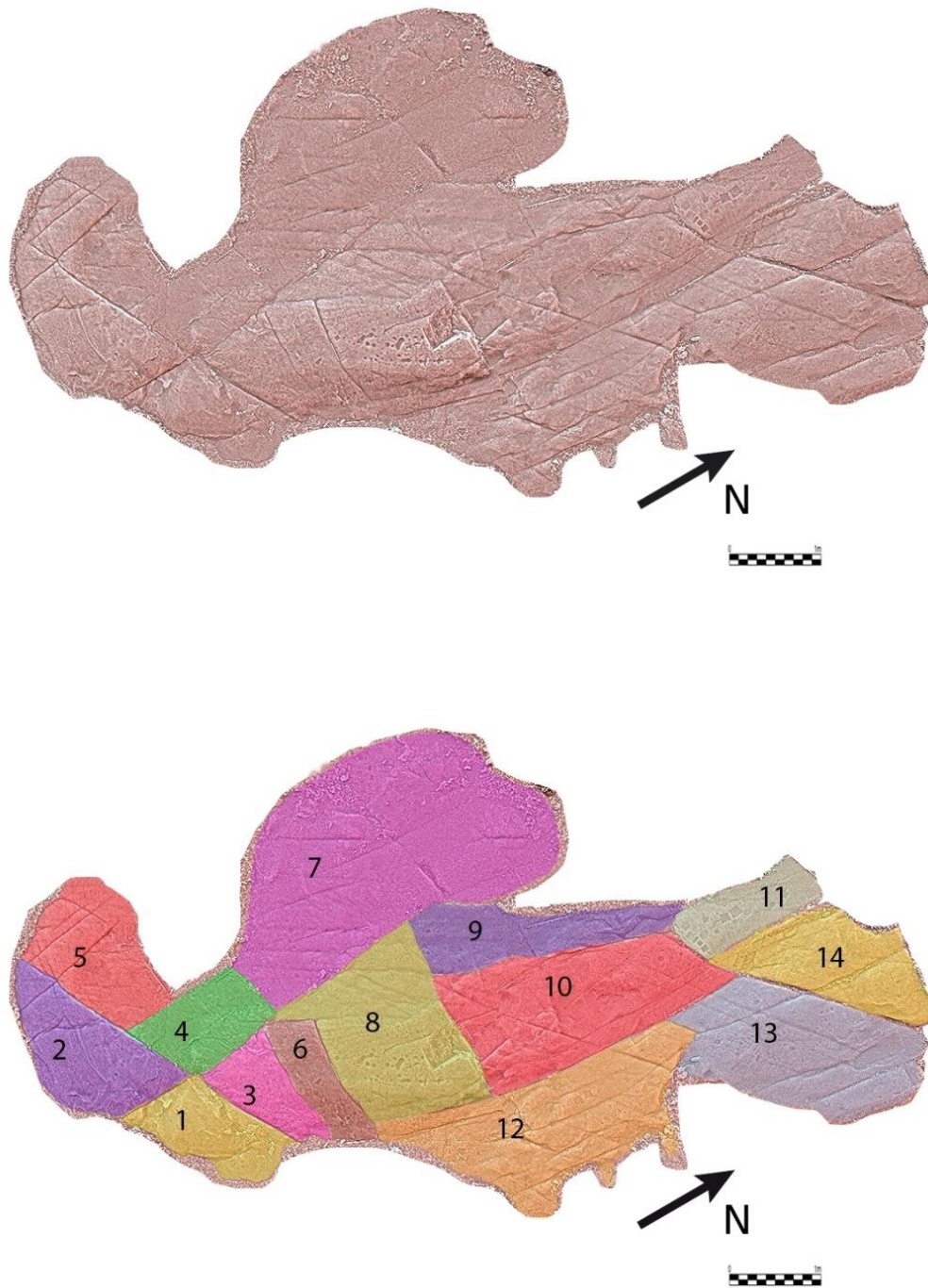


Figura 99 - Fotogrametria do Fieiral 2 e respetiva divisão dos painéis.

O painel 1, ocupando o quadrante a sudeste do afloramento, separando-se dos painéis 2, 3 e 4 por diáclases. A sua superfície tem a pendente inclinada para sudeste. Este painel encontra-se

parcialmente gravado. Com efeito, apenas é observável a representação de cruciformes a nordeste (nove exemplares), três cruciformes a sul e três a oeste. Não há círculos segmentados.

O painel 2, localizado a oeste do painel 1 e a sul dos painéis 4 e 5, separado em todos os casos por profundas diaclases. Possui pendente inclinada para sul e sudeste. Encontra-se, parcialmente gravado, mas grande parte dos motivos estão erodidos. A área nordeste do painel inclui um conjunto de covinhas dispersas. Na área central do painel apenas se consegue registar um antropomorfo esquemático e um cruciforme. A área noroeste do painel comporta um conjunto de gravuras pouco perceptíveis, das quais apenas se consegue identificar um círculo dividido em duas partes que se associa a um círculo com covinha interior e a alguns círculos simples. A área sul do painel regista alguns sulcos, porém, de difícil caracterização.

O painel 3, localizado a norte do painel 1, a sul do painel 6 e a este do painel 4, separado por diaclases. A sua superfície, do lado oeste, é plana e tende a alongar-se para este, observando-se um declive médio que termina no solo.

Caracteriza-se por já ter uma quantidade considerável de motivos gravados. Desde logo, na extremidade sudoeste do painel observa-se um círculo que possui no interior um segmento horizontal e dois segmentos verticais paralelos entre si, estando associado a um círculo simples. Identifica-se situação semelhante na extremidade noroeste. No entanto, trata-se de um círculo com apenas dois sulcos verticais paralelos entre si, no seu interior. Neste painel regista-se uma grande quantidade de covinhas dispersas, largas e profundas. Apenas se verifica na extremidade sul um conjunto de quatro covinha alinhadas. Observa-se, ainda, um conjunto de paletas.

O **painel 4**, localizado a oeste do painel 3, a sudoeste do painel 6, a sul do painel 7 e a este do painel 5. Situa-se numa cota mais baixa do afloramento, já perto da zona central que se caracteriza por ter uma superfície plana em toda a sua extensão. Este painel encontra-se muito gravado, estando a maioria dos motivos bastante erodidos. Existem quadrados, retângulos, covinhas gravadas com sulcos profundos que parecem corresponder ao último momento de gravação do local. Há, também, cruces que serão históricas. De registar círculos simples e paletas. A sul, existem dois círculos simples, um quadrado simples e algumas covinhas. Junto destes motivos, mas a sudeste, registam-se dois círculos segmentados, um com apêndice, cujos segmentos se orientam nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste (Figs. 100, 101, 102). Adossado a um deles encontra-se um quadrado intercetado por um sulco retilíneo.



Figura 100 - Fotogrametria do painel 4 de Fieiral 2.

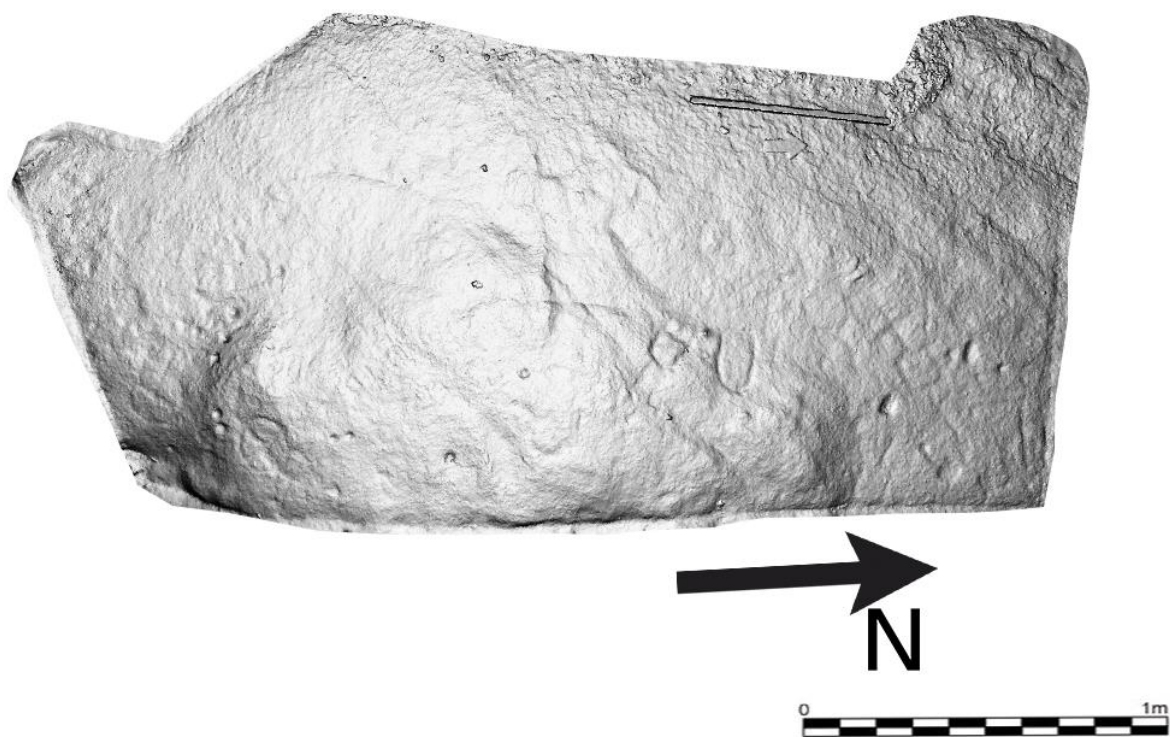


Figura 101 - Fotogrametria do painel 4 de Fieiral 2.



Figura 102 - Pormenor dos dois círculos segmentados do painel 4 de Feiral 2.

O painel 5 encontra-se a norte do painel 2 e a oeste do painel 4 revela total ausência de motivos gravados.

O **painel 6** encontra-se a norte do painel 3, a nordeste do painel 4 e a sul do painel 8, separado destes por diaclases. Localizado na área central/este do afloramento. Possui uma superfície plana a oeste que vai tendo um desnível acentuado para este. Na área central do painel, observa-se um podomorfo orientado a sul, já registado por Moreira (2018, p. 161) e, a sudoeste, um círculo segmentado cujos segmentos se orientam nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste, associado a uma representação de um machado encabado de gume arredondado, ambas a figuras já referidas por Bettencourt (2017b) (Figs. 103, 104). Para este e oeste, o motivo predominante é, sem dúvida, a paleta. Realça-se a presença a oeste do painel de motivos em “U” com sulco interior, estando acompanhadas por covinhas dispersas. Contabilizam-se, ainda, diversas cruzes gregas e latinas mais recentes. No lado esquerdo desta composição contabilizam-se cerca de quatro cruciformes.

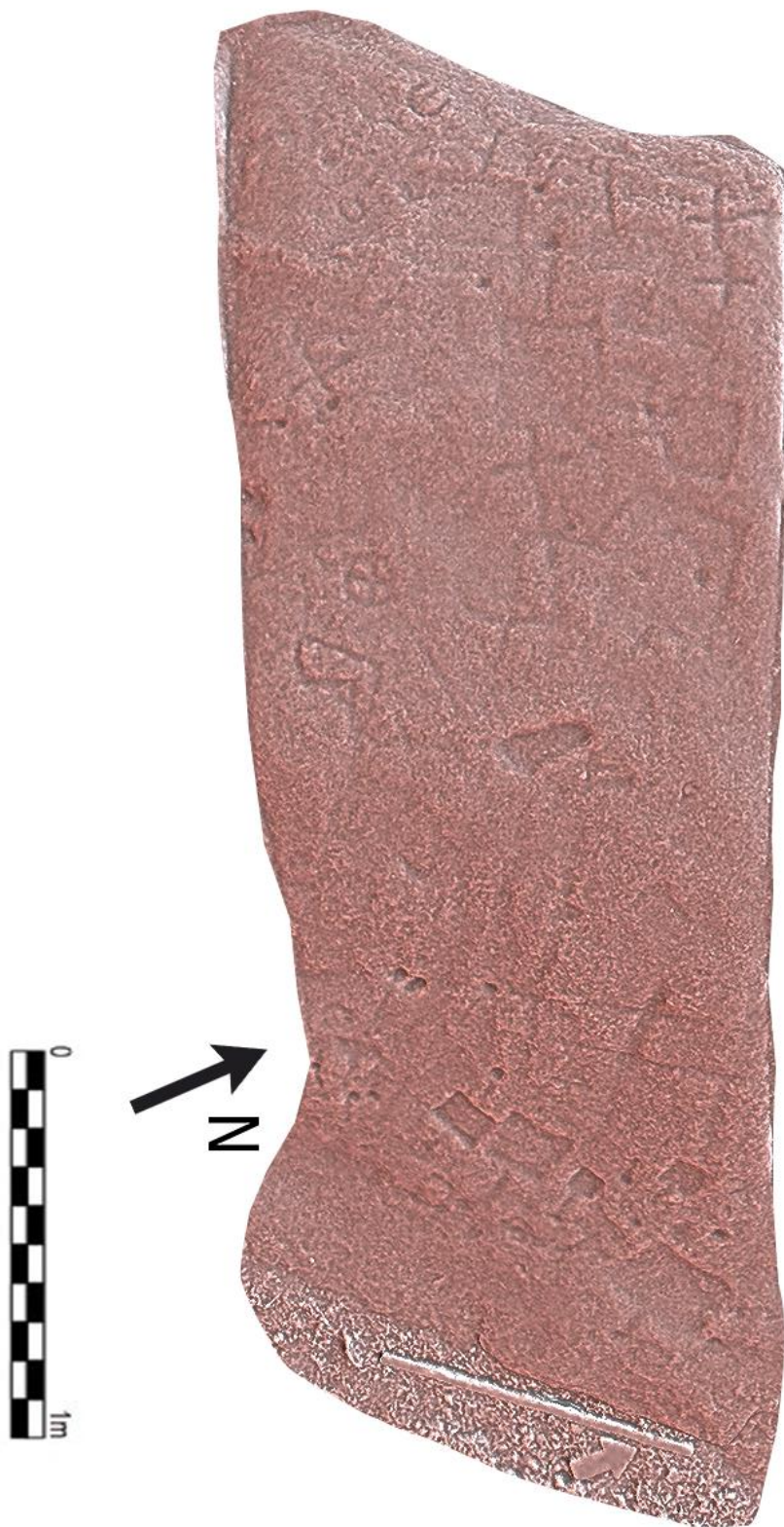


Figura 103 - Fotogrametria do painel 6 de Fieiral 2.

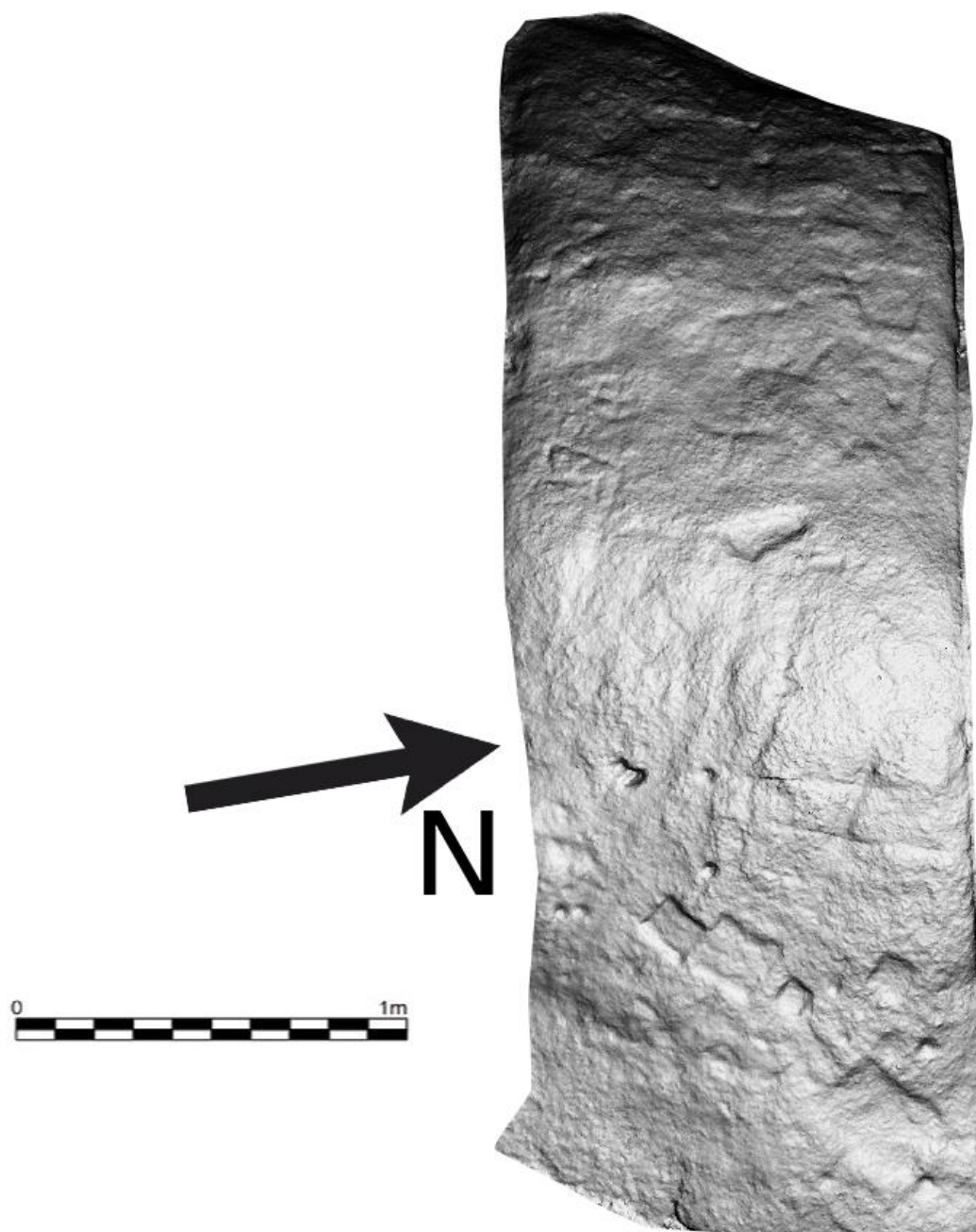


Figura 104 - Fotogrametria do painel 6 de Fieiral 2, vista desde nascente.

O painel 7, localizado a noroeste do painel 6, a norte do painel 4, a este do painel 8 e a sudoeste do painel 9, separado de todos por diaclases. Este painel caracteriza-se por ter uma superfície plana que acumula água, comportando poucos motivos gravados. A sul do painel registam-se cinco covinhas acompanhadas por um cruciforme. A nascente, na extremidade do painel, regista-se um círculo simples e um círculo envolto noutro com apêndice exterior. A sul deste motivo regista-se um pequeno círculo que é irrompido por sulco um horizontal. Não tem motivo em estudo.

O painel 8 encontra-se a este do painel 7, a sul dos painéis 9 e 10, a oeste do painel 12, a norte do painel 6 e a nordeste do painel 4, separando-se dos demais por diaclases. Localiza-se na parte central do afloramento, estando a sua superfície mais aplanada a este, elevando-se a uma cota superior na sua zona oeste para terminar em declive acentuado na extremidade da mesma área. Este painel apresenta-se profusamente gravado. Na área sudoeste do painel regista-se um quadrado segmentado com apêndice, um antropomorfo esquemático, um círculo simples e vários cruciformes de várias tipologias. A norte e noroeste do painel observa-se uma figura que se assemelha à representação de um peixe (?), possuindo a sudoeste, sul e sudeste a mesma tipologia de motivo associada: um sulco vertical intercetado por sulcos horizontais paralelos entre si. Na área central do painel, mais concretamente a noroeste, numa superfície ligeiramente mais elevada, observa-se a representação de um possível idoliforme. Nesta mesma área, mas agora a sul, regista-se um podomorfo. Na área mais elevada do painel regista-se uma imensa gravação de covinhas largas e profundas, havendo a possibilidade de existir a gravação de uma paleta, a sul.

O painel 9, localizado a noroeste do painel 8, a nordeste do painel 7 e a este do painel 10, separando-se dos demais por diaclases. Revela poucos motivos gravados. A sua superfície é tendencialmente plana e alargada na sua parte inferior e começa a estreitar na sua extremidade noroeste. Com efeito, apenas é observável, no quadrante sudeste, uma paleta de pequenas dimensões, próxima da zona central do painel, encontrando-se associada a um antropomorfo esquemático e a uma covinha. Na extremidade sudeste do painel regista-se, novamente, uma paleta de pequenas dimensões associada a um motivo em “U” e a uma covinha. Não tem círculos segmentados.

O **painel 10**, localizado a este do painel 9, a norte dos painéis 11 e 14, a sudoeste do painel 13 e a oeste do painel 12, separando-se dos mesmos através de diaclases. A sua superfície é tendencialmente plana, observando-se uma área mais elevada a norte. Possui escassos motivos gravados. Na extremidade sul do painel contabilizam-se três quadrado simples dispersos (Fig. 105). Na zona mais elevada, a norte, observa-se um sulco curvilíneo vertical que é intercetado por três sulcos paralelos entre si. Associado a este motivo registam-se uma paleta, três círculos simples e dois cruciformes. Por fim na extremidade nordeste do painel, observa-se um círculo segmentado cujos segmentos orientam-se nos sentidos nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste (Figs. 106, 107). Este motivo é particularmente importante devido à utilização duma diaclase para

materializar o sulco horizontal. Abaixo deste motivo observa-se um ou dois quadrúpedes, bastante erodidos.

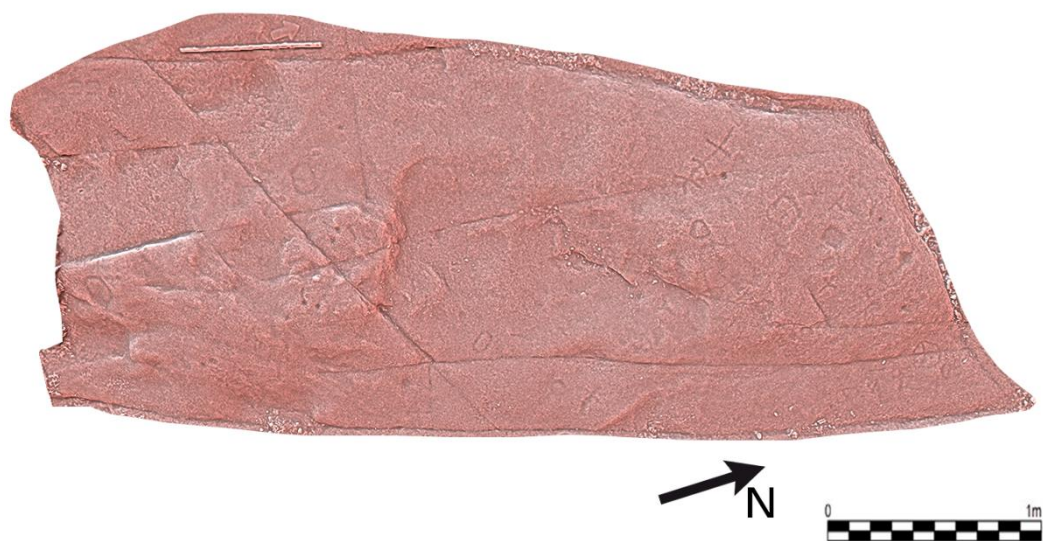


Figura 105 - Fotogrametria do painel 10 de Fieiral 2.

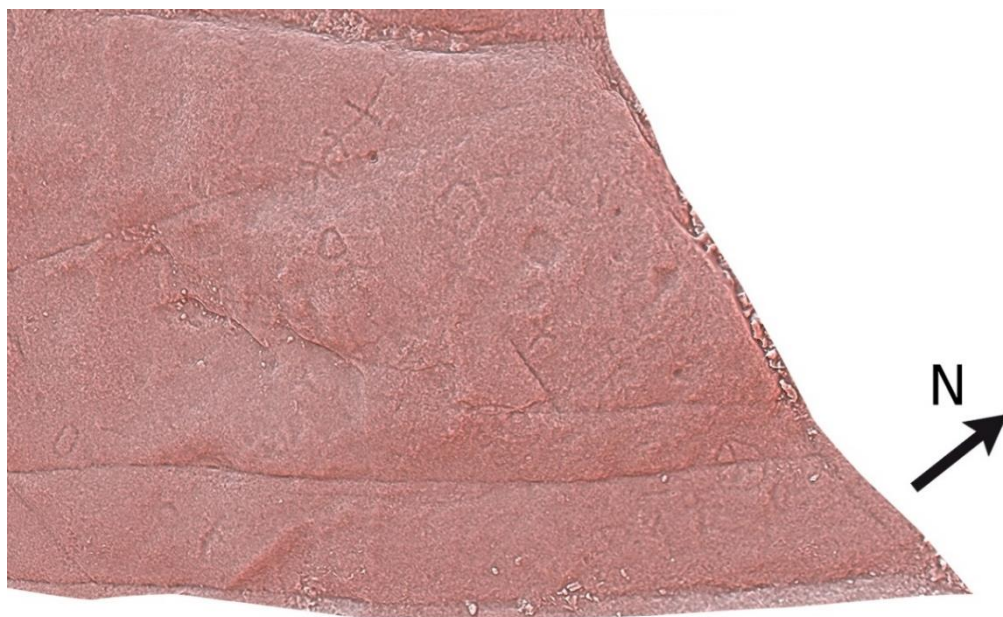


Figura 106 - Pormenor do painel 10 de Fieiral 2.

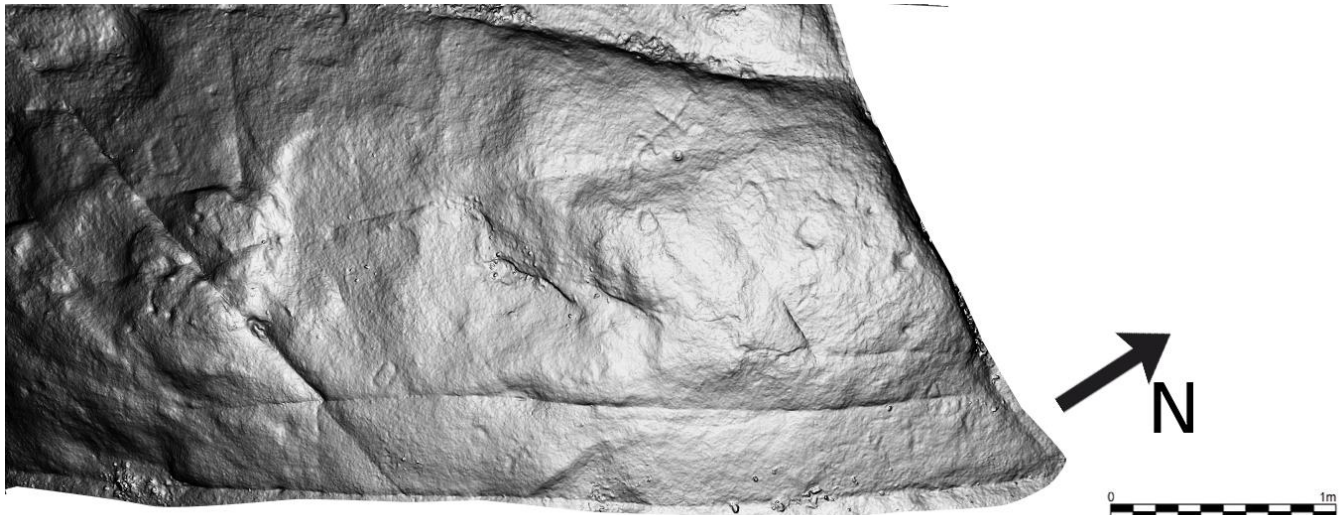


Figura 107 - Pormenor do painel 10 de Fieiral 2.

O painel 11, localizado a norte dos painéis 9 e 10 e a este do painel 14, separado dos mesmos por diaclases profundas. A sua superfície é plana e encontra-se parcialmente gravada, sendo a temática mais representada a das paletas. Existem, ainda, motivos retangulares em baixo relevo e sulcos meandriformes. Não tem círculos segmentados.

O painel 12, localizado a este dos painéis 8 e 10 e a sul do painel 13, separa-se dos mesmos por diaclases. A sua superfície localiza-se a uma cota mais baixa, com pendente para este. Possui poucos motivos gravados. Predominam representações de paletas, um quadrado simples e vários cruciformes. Não se gravaram círculos segmentados.

O painel 13, localizado a norte do painel 12, a sul do painel 14 e este do painel 10, separando-se dos mesmos por diaclases e desníveis naturais. A sua superfície é tendencialmente aplanada, encontrando-se parcialmente gravada. Regista-se presença de duas paletas, motivos em “U” e antropomorfos em “fi” ou a representação de arco e flecha. Há, ainda, diversas covinhas e cruciformes, localizados de forma dispersa. Não se identificaram círculos segmentados.

O painel 14, localizado a norte do painel 13, a nordeste do painel 10 e a este do painel 11, separando-se dos demais através de diaclases. A sua superfície ligeiramente aplanada e pontualmente gravada. Apenas é observável, na extremidade este do painel, a representação de um eventual antropomorfo em *phi* e paletas. Não tem círculos segmentados.

Técnica: picotado seguido de abrasão e baixo relevo.

Estado de conservação: razoável, porém, bastante exposto aos agentes erosivos.

Bibliografia: Machado, 1991; Baptista, 1997; Bettencourt & Rodrigues, 2013; Bettencourt, 2017a, 2017b; Moreira, 2018; dados inéditos.

2.2.4. Monção

13) Monte da Fonte Seca

Localização administrativa: Viana do Castelo/Monção/ União de freguesias de Anhões e Luzio/Monte da Fonte Seca

Coordenadas: N 41°59'49"; O 8° 26' 59''

Altitude: cerca de 434 metros.



Figura 108 – Localização de Monte da Fonte Seca em excerto da Carta Militar n.º 8, escala 1/25 000, CIGeo.

Acesso: Em direção à União de freguesias de Anhões e Luzio, chegando à capela da Senhora do Bonfim, seguir pela estrada E.M.505. O local fica do lado esquerdo da estrada, tendo de se realizar o resto do trajeto por via pedestre, encontrando-se o afloramento à direita do caminho pedestre, junto a um conjunto de afloramentos inclinados para sudoeste.

Contexto físico e ambiental:

O Monte da Fonte Seca faz parte de várias orografias, que formam a Serra da Anta (Fig. 108). O afloramento localiza-se numa plataforma na vertente sudoeste do Monte da Fonte Seca, sobranceiro a um lameiro e ao regato das Vargielas. Perto corre o ribeiro do Gadanha, que desagua

diretamente no rio Minho, sendo uma das principais fontes de abastecimento de água da população local. O substrato geológico é o granito de grão fino a médio, de duas micas, designado de Granito do Extremo, que aflora à superfície (Moreira & Simões, 1988) (Fig. 109). No que diz respeito aos recursos mineiros, não se observa proximidade com os mesmos, registando apenas algumas jazidas de estanho em dois lugares distintos a cerca de 10 km, a sudoeste do local.

Relativamente ao coberto vegetal, a vegetação arbórea predomina, sobretudo os eucaliptos e os pinheiros e, relativamente à vegetação arbustiva observa-se, essencialmente, a presença do tojo e da urze, sendo destacadamente uma zona de pasto de gado bovino. Situa-se junto de um caminho pedestre, do seu lado direito.

Em termos de visibilidade, destaca-se, sobretudo, a excelente visibilidade para a Serra do Extremo, a oeste e sudoeste. Por outro lado, é notória a visibilidade que se possui sobre o ciclo solar, caso não existisse a vegetação exógena predominante, podendo-se observar cada momento e fase do movimento do sol, durante o dia e durante o ano, respetivamente. Pelos mesmos motivos, este afloramento não possui uma boa exposição solar, sendo que, há hipótese de no passado esse cenário ter sido diferente, devido à boa localização do afloramento.

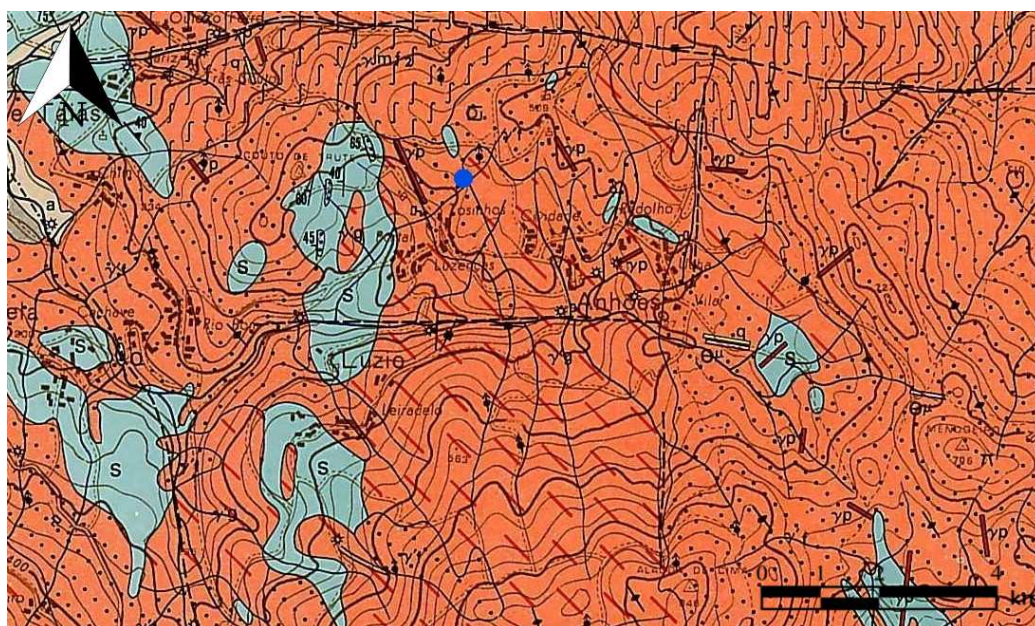


Figura 109 – Localização de Monte da Fonte Seca em excerto da Carta Geológica 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Há uma proximidade com um conjunto de sítios arqueológicos interessantes, sendo na sua esmagadora maioria monumentos megalíticos ou monumentos de tradição megalítica. Assim sendo, consegue perceber-se através dos dados do Portal do Arqueólogo, que estes se posicionam a sul, sudeste e oeste do presente afloramento. A sul, regista-se, a cerca de 2km, a Mamoa da Alagoa de Cima (Queiroga, 2003). A sudeste observa-se um núcleo de monumentos megalíticos, a cerca de 3,5 km, onde se localizam as Mamoas 1, 2, 3 e 4 das Lameiras (Lima, 2004; Miguel, 2013). Associado a este núcleo observa-se o monumento megalítico da Serra das Antas (Sabrosa *et al.*, 2004).

Descrição física da superfície da gravada:

Afloramento rasante ao solo, é de pequenas dimensões com um contorno pentagonal, possuindo cerca de 2,70 metros no sentido norte/sul e 1,77 metros no sentido este/oeste (Fig. 110). É de granito de grão fino, Granito do Extremo, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, 1D – Arcos de Valdevez, na escala 1/50 000 (Moreira & Simões, 1988). Contém algumas diáclases no sentido noroeste/sudeste. A sua superfície, encontra-se ligeiramente inclinada para sul.



Figura 110 – Monte da Fonte Seca

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento está parcialmente gravado, apresentando apenas um painel com motivos. Neste painel, observa-se, apenas, um círculo segmentado, localizado no quadrante nordeste (Fig. 111). Os seus segmentos orientam-se norte-nordeste/su-sudoeste e este/oeste. Associado a este motivo surge uma cruz grega (Fig. 112) Na parte superior, surge uma figura quadrangular, tendo na sua extremidade sul dois segmentos paralelos interrompidos por sulcos verticais, formando uma sequência. Observam-se, ainda, uma cruz grega e uma outra figura indeterminada que se assemelha a um retângulo aberto.

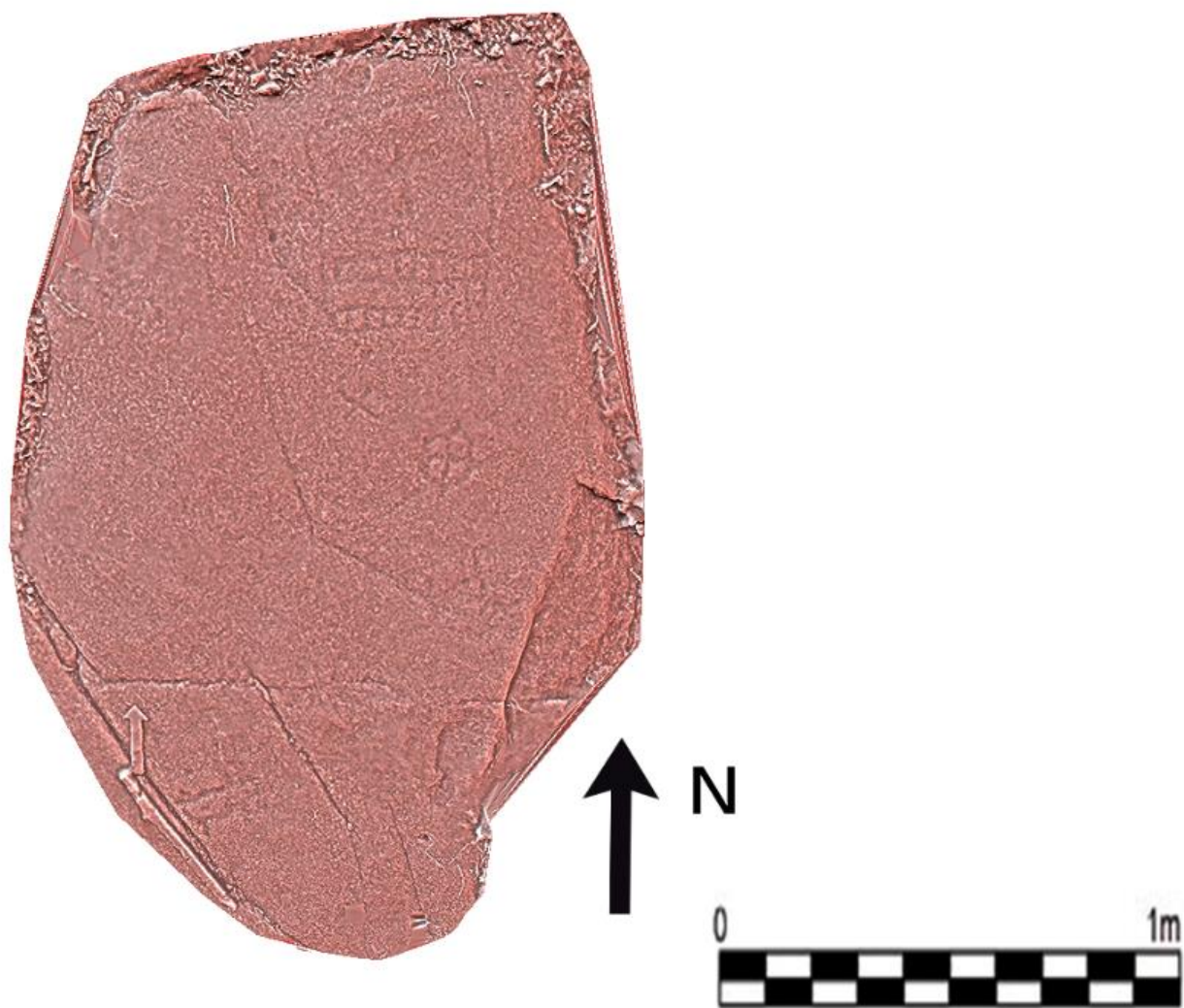


Figura 111 - Fotogrametria do Monte da Fonte Seca.

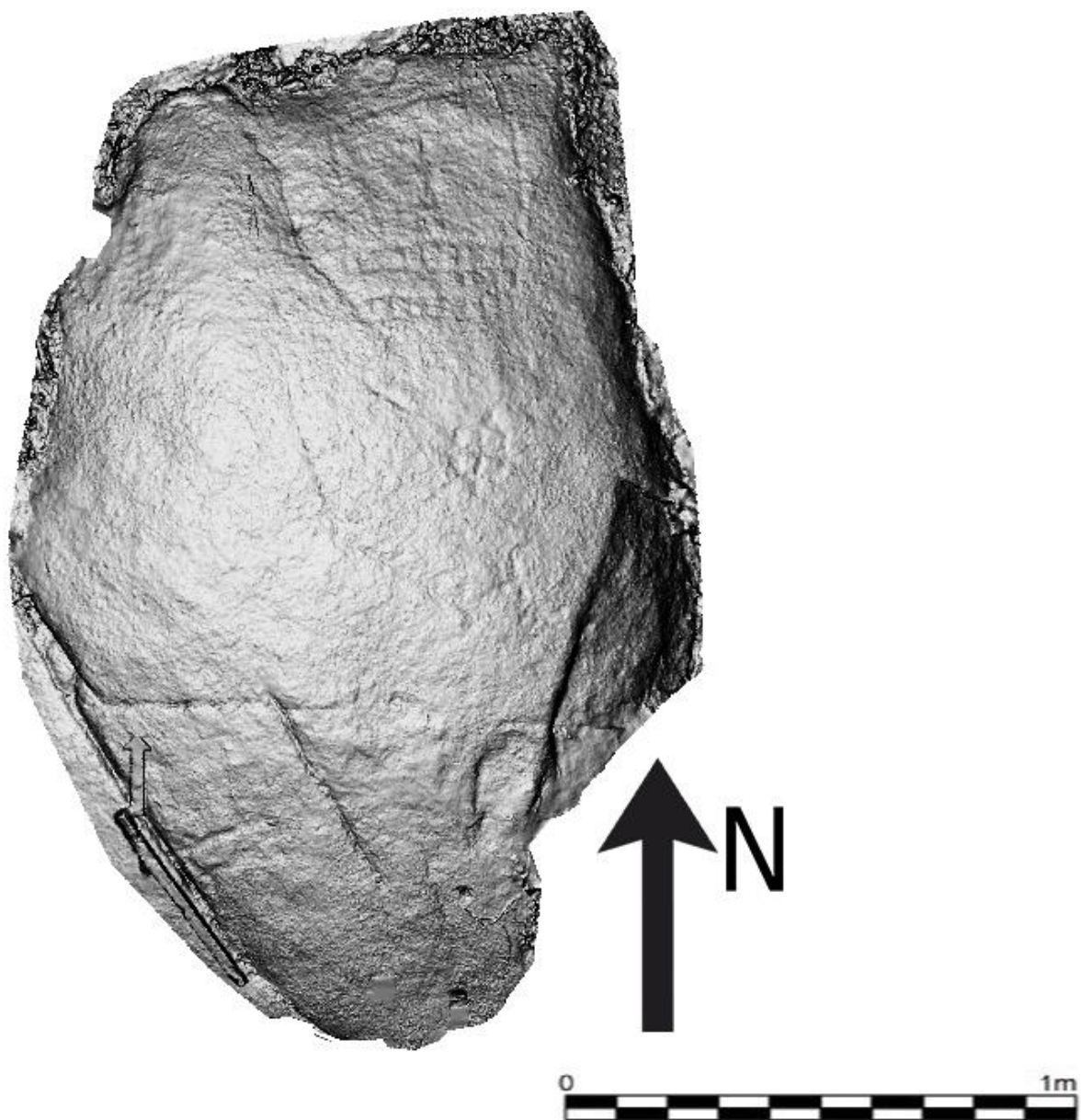


Figura 112 - Fotogrametria do Monte da Fonte Seca.

Técnica: picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: razoável.

Classificação: inédito; agradecimento a Cândido Verde pela localização do afloramento.

14) Chão das Agrads

Localização administrativa: Viana do Castelo/Monção/União de freguesias de Anhões e Luzio/Bargielas

Coordenadas: N 41° 59'49" / O 8° 26' 59"

Altitude: cerca de 430 metros.

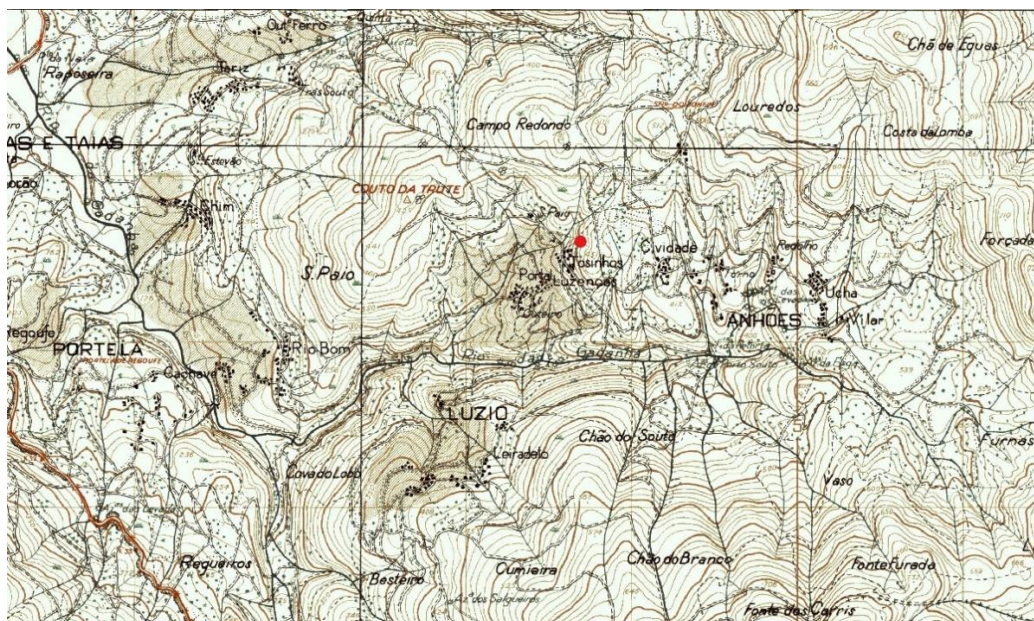


Figura 113 - Localização de Chão das Agrads em excerto da Carta Militar n° 8, escala 1/25 000, CI Geoe.

Acesso:

Direção a União de freguesias de Anhões e Luzio, chegar à capela da Senhora do Bonfim e seguir pela estrada E.M.505. O local fica do lado esquerdo da estrada, tendo de se realizar o resto do trajeto por via pedestre, percorrendo a direção descendente do caminho, passando pelo afloramento do Monte da Fonte Seca e o Núcleo das Vargielas. Após esse trajeto, encontra-se um caminho no qual corre um ribeiro e segue-se de forma ascendente para uma plataforma aplanada, surgindo o afloramento do lado direito do caminho, perto de uma cerca para a guarda de gado.

Contexto físico e ambiental:

Situa-se na vertente sul do Monte do Campo Redondo, que faz parte da serra de Anta, na bacia de receção do regato das Vargielas, que corre diretamente para a ribeira da Gadanha, que desagua diretamente no rio Minho, sendo uma das principais fontes de abastecimento de água da

população local (Fig. 113). O substrato geológico é o granito de grão fino a médio, de duas micas, designado de Granito do Extremo, que aflora à superfície (Moreira & Simões, 1988) (Fig. 114). No que diz respeito aos recursos mineiros, não se observa proximidade com os mesmos, registando apenas algumas jazidas de estanho em dois lugares distintos a cerca de 10 km, a sudoeste do local.

Relativamente ao coberto vegetal, a vegetação arbórea predomina, sobretudo o eucalipto e o pinheiro e relativamente à vegetação arbustiva, observa-se, essencialmente, o tojo e a urze, sendo, destacadamente, uma zona de pasto de gado bovino.

Em termos de visibilidade, destaca-se, sobretudo, a excelente visibilidade para a Serra do Extremo, a sudoeste, e o Monte Faro a noroeste. Por outro lado, é notória a visibilidade que se possui sobre o ciclo solar, caso não existisse a vegetação exógena predominante, podendo-se observar cada momento e fase do movimento do sol, durante o dia e durante o ano, respetivamente. Este afloramento possui uma excelente exposição solar.

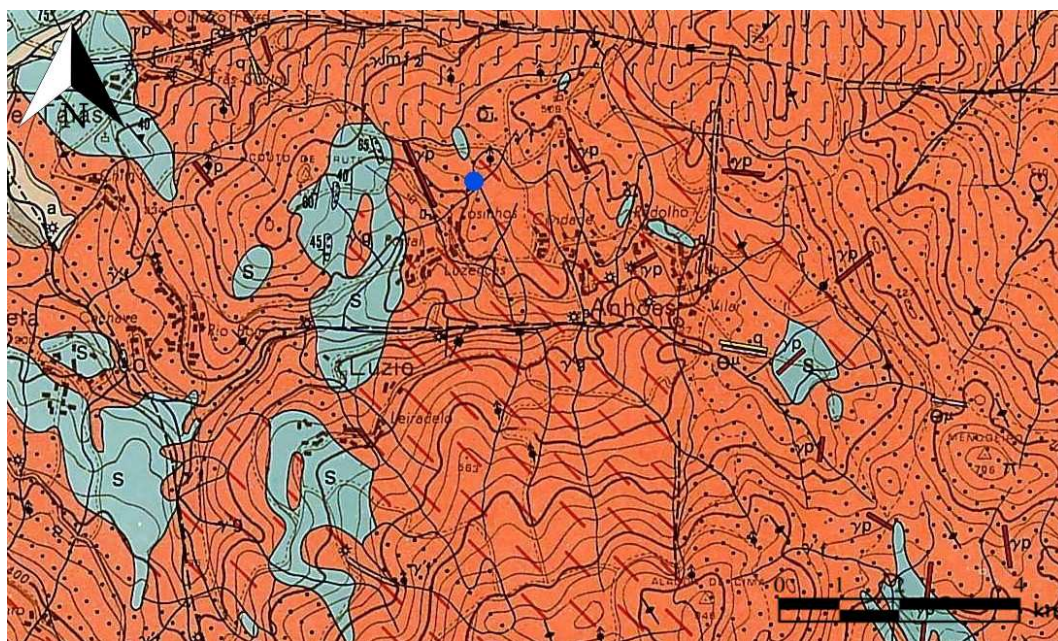


Figura 114 – Localização de Chão das Agradas em excerto da Carta Geológica 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Há uma proximidade com um conjunto de sítios arqueológicos interessantes, sendo na sua esmagadora maioria monumentos megalíticos ou monumentos de tradição megalítica. Assim sendo, consegue perceber-se através dos dados do Portal do Arqueólogo, que estes se posicionam

a sul, sudeste e oeste do presente afloramento. A sul, regista-se, a cerca de 2km, a Mamoa da Alagoa de Cima (Queiroga, 2003). A sudeste observa-se um núcleo de monumentos megalíticos, a cerca de 3,5 km, onde se localizam as Mamoas 1, 2, 3 e 4 das Lameiras (Lima, 2004; Miguel, 2013). Associado a este núcleo observa-se o monumento megalítico da Serra das Antas (Pereira & Faria, 2002; Sabrosa *et al.*, 2004). Desde a localização deste afloramento é possível visualizar-se com clareza os afloramentos de Vargielas 1 e 2.

Descrição física da superfície da gravada:

Afloramento pouco destacado do solo, com uma superfície aplanada, de dimensões médias, possuindo cerca de 5,05 metros no sentido nordeste/sudoeste e 2,20 metros no sentido este/oeste, de granito de grão fino com algumas micas, denominado de Granito do Extremo, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, 1D – Arcos de Valdevez, na escala 1/50 000 (Moreira & Simões, 1988) (Fig. 115). Possui um contorno oval, encontrando-se subterrado em algumas partes e inclui algumas diáclases no afloramento, estando orientadas no sentido nordeste/sudoeste.



Figura 115 - Chão das Agradas a partir de norte.

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento encontra-se parcialmente gravado, estando as gravuras concentradas na área central e norte da superfície. No quadrante nordeste junto de uma diáclase com direção sudeste/noroeste, contabilizam-se quatro círculos segmentados, uma figura indeterminada, dois círculos simples com covinha no interior e um quadrado segmentado. Nesta área, observa-se que os quatro círculos segmentados estão sensivelmente, alinhados no sentido sudeste/noroeste (Figs. 116, 117). Na parte superior destes motivos observa-se uma figura indeterminada, na extremidade noroeste, um círculo simples com covinha com covinha interior, a sudoeste um quadrado segmentado e na extremidade sudeste, junto de um círculo segmentado, observa-se um círculo simples com covinha no interior (Fig. 118). Observa-se que três dos círculos segmentados, situados nas extremidades do painel, possuem os seus segmentos orientados para nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste, sendo que, apenas um círculo segmentado, situado junto da figura indeterminada e acima do quadrado segmentado, possui os seus segmentos orientados a norte/sul e este/oeste.

Na área central do afloramento que se demarca da área sul da superfície por uma diáclase, com sentido sudeste/noroeste, conseguem-se contabilizar três círculos segmentados, três covinhas, um círculo simples com covinha interior e três círculos simples. Dois círculos segmentado situam-se na zona a norte e nordeste da área central, adossados à área a norte anteriormente descrita, seguindo-se um conjunto de três covinhas, associadas a estas, observa-se um círculo simples com covinha interior, estando abaixo deste último um círculo segmentado que se encontra associado a dois círculos simples, estando, no quadrante sudeste mais um círculo simples. Nos dois círculos segmentados a norte e nordeste, os seus segmentos orientam-se a nordeste/sudoeste e sudeste/noroeste, no círculo segmentado associado aos círculos simples os seus segmentos orientam-se nordeste/sudoeste e sudeste/noroeste.

Na área a sul da superfície não é possível observar nenhuma tipologia de gravura.

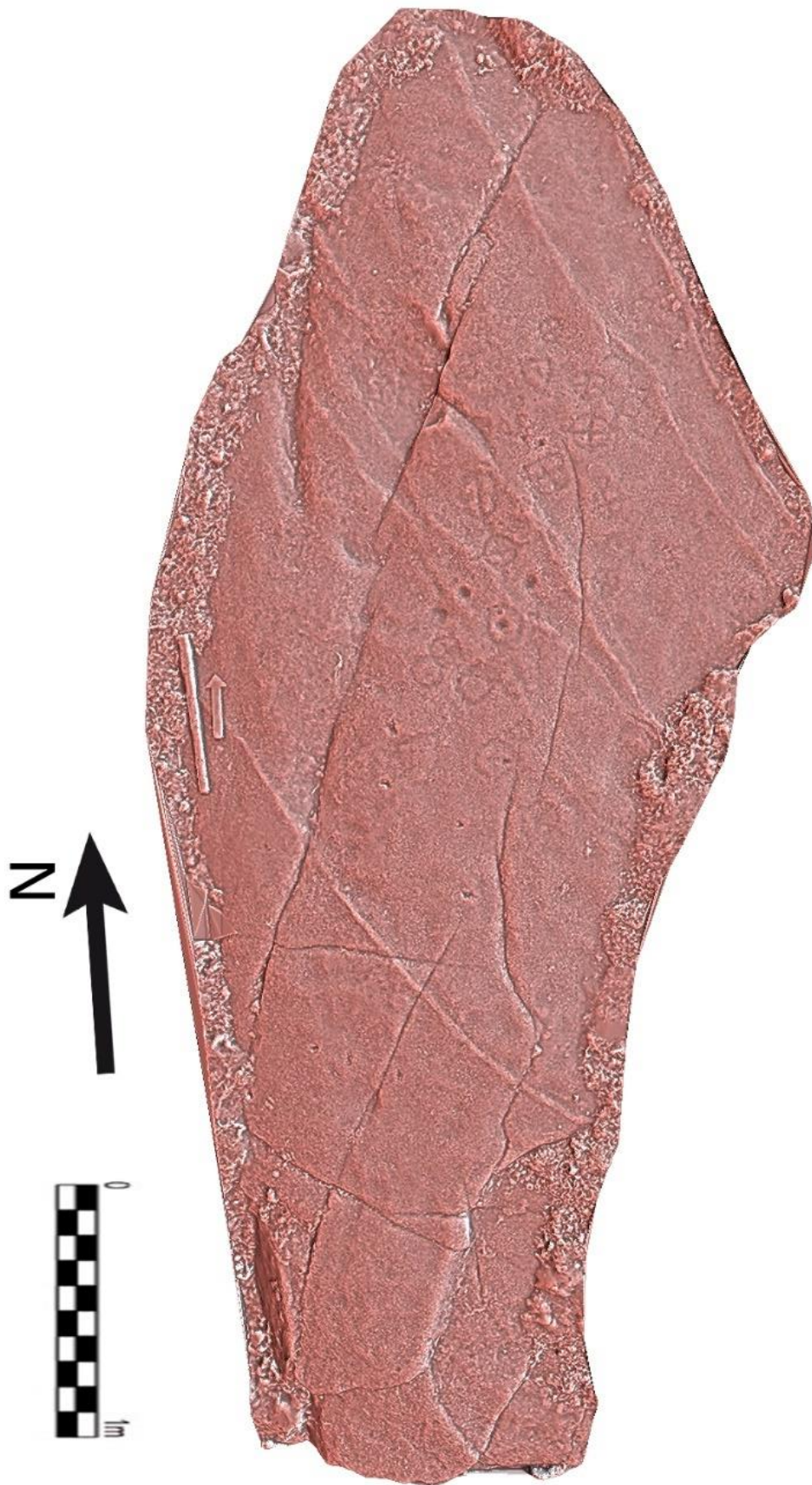


Figura 116 - Fotogrametria do Chão das Agrads.

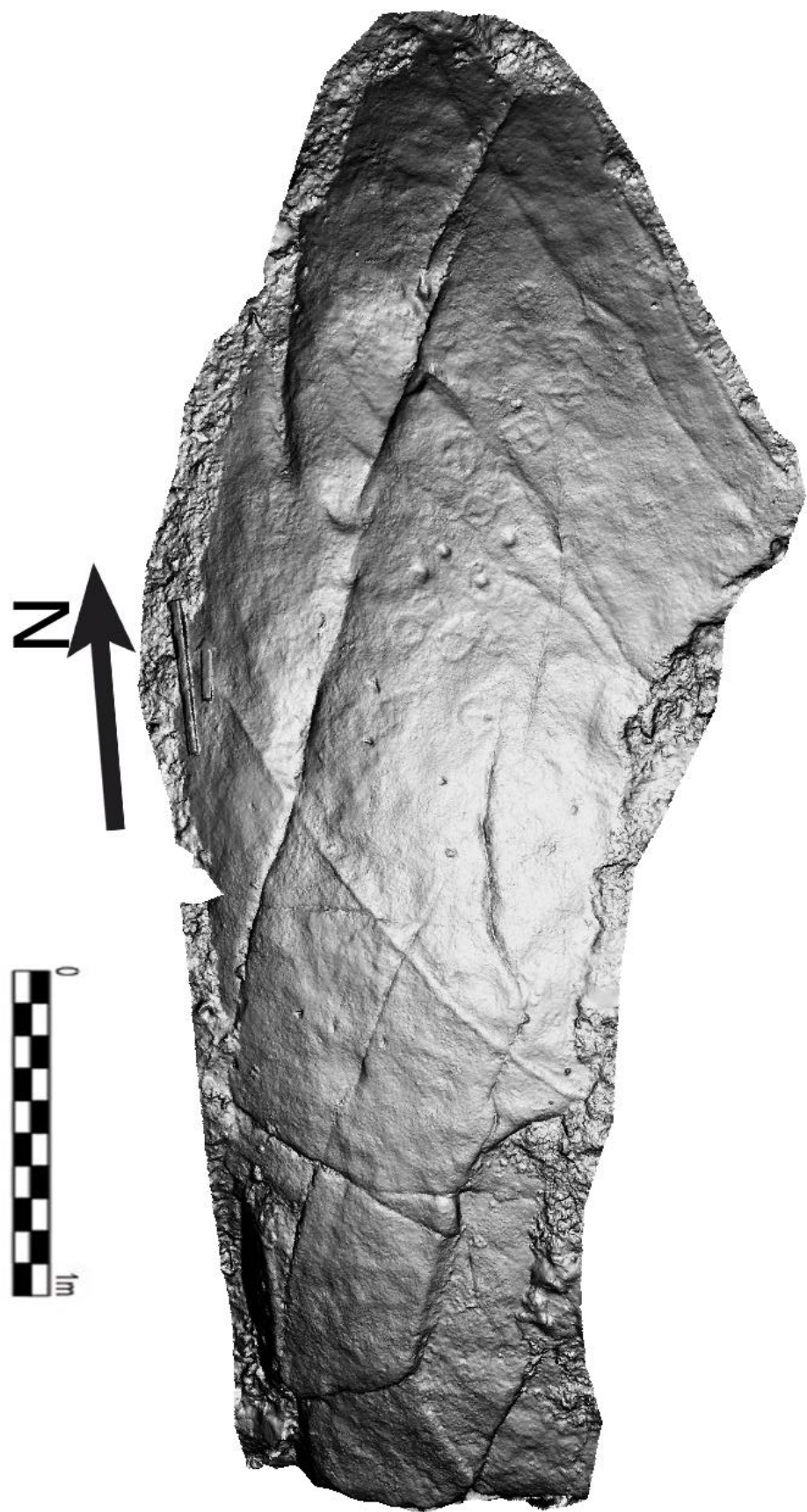


Figura 117 - Fotogrametria do Chão das Agrads.



Figura 118 - Pormenor de círculo segmentados de Chão das Agrads.

Técnica: picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: razoável.

Classificação: inédito; agradecimento a Cândido Verde pela localização do afloramento.

15) Teixugos 2

Localização administrativa: Viana do Castelo/ Monção/ Longos Vales/ Teixugos.

Coordenadas: N 42° 3' 22.954'' / O 8° 25' 33.56''

Altitude: cerca de 160 metros.

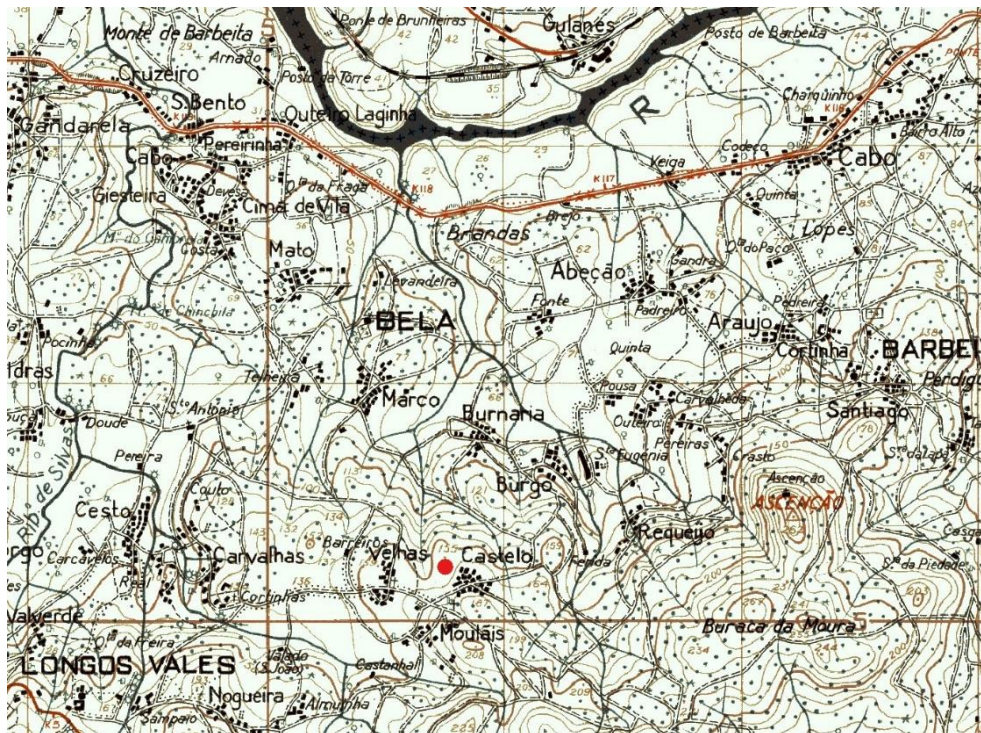


Figura 119 – Localização de Teixugos 2 em excerto de Carta Militar de Portugal, nº 3, escala 1/25 000, CIGeoe.

Acesso: Ir em direção a Valença, depois seguir pela E.N. 101 percorrendo cerca de 15 km virando à direita em direção a Longos Vales e Bela (S. Bento). A partir desse ponto percorrer uma estrada camarária à direita até encontrar a E.M. 1112-1 e seguir em direção a Castelo. Num cruzamento com vários cruzeiros seguir pela esquerda e prosseguir o resto do caminho a pé, localizando-se o afloramento gravado junto das habitações.

Contexto físico e ambiental:

O afloramento localiza-se numa plataforma aplanada na base da vertente, a sul do monte dos Moutais. Situa-se numa zona bem irrigada e de formação de lameiros, caracterizando-se por ser uma zona de pastoreio. A norte localiza-se o rio Minho (Fig. 119).

Aflora à superfície desta área granito de grão médio, leucocrático, de duas micas, que apresenta raras “restites” de metassedimentos, conhecido como Granito de Longos Vales e Couço (Ribeiro & Moreira, 1986). A este, a um raio de cerca de 2 km, regista-se a presença de tungsténio que se associa fortemente ao estanho (Ribeiro & Moreira, 1986) (Fig. 120).

Este lugar encontra-se rodeado por acácias, reduzindo a visibilidade circundante. Para além das acácias, registam-se sobreiros na vegetação arbórea e fetos na vegetação arbustiva. Encontra-se junto de habitações e campos agrícolas.

Sem estes elementos a rodear o afloramento, a visibilidade seria de grande alcance para oeste, observando os montes galegos, como por exemplo o monte Aloia, a sul o monte do Castelo (ou Moutais), a este, um conjunto de afloramentos igualmente gravados e a norte, possivelmente, vislumbrava-se o rio Minho. Este afloramento não possui uma boa exposição solar, no entanto, devido às características da geomorfologia que se insere, teria uma excelente exposição solar em período pré-histórico.

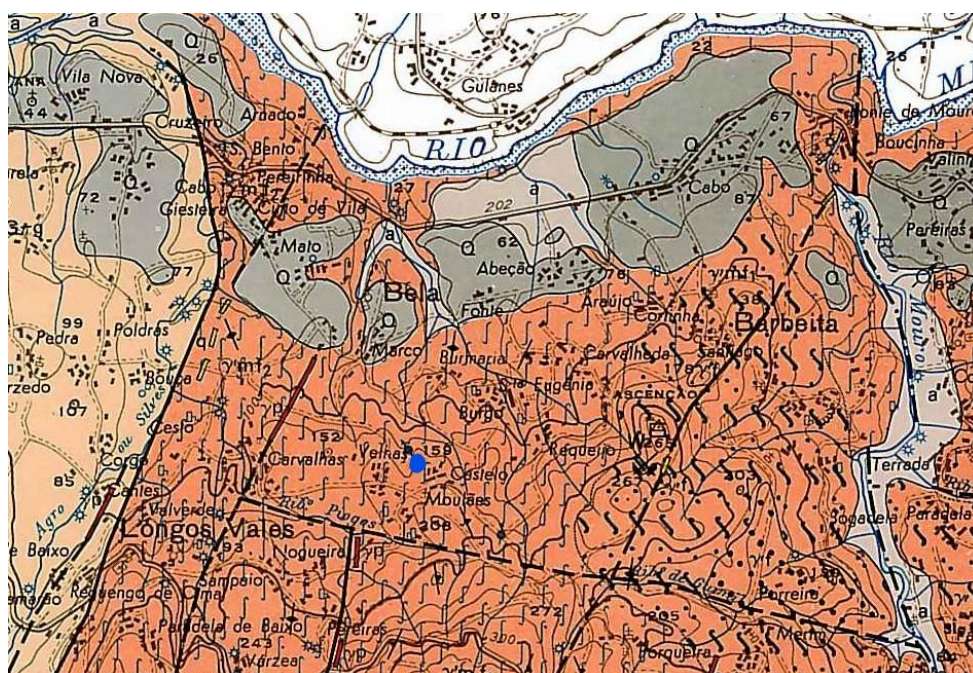


Figura 120 – Localização de Teixugos em excerto de Carta Geológica de Portugal, 1B - Monção, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

A sudeste deste sítio arqueológico regista-se a presença do Castro de S. Caetano, que tem ocupação desde a Idade do Bronze Final até à época romana (Marques, 1991; Martins, 2013;

Silva & Campos, 2015). A noroeste, regista-se o depósito do Monte Redondo com onze machados de talão com duas argolas do período da Idade do Bronze (Marques, 1985, p. 28-29; Dias, 1987, p. 11-13). A oeste, na Gruta da Agrela, regista-se o depósito de machados de talão da Idade do Bronze (Vasconcellos, 1902). Por fim a sudoeste, em Pias, regista-se o depósito junto com duas argolas e cone de fundição (Marques, 1985, p. 25).

Descrição física da superfície gravada: Afloramento rasante ao solo de contorno semi-oval de granito de grão fino, conhecido como Granito de Longos Vales e Couço, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, 1B – Monção, na escala 1/50 000 (Ribeiro & Moreira, 1986) (Fig. 121). Apresenta-se como uma rocha de pequenas dimensões possuindo cerca de 4,10 metros no sentido norte/sul e cerca de 1,48 metros no sentido este/oeste. Possui uma diaclase a norte orientada a noroeste/sudeste, a sul regista-se um filão de quartzo orientado este/oeste. A sua superfície é plana tendo, apenas, uma ligeira inclinação paraa este, nordeste e norte.



Figura 121 - Teixugos 2 visto a partir de sul.

Historial:

Afloramento inventariado no ano de 2014 na base de dados do CVARN – *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português* (Bettencourt, 2014).

Descrição dos motivos gravados: Este afloramento encontra-se parcialmente gravado. A sul regista-se um pequeno círculo concêntrico bastante erodido. A partir do filão de quartzo observa-se a principal composição deste afloramento. Registam-se três círculos concêntricos, um localizado a sul possui três voltas, um a oeste possui três voltas e um a norte possui quatro voltas. O círculo concêntrico a oeste é rodeado por um círculo do qual partem vários segmentos e que se conectam com o círculo concêntrico, formando um círculo radiado. O sulco exterior desse círculo aglutina-se com os dois círculos concêntricos a sul e a norte. Um deles, a norte, encontra-se segmentado duas vezes por sulcos posteriores, estando estes orientados a noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste (Fig. 122). A norte desta composição regista-se um círculo segmentado cujos segmentos orientam-se norte-noroeste/su-sudeste e este/oeste. O sulco horizontal não se interliga com o sulco do círculo. A este deste motivo observa-se um par de covinhas que está junto de um sulco vertical orientado oeste/este que se faz acompanhar de outro sulco paralelo estando interligados por dois sulcos horizontais igualmente paralelos entre si. A nordeste dos sulcos regista-se um círculo concêntrico de duas voltas com um par de covinhas bastante profundas no centro. Na extremidade norte do afloramento regista-se um círculo concêntrico de quatro voltas, tendo na última volta uma sequência de covinhas a preenchê-la. Associado a este motivo surge um círculo segmentado cujos segmentos estão orientados norte/sul e este/oeste (Fig. 123).

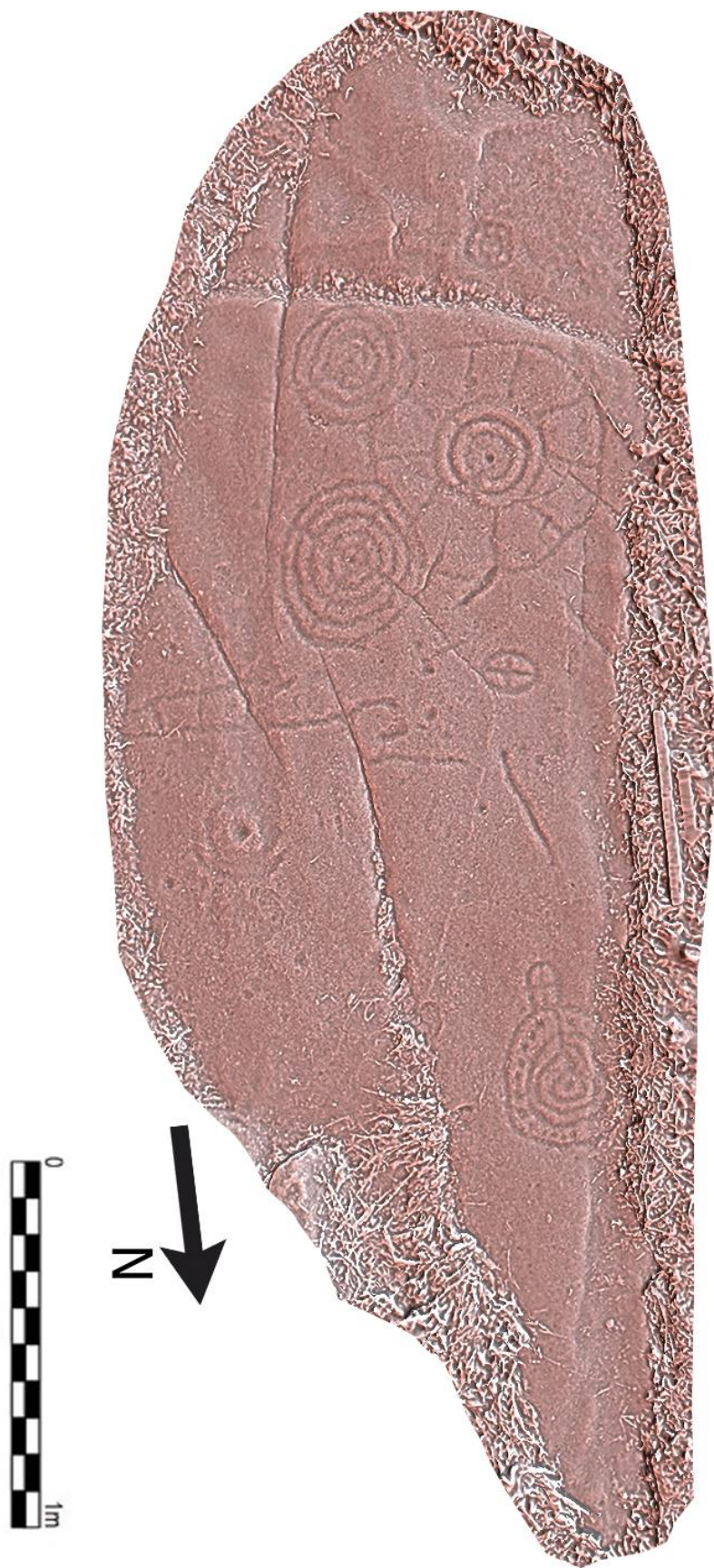


Figura 122 - Fotogrametria de Teixugos 2.



Figura 123 - Fotogrametria de Teixugos 2.

Técnica: Picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: Bom.

Bibliografia: Bettencourt, 2014; dados inéditos.

16) Vargielas 1²

Localização administrativa: Viana do Castelo/Monção/União de freguesias de Anhões e Luzio/Vargielas

Coordenadas: N 41° 59'52"; O 8° 27' 0''

Altitude: cerca de 425 metros.

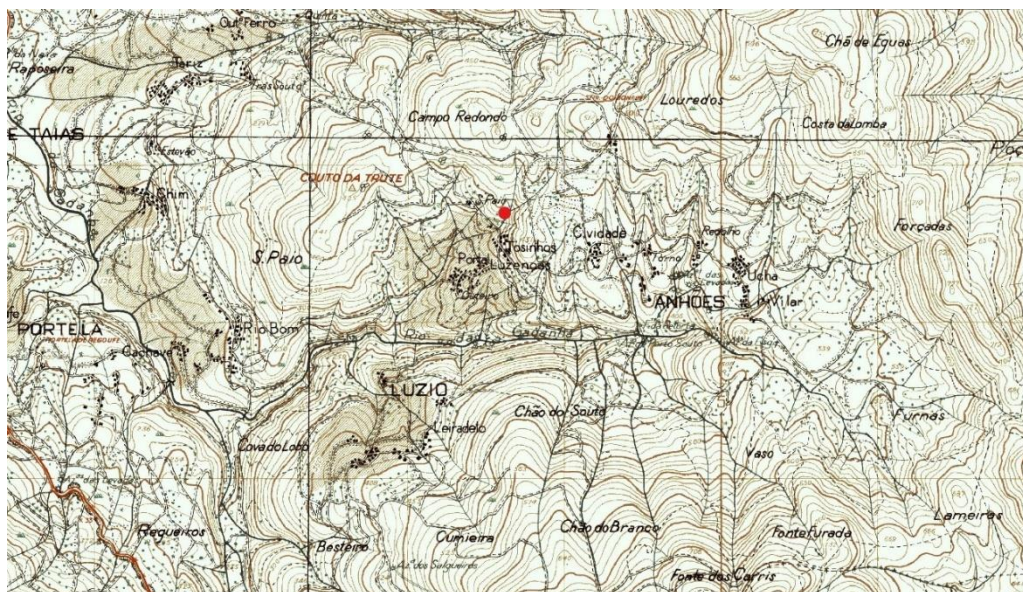


Figura 124 – Localização de Vargielas 1 em excerto da Carta Militar n° 8, escala 1/25 000, CIGeoe.

Acesso: Seguir na direção da estrada E.M.505, chegar à capela da Senhora do Bonfim. Depois do cruzamento que segue para o lugar de Tosinhos, parar ao lado do segundo caminho de terra que aparece do lado esquerdo. Tomar esse caminho, passar ao lado de um poste de alta tensão e, continuar a descer até a uma curva acentuada do caminho do lado esquerdo. O local gravado fica aí perto, do lado direito do caminho, a uma cota mais baixa em relação ao afloramento gravado da Fonte Seca, a sudoeste deste.

Contexto físico e ambiental:

O afloramento localiza-se numa plataforma, a meio da vertente su-sudoeste do Monte do Campo Redondo, que faz parte da serra de Anta, na bacia de receção do regato das Vargielas e sobranceiro a um lameiro. O regato das Vargielas corre para o rio do Gadanha, afluente da margem esquerda

² Este afloramento é bem conhecido da população por ser local onde as crianças vinham escorregar. Popularmente é conhecido por "Roça cu"

do rio Minho, sendo uma das principais fontes de abastecimento da população local (Fig. 124). O substrato geológico é o granito de grão fino a médio, de duas micas, designado de Granito do Extremo, que aflora à superfície (Moreira & Simões, 1988) (Fig. 125). No que diz respeito aos recursos mineiros, não se observa proximidade com os mesmos, registando apenas algumas jazidas de estanho em dois lugares distintos a cerca de 10 km, a sudoeste do local.

Relativamente ao coberto vegetal, a vegetação arbórea predomina, sobretudo o eucalipto e o pinheiro e, relativamente à vegetação arbustiva, observa-se, essencialmente, o tojo e a urze, tendo sido, num passado não longínquo, local de pasto de gado bovino.

Destaca-se, sobretudo, a excelente visibilidade para os montes adjacentes, tais como a serra do Extremo, a sudoeste e o Monte Faro, a noroeste. Local com excelente exposição solar, podendo observar-se o movimento do sol durante o dia e durante o ano.

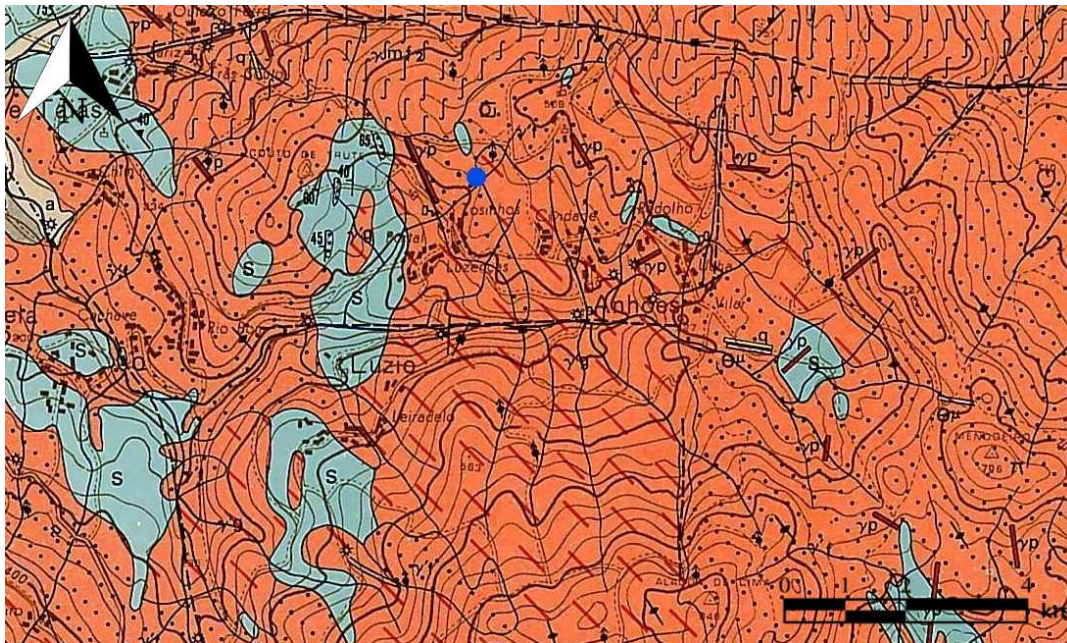


Figura 125 – Localização de Vargielas 1 em excerto da Carta Geológica 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Há uma proximidade com um conjunto de sítios arqueológicos interessantes, sendo na sua esmagadora maioria monumentos megalíticos ou monumentos de tradição megalítica. Assim sendo, consegue perceber-se através dos dados do Portal do Arqueólogo, que estes se posicionam a sul, sudeste e oeste do presente afloramento. A sul, regista-se, a cerca de 2km, a Mamoia da

Alagoa de Cima (Queiroga, 2003). A sudeste observa-se um núcleo de monumentos megalíticos, a cerca de 3,5 km, onde se localizam as Mamoas 1, 2, 3 e 4 das Lameiras (Lima, 2004; Miguel, 2013). Associado a este núcleo observa-se o monumento megalítico da Serra das Antas (Pereira & Faria, 2002; Sabrosa et al., 2004). Desde este afloramento é possível observar-se Vargielas 2 e observar a localização do Chão das Agradas.

Descrição física da superfície gravada:

Trata-se de um afloramento de grandes dimensões, com cerca de 22,07 metros no sentido nordeste/sudoeste e 6,70 metros no sentido este/oeste. É um afloramento pouco destacado do solo, de granito de grão fino, com algumas micas dispersas - Granito do Extremo, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, 1D – Arcos de Valdevez, na escala 1/50 000 (Moreira & Simões, 1988). Tem um contorno trapezoidal e possui várias diaclases por todo ele, assumindo estas várias orientações. Possui, ainda, um filão de quartzo encrostado, orientado nordeste/sudoeste. Após o topo horizontalizado, o afloramento desenvolve-se para sul e sudeste com pendente acentuada (Fig. 126).



Figura 126 - Esquerda: Vista das Vargielas 1, a partir de sul para norte, com o painel 5, em primeiro plano. Direita: Vista das Vargielas 1, de norte para sul.

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento encontra-se profusamente gravado, motivo pelo qual foi pertinente a sua subdivisão em 5 painéis (Fig. 127).

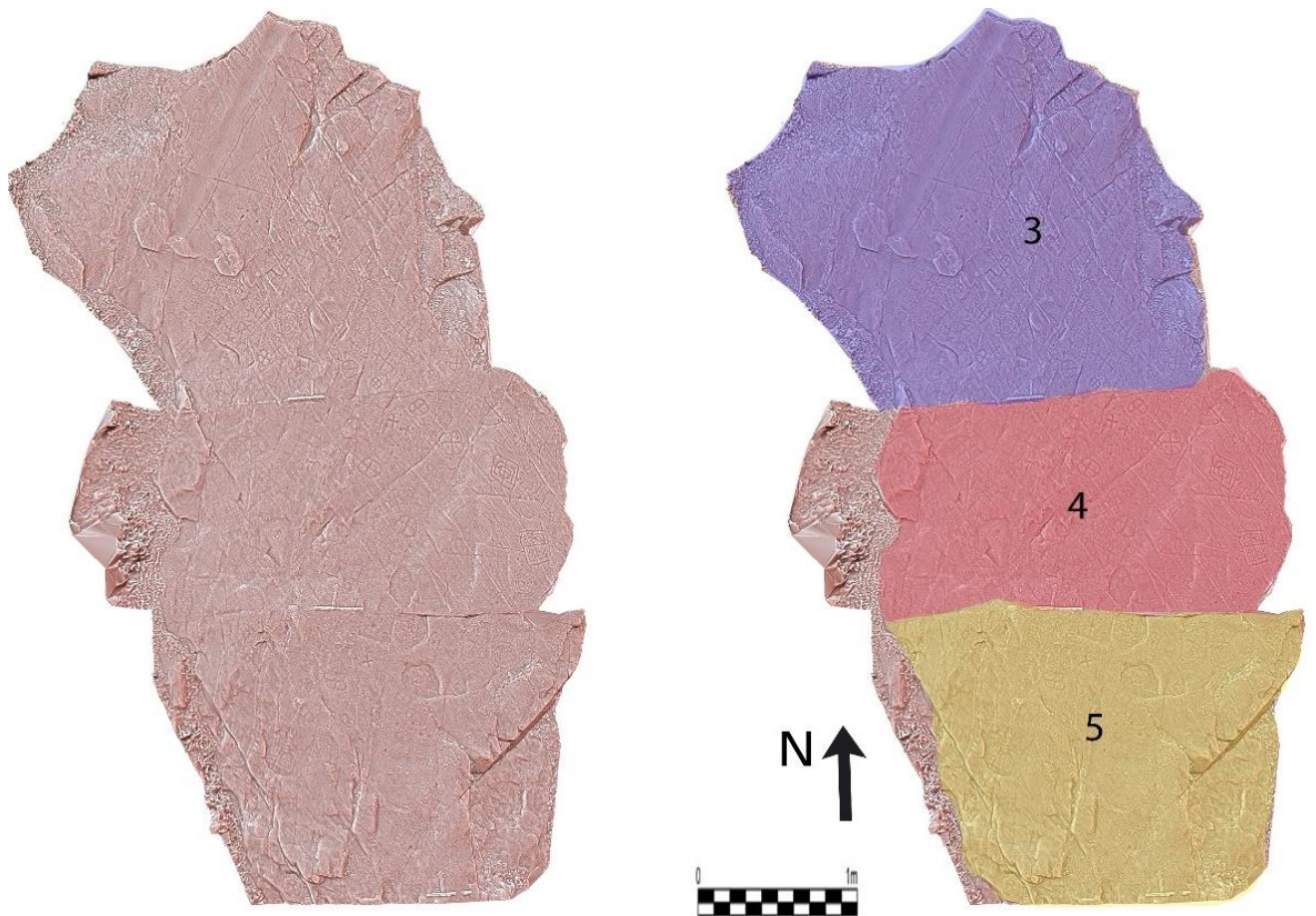


Figura 127 - Fotogrametria dos painéis 3, 4 e 5 das Vargielas 1 e sua respectiva divisão.

O painel 1 encontra-se na plataforma mais elevada, a norte dos restantes painéis, de forte inclinação. É aplanado mas tem várias diáclases, maioritariamente orientadas de nordeste para sudoeste. Encontra-se parcialmente gravado. Com exceção, de dois pequenos círculos com covinha central e, talvez, dois motivos em “U”, os restantes parecem ser históricos. Tratam-se, de motivos indeterminados, além de cruzes (uma delas inscritas num retângulo) e alfabéticos, como a letra “A” que aparece mais do que uma vez. Não se registam círculos segmentados.

O painel 2 encontra-se a sul do painel 1 e norte do painel 3. Não tem motivos gravados, materializando uma zona de ligação do afloramento.

O painel 3 destaca-se em todo o afloramento, por ser o mais inclinado e, também, por ser o mais profusamente gravado (Figs. 128, 129). Localiza-se a sul do painel 2 e a norte do painel 4, do qual o separa uma grande diaclase. Encontra-se em parte erodido por ter servido de escorrega, o que dificulta a observação dos motivos. Além disso, a erosão resultante dos agentes atmosféricos também é grande. Apesar dos constrangimentos foi possível observar, no quadrante oeste um

esteliforme, inscrito num círculo. Há, ainda, a assinalar alguns quadrados e retângulos segmentados, a oeste, sudoeste, e sudeste do painel, bem como uma figura composta por duas ovas concêntricas que se inscrevem, genericamente, na Arte Esquemática, de ar livre, do Noroeste. Observaram-se, também, pelo menos, oito círculos segmentados de diferentes dimensões, distribuindo-se, essencialmente, no centro e sul do painel. Aqui, um círculo situa-se a noroeste, outro situa-se na área central, três situam-se a sudoeste e três situam-se a sudeste. Observa-se que sete dos círculos segmentados têm os seus segmentos orientados a nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste. Apenas, um círculo segmentado, localizado na parte inferior do painel, possui os seus segmentos orientados a norte/sul e este/oeste. No quadrante sudeste, observa-se um pentagrama, que poderá ser já de época histórica, assim, como cruciformes, que, de um modo geral, se distribuem, um pouco por todo o painel. Entre estes há cruzes latinas e gregas, sendo notório que uma cruz grega se sobrepõe, em parte, a uma das extremidades do pentagrama. Há, ainda, um falso círculo segmentado, composto por uma cruz grega dentro de um círculo, sem que os braços da cruz se interliguem com o círculo que poderá ser mais antigo, pelo facto de estar menos avivado.

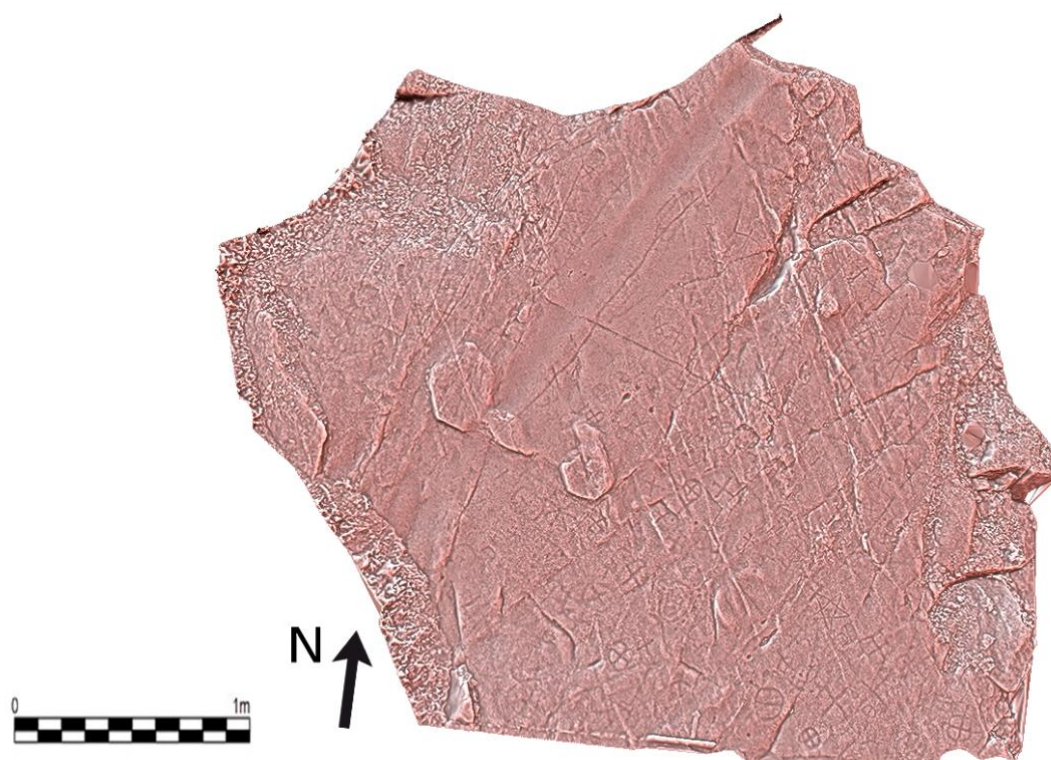


Figura 128 - Fotogrametria do painel 3 de Vargielas 1.

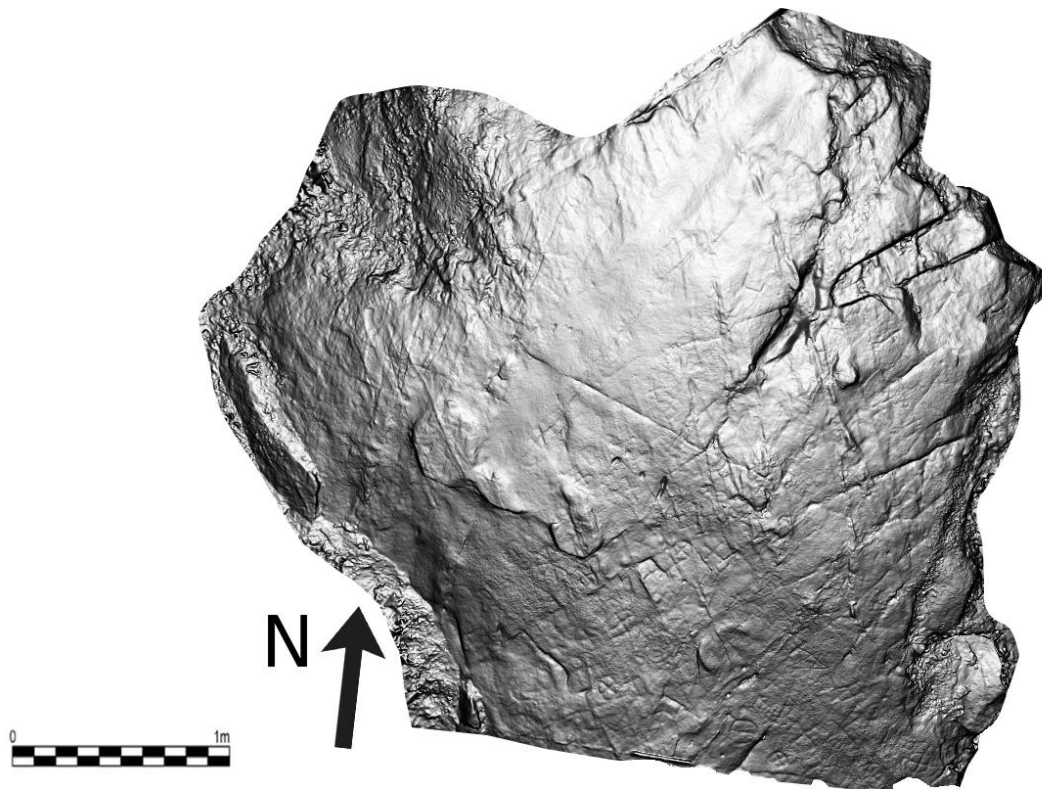


Figura 129 - Fotogrametria do painel 3 de Vargielas 1.

O painel 4 encontra-se a sul do painel 3 e a norte do painel 5, separando-se ambos por duas grandes diaclases que atravessam o afloramento na sua totalidade (Figs. 130, 131). A sua superfície a par de outros painéis é bastante inclinada e profusamente gravada. A uma primeira fase correspondem vários quadrados segmentados, um deles com covinhas em cada segmento, muito erodidos que ocorrem por todo o painel, mas com maior incidência no quadrante este e a sul. Posteriormente deveram ter-se gravado treze círculos segmentados. Estes localizam-se de forma dispersa na área central e nos quadrantes nordeste, este e sudeste do painel. Em todos os círculos segmentados deste painel, os seus segmentos encontram-se orientados nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste (Figs. 132, 133). Destacam-se dois círculos segmentados envoltos em duas sequências de quadrados, respetivamente, prolongando-se os segmentos de ambos à extremidade desses quadrados, podendo ser figuras mais recentes, materializando tabuleiros de jogo. A este e nordeste, associados aos círculos segmentados, observa-se uma pequena figura oval segmentada, apenas uma vez, apresentado apêndice, verificando-se a sua existência a nordeste com covinha em cada compartimento segmentado e, a este, ocorre sem covinha no compartimento, mas com covinha na terminação de apêndice. Há, ainda, a registar

ocorrência de cruciformes em todo o quadrante este, nomeadamente cruces gregas, quer efetuadas com sulcos bastante profundos, quer feitas com objeto metálico.

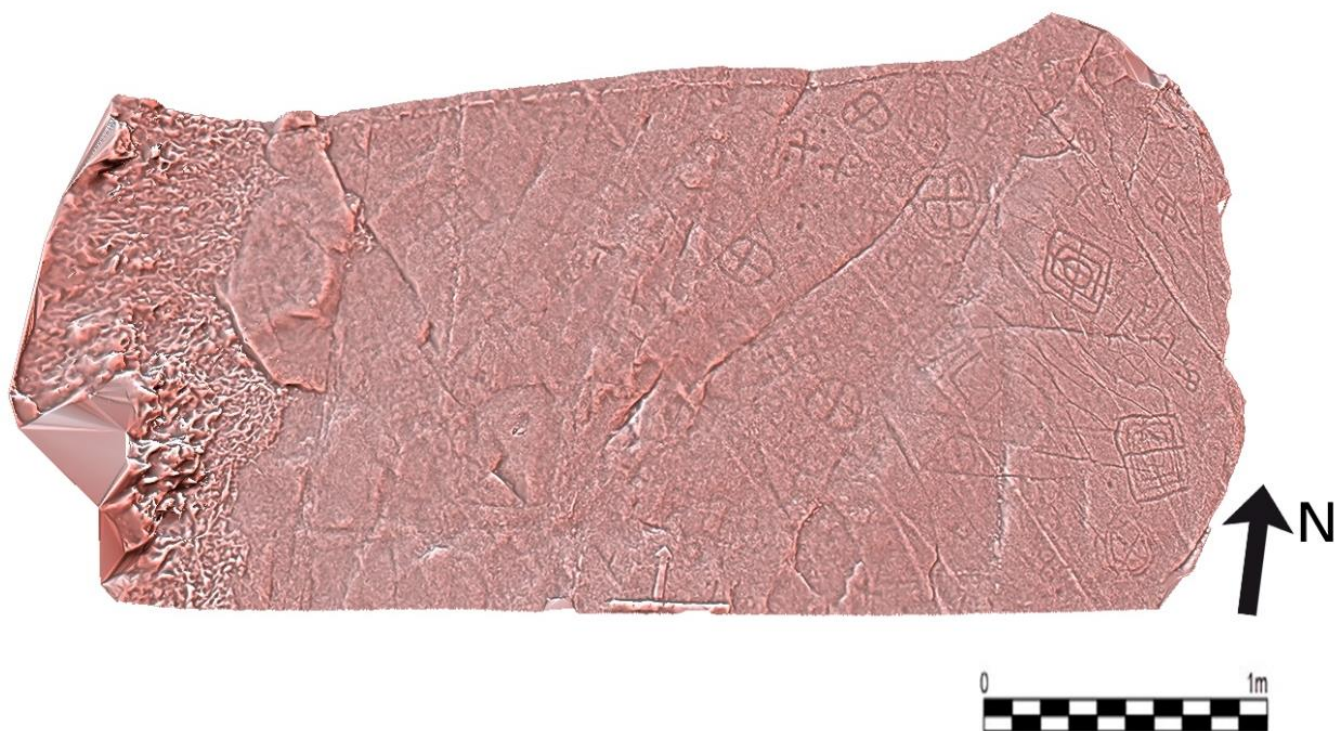


Figura 130 - Fotogrametria do painel 4 de Vargielas 1.

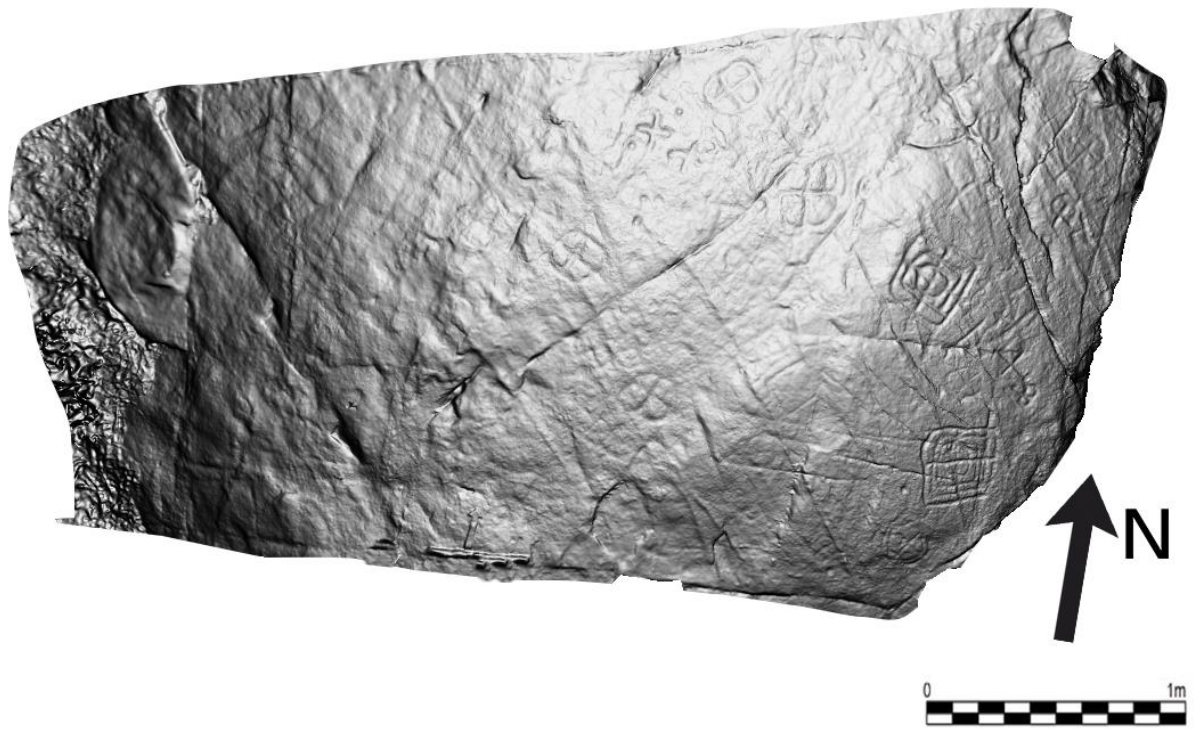


Figura 131 - Fotogrametria do painel 4 de Vargielas 1.



Figura 132 - Pormenor do painel 4 de Vargielas 1.



Figura 133 - Pormenor de um círculo segmentado do painel 4 de Vargielas 1.

O painel 5, a sul do painel 4 localiza-se na extremidade su-sudeste do afloramento (Figs. 134, 135). É, também, bastante inclinado. Na sua extremidade nordeste, possui um círculo concêntrico com cerca de cinco voltas, estando associado, ao seu lado esquerdo, uma figura retangular aberta com uma covinha interior, aparentando ter apêndice exterior a este. A norte ocorre um quadrado segmentado. Estes motivos correspondem à fase mais antiga do afloramento, sendo interessante verificar-se aqui a coexistência das gramáticas atlântica e esquemática. Posteriormente, deverão ter-se gravado dois círculos segmentados. Um encontra-se localizado na área central, com os seus segmentos orientados a nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste, e o outro situa-se a sudoeste, também com os seus segmentos orientados nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste. Há algumas covinhas dispersas pela área central do painel e uma cruz grega, com sulco muito profundo, a norte. Há a noroeste uma gravura muito erodida e a oeste parece existir uma composição quadrangular, talvez um tabuleiro de jogo.

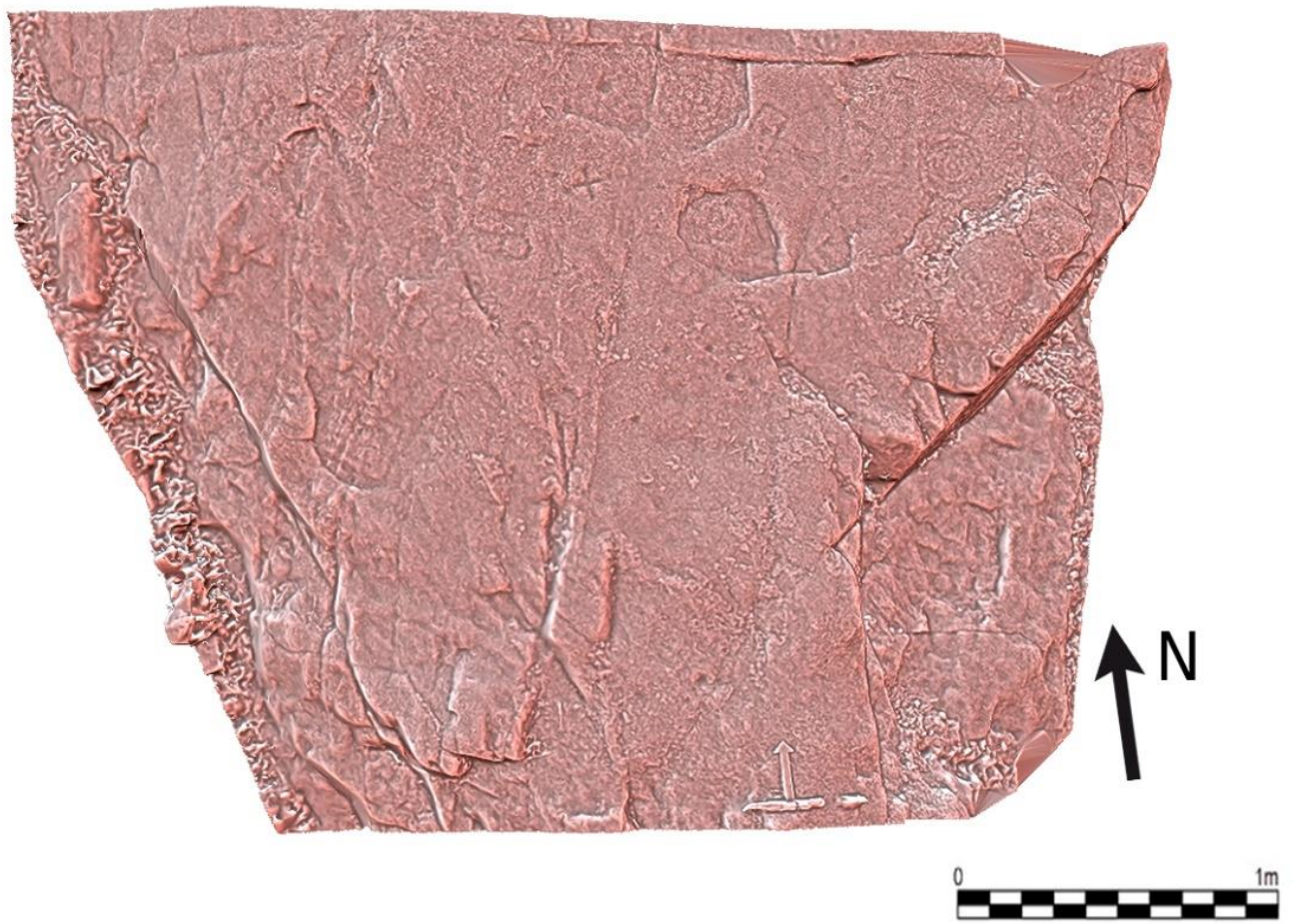


Figura 134 - Fotogrametria do painel 5 de Vargielas 1.

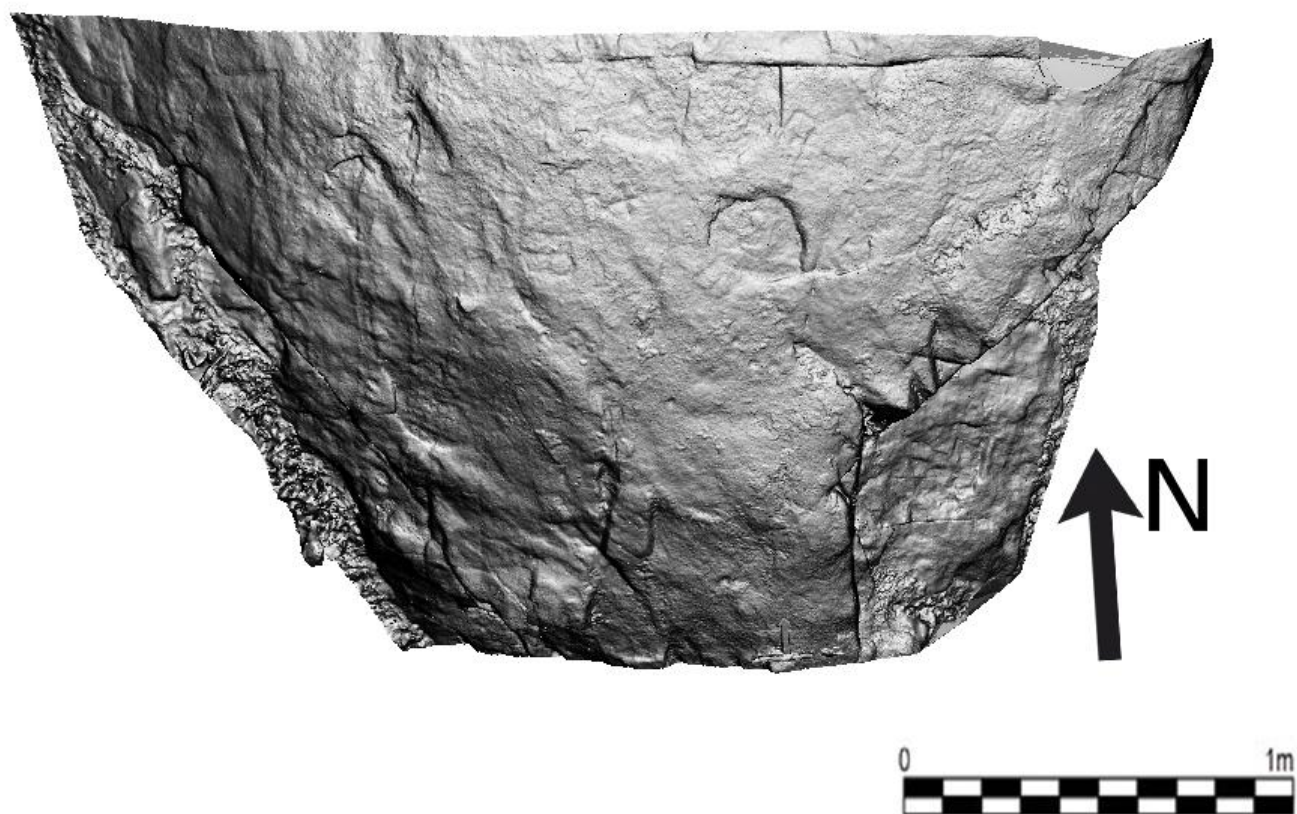


Figura 135 - Fotogrametria do painel 5 de Vargielas 1.

Técnica: picotado seguido de abrasão e, por vezes, pico metálico.

Estado de conservação: razoável.

Classificação: inédito; agradecimento a Cândido Verde pela localização do afloramento.

17) Vargielas 2

Localização administrativa: Viana do Castelo / Monção / União de freguesias de Anhões e Luzio/ Monte das Bargielas

Coordenadas: N 41° 59' 52"; O 8°27'0"

Altitude: cerca de 421 metros.

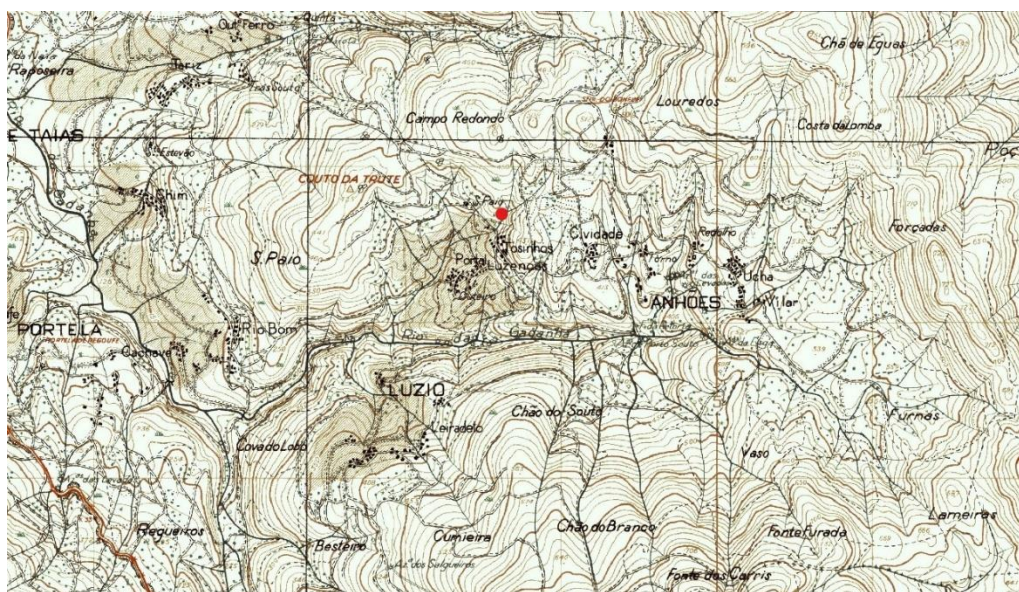


Figura 136 – Localização de Vargielas 2 em excerto da Carta Militar n.º8, escala 1/25 000, CI Geo.

Acesso: Seguir na direção da estrada E.M.505, chegar à capela da Senhora do Bonfim. Depois do cruzamento que segue para o lugar de Tosinhos, parar ao lado do segundo caminho de terra que aparece do lado esquerdo. Tomar esse caminho, passar ao lado de um poste de alta tensão e, continuar a descer até a uma curva acentuada do caminho do lado esquerdo. O local gravado fica aí perto, do lado direito do caminho, a uma cota mais baixa em relação ao afloramento gravado da Fonte Seca, a sudoeste deste.

Contexto físico e ambiental:

O afloramento localiza-se numa plataforma, a meio da vertente su-sudoeste do Monte do Campo Redondo, que faz parte da serra de Anta, na bacia de receção do regato das Vargielas e sobranceiro a um lameiro. O regato das Vargielas corre para o rio do Gadanha, afluente da margem esquerda do rio Minho, sendo uma das principais fontes de abastecimento da população local (Fig. 136). O substrato geológico é o granito de grão fino a médio, de duas micas, designado de Granito do Extremo, que aflora à superfície (Moreira & Simões, 1988) (Fig. 137). No que diz respeito aos

recursos mineiros, não se observa proximidade com os mesmos, registando apenas algumas jazidas de estanho em dois lugares distintos a cerca de 10 km, a sudoeste do local.

Relativamente ao coberto vegetal, a vegetação arbórea predomina, sobretudo o eucalipto e o pinheiro e, relativamente à vegetação arbustiva, observa-se, essencialmente, o tojo e a urze, tendo sido, num passado não longínquo, local de pasto de gado bovino.

Destaca-se, sobretudo, a excelente visibilidade para os montes adjacentes, tais como a serra do Extremo, a sudoeste e o Monte Faro, a noroeste. Local com excelente exposição solar, podendo observar-se o movimento do sol durante o dia e durante o ano.

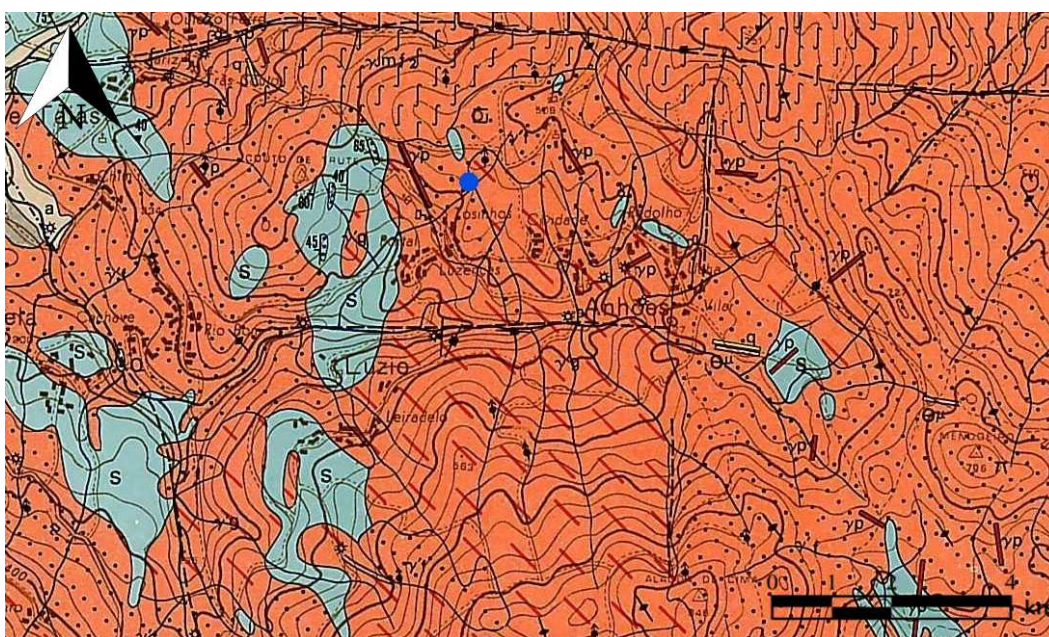


Figura 137 – Localização de Vargielas 2 em excerto da Carta Geológica 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Há uma proximidade com um conjunto de sítios arqueológicos interessantes, sendo na sua esmagadora maioria monumentos megalíticos ou monumentos de tradição megalítica. Assim sendo, consegue perceber-se através dos dados do Portal do Arqueólogo, que estes se posicionam a sul, sudeste e oeste do presente afloramento. A sul, regista-se, a cerca de 2km, a Mamoa da Alagoa de Cima (Queiroga, 2003). A sudeste observa-se um núcleo de monumentos megalíticos, a cerca de 3,5 km, onde se localizam as Mamoas 1, 2, 3 e 4 das Lameiras (Lima, 2004; Miguel, 2013). Associado a este núcleo observa-se o monumento megalítico da Serra das Antas (Pereira

& Faria, 2002; Sabrosa et al., 2004). Desde este afloramento é possível observar-se Vargielas 1 e a localização do Chão das Agradas.

Descrição física da superfície gravada:

Afloramento pouco destacado do solo, de pequenas dimensões, com 3 metros no sentido norte/sul e 1,50 metros no sentido este/oeste, desenhando um contorno ovalado. de granito de grão fino, com algumas micas dispersas - Granito do Extremo, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, 1D – Arcos de Valdevez, na escala 1/50 000 (Moreira & Simões, 1988) (Figs. 138). A superfície deste afloramento possui uma ligeira inclinação para sul e sudoeste. Possui várias diaclases orientadas de nordeste para sudoeste e algumas fissuras e depressões naturais na sua zona central.



Figura 138 – Vargielas 2

Descrição dos motivos gravados: o afloramento apresenta-se parcialmente gravado, possuindo apenas um círculo segmentado, localizado no quadrante sudeste do painel. Este motivo possui os seus segmentos orientados norte/sul e este/oeste (Figs. 139, 140, 141).

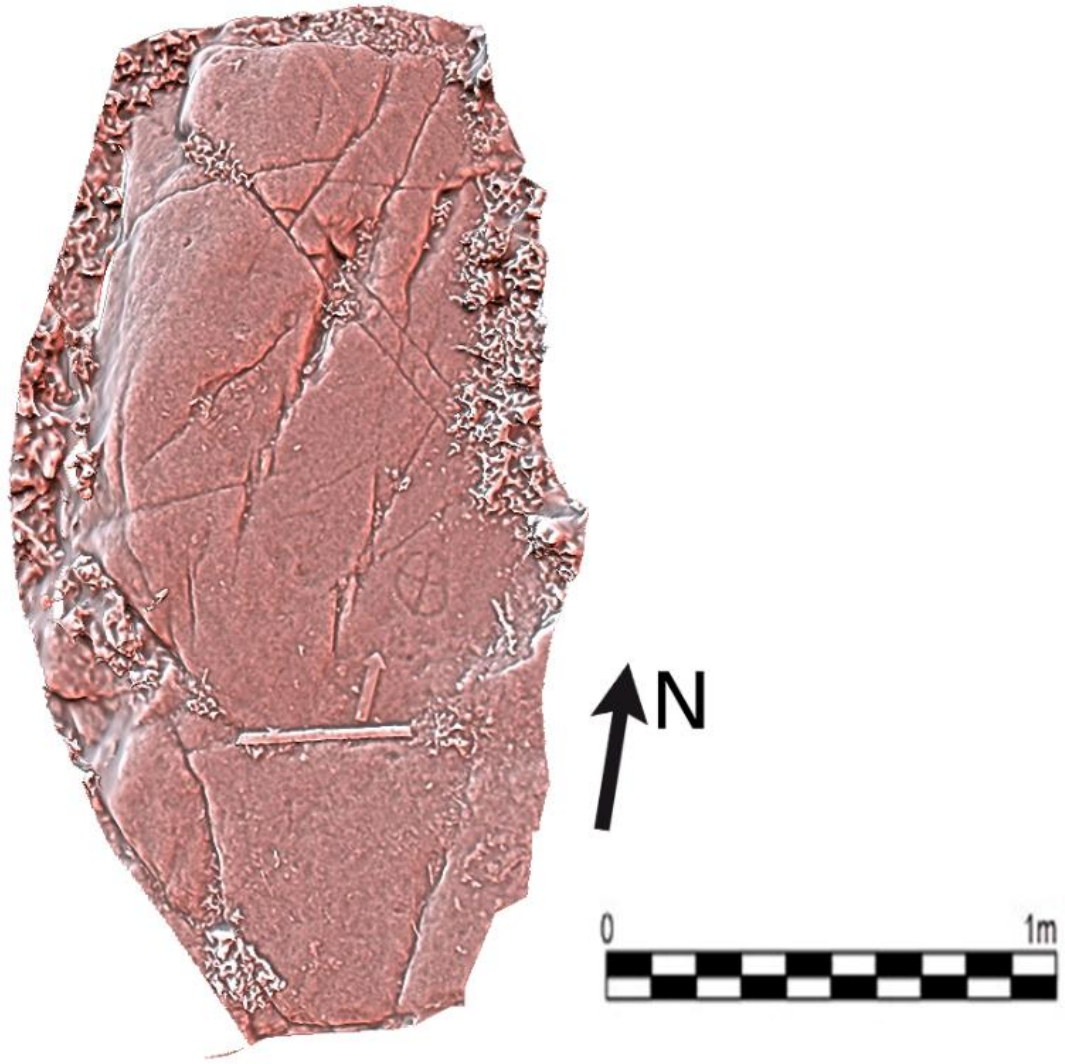


Figura 139 - Fotogrametria de Vargielas 2.

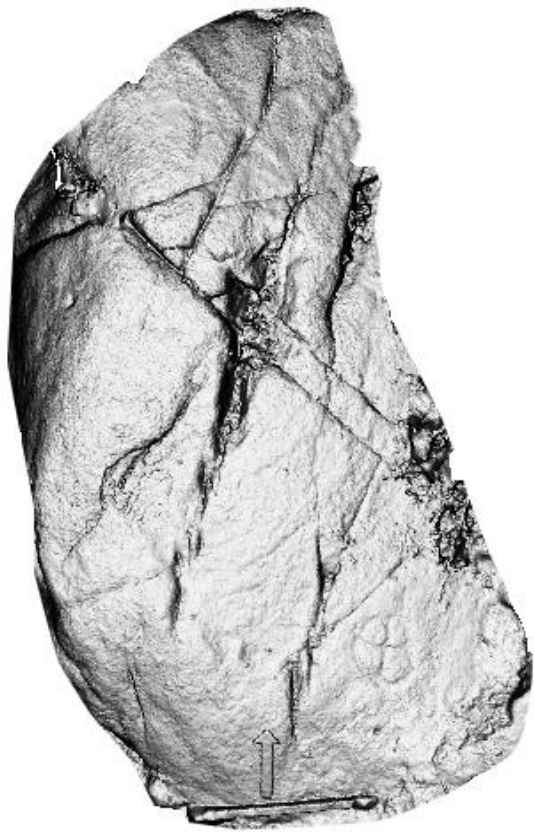


Figura 140 - Fotogrametria de Vargielas 2.



Figura 141 - Pormenor do círculo segmentado de Vargielas 2.

Técnica: picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: razoável.

Classificação: inédito; agradecimento a Cândido Verde pela localização do afloramento.

2.2.5 Paredes de Coura

18) Monte de Porreiras 3

Localização administrativa: Viana do Castelo / Paredes de Coura / União de freguesias de Insalde e Porreiras

Coordenadas: N 41° 57' 9" / O 8° 33' 1"

Altitude: cerca de 520 metros.

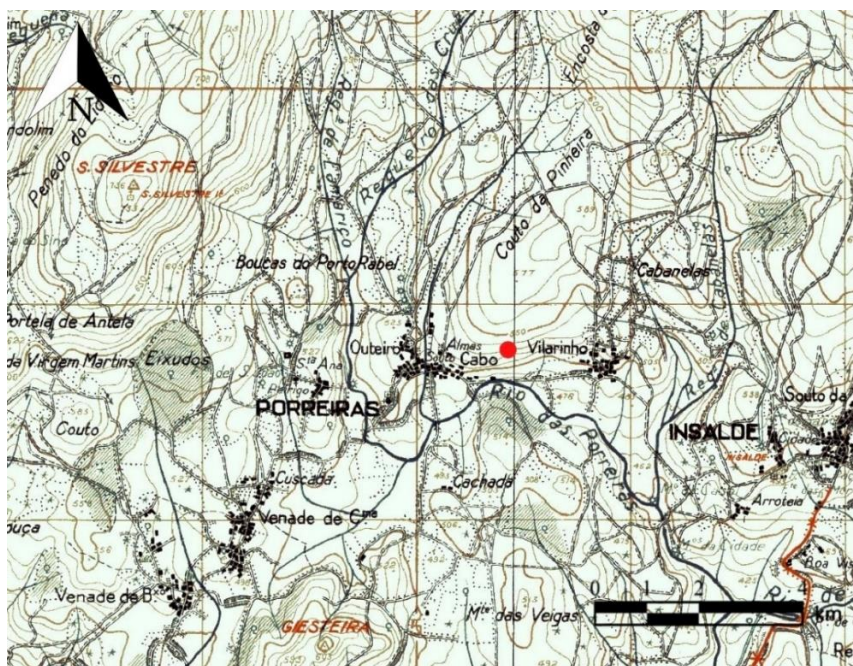


Figura 142 – Localização de Monte de Porreiras 3 em excerto da Carta Militar n° 7, escala 1/25 000, CI/Geoe.

Acesso: Seguir em direção a Paredes de Coura, percorrer a E.M. 1066 em direção a Porreiras, chegar até à Igreja Matriz de Porreiras (S. Miguel), virar à esquerda em direção à Capela da Senhora do Pilar, seguir em frente e virar à esquerda até a um caminho em terra batida. A partir deste ponto o trajeto deve realizar-se por via pedestre até a uma antiga pedreira ficando o afloramento no seu lado direito.

Contexto físico e ambiental:

O lugar situa-se a meio da vertente sudoeste do Monte de Porreiras, sobranceiro ao vale do ribeiro ou rio de Porreiras (Fig. 142). Está inserido numa zona de muita escorrência de água. Nesta área, regista-se a presença de granito alcalino de grão médio, que aflora abundantemente à superfície

(Teixeira, 1961). Há, ainda, presença de blocos soltos, provavelmente devido às atividades realizadas numa pedreira desativada existente nas imediações. Regista-se a presença de blocos de quartzo por todo o Monte de Porreiras. No que diz respeito aos recursos mineiros, regista-se a presença de estanho e tungsténio, estando este último fortemente associado ao estanho (Teixeira, 1961) (Fig. 143). São cerca de sete jazidas destes recursos localizadas a noroeste e norte, a cerca de 3,5 km, do local.

A vegetação predominante é a arbustiva com a presença do tojo, observando-se a uma maior distância pinheiros e eucaliptos a oeste. A sul, junto do ribeiro é possível observar uma vasta floresta de pinheiros.

A sudoeste do afloramento é possível observar o Monte do Castro e o Monte da Pena. A sul, há um bom domínio visual sobre o ribeiro de Porreiras e, a uma maior distância é observável o Monte do Bico. A sudeste e a este são observáveis o monte do Vale Escuro e o monte de Padroso, respetivamente. Para norte o afloramento avista-se o alto da vertente do Monte de Porreiras e o céu. Assim, é notório o domínio visual para toda a área circundante, excetuando a norte. O afloramento também tem boa exposição solar, sendo possível observar o ciclo solar diário e anual deste local.

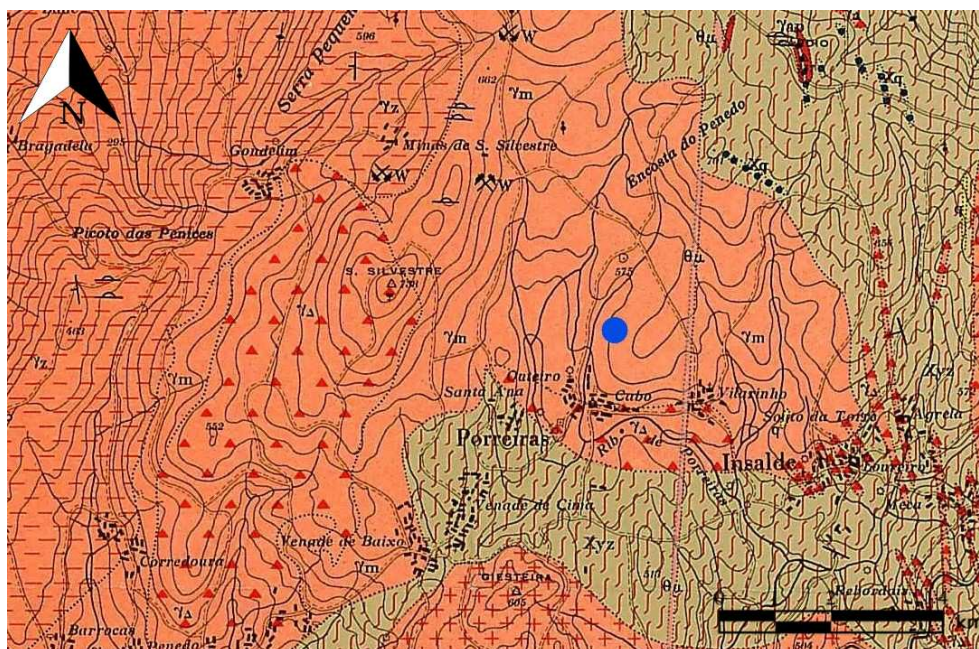


Figura 143 – Localização de Monte de Porreiras 3 em excerto da Carta Geológica 1C – Caminha, escala 1/25 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

A Rocha 3 insere-se no complexo rupestre do Monte de Porreiras, no qual se encontram alguns afloramentos gravados. Estes localizam-se, sobretudo, a sudeste, sul e sudoeste do monte. A sua temática é variada, desde arte atlântica clássica a motivos figurados, como a gravação de zoomorfos, sobretudo equídeos e armas (punhais de antenas). Regista-se intervisibilidades com as rochas 1, 2, 4, 5, 6, e 7 do Monte de Porreiras. A uma maior distância existe a noroeste a presença de um monumento megalítico funerário no Monte de São Silvestre (Canha & Caninas, 2004). A sudoeste observa-se a presença de dois povoados fortificados, situados cronologicamente na Idade do Ferro, localizados em diferentes montes: um no monte da Giesteira e outro localizado no Monte da Pena (Silva, 1994). A sudeste regista-se um cenário idêntico, com a presença do povoado fortificado do Castelinho, situado cronologicamente na Idade do Ferro (Silva, 1994). No mesmo quadrante, regista-se a presença de depósito de machados em bronze das Cabeludas, fixado cronologicamente na Idade do Bronze (Silva, 1994). A sul, num raio de 5 km, verifica-se a presença do depósito de Cristelo que remete para o Bronze Final e do povoado fortificado de Cristelo, que possui ocupação desse mesmo período (Silva, 1994).

Descrição física da superfície gravada:

Trata-se de um afloramento rasante ao solo, com um contorno sub-triangular, composto por granito alcalino de grão médio, com algumas micas e incrustações de quartzo, conforme a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1C – Caminha, na escala 1/50 000 (Teixeira, 1961) (Fig. 144). Algumas zonas da sua superfície apresentam-se mais claras, devido ao efeito do fogo proveniente de antigos incêndios. É um afloramento de pequenas dimensões, possuindo cerca de 4,30 metros no sentido este/oeste e cerca de 2,80 metros no sentido noroeste/sudeste. Possui algumas diaclases entre os quadrantes este e sudoeste. A sua pendente tem uma ligeira inclinação para sul e sudoeste.

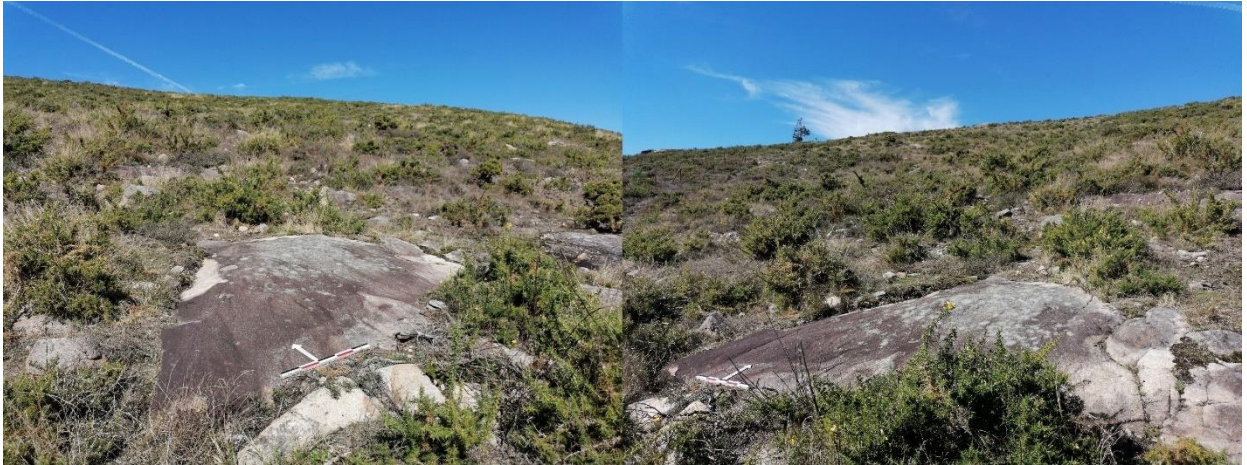


Figura 144 - Esquerda: Contexto da rocha 3 do Monte de Porreiras, vista de sudoeste. Direita: rocha 3 do Monte de Porreiras vista de sudeste.

Descrição dos motivos gravados:

A Rocha 3 do Monte de Porreiras é um afloramento parcialmente gravado, possuindo poucos motivos (Figs. 145, 146). Desde logo, observa-se, a oeste, dois círculos concêntricos de duas voltas, com covinha central e, a noroeste, um semicírculo com covinha central, genericamente inseríveis na Arte Atlântica clássica. No topo aplanado, a norte, encontram-se evidências de um reticulado bastante erodido e, no início do declive, no quadrante nordeste, regista-se a presença de um círculo segmentado cujos segmentos se orientam nos sentidos nordeste/sudoeste e sudeste/noroeste (Fig. 147). Para sudeste deste motivo, observa-se a representação de, pelo menos, dois equídeos sub-naturalistas, existindo outro quadrúpede, porém difícil de determinar, devido a fratura da rocha. A noroeste do círculo segmentado observa-se a presença de alguns sulcos muito pronunciados que parecem mais recentes. A sudoeste há, ainda, motivos muito erodidos, difíceis de determinar.

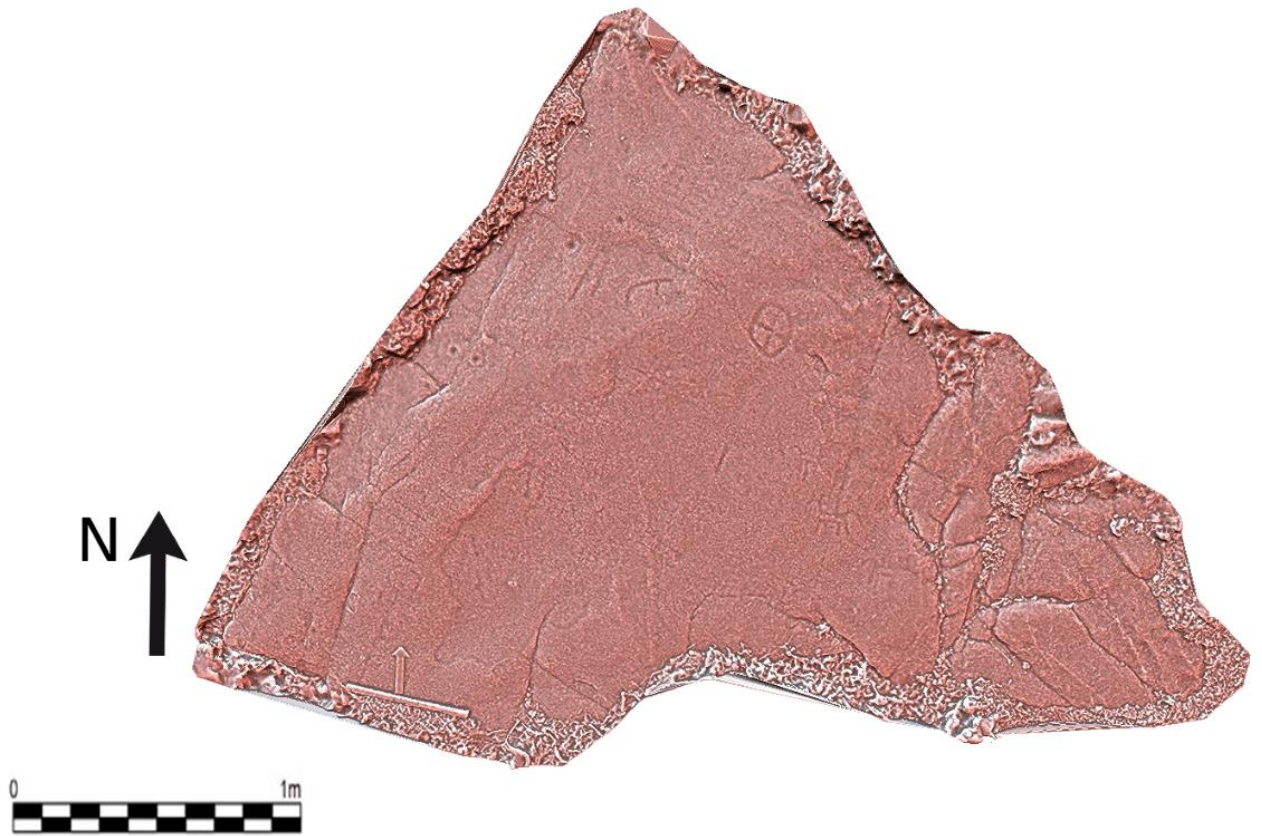


Figura 145 - Fotogrametria da rocha 3 do Monte de Porreiras 3.

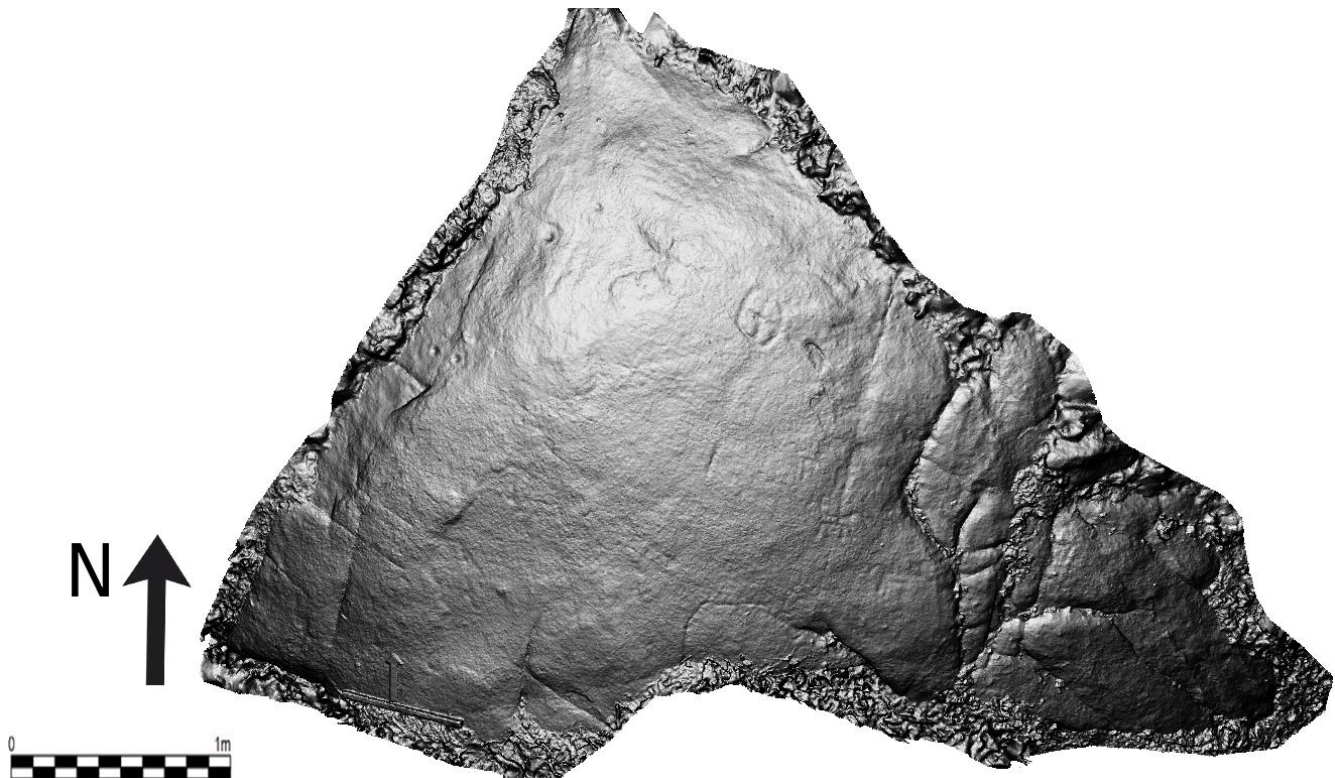


Figura 146 - Fotogrametria da rocha 3 do Monte de Porreiras 3.



Figura 147 - Pormenor do círculo segmentado de Monte de Porreiras 3.

Técnica: picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: razoável.

Classificação: inédito.

2.2.6 Ponte da Barca

19) Chã da Coelheira

Localização administrativa: Viana do Castelo/ Ponte da Barca/Britelo

Coordenadas: N 41° 50' 7" / O 8° 16' 7"

Altitude: cerca de 376 metros.

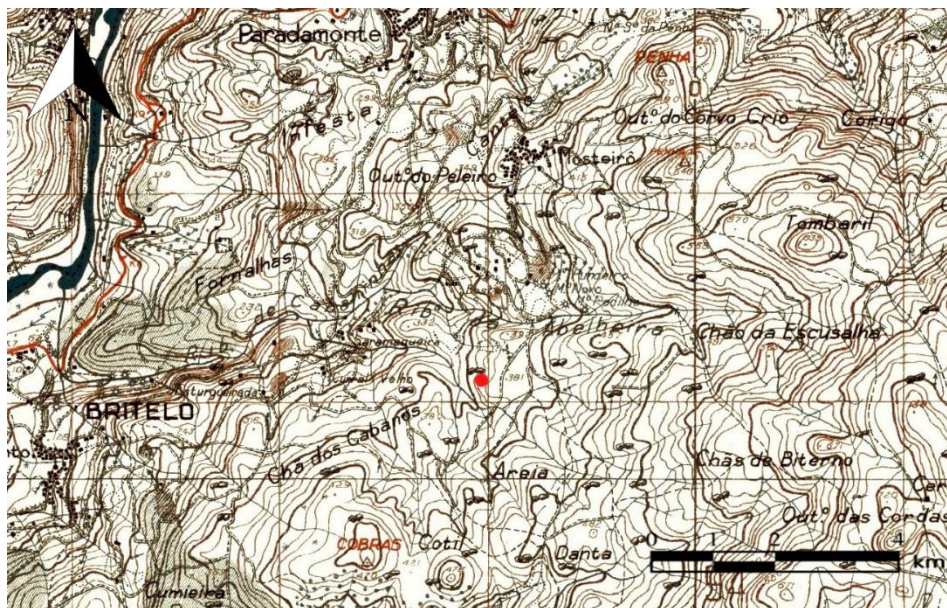


Figura 148 – Localização de Chã da Coelheira em excerto da Carta Militar n.º17, escala 1/25 000, CIGeo.

Acesso: Seguir pela E.N. 203 (de Ponte da Barca ao Lindoso) até à Igreja paroquial da freguesia do Britelo. Aí, passar por detrás da igreja e seguir em direção a uma das últimas casas do lugar, localizada nas imediações de um poste de alta tensão. Efetuar o resto do percurso a pé, tomando o caminho que vai para o alto da serra. A cerca de 350 m da referida casa, na zona onde o caminho faz uma curva acentuada, atinge-se a Chã da Rapada, uma área aplanada onde se concentram diversos afloramentos graníticos. De seguida, seguir pelo caminho de terra que se encontra atrás da Chã da Rapada e, no primeiro cruzamento, virar à esquerda, seguir por este caminho cerca de 700 metros até uma represa de água. As gravuras da Chã da Coelheira encontram-se a este da represa.

Contexto físico e ambiental:

A Chã da Coelheira localiza-se num planalto, existente a norte, da vertente da Serra Amarela, conhecido pelo planalto de Chão de Cabanos, protegido por pequenos montes de nordeste a sul,

como os Montes da Penha, Tombaril, Cotil e Cobras (Fig. 148). Situa-se numa área de abundância de água, observando-se, a norte, a ribeira da Abelheira que desagua na margem esquerda do rio Lima e a sul uma linha de água que dá origem a uma represa situada a oeste do afloramento. À superfície deste local aflora granito de de grão grosseiro a médio, de duas micas, designado de Granito da Serra Amarela (Moreira & Simões, 1988) (Fig. 149). O ouro é o único dos recursos mineiros presentes nas imediações, registando-se algumas jazidas a sudoeste e a oeste, estando a mais próxima a cerca de 3,5 km e a mais distante a cerca de 10 km (Moreira & Simões, 1988). Regista-se, nas imediações do afloramento a presença de quartzo no solo.

Situa-se numa zona de pastoreio e passagem de animais de grande porte. A vegetação arbórea predominante é o carvalho e o pinheiro, apesar de se encontrarem relativamente distantes, sendo a vegetação arbustiva que consiste em feto, tojo e urze, a mais próxima.

Possui excelentes condições de visibilidade para toda a área circundante, realçando-se o extenso alcance visual para o quadrante oeste, desde o noroeste ao sudoeste. O afloramento tem excelente exposição solar e o local reúne excelentes condições para a observação astronómica e o ciclo solar, conferindo a este lugar um caráter envolvente em estreita harmonia entre o afloramento e o espaço “natural”.

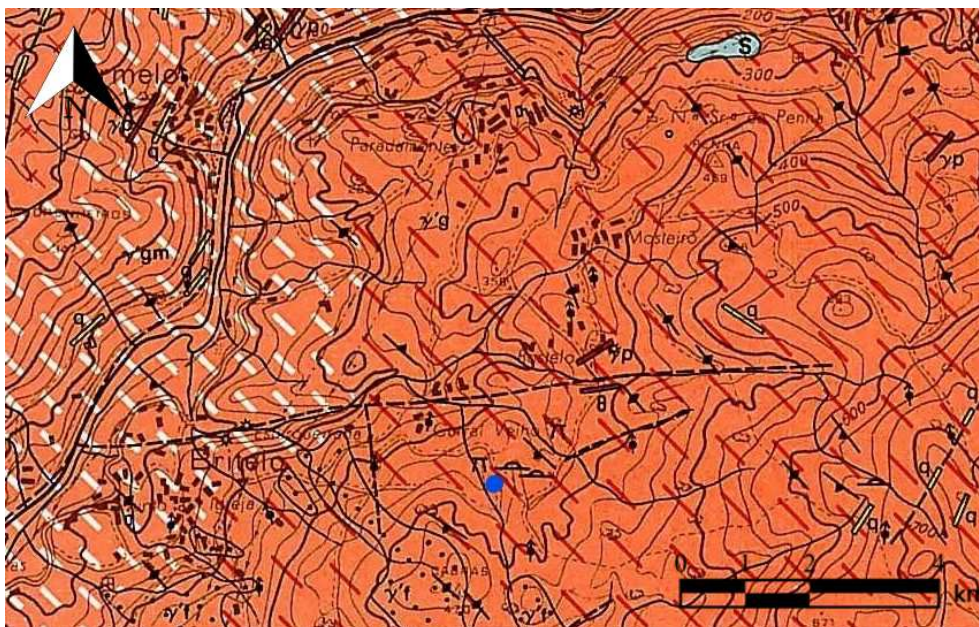


Figura 149 – Localização de Chã da Coelheira em excerto da Carta Geológica 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Nas imediações há a registar a necrópole megalítica da Serra Amarela (Rodrigues & Regalo, 2007) observando-se a sua presença em quase todos os quadrantes. A cotas inferiores regista-se o conjunto rupestre da Chã da Rapada, com vários afloramentos gravados com motivos esquemáticos e outros, como círculos segmentados, paletas, entre outros (Baptista, 1986a, 1986b, 1997; Martins, 2006; Alves, 2012; Bettencourt, 2013). A sudeste, regista-se a estátua-menir da Ermida, colocada entre o Calcolítico e o Bronze Inicial (Baptista, 1985).

Descrição física da superfície gravada:

O afloramento rasante ao solo, com um contorno sub-quadrangular, é de granito de grão médio de duas micas, possuindo alguns filões de quartzo, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1D – Arcos de Valdevez, na escala 1/50 000 (Moreira & Simões, 1988) (Fig. 150). É um afloramento de grande envergadura, com cerca de 26,50 metros no sentido noroeste/sudeste e cerca de 25,70 metros no sentido nordeste/sudoeste. A área mais elevada situa-se a norte e a nordeste. Apesar de algumas irregularidades é ligeiramente côncava, o que possibilita a acumulação de água. Para os quadrantes sul e sudoeste há declives mais ou menos acentuados. Apresenta, do lado nascente, um desnível acentuado que dá acesso a um patamar totalmente aplanado. Atualmente, existem diversos blocos graníticos sobre o afloramento.

Historial:

A Chã da Coelheira foi descoberta por Baptista, em 1985, em trabalhos de prospeção e inventariação. No ano seguinte, em 1986, o mesmo autor refere este afloramento gravado, pela primeira vez, na notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1D – Arcos de Valdevez. Dordio, em 1995, realiza trabalhos de inventariação neste local. No ano de 2013, a Chã da Coelheira é classificada como Sítio de Interesse Público – SIP, incorporando assim o conjunto de sítios com esta classificação da Necrópole Megalítica da Serra Amarela. Rodrigues (2014) no âmbito do projeto ENARDAS, elabora uma ficha de inventário do local com o objetivo de alimentar a base de dados do CVARN - *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português*. Sá (2015) no âmbito da sua dissertação de mestrado, inclui a Chã da Coelheira como um dos sítios arqueológicos com elevado potencial turístico e passíveis de serem integrados em rotas turísticas.

Descrição dos motivos gravados:

A Chã da Coelheira caracteriza-se por ser um afloramento profusamente gravado, possuindo cinco painéis, embora os motivos em estudo apenas se encontrem nos painéis 1 e 2 (Fig. 151).

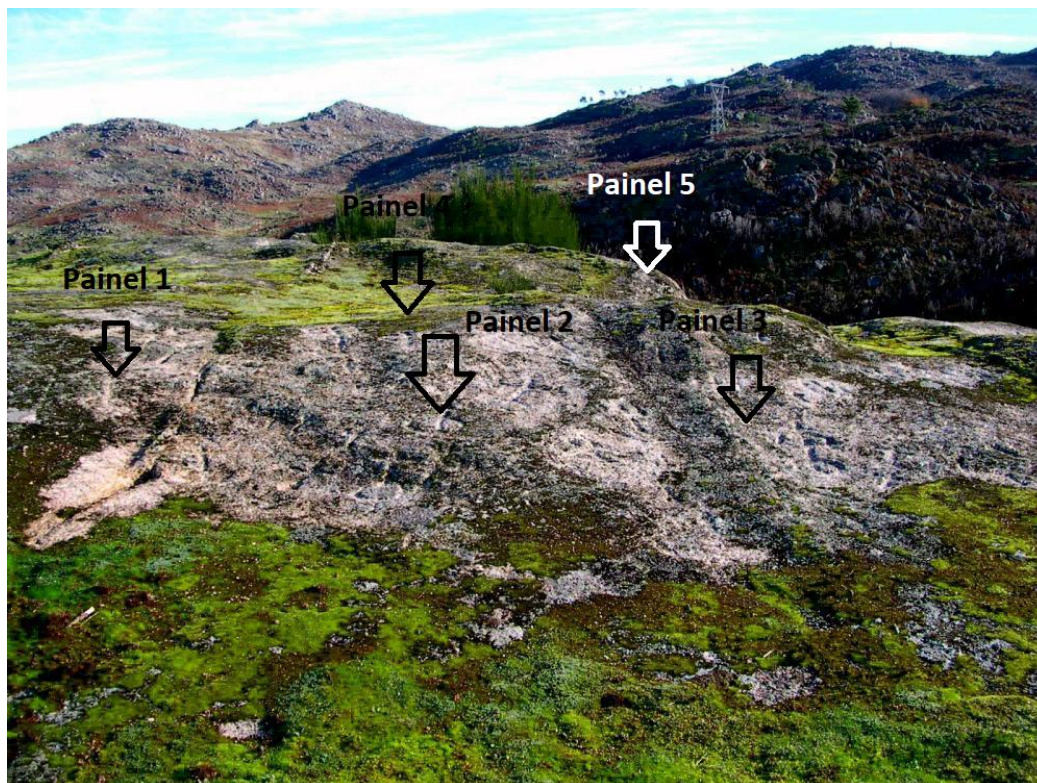


Figura 150 - Chã da Coelheira, vista para o planalto e localização dos painéis (Fonte: Adaptado de Rodrigues, 2014).



Figura 151 - Localização dos painéis 1 e 2 de Chã da Coelheira a sul do afloramento.

O painel 1, localizado a noroeste no afloramento, separado do painel 2 por uma grande diáclase, tendo a sua pendente inclinada para sudoeste (Fig. 152). No âmbito da gramática esquemática apresenta dois quadrados segmentados, um eventual antropomorfo em *phi* e um ou dois eventuais antropomorfos esquemáticos de braços erguidos. No âmbito da gramática atlântica regista-se uma espiral, ao lado de um quadrado segmentado, e o que parece um círculo concêntrico de duas voltas, bastante erodido, de onde sai um sulco. No quadrante norte há dois círculos segmentados, um mais ao centro e outro na extremidade, que deverão ser posteriores, estando os seus segmentos orientados para noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. Pelo painel há vários cruciformes, como cruzes gregas e latinas.

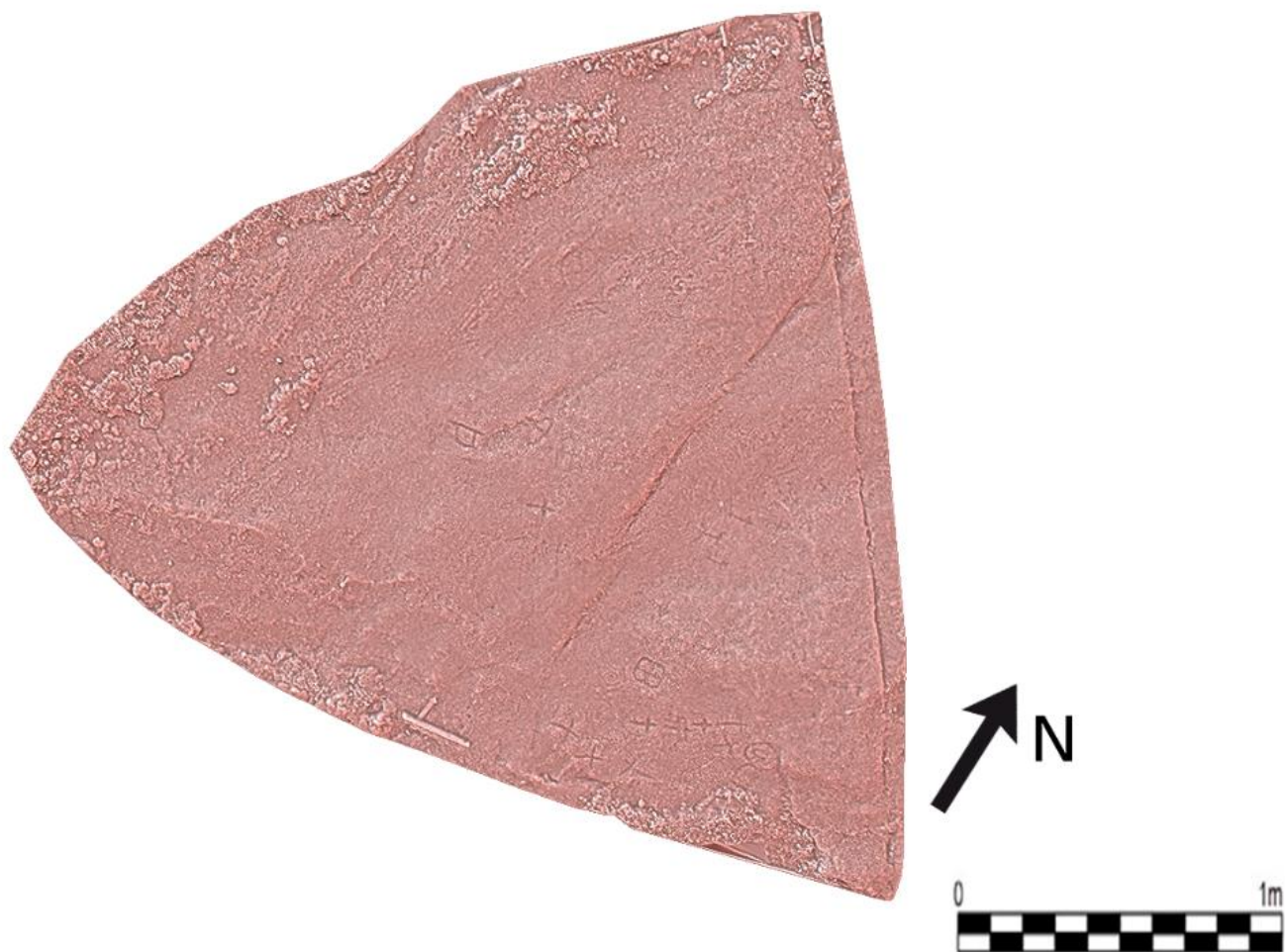


Figura 152 - Fotogrametria do painel 1 de Chã da Coelheira.

O painel 2, localizado a sul/sudeste do painel 1 e tem a sua pendente inclinada para sul e sudoeste. Caracteriza-se por ser o painel que comporta o maior número de gravuras de todo o afloramento, estando estas distribuídas de forma homogénea (Figs. 154, 155).

O primeiro momento de gravação caracteriza-se pelo quadrado segmentado com apêndice que possui uma covinha em cada secção e que se filia na arte esquemática. A observação *in situ* permitiu perceber que o sulco do apêndice é posterior, dado o seu traço mais fino. É, também, provável que o próprio quadrado tenha sido avivado. Posteriormente, ter-se-ão gravado os círculos segmentados. Na parte superior, no quadrante norte, regista-se um círculo segmentado com apêndice, que é parcialmente intercetado por uma cruz grega. Os segmentos deste motivo orientam-se nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. *In loco* constatou-se que o sulco que se prolonga para lá do círculo segmentado foi realizado com um método de gravação diferente, possuindo um traço mais fino e recente (Figs. 153, 156).

Na parte inferior destes motivos, na área central, regista-se outro círculo segmentado com apêndice. Este motivo possui os seus segmentos orientados nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste e apresenta-se mais erodido que os restantes motivos, estando o seu apêndice igualmente erodido, podendo colocar-se a hipótese da sua contemporaneidade.

Os restantes motivos parecem ser históricos e correspondem a cruzes de várias tipologias (gregas, latinas, patriarcais, entre outras), muitas delas com bases circulares, ovais, triangulares, trapezoidais, hexagonais ou quadrangulares elaboradas em linha de contorno ou em baixo-relevo e representado cruzeiros. De salientar uma cruz cuja base figura um falso círculo segmentado, pois os seus segmentos não se unem ao círculo exterior.



Figura 153 - Pormenor do painel 2 de Chã da Coelheira.

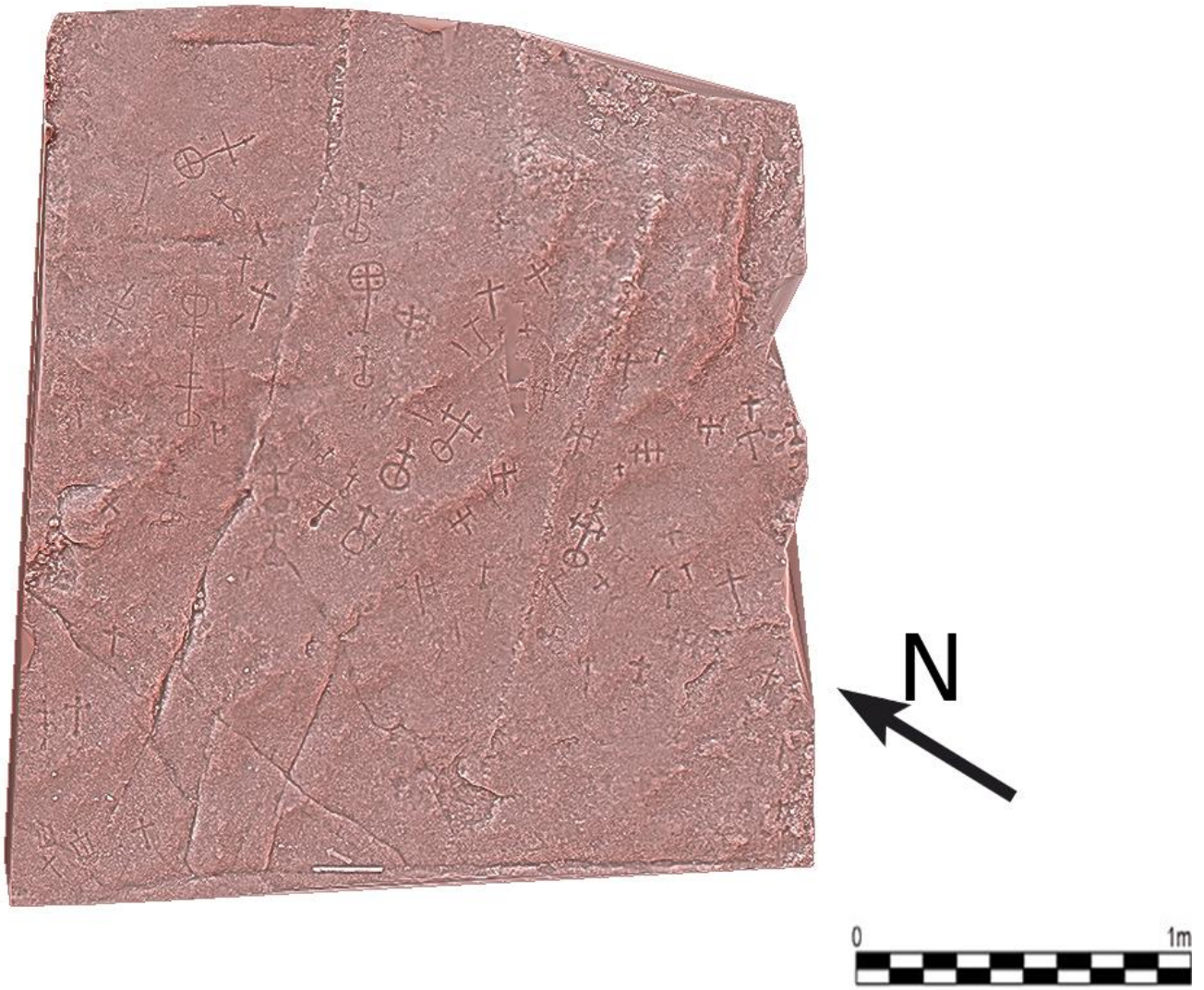


Figura 154 - Fotogrametria do painel 2 de Chã da Coelheira.

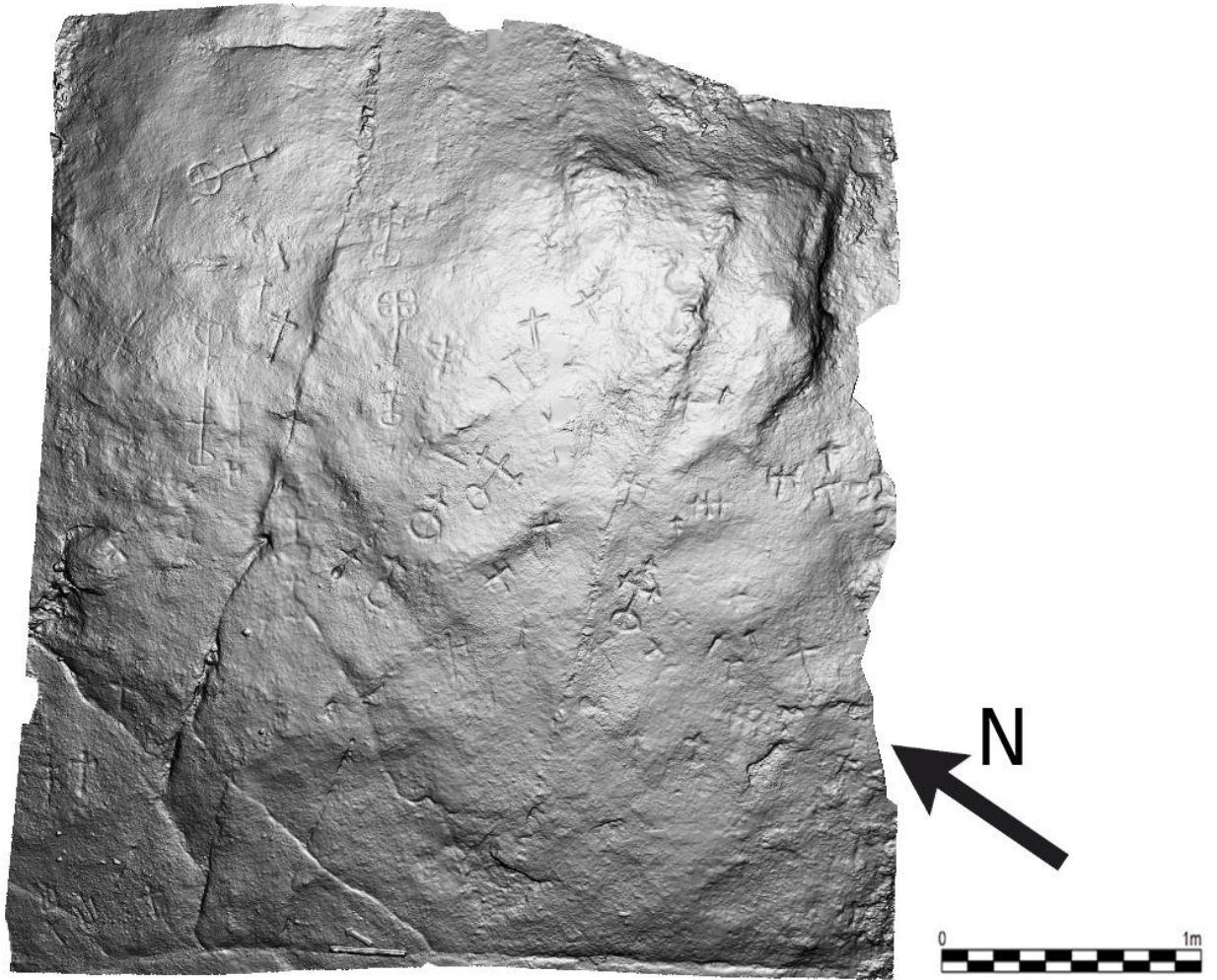


Figura 155 - Fotogrametria do painel 2 de Chã da Coelheira.



Figura 156 - Esquerda: Pormenor de um círculo segmentado do painel 2 de Chã da Coelheira, a que se associou uma cruz grega, de sulco algo distinto. Direita: Pormenor do painel 2 de Chã da Coelheira.

Os painéis 3, 4 e 5 não tem círculos segmentados. O painel 3 apresenta-se a sudeste do painel 2, com um contorno oval e alongado e com poucas e dispersas gravuras. Na sua parte superior, a nordeste, observa-se um cruciforme com uma covinha bastante profunda e larga, estando este motivo envolvido por um sulco que acompanha a forma do cruciforme, possuindo na sua extremidade sul um pequeno cruciforme a adossado. Nas imediações deste motivo registam-se dois cruciformes. Na área central do painel, observa-se a gravação de um cruzeiro e de um cruciforme. No seu lado esquerdo mais três cruciformes, com sulcos verticais nas extremidades dos respetivos sulcos horizontais. Na parte inferior do painel, observam-se três cruciformes associados a motivos indeterminados e bastante erodidos, conseguindo-se apenas identificar um cruciforme e um antropomorfo.

O painel 4 localiza-se a nordeste do painel 2 e a noroeste do painel 4 e inclui escassas gravuras. Estas localizam-se no centro, com apenas uma representação de um cálice e um círculo simples com apêndice e, a sul, de um cruciforme.

O painel 5, a norte do painel 3 e a uma cota mais baixa que todos os outros painéis, possui um conjunto de gravuras mono temático. Predomina a presença de covinhas bastante profundas e largas. Contabilizam-se vinte e três exemplares. A sudoeste do painel, observam-se duas covinhas às quais foram adicionadas dois cruciformes. Este cenário repete-se na zona central, uma covinha com um cruciforme e uma covinha com dois cruciformes. Associado a estes motivos, surgem duas covinhas interligadas por meio de um sulco que se encontra intercetado por três sulcos paralelos entre si. A norte do painel regista-se um cruciforme no seio de cinco covinhas, estando estas associadas a dois cruciformes aglutinados.

Técnica: picotado seguido de abrasão (técnica de gravação mais utilizada), baixo-relevo e incisão.

Estado de conservação: razoável, porém encontra-se em elevado risco de exposição aos agentes atmosféricos.

Bibliografia: Baptista, 1986; Rodrigues, 2014 e dados inéditos.

Classificação: Sítio de Interesse Público – SIP desde 2013.

20) Chã da Rapada 3

Localização administrativa: Viana do Castelo/ Ponte da Barca/ Britelo

Coordenadas: N 41° 50' 11" / O 8° 17' 0"

Altitude: cerca de 250 metros.

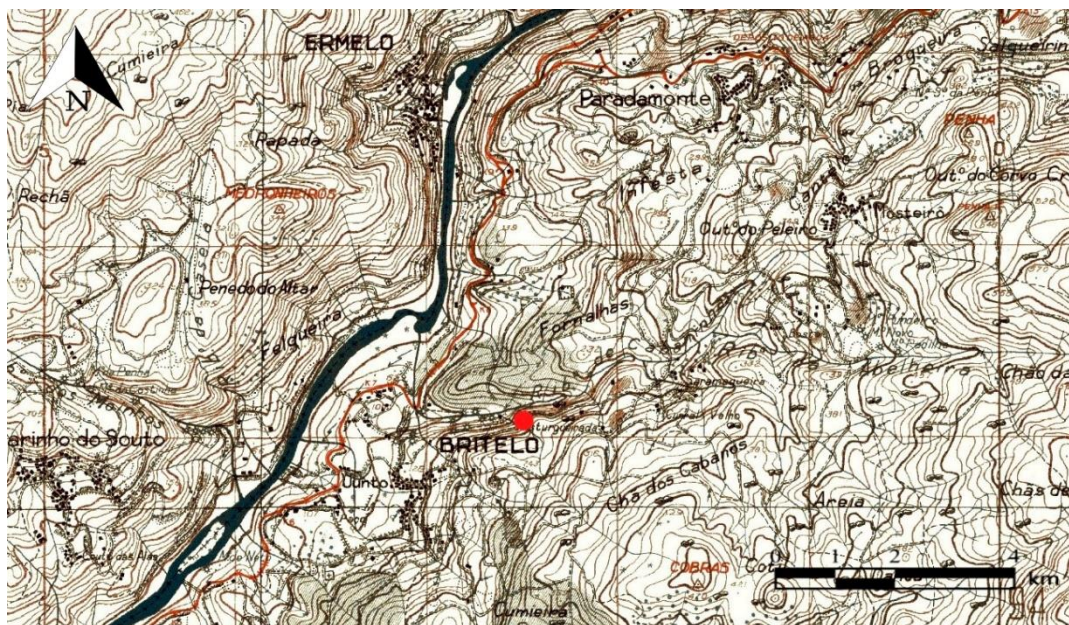


Figura 157 – Localização de Chã da Rapada 3 em excerto da Carta Militar n.º 17, escala 1/25 000, CIGeo.

Acesso: Seguir pela E.N. 203 (de Ponte da Barca ao Lindoso) até à Igreja Paroquial da freguesia do Britelo. Aí, passar por detrás da igreja e seguir em direção a uma das últimas casas do lugar, localizada nas imediações de um poste de alta tensão. Efetuar o resto do percurso a pé, tomando o caminho que vai para o alto da serra. A cerca de 350 m da referida casa, na zona onde o caminho faz uma curva acentuada, atinge-se a Chã da Rapada, uma área aplanada onde se concentram diversos afloramentos graníticos. Hoje o sítio está assinalado com um cartaz intitulado: Marcas do Tempo: Gravuras rupestres de Chã da Rapada.

Contexto físico e ambiental:

A Chã da Rapada, no interior do Parque da Peneda-Gerês, situa-se numa plataforma, na base da vertente noroeste do Monte das Cobras, integrado na serra Amarela, sobranceiro ao ribeiro das Cabaninhas, afluente na margem esquerda do rio Lima (Fig. 157). Trata-se de uma área com densa concentração de afloramentos de granito de grão grosseiro a médio, de duas micas,

designado de Granito da Serra Amarela (Moreira & Simões, 1988) (Fig. 158). O ouro é o único dos recursos mineiros presentes nas imediações, registando-se algumas jazidas a sudoeste e a oeste, estando a mais próxima a cerca de 2,5 km e a mais distante a cerca de 9 km (Moreira & Simões, 1988). Regista-se, nas imediações do afloramento a presença de quartzo no solo.

Insere-se numa zona de pastoreio de gado bovino e equino. O coberto vegetal arbóreo consiste no pinheiro e a vegetação arbustiva resume-se ao feto, tojo e urze. Do local a visibilidade é reduzida desde nordeste a sul – onde se encontram as vertentes das serras do Soajo e Amarela –, ao contrário do que ocorre para poente, onde a visibilidade é mais alargada, nomeadamente, para o Monte do Castelo de Aboim da Nóbrega, já no concelho de Vila Verde (Bettencourt 2013) e para norte, noroeste e sudoeste, reunindo ótimas condições para a observação do ciclo solar (Fig. 159).

O afloramento tinha boa exposição solar. Hoje existe ali uma árvore que impede que esteja iluminado durante o dia todo.

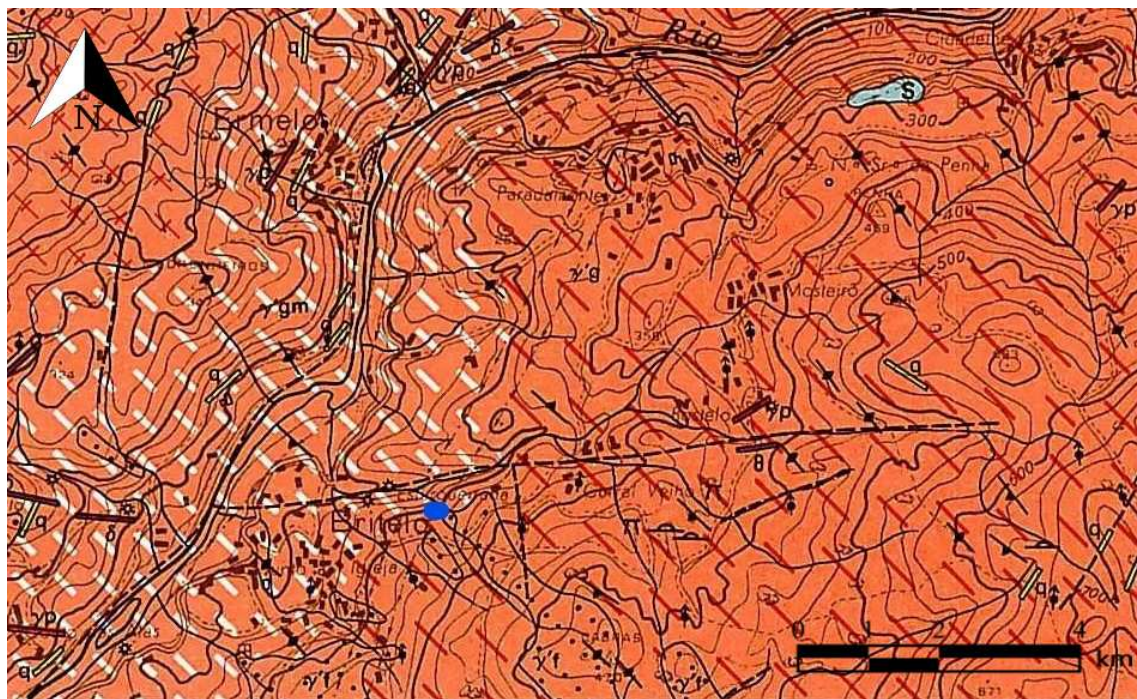


Figura 158 – Localização de Chã da Rapada 3 em excerto da Carta Geológica 1D - Arcos de Valdevez, escala 1/50 000, LNEG.



Figura 159 - Esquerda: Vista para norte a partir da Chã da Rapada 3. Direita: Vista para este a partir da Chã da Rapada 3.

Contexto arqueológico:

Insere-se no complexo de arte rupestre da Chã da Rapada, estando junto de afloramentos que contém igualmente gravuras rupestres com motivos da arte esquemática, entre outros mais recentes, como paletas e motivos cristãos (Baptista, 1986a, 1986b, 1997; Martins, 2006; Alves, 2012). A cotas superiores, na Chã de Cabanos, há a registar a necrópole megalítica da Serra Amarela (Rodrigues & Regalo, 2007), bem como as gravuras rupestres da Chã da Coelheira. A sudeste localiza-se a estátua-menir da Ermida, colocada cronologicamente entre o Calcolítico e o Bronze Inicial (Baptista, 1985).

Historial:

A primeira referência ao complexo rupestre da Chã da Rapada, foi feito por Baptista em 1986. Mais tarde, Martins (2006), identifica doze penedos gravados e realiza o levantamento de alguns deles, sendo um deles a Chã da Rapada 3, outrora afloramento 6A (Bettencourt, 2013). Em trabalhos posteriores, Alves (2012), inventaria quinze afloramento, renumerando-os, e atribuindo a atual designação à rocha em estudo. Atualmente, o complexo no qual se insere este afloramento, está musealizado e passível de ser visitado, pois insere-se na Necrópole Megalítica da Serra Amarela.

Descrição física da superfície gravada:

Trata-se de um afloramento pouco destacado do solo, rasante ao mesmo na sua extremidade sul e mais elevado a norte, tendo, a partir daí, um declive acentuado para nordeste e noroeste (Fig.

160). É de granito de grão médio de duas micas, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1D – Arcos de Valdevez, na escala 1/50 000 (Moreira & Simões, 1988). Possui algumas diáclases, destacando-se uma no sentido norte/sul que ocorre a este do afloramento. Observa-se, também, no quadrante norte, vestígios de extração de pedra artesanal, encontrando-se o afloramento parcialmente destruído. Tem cerca de 5 metros no sentido nordeste/sudoeste e cerca de 4,50 metros no sentido noroeste/sudeste



Figura 160 - Vista da Chã da Rapada 3 a partir de sul.

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento encontra-se profusamente gravado, possuindo alguns motivos que se inserem na arte esquemática, entre outros, mais raros e atípicos. No contexto da arte esquemática podem ser inseríveis dois quadrados segmentados, um localizado a norte, junto a uma diaclase, e outro situado a este, ao lado de um eventual tabuleiro de jogo.

Posteriormente, ter-se-ão gravado os círculos segmentados (Figs. 161, 162). Contabilizaram-se três destes motivos, um localizado a norte do afloramento e dois localizados a sul, estando estes dois últimos bastante erodidos. Os segmentos do círculo segmentado a norte possui os seus segmentos orientados noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. Um dos círculos segmentados, a sul, ligeiramente localizado a sudeste, possui os seus segmentos orientados noroeste/sudeste e este/oeste, o outro círculo segmentado, ligeiramente inclinado a oeste, possui os seus segmentos orientados norte/sul e este/oeste.

No momento de gravação posterior, surge os pentagramas, devido à sobreposição de um destes motivos a um tabuleiro de jogo a sul do afloramento, contabilizando-se, assim, oito exemplares, estando distribuídos de forma dispersa por todo o afloramento (Fig. 163).

Correspondendo ao último momento de gravação deste afloramento surgem as covinhas e os sulcos meandriformes, pois possuem sulcos bastante largos e profundos, sobrepondo-se em alguns casos aos tabuleiros de jogos. Admite-se a hipótese de ter existido um reaproveitamento de quadrados segmentados para criar os tabuleiros de jogos existentes neste afloramento. Por fim, regista-se várias cruces latinas e gregas, de sulco profundo, dispersas por todo o afloramento.

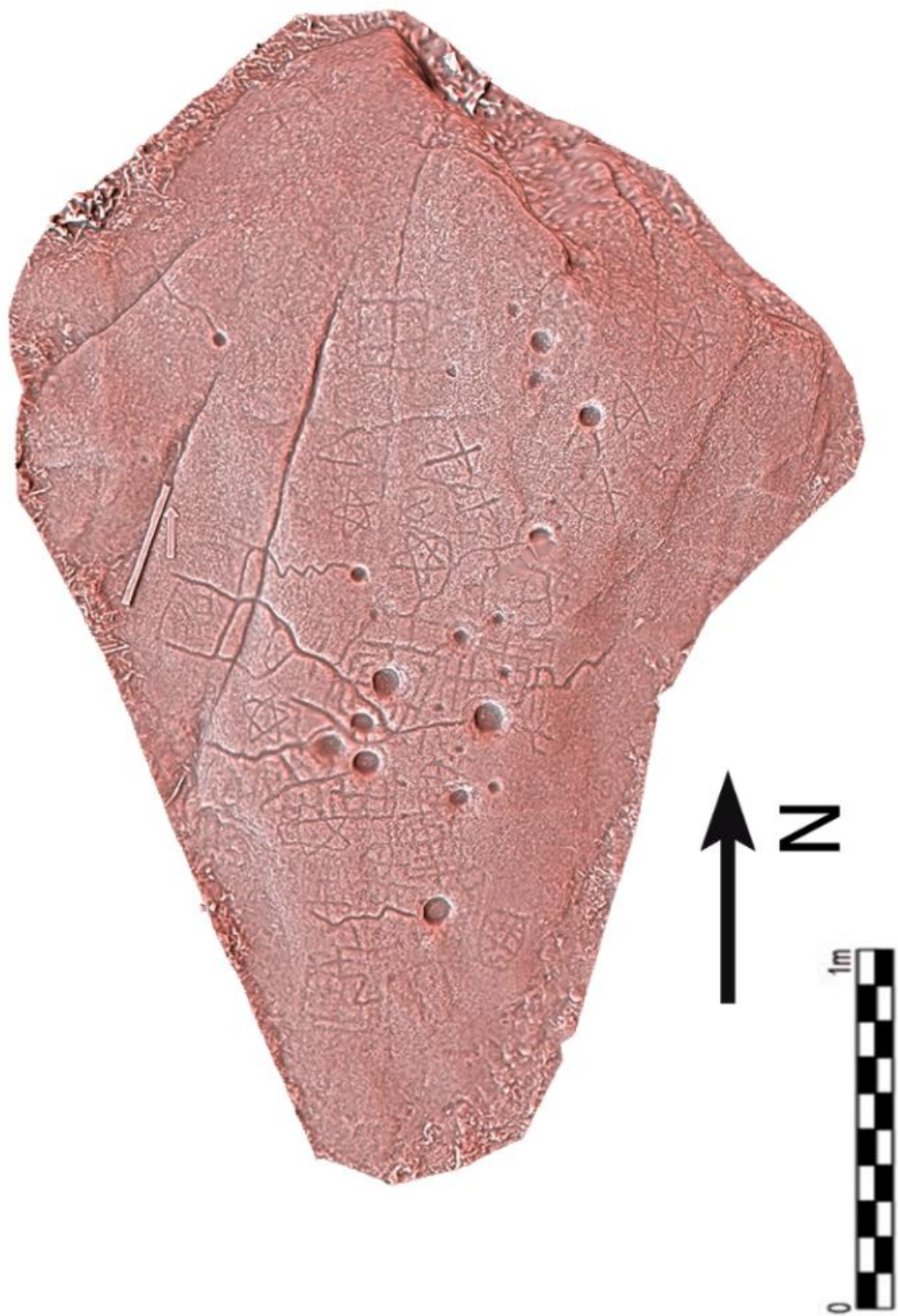


Figura 161 - Fotogrametria da Chã da Rapada 3.

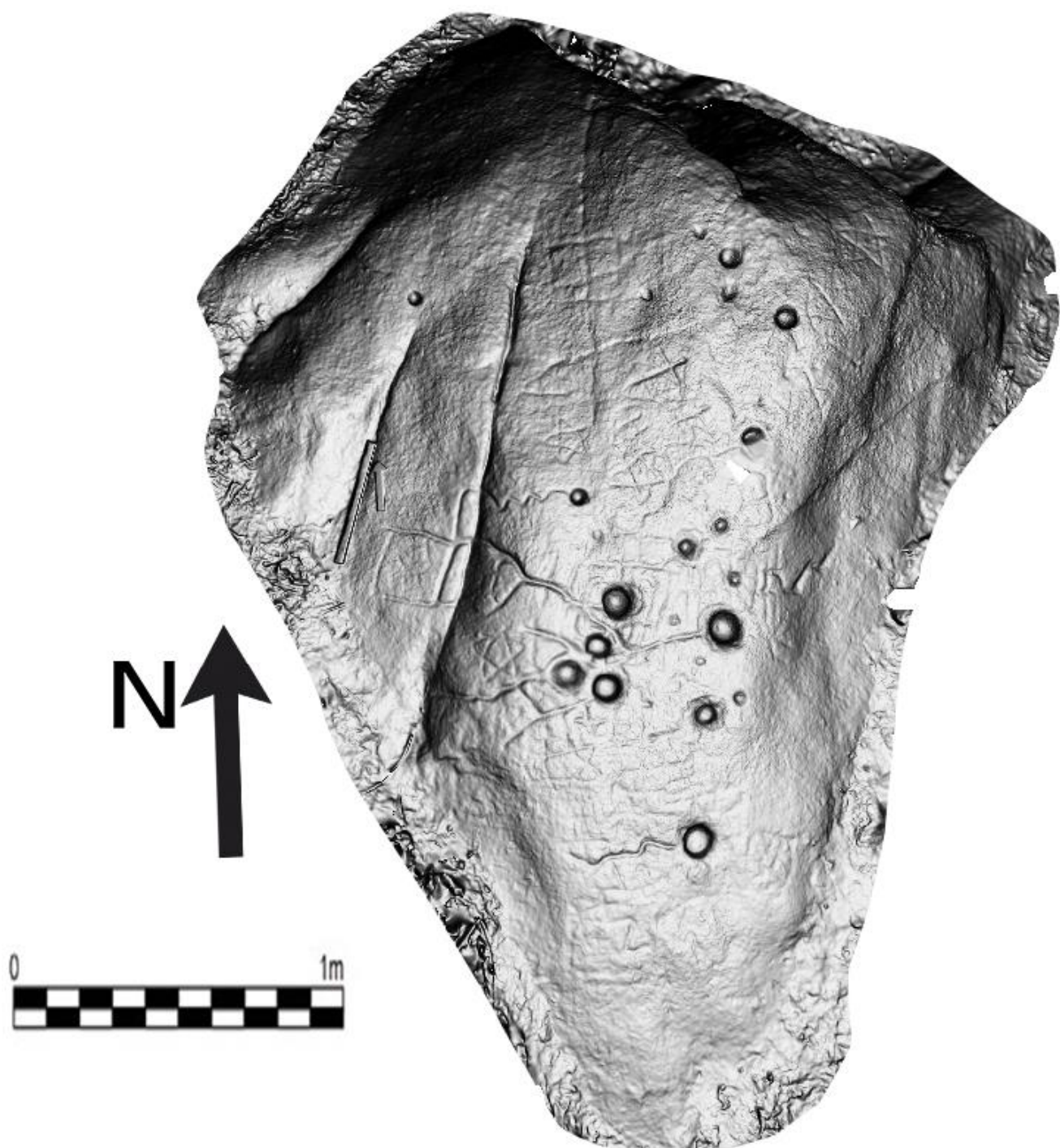


Figura 162 - Vista 3D, sul, da Chã da Rapada 3.



Figura 163 - Decalque da Chã da Rapada 3 (Fonte: Alves, 2012).

Técnica: picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: razoável.

Classificação: Sítio de Interesse Público – SIP desde 2013.

Bibliografia: Baptista, 1986; Martins, 2006; Alves, 2012; Bettencourt, 2013; Marinho *et al*, 2020 e dados inéditos.

2.2.7 Viana do Castelo

21) Breia 1

Localização administrativa: Viana do Castelo/Viana do Castelo/ União de Freguesias de Cardielos e Serreleis/Portela

Coordenadas: N 41° 43' 18" / O 8° 43' 59"

Altitude: cerca de 54 metros.

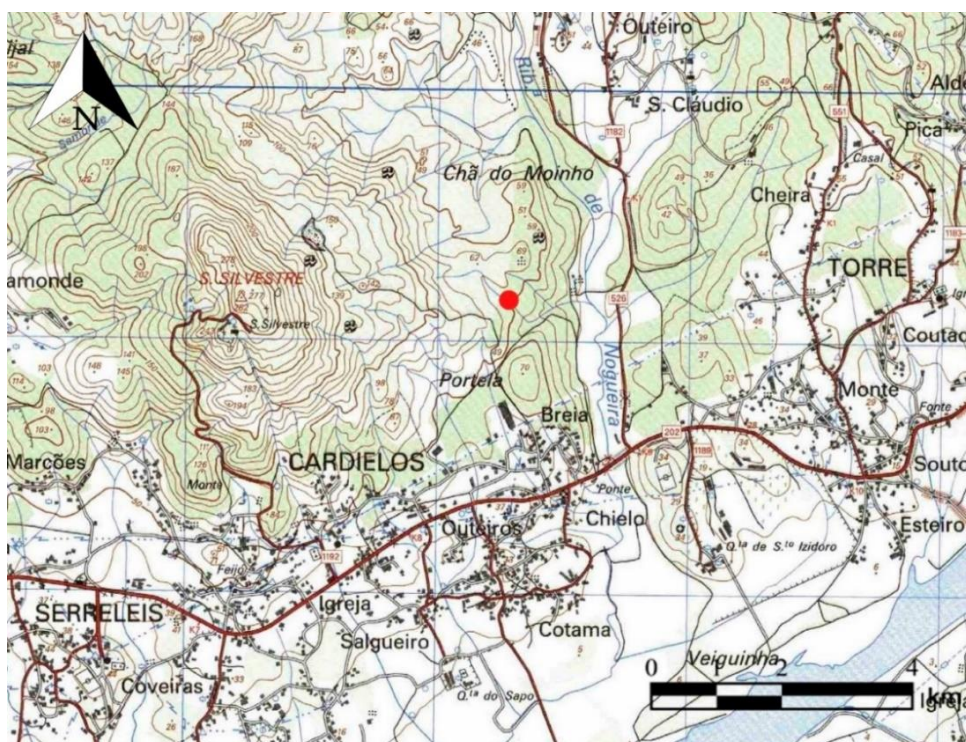


Figura 164 – Localização de Breia 1 em excerto da Carta Militar n° 40, escala 1/25 000, CIGeo.

Acesso: Seguindo a A27, no sentido Viana do Castelo – Pontede Lima, sair para Nogueira (Saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e virar à direita no caminho de terra batida, encontrando-se a Breia 1 a cerca de 100 m do lado direito, junto da rede que delimita a autoestrada.

Contexto físico e ambiental:

Ocupa um patamar na base da vertente este/sudeste do Monte de São Silvestre, sobranceiro a um curso de água intermitente que vai desaguar à ribeira de Nogueira, afluente da margem direita

do rio Lima (Fig. 164). Trata-se, ainda, de uma área profusamente irrigada pelos cursos de água intermitentes que se formam nas partes altas do monte, sendo frequente que o afloramento gravado fique inundado. Estes cursos de água correm para a ribeira de Nogueira, afluente da margem direita do Lima. O substrato geológico é granito de grão fino a médio, segundo a Carta Geológica de Portugal 5A – Viana do Castelo, à escala 1/50 000 (Teixeira & Medeiros, 1972). Nas proximidades encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho, estando localizadas desde oeste até norte deste local (Teixeira & Medeiros, 1972) (Fig. 165).

O solo apresenta uma escassa profundidade, com vegetação predominantemente arbustiva (tojo, giesta) e herbácea. Atualmente a utilização do terreno é florestal, tendo sido área de pastoreio, até ao século XX. O local também foi usado para corte de pedra manual (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 17). A partir do local a visibilidade é aberta para nordeste, este e sudeste onde se avista a serra de Arga e o esporão designado de Formigoso. Detém uma boa exposição solar.

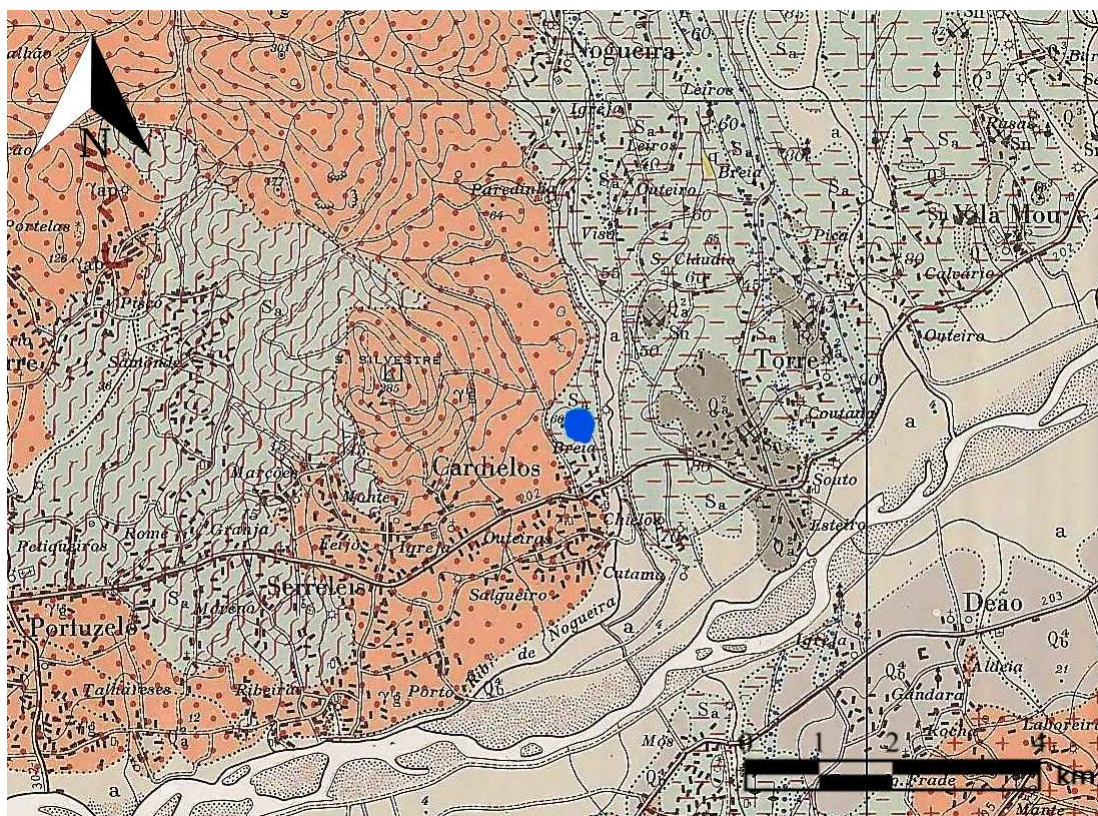


Figura 165 – Localização de Breia 1 em excerto da Carta Geológica 5A - Viana do Castelo, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Área com inúmeros afloramentos gravados com arte atlântica, figurativa e simbologia cristã (Queiroga, 1999; Bettencourt, 2005; Bettencourt & Santos-Estévez, 2018; Sampaio et al., 2020). Eventual monumento sob tumulus de tradição megalítica, a norte (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 19). A nordeste, o Castro do Formigoso¹, tem à superfície diversos fragmentos cerâmicos que indiciam ocupação da Idade do Bronze. A norte, foi encontrado um machado tipo Bujões/Barcelos, no Folgadouro (Zbyszewski & Ferreira, 1955 in Fernandes *et al.*, 2011). A sudeste, regista-se a presença do castro de Santo Estevão da Facha, na margem esquerda do rio Lima, que detém ocupação da Idade do Bronze (Almeida *et al.*, 1981). Na mesma, situação, mas em terrenos mais interiores, apresenta-se o castro do Peso (Soeiro, 1981; Almeida, 1983).

Descrição física da superfície gravada:

A Breia 1 caracteriza-se por ser um afloramento rasante ao solo (Fig. 166). É de granito de grão médio, segundo a Carta Geológica de Portugal 5A – Viana do Castelo, à escala 1/50 000 (Teixeira & Medeiros, 1972). É de cor esbranquiçada e com algumas manchas negras devido à ação do fogo sobre os líquenes. Possui algumas manchas alaranjadas, possivelmente relacionadas com a presença de nódulos de ferro oxidado. Este afloramento é de grandes dimensões com cerca de 16,40 metros de comprimento, na direção este/oeste, por cerca de 11,8 metros de largura, no sentido norte/sul) (Bettencourt & Santos-Estévez, p. 27).



Figura 166 - Breia 1 durante os trabalhos de limpeza, em 2017. Ao fundo, a Serra de Arga (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 26).

Historial:

A Breia 1, foi descoberta por Francisco Queiroga em 1998, quando realizava trabalhos relacionados com a minimização de impactos da construção da IC28, resultando no seu registo no Portal do Arqueólogo (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 27). Em 2005, Bettencourt realiza uma descrição parcial sobre este afloramento (*ibid*). Queiroga, em 2007, procede à realização do decalque de Breia 1, estando este em exposição permanente na Sala de Pré-História do Museu D. Diogo de Sousa (*ibid*). Posteriormente, em 2013, este afloramento é publicado com maior pormenor, através do decalque e observações feitas no local (Bettencourt, 2013a). No ano de 2017, procedeu-se a uma nova limpeza deste afloramento que resultaram na exposição de partes do afloramento até então desconhecidas (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 27). Estes trabalhos permitiram realizar o levantamento fotogramétrico que iria ser publicado no livro de Bettencourt & Santos-Estévez em 2018.

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento encontra-se profusamente gravado com motivos de Arte Atlântica Clássica, entre outros motivos, como os equídeos, que se afastam desta gramática decorativa (Bettencourt, 2017a, 2017b). Segundo Bettencourt & Santos-Estévez (2018) subdivide-se em sete painéis, possuindo círculos segmentados gravados nos painéis 1, 2 e 7 (Fig. 167).

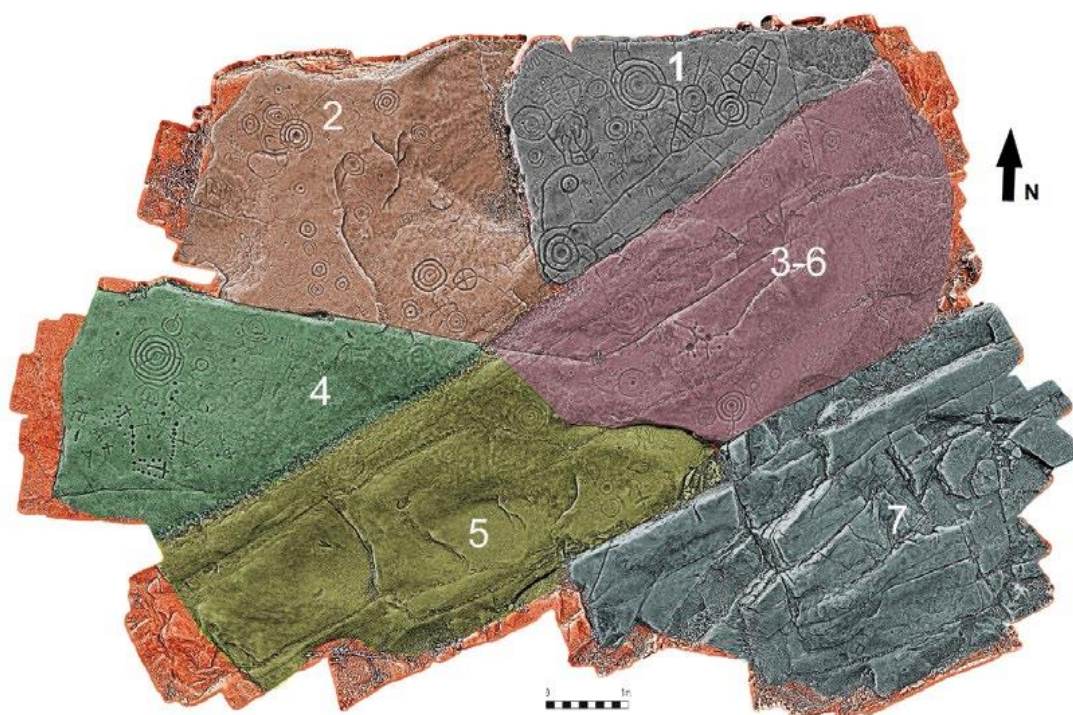


Figura 167 - Fotogrametria da Breia 1 e respetiva divisão dos painéis (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 33).

O painel 1 possui um contorno triangular, posicionando-se a nordeste do afloramento, na área mais elevada (Figs. 168, 169). Apresenta uma densidade de motivos circulares, unidos por linhas sinuosas que parecem estar em conexão com uma figura idoliforme. Esta figura faz lembrar uma figura antropomórfica, estando segmentada no seu interior. A maioria dos motivos são círculos concêntricos, com covinha central e de diferentes dimensões. De alguns destes motivos saem sulcos para as diaclases ou extremidades do afloramento. Há, ainda, dois sulcos meandriformes isolados na extremidade norte, podendo ser considerados serpentiformes. Na base do afloramento surgem quatro equídeos esquemáticos isolados, orientados a nascente. A norte do painel, encontra-se um quadrúpede muito esquemático, possivelmente um cervídeo. O seu dorso parece ter sido aproveitado como parte do arco de um círculo segmentado, motivo este que se encontra

a norte do painel, estando os seus segmentos orientados para noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 29).



Figura 168 – Fotogrametria do painel 1 da Breia 1 (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 35).



Figura 169 - Painel 1 da Breia 1 (Fonte: Bettencourt, 2013).

O painel 2, de contorno hexagonal, fica a uma cota mais baixa em relação ao painel 1 (Fig. 170). Caracteriza-se por ter, na sua maioria, composições circulares inseríveis na Arte Atlântica (Bettencourt, 2013; 2014; Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 29). No quadrante sudeste surgem, pelo menos, quatro círculos segmentados, dois deles muito erodidos. Três destes motivos encontram-se na parte inferior do painel e um localiza-se na parte central do mesmo. No círculo segmentado mais vincado, a sul, observa-se que os seus segmentos orientam-se de noroeste/sudeste para sudoeste/nordeste. No que diz respeito aos dois casos posicionados a sul do anterior, observa-se que os segmentos de ambos se orientam nos sentidos norte/sul e este/oeste. Na área central regista-se apenas um círculo segmentado cujos segmentos orientam-se nos sentidos nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste.

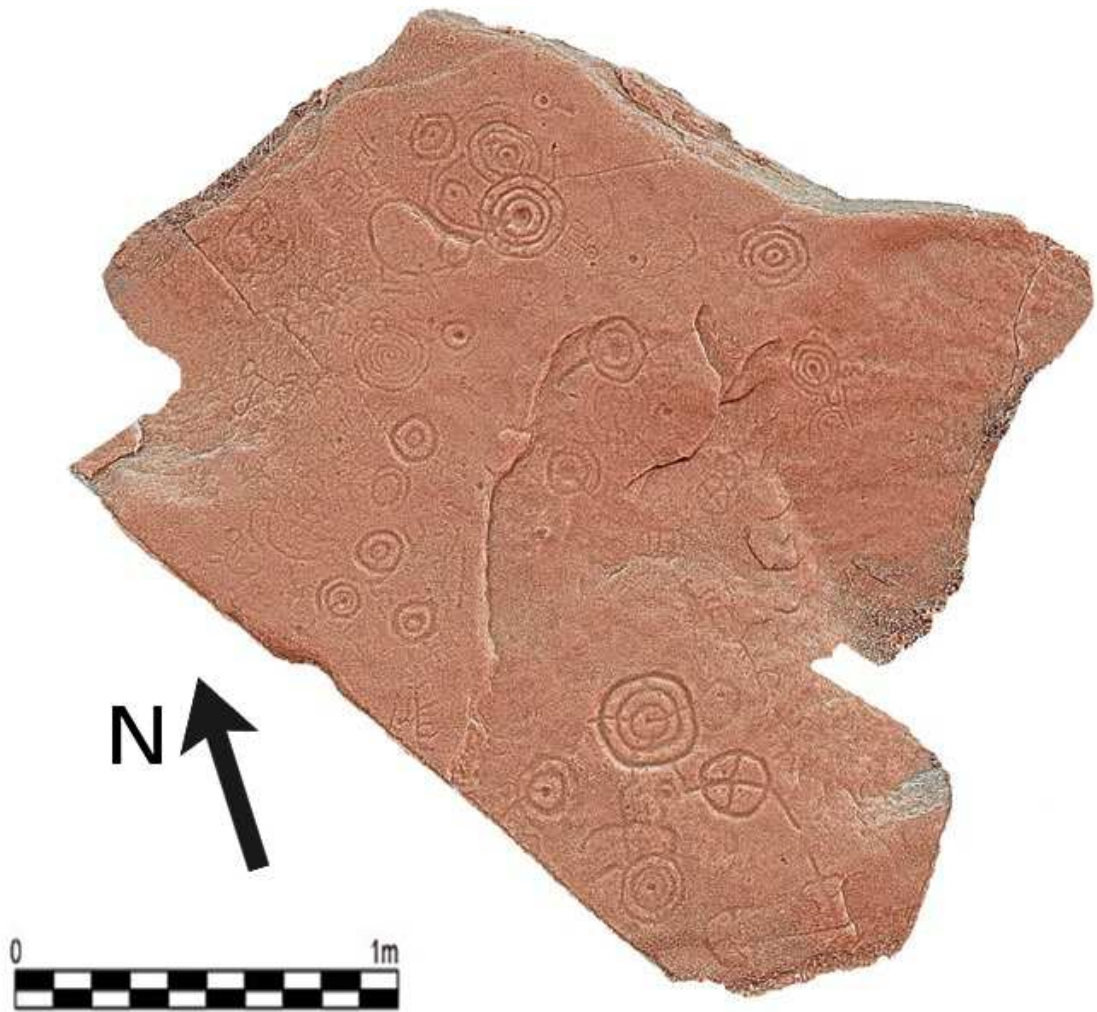


Figura 170 - Fotogrametria do painel 2 da Breia 1 (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 40).

O painel 7, descoberto e descrito recentemente (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 31), situa-se na extremidade sudeste do afloramento e é menos elevado do que os painéis 3, 5 e 6 (Fig. 171). Encontra-se parcialmente fraturado. Talvez com exceção de um círculo, neste painel não se encontram motivos de Arte Atlântica clássica, mas apenas motivos “figurativos” com base na conceção de Bettencourt (2017a, 2017b, 2019). Observam-se, também, dois quadrúpedes, um esquemático e um seminaturalista. O quadrúpede esquemático apresenta hastes ou orelhas pronunciadas, dirige-se para nordeste e transporta um símbolo circular no dorso. Está associada a um círculo segmentado, com os segmentos orientados para nordeste/sudoeste e para noroeste/sudeste. De destacar, ainda, a gravação de um podomorfo calçado neste painel.

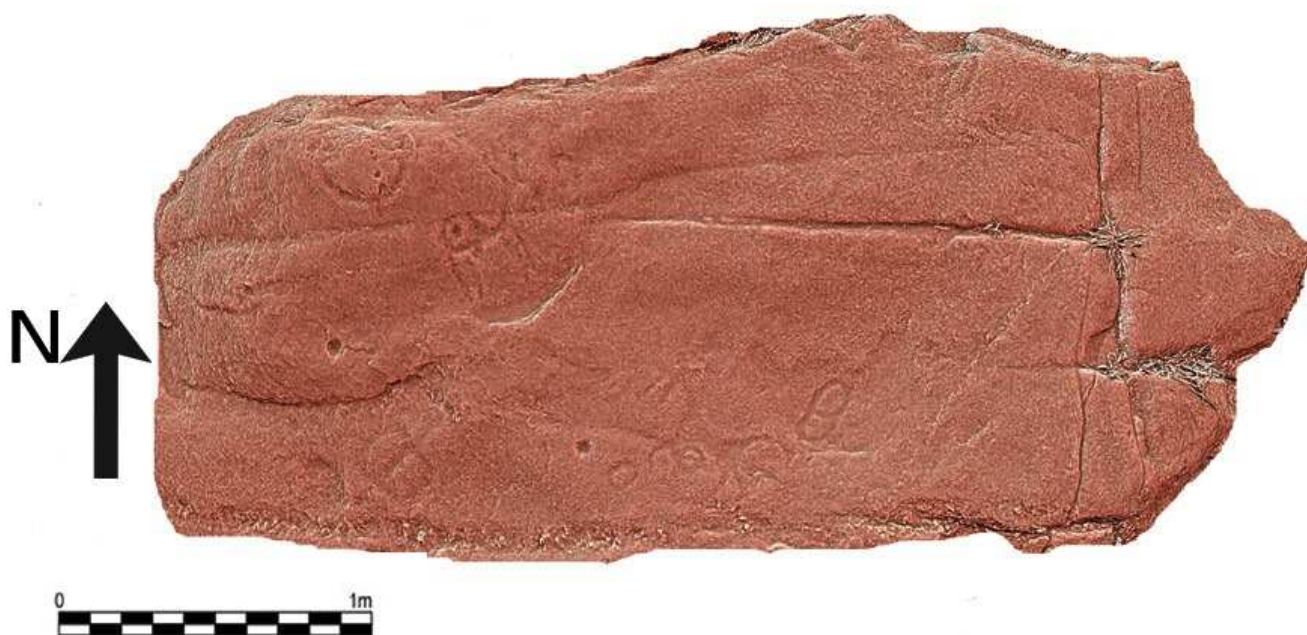


Figura 171 - Fotogrametria do painel 7 da Breia 1 (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 36).

Técnica: percussão seguida de abrasão, excetuando a gravação de um equídeo, que ocorreu em baixo-relevo. Alguns círculos segmentados, por exemplo, o do painel 1, têm um sulco menos largo do que a maioria dos motivos atlânticos (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 32).

Estado de conservação: razoável, no geral, mas com áreas muito erodidas e com estalamentos antigos (Bettencourt e Santos-Estévez, 2018, p. 25).

Bibliografia: Bettencourt, 2005 2013; 2014; Bettencourt & Santos-Estévez, 2018; Marinho *et al*, 2020.

22) Breia 5

Localização administrativa: Viana do Castelo/ Viana do Castelo/ União de Freguesias de Cardielos e Serreleis/Portela

Coordenadas: N 41° 43' 13'' / O 8° 44' 12''

Altitude: cerca de 86 metros.

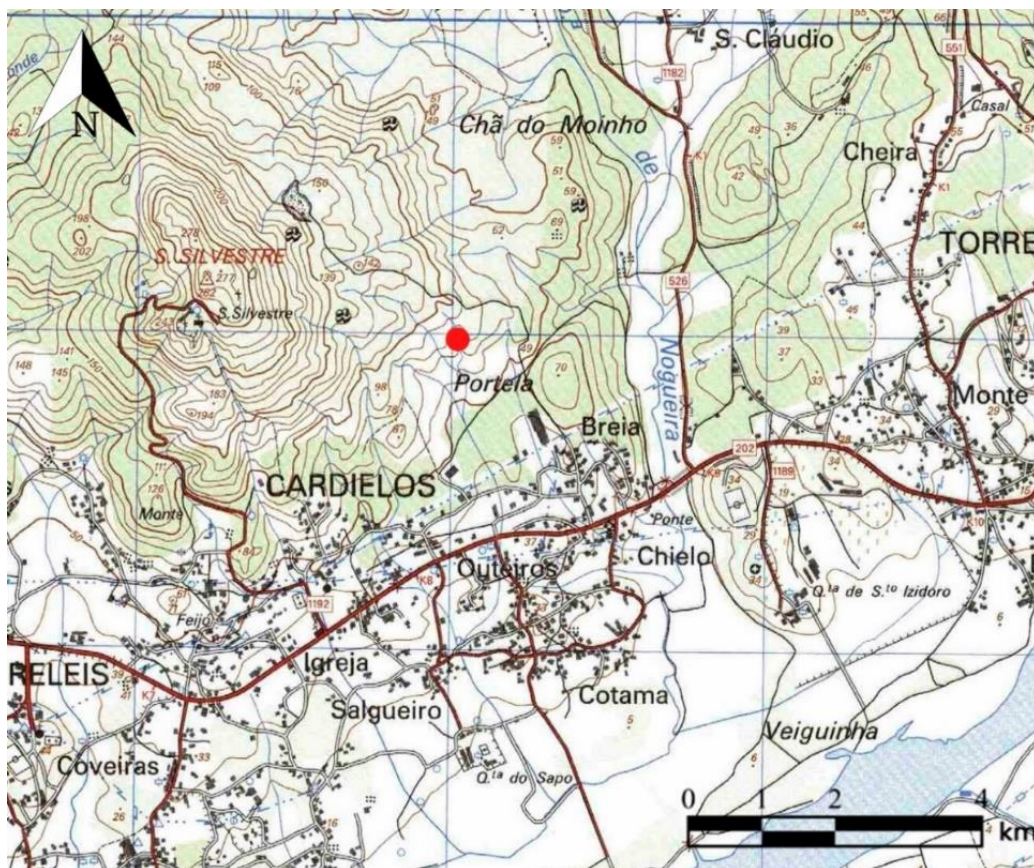


Figura 172 – Localização de Breia 5 em excerto da Carta Militar n°40, escala 1/25 000, CIGeo.

Acesso: Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo – Ponte de Lima, sair para Nogueira (Saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e seguir no caminho de terra batida. A cerca de 200 m encontra-se, à esquerda, uma propriedade com alguns pinheiros. É atravessando essa propriedade, no sentido sul, que se acede à Breia 5, que fica a cerca de 100 m do caminho.

Contexto físico e ambiental:

Localiza-se numa depressão, a meio da vertente este/sudeste do Monte São Silvestre, numa zona profundamente irrigada, por onde passa um curso de água intermitente, localizando-se na margem direita do rio Lima (Fig. 171). O substrato geológico é granito de grão fino a médio, segundo a Carta Geológica de Portugal 5A – Viana do Castelo, à escala 1/50 000 (Teixeira & Medeiros, 1972). Nas proximidades encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho, estando localizadas desde oeste até norte deste local (Teixeira & Medeiros, 1972) (Fig. 173).

O solo apresenta uma escassa profundidade, com vegetação predominantemente arbustiva (tojo, giesta) e herbácea. Atualmente a utilização do terreno é florestal, tendo sido área de pastoreio, até ao século XX. O local também foi usado para corte de pedra manual.

Possui visibilidade fechada em todas as direções, com a exceção do quadrante sul, onde se pode observar parte do vale do rio Lima (Bettencourt & Santos-Estevez, 2018, p. 55). Detém boa exposição solar.

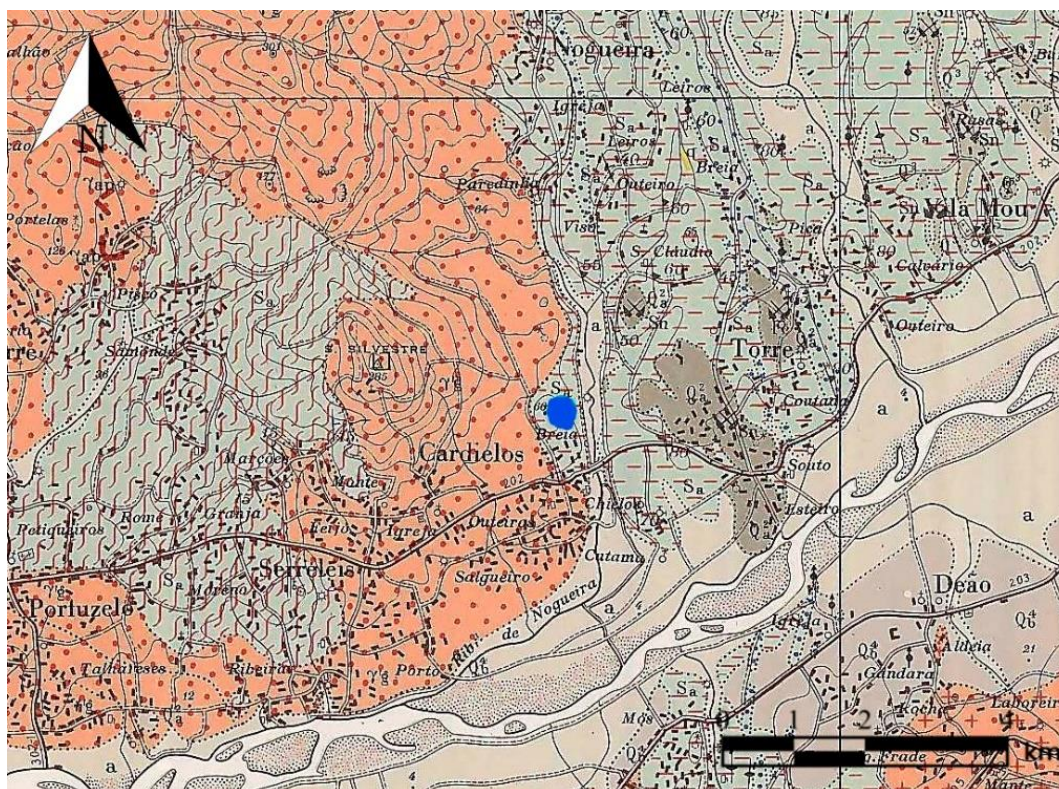


Figura 173 – Localização de Breia 5 em excerto da Carta Geológica 5A - Viana do Castelo, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Área com inúmeros afloramentos gravados com arte atlântica, figurativa e simbologia cristã (Queiroga, 1999; Bettencourt, 2005; Almeida, 2008; Bettencourt & Santos-Estévez, 2018; Sampaio et al., 2020, não sei se falta mais alguma bibliografia...). Eventual monumento sob tumulus de tradição megalítica, a norte (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 19). A nordeste, o Castro do Formigoso¹, tem à superfície diversos fragmentos cerâmicos que indiciam ocupação da Idade do Bronze. A norte, foi encontrado um machado tipo Bujões/Barcelos, no Folgadoiro (Fernandes et al.; Zbyszewski & Ferreira, 1955). A sudeste, regista-se a presença do castro de Santo Estevão da Facha, na margem esquerda do rio Lima, que detém ocupação da Idade do Bronze (Almeida, 1990). Na mesma, situação, mas em terrenos mais interiores, apresenta-se o castro do Peso (Soeiro, 1981; Almeida, 1983).

Descrição física da superfície gravada:

Composto de granito de grão médio de cor acinzentada, segundo a Carta Geológica de Portugal 5A – Viana do Castelo, à escala 1/50 000. Orienta-se de noroeste para sudeste, é de contorno sub-retangular, com elevação na parte central e em grande parte do seu eixo maior, de onde partem alguns declives acentuados para todos os quadrantes, excetuando o noroeste. É de grandes dimensões: 13 metros de comprimento, por 4 metros de largura e 1 metro de altura máxima (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 55) (Fig. 174).



Figura 174 - Breia 5 (Fonte: Bettencourt, 2018, p. 54).

Historial:

Este afloramento, foi descoberto por Cândido Verde e José Álvarez que são amantes desta temática e exímios prospetores (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 55). No ano de 2017, a Breia 5 foi alvo de uma inventariação por parte da Câmara Municipal de Viana do Castelo, através da intervenção de Ana Bettencourt (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 55). Esses trabalhos contribuíram para a publicação dos vários afloramentos que constituem a Breia, sendo os responsáveis Bettencourt & Santos-Estévez (2018).

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento possui dois painéis, incluindo apenas no painel 1 a gravação de um círculo segmentado (Fig. 175). Com efeito, este painel distribui-se pelos declives a sudoeste, sul e sudeste do afloramento. Neste painel, Bettencourt & Santos-Estévez (2018, p. 55) contabilizaram cerca de onze equídeos semi-naturalistas e um esquemático (Fig. 176). Oito desses equídeos estão orientados para noroeste e, pelo menos três, estão orientados para sudeste. No topo de afloramento parecem existir mais dois equídeos incompletos. Em associação com o grupo de

equídeos que se dirigem para sudeste, surge um círculo segmentado, com os segmentos orientados para nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste.



Figura 175 - Fotogrametria da Breia 5 (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 59).



Figura 176 - Breia 5 vista a partir de noroeste, com o par de equídeos em primeiro plano (Fonte: Bettencourt, 2018, p. 56).

Técnica: percussão seguida de abrasão (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 57). “No entanto, o motivo abstracto, existente no painel dois, apresenta sulcos mais estreitos, mais profundos e rugosos, nalguns casos, com evidência de ter sido realizado com recurso a um pico metálico.” (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 57).

Estado de conservação: este afloramento encontra-se em estado grave de degradação, com vários estalamentos devido à ação de sucessivos incêndios (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 54).

Bibliografia: Bettencourt 2017a, Bettencourt 2017b; Bettencourt & Santos-Estévez, 2018; Marinho *et al*, 2020.

23) Breia 9

Localização administrativa: Viana do Castelo/Viana do Castelo/União de freguesias de Cardielos e Serreleis/ Portela

Coordenadas: N 41° 43' 15" / O 8° 44' 12"

Altitude: cerca de 86 metros.

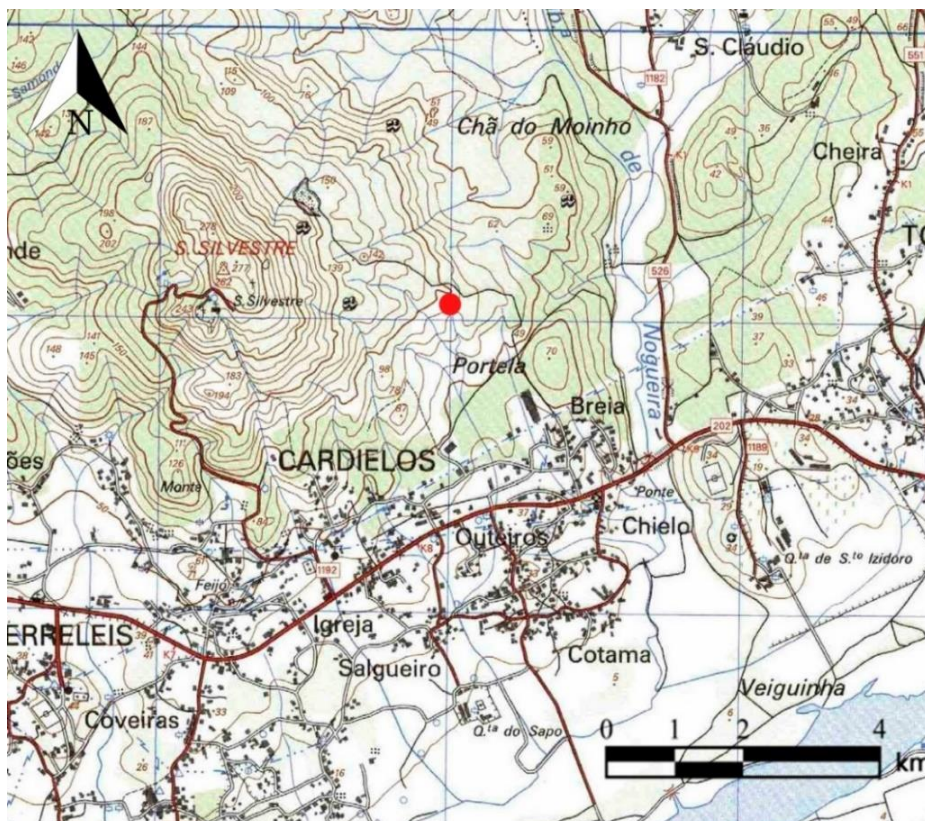


Figura 177 – Localização de Breia 9 em excerto da Carta Militar n°40, escala 1/25 000, CIGeoe.

Acesso: Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo – Ponte de Lima, sair para Nogueira (Saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e seguir no caminho de terra batida. A cerca de 200 m encontra-se, à esquerda, uma propriedade com alguns pinheiros. É atravessando essa propriedade, no sentido sul, que se acede à Breia 9, a cerca de 70 m do caminho.

Contexto físico e ambiental:

Ocupa uma plataforma na parte inferior da vertente este-sudeste do Monte São Silvestre, localizando-se na margem direita do rio Lima (Fig. 177). Trata-se de uma área com um substrato geológico predominantemente granito de grão fino a médio, segundo a Carta Geológica de Portugal 5A – Viana do Castelo, à escala 1/50 000 (Teixeira & Medeiros, 1972). Ocorrem, ainda, diversos veios de quartzo leitoso. Nas proximidades encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho, estando localizadas desde oeste até norte deste local (Teixeira & Medeiros, 1972) (Fig. 178).

O solo apresenta uma escassa profundidade, com vegetação predominantemente arbustiva (tojo, giesta) e herbácea. Atualmente a utilização do terreno é florestal, tendo sido área de pastoreio, até ao século XX.

A visibilidade para norte e noroeste é fechada, ainda que para oeste se aviste a vertente íngreme do Monte de São Silvestre. O vale do Lima é visível desde entre os quadrantes sudoeste e este (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 70). Detém boa exposição solar.

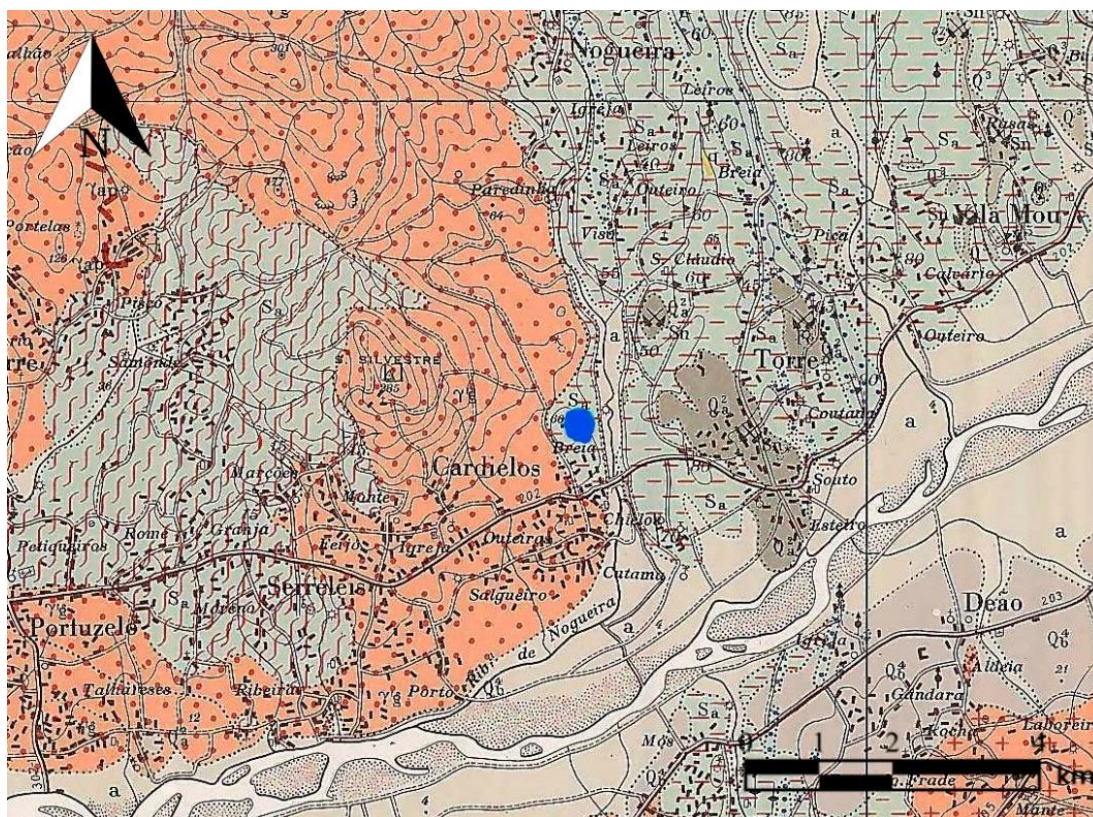


Figura 178 – Localização de Breia 9 em excerto da Carta Geológica 5A - Viana do Castelo, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Área com inúmeros afloramentos gravados com arte atlântica, figurativa e simbologia cristã (Queiroga, 1999; Bettencourt, 2005; Almeida, 2008; Bettencourt & Santos-Estévez, 2018; Sampaio et al., 2020, não sei se falta mais alguma bibliografia...). Eventual monumento sob tumulus de tradição megalítica, a norte (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 19). A nordeste, o Castro do Formigoso¹, tem à superfície diversos fragmentos cerâmicos que indiciam ocupação da Idade do Bronze. A norte, foi encontrado um machado tipo Bujões/Barcelos, no Folgadouro (Fernandes et al.; Zbyszewski & Ferreira, 1955). A sudeste, regista-se a presença do castro de Santo Estevão da Facha, na margem esquerda do rio Lima, que detém ocupação da Idade do Bronze (Almeida, 1990). Na mesma, situação, mas em terrenos mais interiores, apresenta-se o castro do Peso (Soeiro, 1981; Almeida, 1983).

Descrição física da superfície gravada:

É um afloramento de médias dimensões, algo destacado do solo, com um contorno trapezoidal (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 70) (Fig. 179). É de granito alcalino de grão médio ou fino a médio, de cor acinzentada, segundo a Carta Geológica de Portugal 5A – Viana do Castelo, à escala 1/50 000 (Teixeira e Medeiros, 1972). Tem 6,7 metros de comprimento no sentido este/oeste e 4,90 metros de largura no sentido norte/sul. Tem uma parte mais elevada e aplanada, que se desenvolve um declive suave para sul, este e oeste e mais acentuada para noroeste. Atualmente, passa-lhe por cima um muro de divisão de propriedade, orientado de noroeste para sudeste (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 70).



Figura 179 - Breia 9 (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 69).

Historial:

Este afloramento, foi descoberto por Cândido Verde e José Álvarez que são amantes desta temática e exímios prospectores (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 55). No ano de 2017, a Breia 5 foi alvo de uma inventariação por parte da Câmara Municipal de Viana do Castelo, através da intervenção de Ana Bettencourt (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 55). Esses trabalhos contribuíram para a publicação dos vários afloramentos que constituem a Breia, sendo os responsáveis Bettencourt & Santos-Estévez (2018).

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento possui dois painéis, estando os círculos segmentados gravados, apenas, no painel 1 (Fig. 180).

O painel 1 encontra-se na extremidade sudeste do afloramento, presente na área aplanada e dos declives norte e nordeste. Apresenta uma figura oval com eixo nordeste/sudoeste, subdividido por um sulco com covinha na extremidade sudoeste. No seu interior existem três sulcos perpendiculares que segmentam a figura (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 70). Na

extremidade nordeste sai um sulco que se liga a um motivo tendencialmente circular. Dentro deste último encontram-se dois círculos segmentados, unidos entre si e partilhando um sulco na convergência dos mesmos. O círculo segmentado ligeiramente maior tem os seus segmentos orientados para norte/sul e este/oeste e os segmentos do círculo segmentado mais pequeno estão orientados para nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste (Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 70). Nas imediações destes motivos ocorre o que parece ser outro círculo segmentado, com os seus segmentos orientados para noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste, apresentando-se bastante erodido e estando associado a um círculo aberto. A vertente noroeste, com declive bastante acentuado, inclui um soliforme rodeado por um círculo incompleto. Dele sai um sulco que se prolonga até à diáclase, como se estivesse a entrar dentro do afloramento, e volta a sair através de um sulco divergente.



Figura 180 - Fotogrametria da Breia 9 (Fonte: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018, p. 72).

Técnica: percussão seguida de abrasão.

Estado de conservação: razoável.

Bibliografia: Bettencourt & Santos-Estévez, 2018; Marinho *et al.*, 2020

24) Ereira 2

Localização administrativa: Viana do Castelo/ Viana do Castelo/ Afife/ Lugar da Armada.

Coordenadas: N 41° 45' 55" / O 8° 50' 46"

Altitude: cerca de 177 metros.

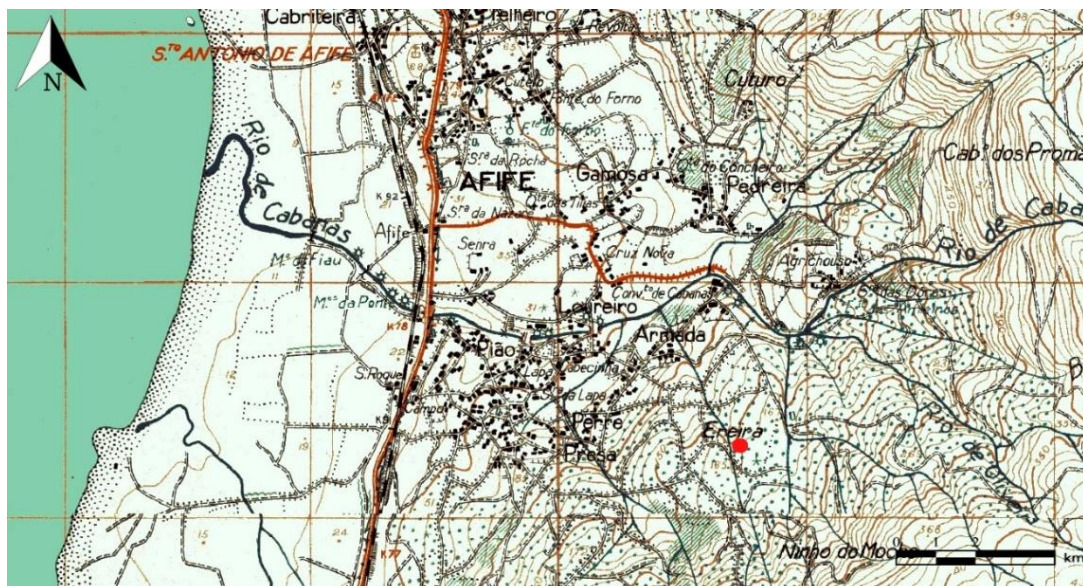


Figura 181 – Localização de Ereira 2 em excerto da Carta Militar n° 27, escala 1/25 000, CIGeo.

Acesso: Do centro de Afife seguir até ao restaurante Mariana. Aí cortar à esquerda pelo caminho da Gateira que dá acesso ao lugar da Armada e à estrada florestal, alcatroada. Subir até à vacaria que fica do lado direito do caminho, a cerca de 50 m, e à qual se tem acesso por um caminho de terra batida. Deixar aí o carro e seguir para sul por um estradão de terra batida.

Contexto físico e ambiental:

Este sítio arqueológico localiza-se num patamar a meio da vertente noroeste da serra de Santa Luzia, nas imediações da bacia fluvial do rio de Cabanas, em área irrigada e sobranceira ao lugar de Gateira (Fig. 181).

O substrato geológico local é composto por granito de grão médio ou fino a médio que aflora à superfície (Teixeira e Medeiros, 1972). Nos recursos mineiros próximos deste local, regista-se a presença de estanho a sudeste do local, cerca de 2,5 km (Teixeira e Medeiros, 1972) (Fig. 182).

Em termos ambientais, o local corresponde a uma área com vegetação arbustiva e arbórea, onde crescem eucaliptos e faias, giestas, fetos e silvas. Localiza-se numa zona de pastoreio de gado bovino.

Em termos de visibilidade, atualmente, é nula, pois o afloramento encontra-se “cercado” por um eucaliptal. No entanto, consegue-se ouvir o oceano e pressupõe-se que em época pré-histórica, o mesmo seria visto com grande clareza. Pelos motivos anteriormente referidos, esta rocha não tem boa exposição solar, porém, a mesma poderia possuir essa característica nos tempos pré-históricos, sem a presença da vegetação exógena.

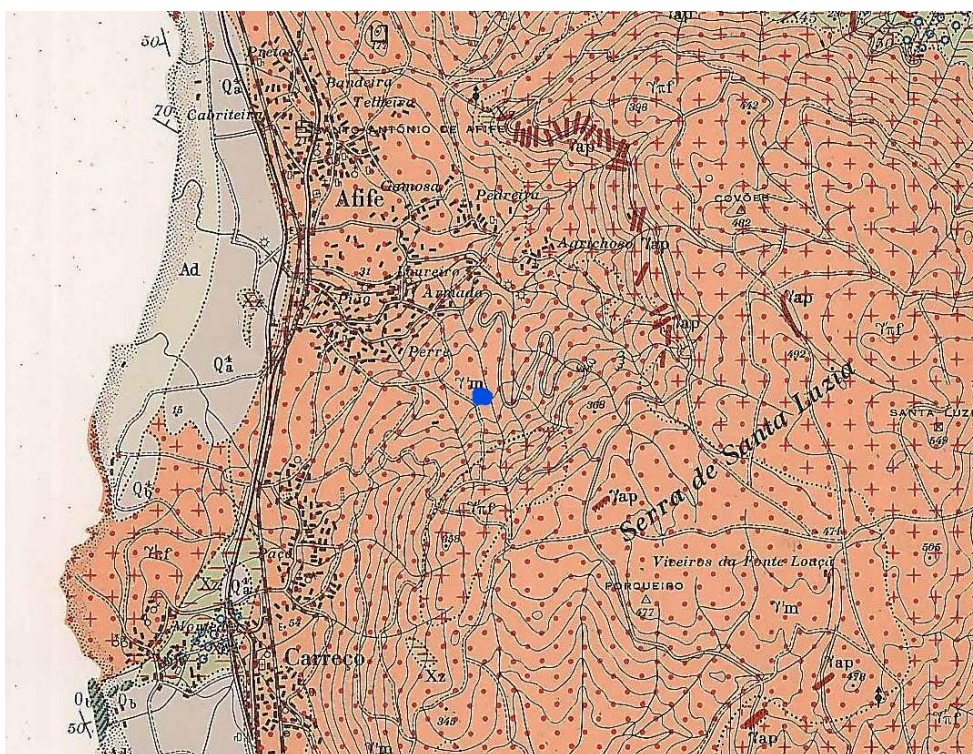


Figura 182 – Localização de Ereira 2 em excerto da Carta Geológica 5A - Viana do Castelo, escala 1/50 000, LNEG.

Historial:

Descoberto por Cândido Verde e José Álvarez numa das suas várias prospeções, foi pela primeira vez inventariado por Bettencourt e Santos-Estévez em 2018.

Contexto arqueológico:

Este local encontra-se na proximidade de outros 5 afloramentos com arte rupestre. Nas imediações, a sudeste, há existência do túmulo da Idade do Bronze da Cova da Moura, em Carreço

(Viana, 1955; Bettencourt, 2013). Recentemente Nuno Oliveira³ detetou cerâmicas da Idade do Bronze no Castro da Croa ou Coroa, em Carreço a norte do afloramento. No mesmo quadrante, mas a uma maior distância, existe a presença do povoado com ocupação do Bronze Final de Santo António, em Afife (Bettencourt, 2013; Oliveira & Bettencourt, 2020).

Descrição física da superfície gravada:

Este afloramento de granito de grão médio, segundo a Carta Geológica de Portugal 5A – Viana do Castelo, à escala 1/50 000 (Teixeira e Medeiros, 1972) (Figs. 183, 184). Possui um contorno alongado, é o de maiores dimensões dos seis gravados que se encontram nas imediações. É pouco proeminente em relação ao solo. A sua superfície gravada tende a ser mais elevada no centro, aplanando para as zonas limítrofes. Possui no sentido norte-sul 3,48 m; este-oeste 2,55 m e 0,32 m de altura.



Figura 183 - Ereira 2.

³ Agradecimento a Nuno Oliveira por esta informação



Figura 184 - Contexto da Ereira 2.

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento encontra-se profusamente gravado distribuído por dois painéis, separados por uma diaclase que se orientada de sudeste para noroeste.

O painel 1 localiza-se na extremidade norte e o painel 2 na extremidade sul (Figs. 185, 186, 187).

O painel 1 é o que apresenta maior número de motivos. Ai registaram-se várias composições circulares (círculos concêntricos e círculos com covinhas centrais) que se concentram nas imediações de uma diaclase que atravessa o topo deste painel no sentido nordeste-sudoeste. O círculo concêntrico que se encontra em posição mais central parece ter sido alvo de adições que transformaram o motivo inicial numa composição ovalar e que se parece introduzir na referida diaclase. Destes motivos saem sulcos profundos que preenchem grande parte do espaço compositivo pelo lado norte. Alguns são mais profundos do que as composições parecendo terem resultado, também, de processos de adição. Em redor das composições mais centrais foram gravadas inúmeras covinhas. Na extremidade norte, mais aplanada e mais baixa, encontra-se um motivo reticulado muito erodido ao qual estão associados dois círculos segmentados. Um deles

encontra-se adossado na extremidade norte do reticulado, possuindo os seus segmentos orientados nos sentidos nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste. Relativamente, ao segundo círculo junto a um sulco no sentido nordeste/sudoeste, existem algumas dúvidas quanto à sua configuração, devido à erosão, no entanto, *in loco*, foi possível observar que os seus segmentos se encontram orientados no sentido norte/sul (?) e este/oeste. Pelo lado este deste painel parece existir um zoomorfo muito esquemático, provavelmente montado, assim como outro motivo peculiar formado por um semicírculo adossado a um sulco retilíneo que cremos ser um punhal de antenas.

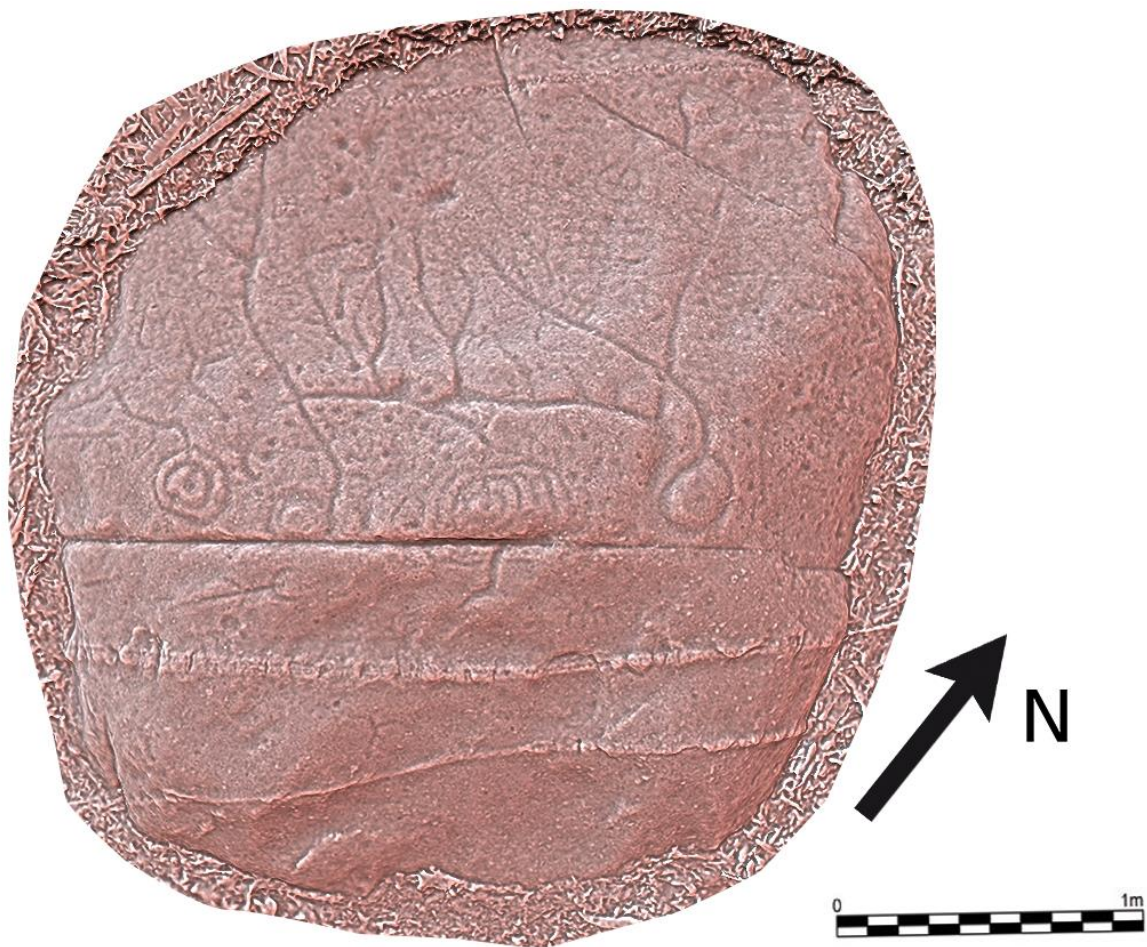


Figura 185 - Fotogrametria de Ereira 2.



Figura 186 - Vista 3D, desde noroeste, da Ereira 2.

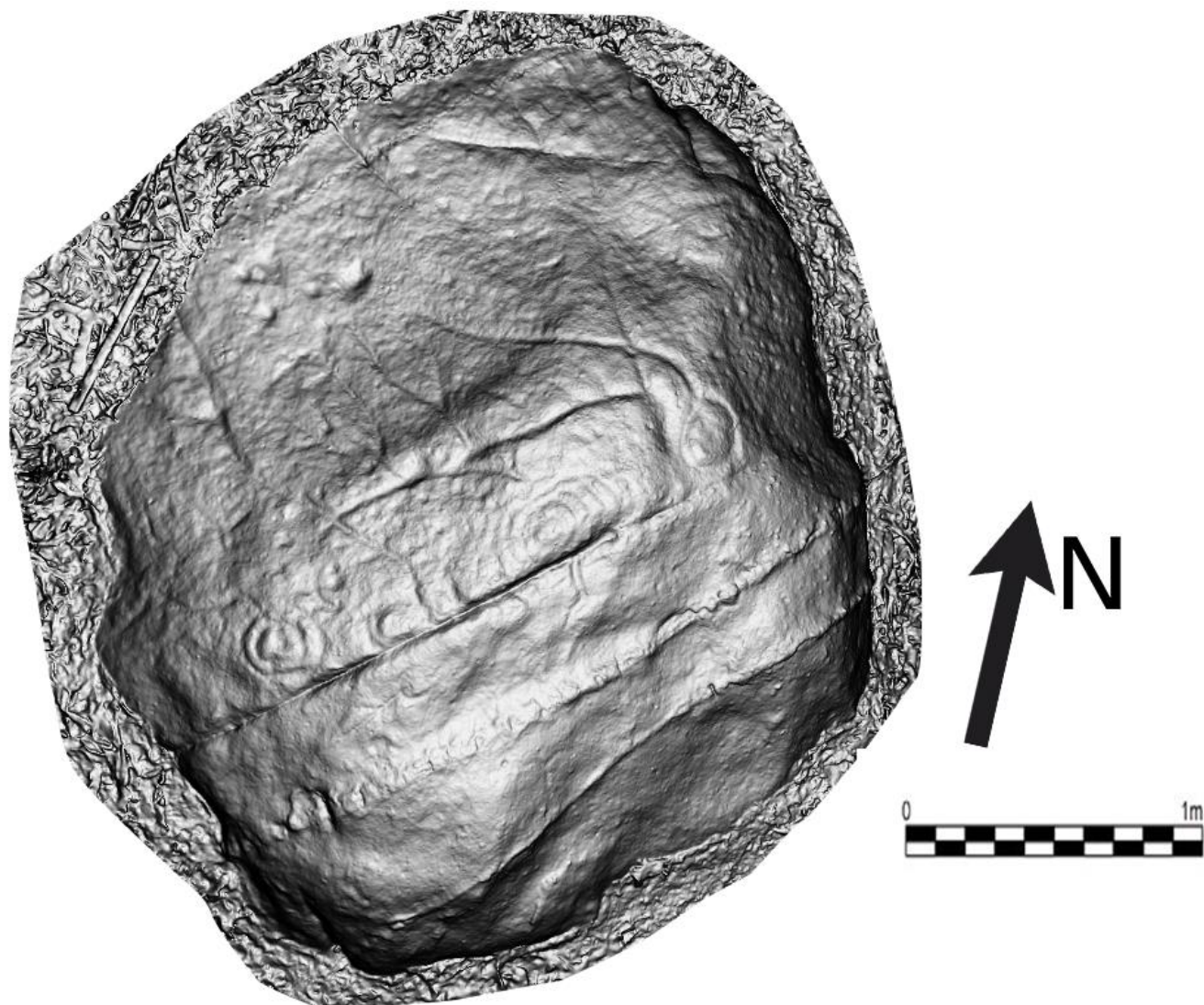


Figura 187 - Fotogrametria de Ereira 2.

O painel 2 ostenta, igualmente, composições circulares no topo do afloramento (um círculo concêntrico de duas voltas, sem covinha central, e um círculo com covinha central) (Fig. 188). Em diálogo com uma diaclase de sentido nordeste-sudoeste, ocorre uma figura que parece introduzir-se no seu interior. Na extremidade norte deste painel foi gravado um motivo reticulado, tendencialmente retangular, de onde saem pequenos sulcos, talvez posterior à gramática atlântica. Parecem existir, ainda, outros motivos, no declive norte-noroeste que necessitam de levantamentos fotogramétricos mais detalhados.



Figura 188 - Fotogrametria total da Ereira 2 (Fonte: Ana Bettencourt).

Técnica: picotado seguido de abrasão.

Estado de conservação: razoável.

Bibliografia: inédito.

25) Figueiró 1

Localização administrativa: Viana do Castelo/ Viana do Castelo/Carreço/ Troviscoso.

Coordenadas: N 41°44'13"/ O 8°51'32"

Altitude: cerca de 60 metros.

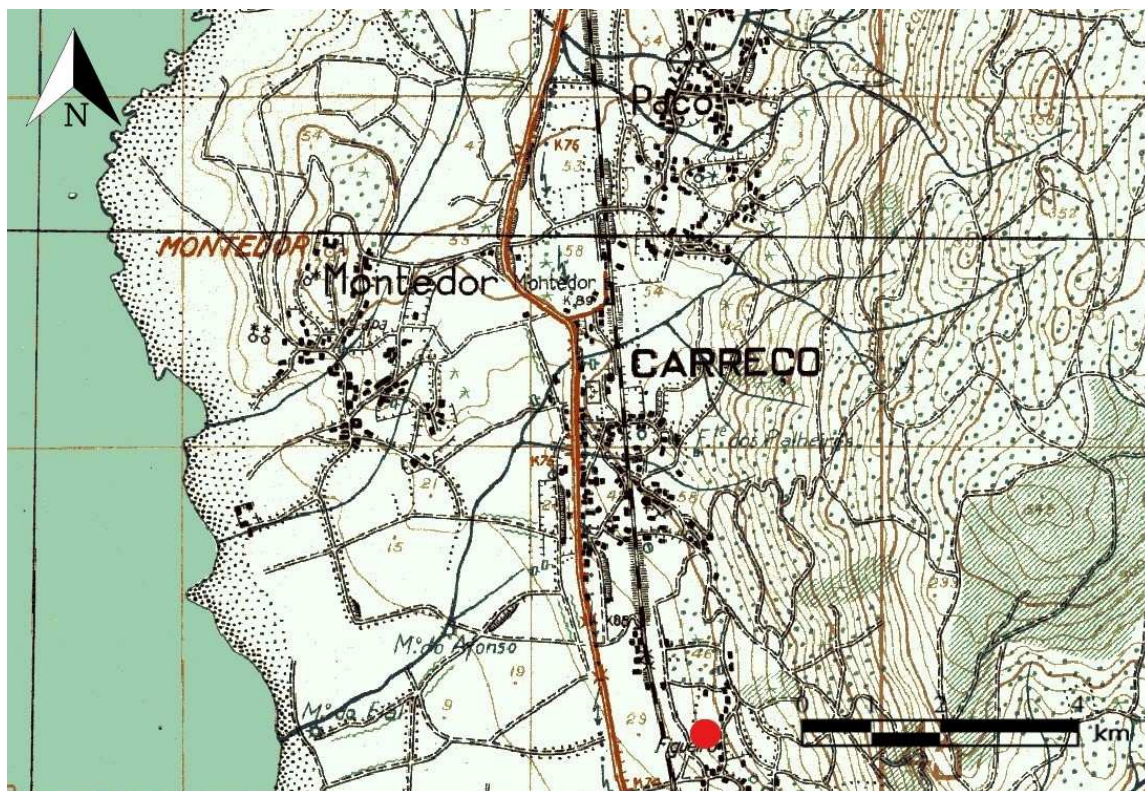


Figura 189 – Localização de Figueiró 1 em excerto da Carta Militar n° 27, escala 1/25 000, CI Geoe.

Acesso: Encontra-se em propriedade privada, no lugar do Troviscoso.

Contexto físico e ambiental:

As gravuras rupestres do Figueiró 1 ocupam uma plataforma da base da vertente oeste da serra de Santa Luzia, localizado na plataforma litoral (Fig. 189). O substrato geológico é de granito de grão grosseiro ou médio a grosseiro, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, à escala 1/50 000 (Medeiros & Simões, 1972). Os recursos mineiros nas imediações deste sítio arqueológico, são jazidas de estanho com vestígios do mesmo a cerca de 3 km a nordeste e a cerca de 3,5 km a sudeste, na serra de Santa Luzia (Medeiros & Simões, 1972) (Fig. 190).

É um local com grande visibilidade para a plataforma litoral e o oceano Atlântico, a oeste, sudoeste e sul, e para a colina de Montedor, a norte e a noroeste. Para os restantes quadrantes podem observar-se as vertentes íngremes da serra de Santa Luzia. Este afloramento poderá estar destruído pois encontra-se no meio do casario de Troviscoso, no interior de uma propriedade privada, cujos proprietários estão ausentes, impossibilitando a sua visita.

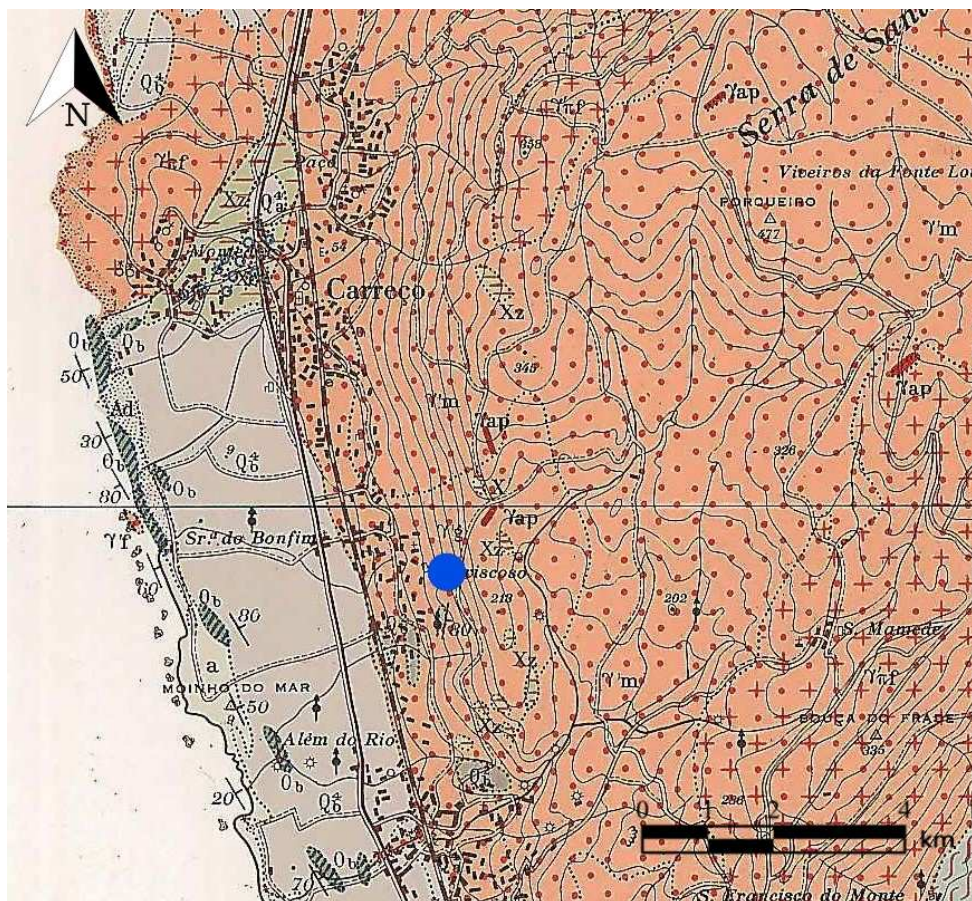


Figura 190 – Localização de Figueiró 1 em excerto da Carta Geológica 5A - Viana do Castelo, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Este local encontra-se na proximidade de outros 5 afloramentos com arte rupestre. Nas imediações, a sudeste, há existência do túmulo da Idade do Bronze da Cova da Moura, em Carreço (Viana, 1955; Bettencourt, 2013). Recentemente Nuno Oliveira detetou cerâmicas da Idade do Bronze no Castro da Croa ou Coroa, em Carreço a norte do afloramento. No mesmo quadrante, mas a uma maior distância, existe a presença do povoado com ocupação do Bronze Final de Santo António, em Afife (Bettencourt, 2013; Oliveira & Bettencourt, 2020).

Descrição física da superfície gravada:

Figueiró 1 corresponde a um afloramento de granito de grão médio, segundo a Carta Geológica de Portugal 5A – Viana do Castelo, à escala 1/50 000 (Medeiros & Simões, 1972). Destacado do solo, com cerca de 5,50 metros de altura por cerca de 10 metros de comprimento, no sentido este-oeste, tendo a o mesmo comprimento no sentido oposto, encontrando-se fraturado a nordeste devido à ação antrópica.

Historial:

O núcleo das gravuras de Figueiró, foi descoberto por Abel Viana em 1931, sendo publicada em 1960, no artigo do mesmo autor *“Insculturas Rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço, Viana do Castelo Portugal)”*. O facto deste afloramento se encontrar dentro de uma propriedade privada, impossibilitou de ser mais vezes estudado. Foi referido por Baptista e Magalhães (1985), Bettencourt (2009a), Santos (2014) e vários autores (Marinho *et al.*, 2020). Atualmente, não é possível visitá-lo.

Descrição dos motivos gravados:

Nos desenhos de Viana (1960) observa-se um círculo concêntrico, em alto relevo, de estilística atlântica clássica, dois círculos simples, quatro motivos ovalados ou grosseiramente retangulares preenchidos por grelhas irregulares e oito círculos segmentados (Fig. 191). Um destes localiza-se na pendente sul do afloramento, quatro na pendente este e três na pendente oeste. Sete destes motivos segmentam-se em quatro partes enquanto um se segmenta em cinco partes.

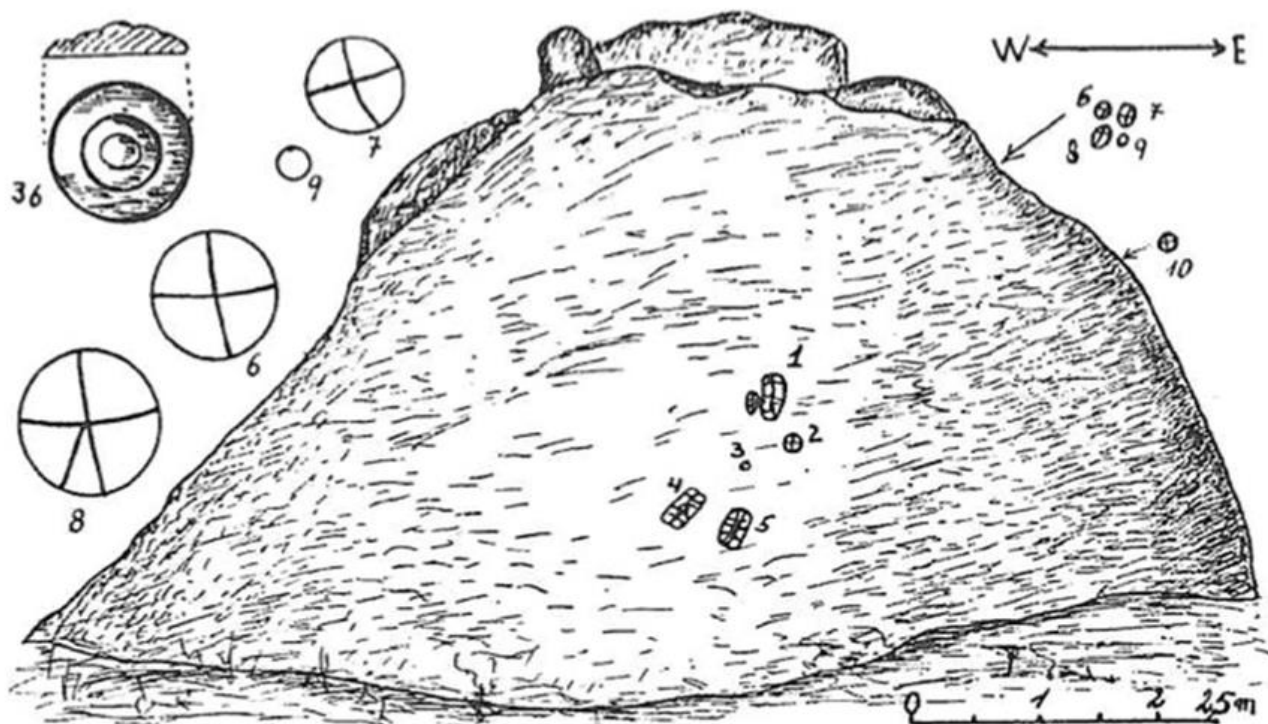


Figura 191 - Desenho de Figueiró 1 de Abel Viana (1960).

Técnica: percussão seguida de abrasão e, num caso, o alto relevo.

Estado de conservação: desconhecido, potencialmente destruído.

Bibliografia: Viana, 1960; Bettencourt, 2009a; Santos, 2014; Baptista e Magalhães 1985; Marinho *et al*, 2020.

26) Laje da Churra

Localização administrativa: Viana do Castelo/Viana do Castelo/Carreço/Paçô.

Coordenadas: N 41° 45' 23"/ O 8° 51' 37''

Altitude: cerca de 76 metros.

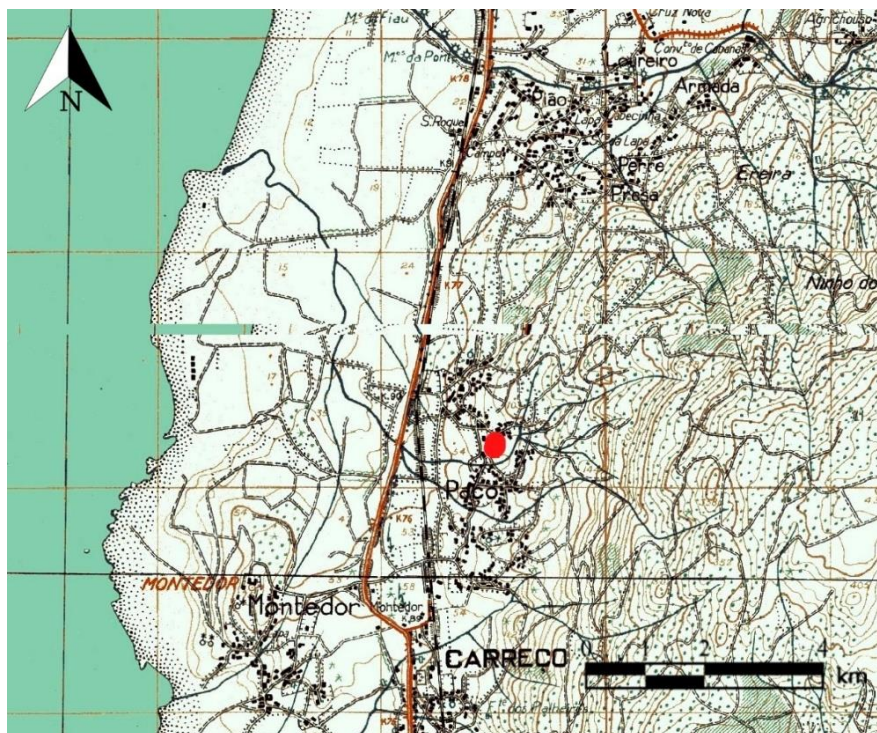


Figura 192 – Localização de Laje da Churra em excerto da Carta Militar n° 27, escala 1/25 000, CI Geoe.

Acesso: Seguir em direção à freguesia de Carreço, em Viana do Castelo, pela E.N. 13. Seguir em direção à Avenida do Paçô, até ao cruzamento com a rua do Caçoilo. Seguir por essa rua, encontrando-se o afloramento à direita, dentro de uma propriedade privada.

Contexto físico e ambiental:

A Laje da Churra situa-se no sopé da vertente oeste da serra de Santa Luzia. A sul, nas suas imediações, fica o ribeiro da Fonte Quente, que corre no sentido nordeste/sudoeste e desagua diretamente no oceano (Santos, 2014) (Fig. 192). Caracteriza-se, ainda, por ser uma rocha onde pelo seu lado este, se acumula água das cheias, pois fica no leito de inundação do ribeiro, derivando, desta característica a designação de Churra. Segundo a Comissão da Toponímia de

Carreço e L. Louro (2000, p. 78 in Santos, 2014, p. 45) este topónimo deriva da palavra Xurra que significa “lamaçal ou local onde se acumulavam águas e outros escorrimentos”.

O substrato geológico presente nesta área é o granito de grão médio ou fino a médio (Medeiros & Simões, 1972). O único recurso mineiro presente nas imediações é o estanho, estando, este presente a este, a cerca de 3km, e a 5 km para sul, na serra de Santa Luzia (Medeiros & Simões, 1972) (Fig. 193).

Localiza-se junto a uma zona habitacional encontrando-se a extremidade norte do afloramento sobre o casario do lugar, a oeste, parcialmente coberta por um muro de divisão de propriedade. Relativamente ao coberto vegetal, observa-se a predominância da vegetação arbustiva traduzindo-se na presença, sobretudo, de fetos. A uma maior distância é observável a presença de eucalipto, carvalho e pinheiro.

Reúne excelentes condições de visibilidade para noroeste, oeste e sul, sendo possível observar com clareza o Oceano Atlântico. A sudoeste pode ver-se o promontório de Montedor. Para os restantes quadrantes impõem-se as vertentes da serra de Santa Luzia.

A exposição solar do afloramento é excelente, revelando-se ser um cenário de eleição para a observação do ciclo solar.

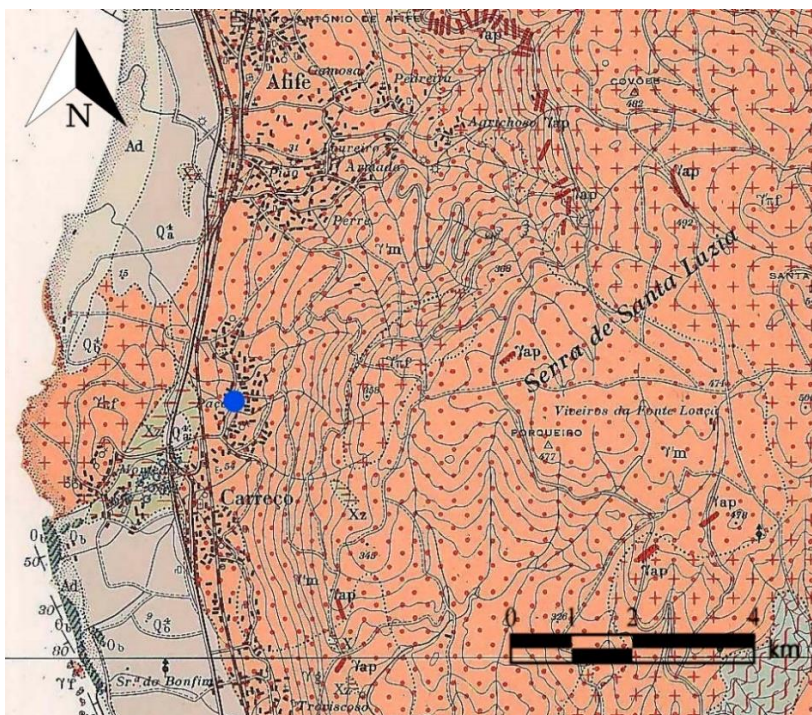


Figura 193 – Localização de Laje da Churra em excerto da Carta Geológica 5A - Viana do Castelo, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Além dos inúmeros locais com arte rupestre citados por Santos (2014), há a destacar o túmulo da Idade do Bronze da Cova da Moura, em Carreço (Viana, 1955; Bettencourt, 2013), a cerca de 0,5 km para sudeste e o povoado com ocupação do Bronze Final de Santo António, em Afife, a cerca de 2,7 km para norte (Bettencourt, 2013; Oliveira & Bettencourt, 2020). Existindo a sul, cerâmicas da Idade do Bronze no Castro da Croa ou Coroa, em Carreço a norte do afloramento, detetadas por Nuno Oliveira.

Descrição física da superfície gravada:

Trata-se de um afloramento destacado do solo e de grandes dimensões, estando parcialmente subterrado a norte e a sul, pelo que as suas dimensões seriam maiores do que as atuais (Santos, 2014, p. 46) (Fig. 194). Assim sendo, o afloramento possui cerca de 22,10 metros no sentido norte/sul e cerca de 16,50 metros no sentido este/oeste (Santos, 2014, p. 46).

A Laje da Churra caracteriza-se por ter a norte uma pequena área aplanada. A partir deste ponto, existe um declive acentuado a oeste resultante de aí ter existido extração de pedra. A sudoeste, sul e a nascente observam-se declives mais suaves que vão terminar a sul, na rua do Caçoilo e, a nascente, num campo de cultivo (Santos, 2014, p. 47). Realça-se que, a sudoeste, se regista a presença de escadas escavadas na rocha

É de granito de Afife, com duas micas, apresentando alguns minerais como moscovite, turmalina, feldspato e quartzo, sendo estes três últimos os componentes dos filões pegmatíticos presentes no afloramento. Para além disso registam-se inúmeras diaclases, algumas delas com uma profundidade considerável (Santos, 2014, p. 47).



Figura 194 - Laje da Churra vista a partir de sul.

Historial:

A Laje da Churra foi descoberta em 1973 pelo Padre Lourenço Alves (Santos, 2014, p. 43). No entanto, é pela primeira vez referida por Baptista em 1986, identificando um conjunto de motivos que coloca cronologicamente na Idade do Bronze Final / Inícios da Idade do Ferro, estando inserido neste conjunto os círculos segmentados (Baptista, 1986, p. 128). O Padre Lourenço Alves, em 1989, procede à descrição deste afloramento, identificando quatro áreas com motivos, destacando o grau de erosão que as gravuras a nascente possuíam (Alves, 1989 in Santos, 2014, p. 43). Contudo, este afloramento não foi mais analisado até Bettencourt (2009b) proceder à sua descrição, salientando a importância deste afloramento, devido às suas dimensões, à quantidade de motivos gravados e grande audiência que possuía (Santos, 2014, p. 44). Com efeito, Santos (2014) na realização da sua dissertação de mestrado procede ao estudo exaustivo e à publicação monográfica deste afloramento (Santos, 2014, p. 44).

Descrição dos motivos gravados:

Afloramento profusamente gravado que foi dividido por Santos (2014, p. 49-50) em dezanove painéis, sendo os painéis 2, 3, 5, 6, 8 e 11b os que contêm círculos segmentados (Figs. 195, 196). De uma forma geral, trata-se de um afloramento com escassíssimos motivos de gramática atlântica (espirais e um semicírculo concêntrico) e, inúmeros motivos figurativos segundo a conceção de Bettencourt (2017a, 2017b). Entre muitos outros destacam-se diferentes tipos de barquiformes, armas (alabardas), ferramentas (machados), animais marinhos (golfinhos), animais terrestres (equídeos), antropomorfos, paletas de diferentes tipos, covinhas com apêndices e covinhas.

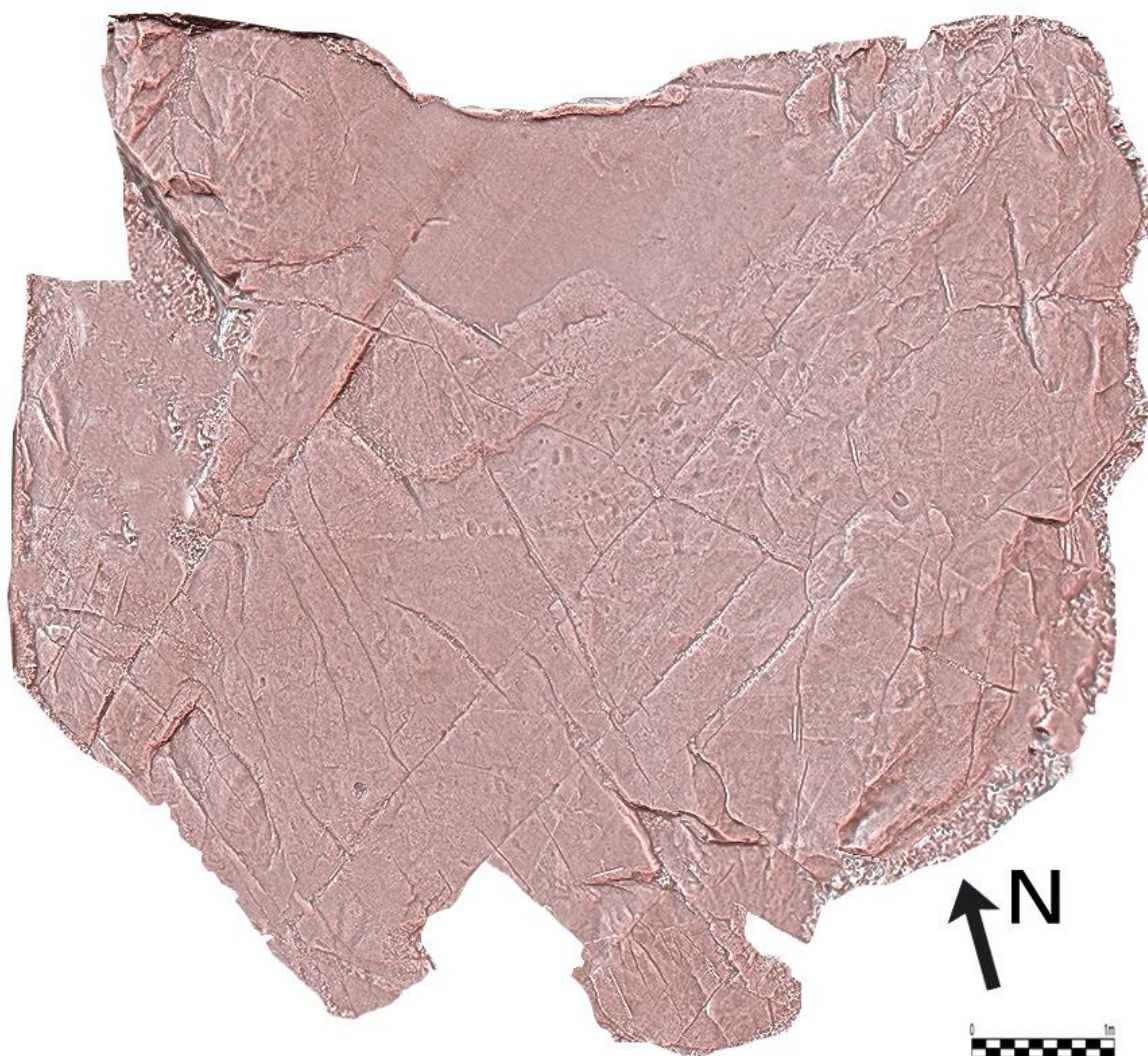


Figura 195 - Fotogrametria da Laje da Churra.

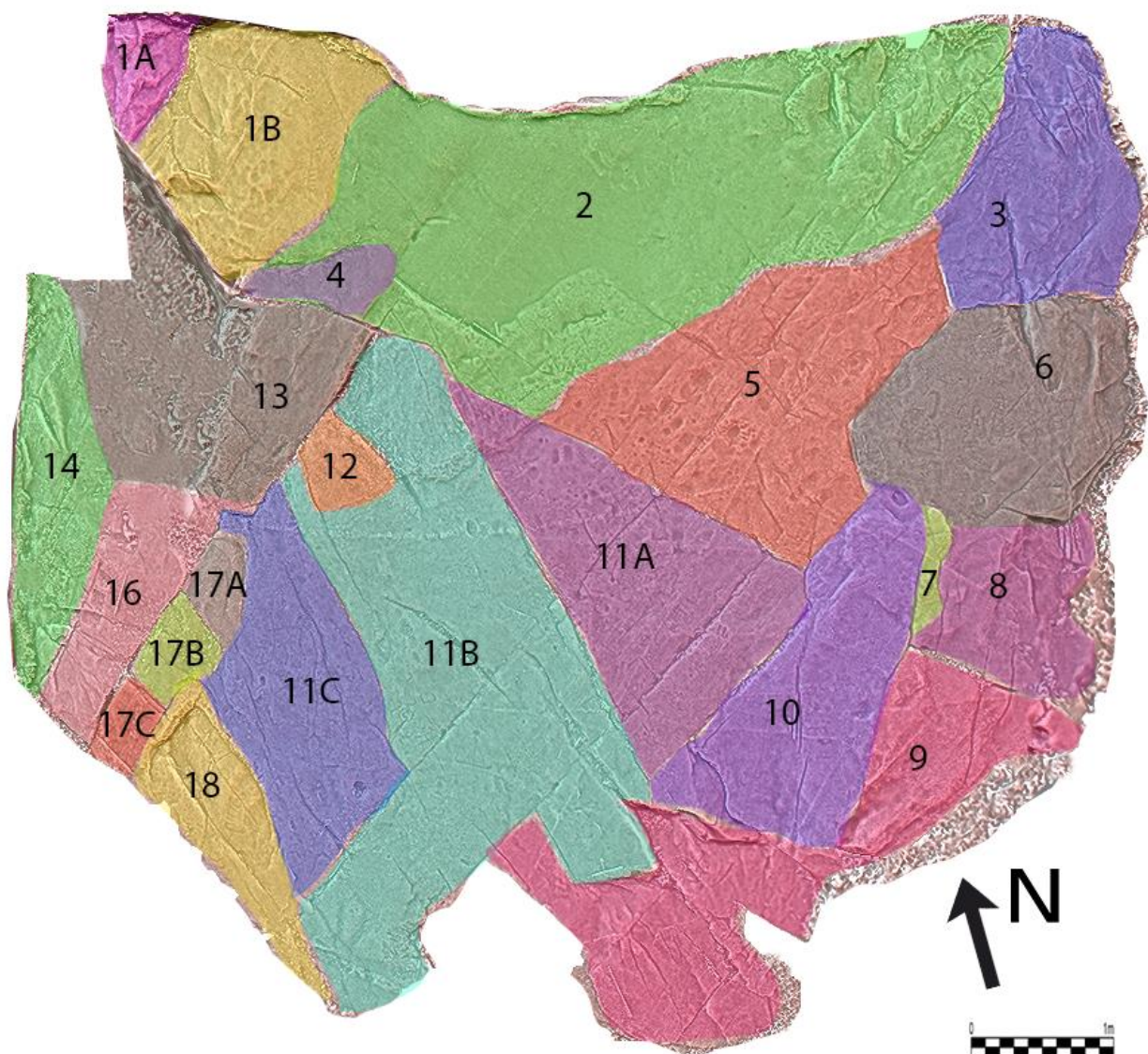


Figura 196 - Fotogrametria da Laje da Churra e respetiva divisão por painéis.

O painel 2 situa-se na parte norte do afloramento numa superfície plana. Separa-se dos painéis 3, 5, 11A, por um grande filão de quartzo e, separa-se dos painéis 11B, 4 e 1B através de diáclases (Figs. 197, 198). As gravuras neste painel são pouco perceptíveis e correspondem a algumas covinhas dispersas, podendo ser associadas a sulcos orientados para várias direções. O painel inclui uma nuvem de pontos, a sudeste, associada a uma paleta. Os motivos principais do painel são as composições circulares (Santos, 2014, p. 52-53). Por fim, surge um círculo de grandes dimensões, segmentado em três partes, localizado sensivelmente no centro do painel. Os seus segmentos, muito largos, foram gravados em baixo-relevo, mas de uma forma geral o motivo

encontra-se muito erodido. Este motivo tem os seus segmentos orientados para noroeste/sudeste e para nordeste. A ele estão associados dois sulcos rematados por covinhas, que se unem formando uma figura complexa. Este motivo parece ter sido sobreposto a sudeste.

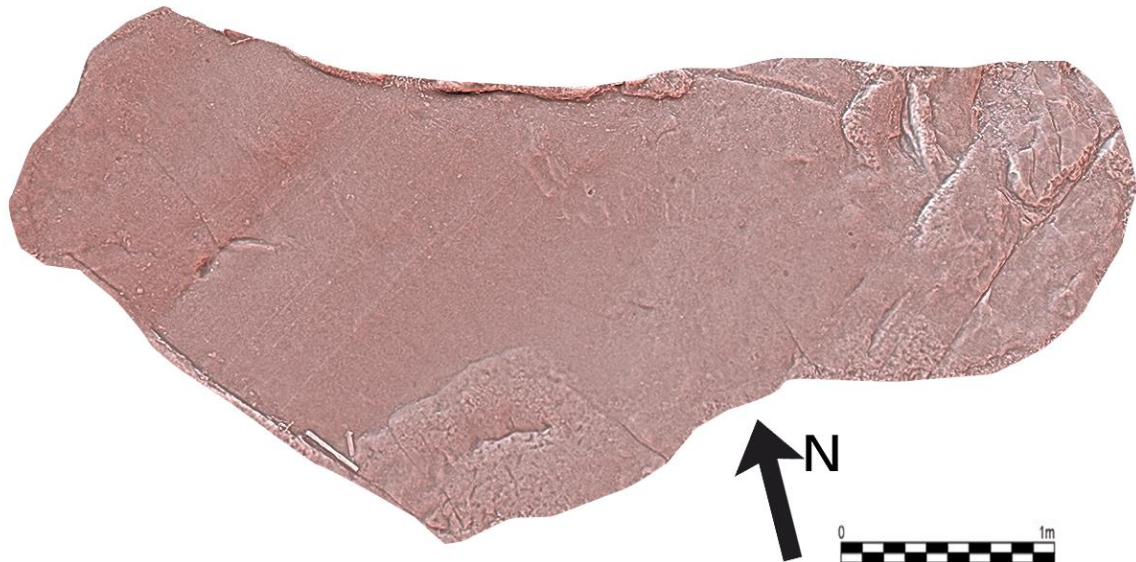


Figura 197 - Fotogrametria do painel 2 da Laje da Churra.



Figura 198 - Decalque do painel 2 da Laje da Churra (Fonte: Santos, 2014, p. 53).

O painel 3 localiza-se no extremo nordeste do afloramento. Localizando-se a norte painel 6, a oeste dos painéis 5 e 2 (Figs. 199, 200, 209). A sua pendente inclina-se fortemente para nascente. Neste painel os círculos segmentados aparecem em grande número, sendo seis no total (Santos, 2014, p. 53-54). Esta autora não estudou a orientação dos seus segmentos, o que é feito neste trabalho. Quatro destes motivos situam-se no centro do painel e apresentam-se segmentados em quatro partes, estando os seus segmentos orientados para nordeste/sudoeste e de noroeste/sudeste. Na extremidade este há mais dois círculos segmentados: um segmentado em quatro partes, com sulco exterior, estando os seus segmentos orientados para nordeste/sudoeste e este/oeste, e um outro que, inicialmente, tendo sido segmentado em quatro partes, sofreu adições, passando a ser segmentado em seis partes. Os seus segmentos orientam-se para noroeste/sudeste e sudoeste/nordeste. Associados a estes motivos surgem quadrúpedes esquemáticos que, em alguns casos, parecem dialogar com eles. De assinalar, também, covinhas e covinhas associadas a sulcos. Foi, ainda, assinalado no decalque um semicírculo concêntrico na extremidade este/sudeste que não se consegue ver na fotogrametria por esta não ter incidido muito neste local.

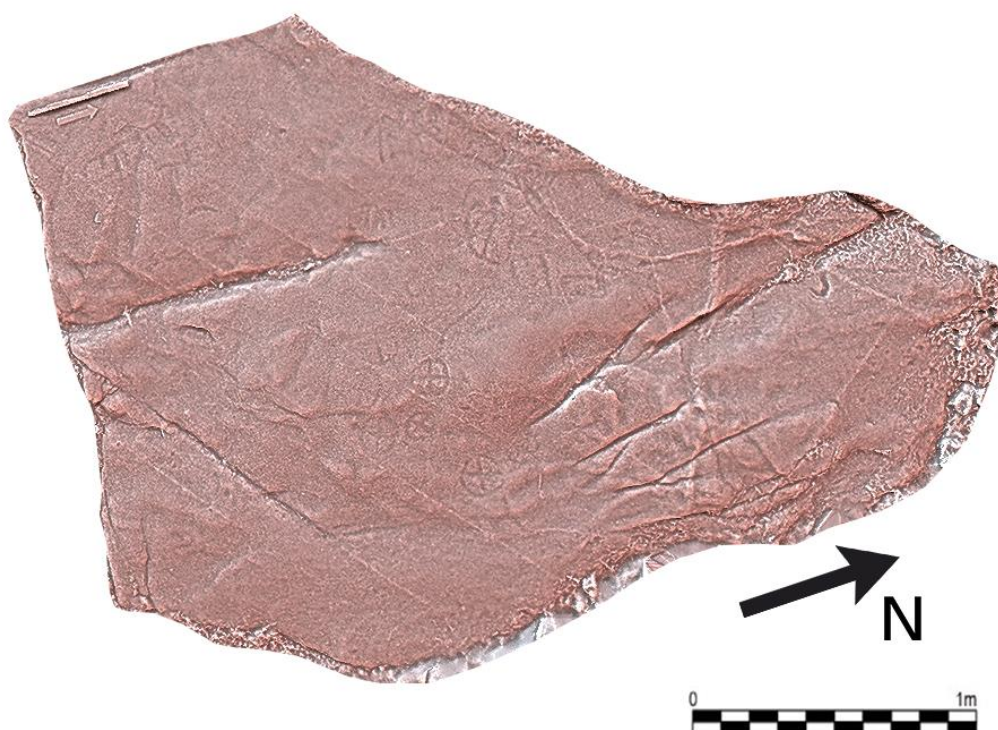


Figura 199 - Fotogrametria do painel 3 de Laje da Churra.

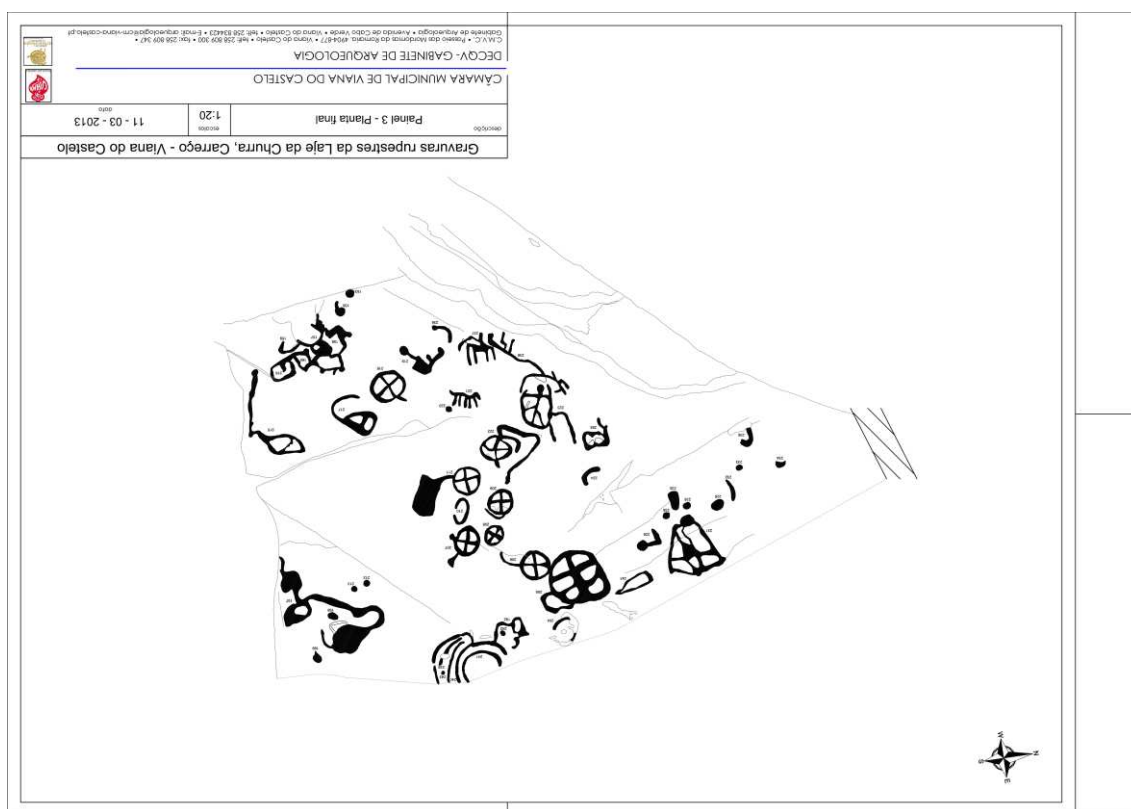


Figura 200 - Decalque do painel 3 da Laje da Churra (Fonte: Santos, 2014, p. 54).

O painel 5 é na verdade a continuidade do painel 2, localizando-se a sul deste, a sudoeste do painel 3, a norte dos painéis 10 e 6 e a nordeste do painel 11^a (Figs. 201, 202, 203). A sua iconografia gira em torno de possíveis paletas, covinhas, covinhas associadas a sulcos e dois círculos segmentados (Santos, 2014, p. 55). Um destes ocupa a extremidade nordeste, estando segmentado em oito partes. Os seus segmentos orientam-se para noroeste/sudeste, sudoeste/nordeste, este/oeste e norte/sul. Tem um sulco retilíneo associado. Na extremidade sudoeste surge outro círculo, este segmentado em quatro partes, com os seus segmentos orientados para noroeste/sudeste e sudoeste/nordeste.

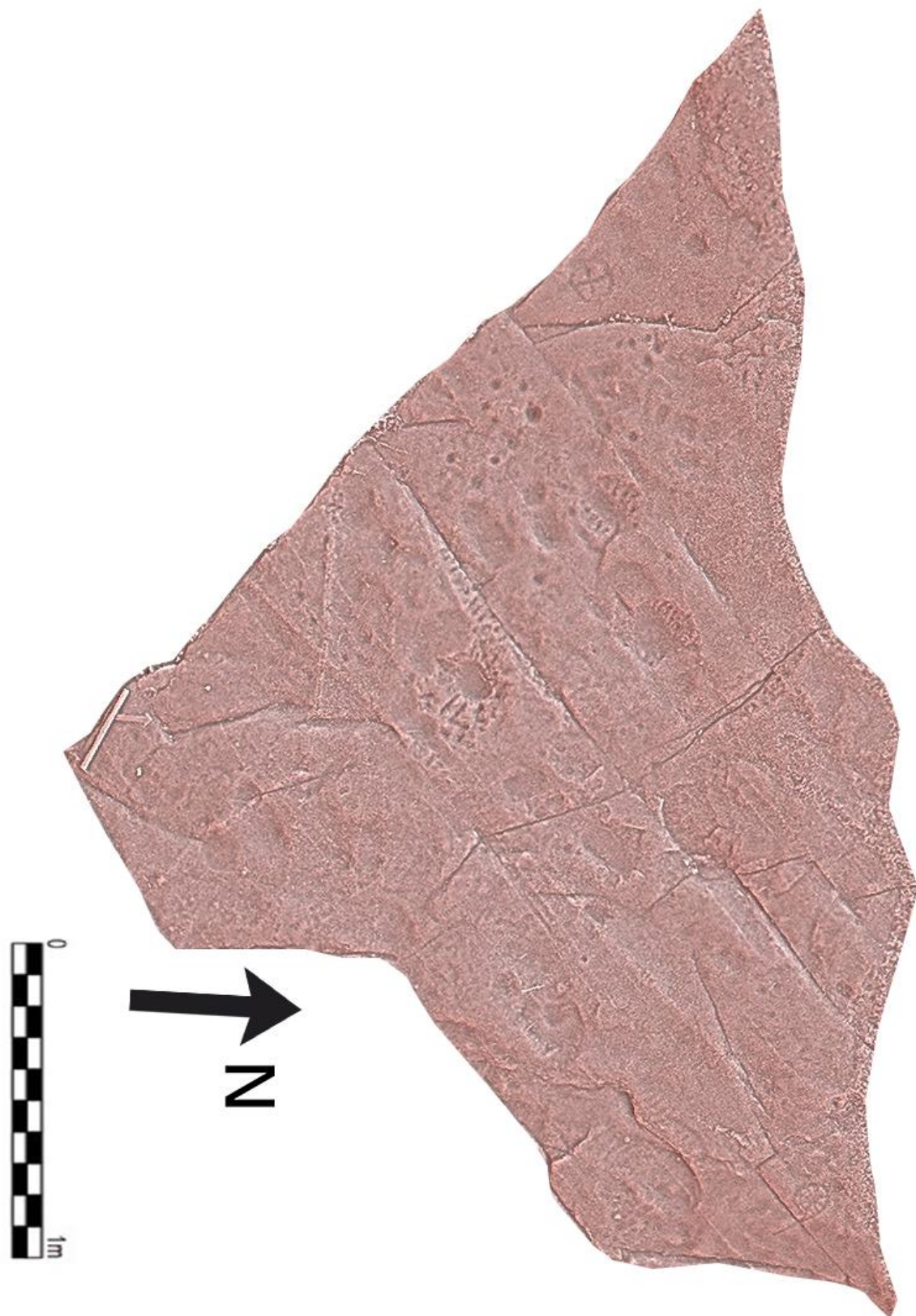


Figura 201 - Fotogrametria do painel 5 da Laje da Churra.

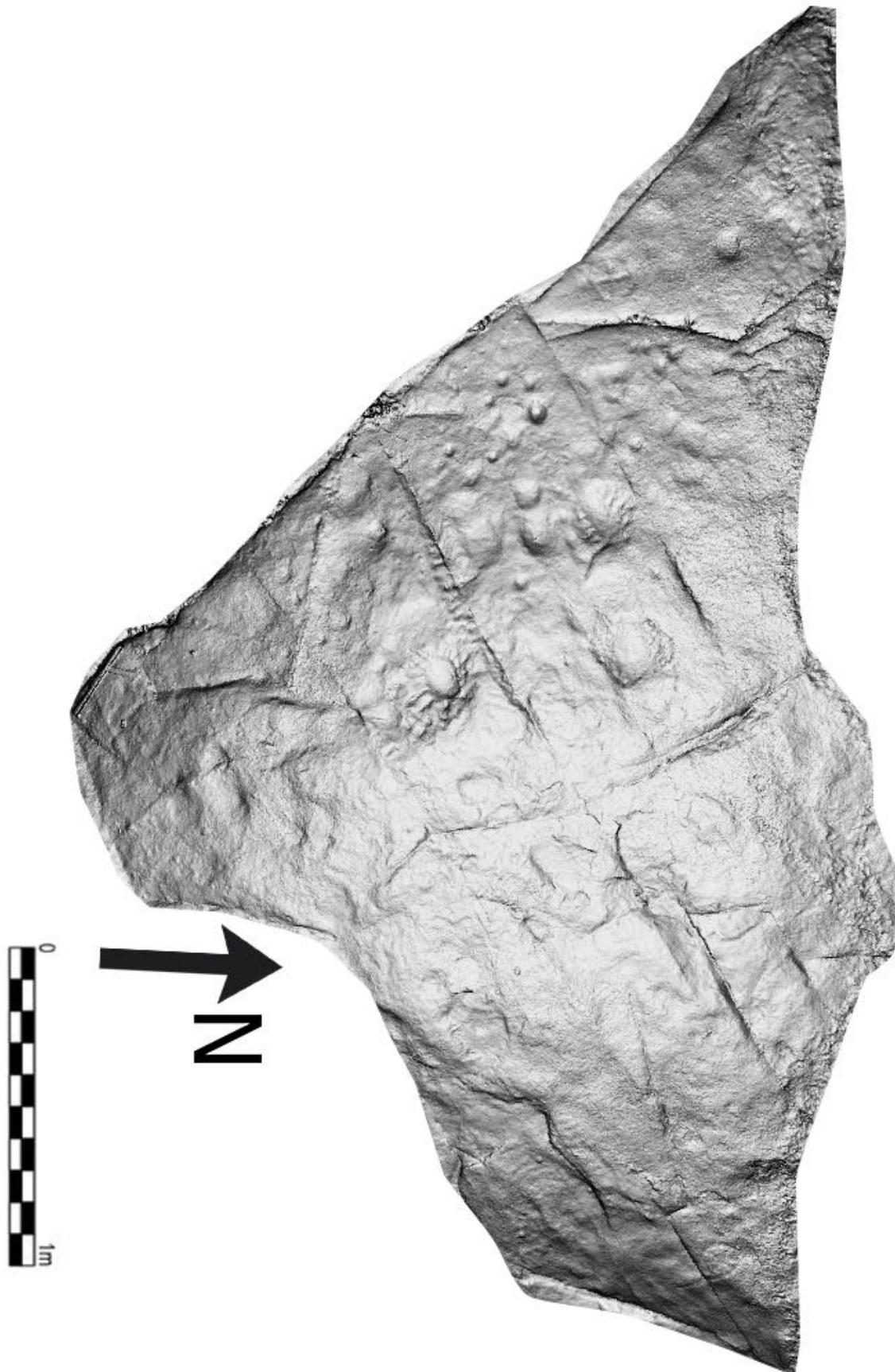


Figura 202 - Fotogrametria do painel 5 da Laje da Churra.

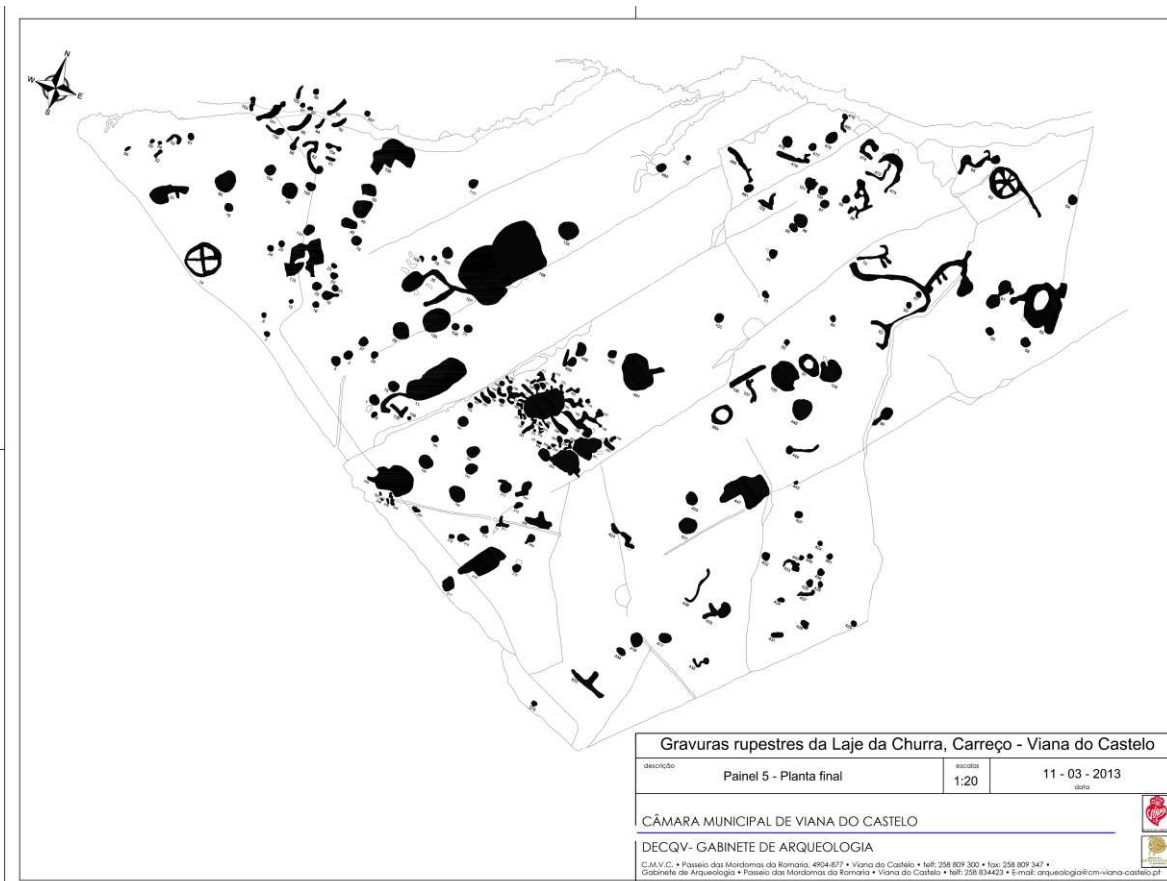


Figura 203 - Decalque do painel 5 da Laje da Churra (Fonte: Santos, 2014, p. 55).

O painel 6 posiciona-se a nordeste do afloramento tendo a sua pendente uma forte inclinação para este, localizando-se a nascente dos aos painéis 3, 5 e 7 e a norte do painel 8 (Figs. 204, 205, 209). Este painel inclui inúmeros motivos e sobreposições que Santos (2014, p. 56) teve dificuldades em compreender com a técnica do decalque. A nascente, figuram três círculos segmentados: dois subdivididos em quatro partes, estando os segmentos orientados para nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste; um segmentado em três partes, estando o sulco completo orientado para nordeste/sudoeste e o sulco parcial para sudeste/noroeste. Estes motivos estão associados a um conjunto de sulcos que parecem corresponder a barquiformes de tipo canoa e a um barquiforme com mastro que se sobrepõe a alguns de tipo canoa e a um círculo segmentado. A oeste deste conjunto encontra-se um quadrúpede que parece trazer no dorso mais um círculo segmentado cujos segmentos orientam-se norte/sul e este/oeste. A norte desta composição ocorrem mais quadrúpedes. Para oeste existe um conjunto grande e diversificado de barquiformes de tipo canoa, alguns já identificados por Santos (2014, p. 56) e antropomorfos de braços erguidos (orantes?).

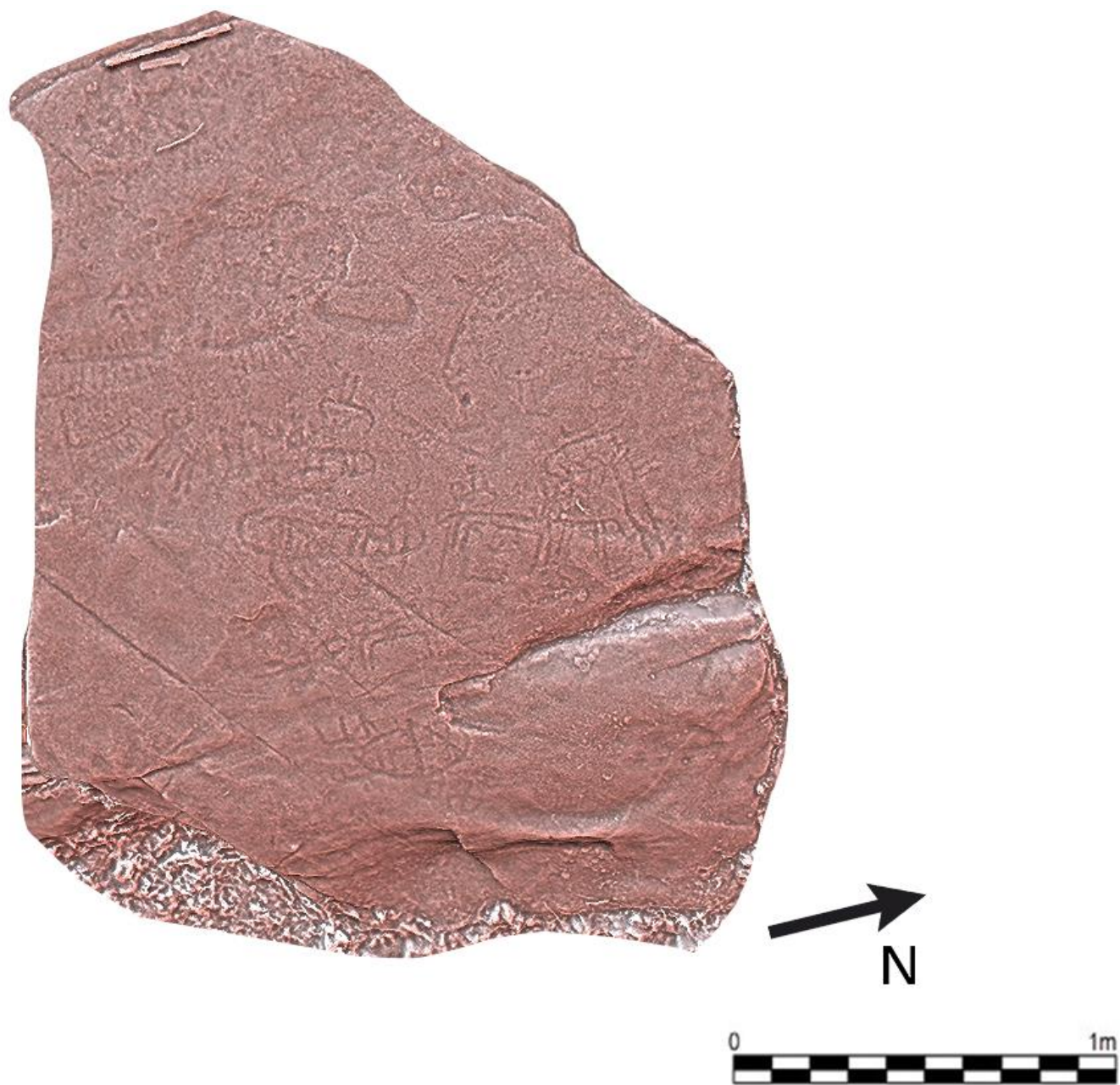


Figura 204 - Fotogrametria do painel 6 da Laje da Churra.

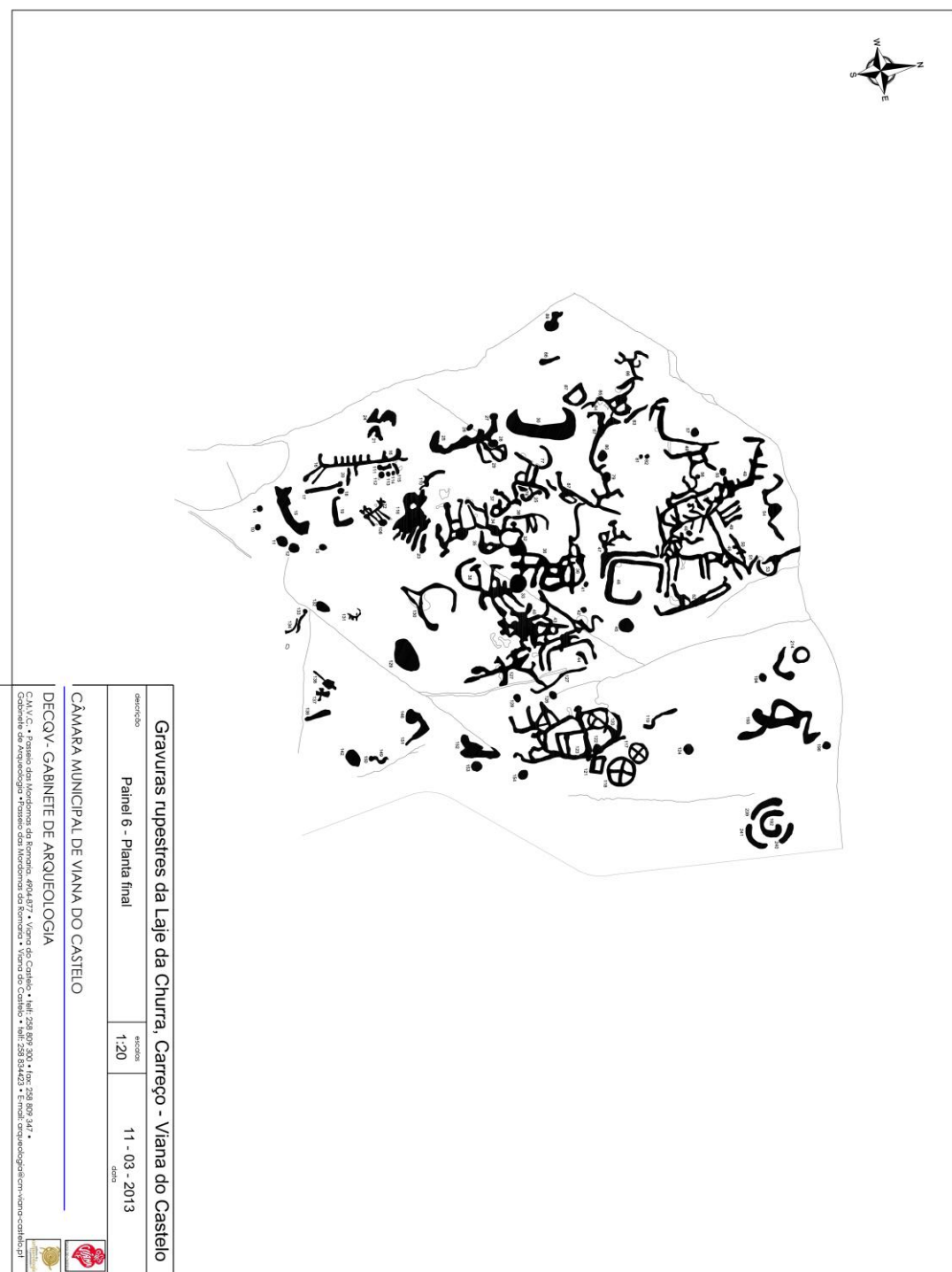


Figura 205 - Decalque do painel 6 da Laje da Churra (Fonte: Santos, 2014, p. 57).

O painel 8 encontra-se numa zona declivosa a sudeste do afloramento, a sul do painel 6, oeste, o painel 7 e a norte, o painel 9 (Fig. 206). Possui dois círculos segmentados em quatro partes. Ambos possuem um sulco exterior. O sulco vertical de ambos está sensivelmente orientado para

norte/sul e, o sulco horizontal está orientado para oeste/este. Estes motivos encontram-se associados a covinhas, sulcos retilíneos, orientados para este-oeste. De referir, também, a presença de um motivo em forma de “T” (Santos, 2014, p. 58).



Figura 206 - Decalque do painel 8 da Laje da Churra (Santos, 2014, p. 58)

O painel 11 está subdividido em três, sendo apenas o painel 11B o que possui círculos segmentados (Figs. 207, 208). Este encontra-se entre os painéis 11A e 11C, com uma forte inclinação para sul e sudoeste. A sua iconografia é variada, observando-se quatro grupos de motivos. Na parte mais elevada, a norte, ocorrem, sobretudo, sulcos, covinhas associadas a sulcos, uma espiral, alguns barquiformes e dois círculos segmentados (Santos, 2014, p. 62-63). Destaca-se um círculo segmentado em sete partes, localizado numa zona central deste grupo, a norte, cuja multiplicação dos segmentos parece ter sido adicionada a um primitivo apenas com quatro segmentos, sendo a adição feita com sulcos menos profundos. Os segmentos encontram-

se orientados para nordeste/sudoeste, noroeste/sudeste, norte/sul e este/oeste. Figura, também, um outro círculo segmentado subdividido em três partes, com os segmentos orientados para noroeste/sudeste e sudoeste/nordeste. A sul deste painel ocorrem outros motivos, heterogêneos, alguns deles podendo ser produto de sobreposições. Destacam-se uma espiral, um serpentiforme, uma paleta circular com cabo meandriforme, quadrúpedes e barquiformes com mastro, sendo um deles de grande dimensão, e inúmeras covinhas, por vezes alinhadas (Santos, 2014, p. 62-63). Pela observação da fotogrametria destacam-se dois equídeos montados, um deles portador de arma de arremesso.



Figura 207 - Fotogrametria do painel 11B da Laje da Churra.



Figura 208 - Decalque do painel 11b da Laje da Churra (Fonte: Santos, 2014, p. 63).

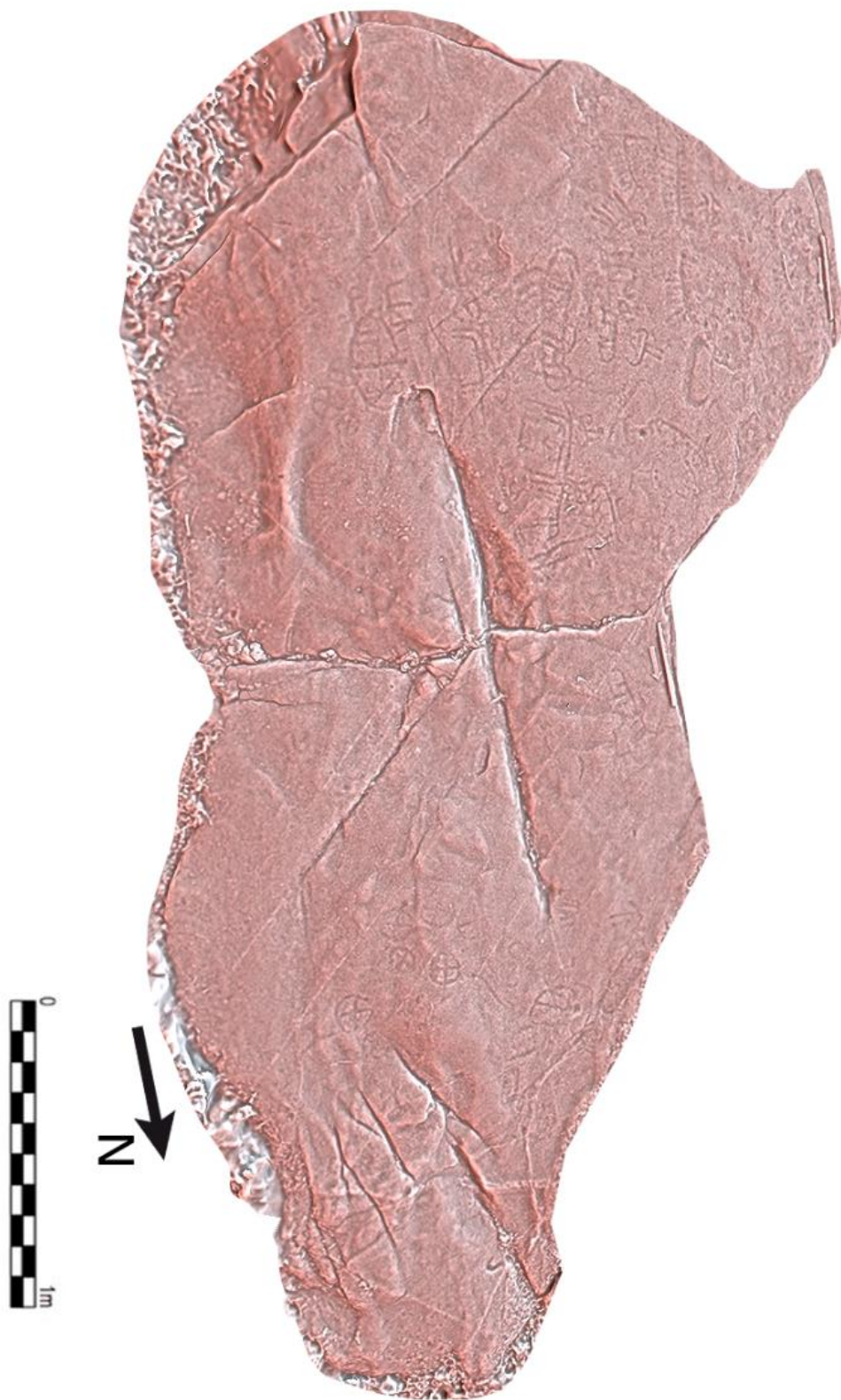


Figura 209 - Fotogrametria dos painéis 3 (à esquerda) e 6 (à direita)

Técnica: percussão (técnica utilizada nos variados painéis) seguida de abrasão correspondendo a 98% da gravação neste afloramento. Os restantes motivos são em baixo-relevo.

Estado de conservação: razoável.

Bibliografia: Baptista, 1986; Alves, 1989; Bettencourt, 2009b; Santos, 2014; Marinho *et al.*, 2020; dados inéditos.

27) Parentas

Localização administrativa: Viana do Castelo/ Viana do Castelo/ Freixeiro de Soutelo/ Parentas.

Contexto físico e ambiental: Este conjunto de afloramentos localiza-se na vertente do monte da Terrugem na direção de Soutelo (Sarmiento, 1999)⁴.

Historial: Foram pela primeira vez referenciadas e desenhadas por Martins Sarmiento em 1886. Atualmente, são afloramentos de difícil localização devido à pouca informação existente e também devido à mudança de toponímia.

Descrição dos motivos gravados: Sarmiento, quando referenciou estes afloramentos, contabilizou um número notável de rochas com gravuras (Sarmiento, 1999). Dentro deste grupo, desenhou quatro rochas que possuem círculos segmentados gravados. Nessas rochas, os motivos em estudo, associam-se a motivos sub-retangulares várias vezes segmentados, círculos simples, círculos concêntricos e a covinhas dispersas e a cruciformes (cruzes latinas). Note-se ainda que, um dos círculos segmentados representados possui adossados ao círculo um conjunto de sulcos, que podem indicar a representação de um símbolo solar.

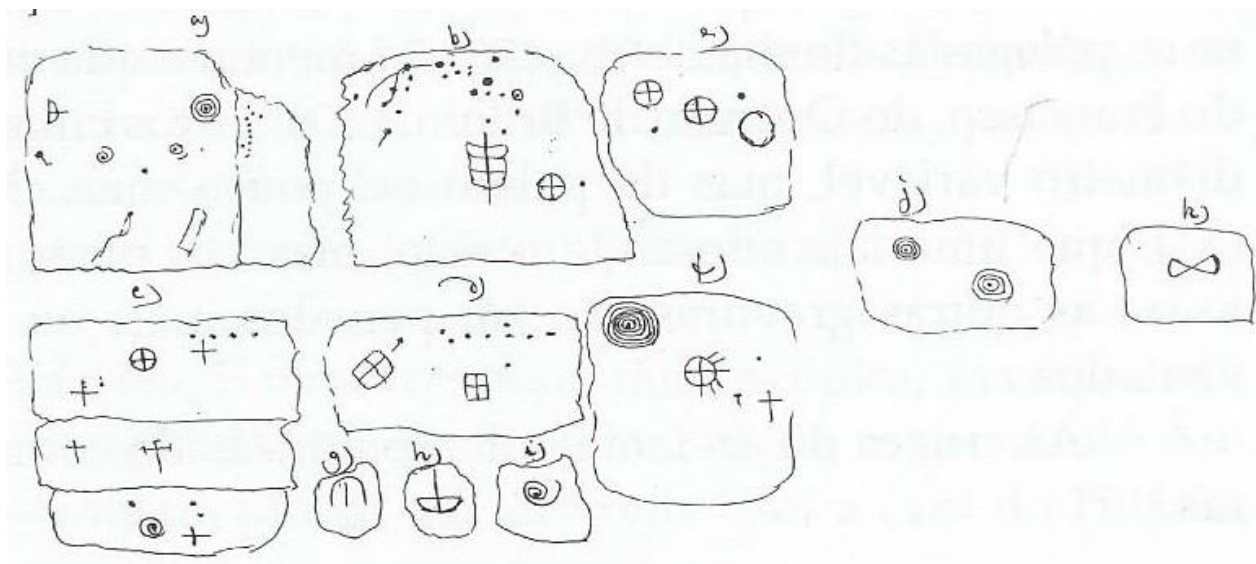


Figura 210 – Afloramentos gravados do lugar das Parentas. Afloramentos com círculo segmentados: B, C, E e G.

Técnica: Desconhecida.

⁴ Texto póstumo

Estado de conservação: Desconhecido.

Bibliografia: Sarmiento, 1999

2.3 Distrito de Vila Real

2.3.1 Mondim de Basto

28) Crastoeiro 2

Localização administrativa: Vila Real/Mondim de Basto/São Cristóvão de Mondim/Campos.

Coordenadas: N 41° 24' 53" / O 7° 55' 46"

Altitude: cerca de 440 metros.

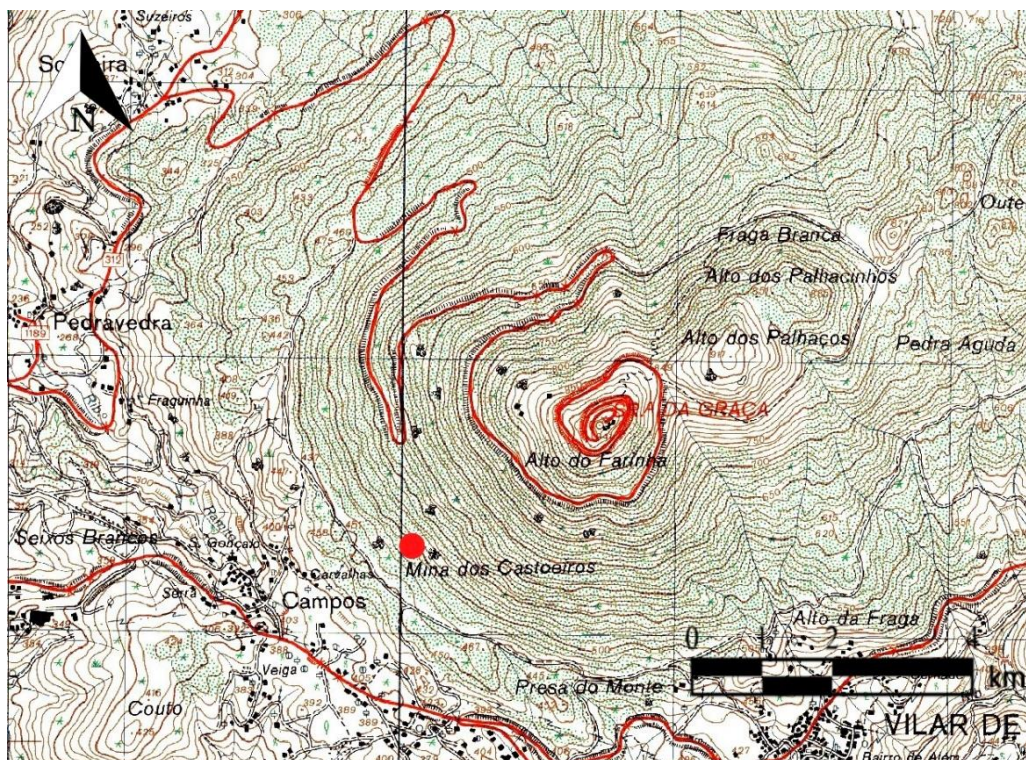


Figura 211 – Localização de Crastoeiro 2 em excerto da Carta Militar n.º 87, escala 1/25 000, CI Geoe.

Acesso: Seguindo a E.N. 312 até à povoação de Cainha. Daqui tomar o caminho que conduz ao santuário de Nossa Senhora da Graça. O povoado do Crastoeiro está assinalado.

Contexto físico e ambiental:

O Crastoeiro 2 localiza-se num esporão do Monte Farinha, na base da sua vertente oeste, estando, atualmente, inserido no seio do povoado fortificado da Idade do Ferro denominado de Crastoeiro, nome que deriva da presença da Mina dos Crastoeiros, que se localiza nas imediações deste lugar. Localiza-se a oeste, o ribeiro de Campos, que desagua no rio Tâmega (Fig. 211). Predomina o

granito de duas micas, grão médio, com esparsos megacristais, designado de Granito da Sra. da Graça, que afloram abundantemente no local (Pereira, 1989). Relativamente aos recursos mineiros, existem poucas evidências dos mesmos, apenas registando a existência de estanho a cerca de 5 km a sudeste e a cerca de 10 km a nordeste (Pereira, 1989) (Fig. 212). No local a vegetação é arbustiva, predominando o feto.

Do sítio há boas condições de visibilidade, sobretudo para este, contemplando a magnitude do Monte Farinha. A oeste o vale do rio Tâmega. A norte e a sul as condições de visibilidade são igualmente amplas. Desde o local pode observar-se o ciclo solar, sendo possível acompanhar o nascer do sol por detrás do Monte Farinha e o ocaso no horizonte.

O afloramento tem excelente exposição solar.

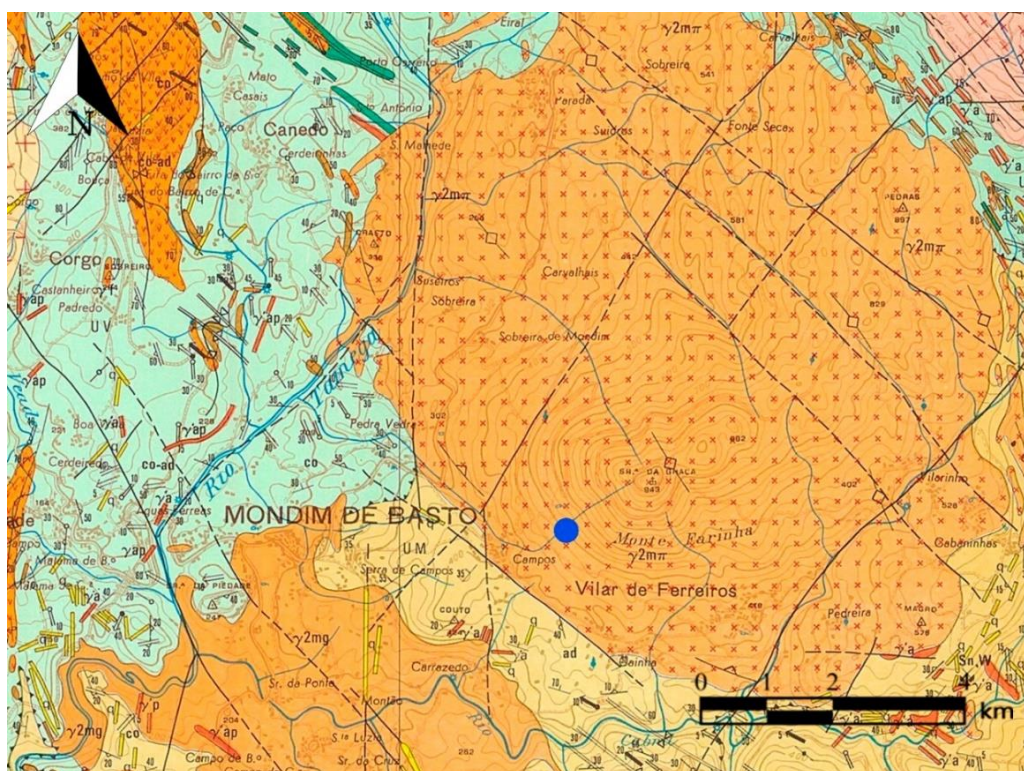


Figura 212 – Localização de Crastoeiro 2 em excerto da Carta Geológica 10A - Celorico de Basto, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

As gravuras rupestres do Crastoeiro 2 insere-se no povoado fortificado do Crastoeiro, tendo este, ocupação da Idade do Ferro e do período romano, demonstrando, ainda, evidências descontextualizadas de uma ocupação na Pré-História Recente (Dinis & Bettencourt, 2009). Nesta

área registam-se outros afloramentos que se encontram igualmente gravados sendo a temática bastante idêntica inserindo-se no que se designa por Arte Atlântica Clássica (Dinis, 2011). Há a registar a presença a norte do Crastoeiro 2 das gravuras de Campelo, com composições circulares e paletas (Dinis, 2011). A sudoeste, Dinis (2006) recolheu um fragmento cerâmico do Bronze Final, podendo indiciar atividade deste período no povoado do Alto da Senhora da Piedade.

Descrição física da superfície gravada:

Afloramento bastante destacado do solo, de contorno subcircular, de granito de grão médio de duas micas, denominado de Granito da Senhora da Graça, segundo a Carta Geológica de Portugal 10A – Celorico de Basto, à escala 1/50 000 (Pereira, 1989) (Fig. 213). As suas dimensões são cerca de 3,40 no sentido nordeste/sudeste, cerca de 3 metros no sentido noroeste/sudeste e cerca de 2 metros de altura. O seu topo é ligeiramente abaulado, descendo de forma abrupta para os diversos quadrantes.



Figura 213 - Direita: Crastoeiro 2. Esquerda: Crastoeiro 2 em primeiro plano.

Historial:

Este afloramento foi pela primeira vez inventariado e publicado em 2009 por Dinis e Bettencourt, sendo fruto dos sucessivos trabalhos arqueológicos que decorreram no Castro do Crastoeiro. Com efeito, os autores referidos estabeleceram este afloramento no que definiram como complexo 2.

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento é parcialmente gravado, estando as manifestações rupestres localizadas no seu topo (Figs. 214, 215, 216, 217). A composição principal inicia com a presença de um círculo

concêntrico com cinco voltas, com um semicírculo associado, saindo um sulco que prossegue para uma zona declivosa que quebra e se estende para oeste terminando com uma covinha. Neste declive a sudeste, observa-se uma figura segmentada em três partes. No quadrante nordeste, observa-se sete covinhas profundas com um círculo simples a envolvê-las, estando ladeadas por covinhas. Esta composição dispõe-se em “L” e encontra-se conectada ao círculo concêntrico por um sulco que sai do mesmo e que se conecta com uma das covinhas profundas anteriormente referidas. Na extremidade nordeste observa-se a presença de um círculo segmentado, cujos segmentos se orientam nos sentidos nordeste/sudoeste e noroeste/sudeste, encontrando-se este último estendido para o exterior do círculo. Observações feitas *in loco* permitiram perceber que o sulco do círculo segmentado se encontrava mais esbatido e não tão profundo e vincado como o resto das manifestações rupestres. A noroeste do afloramento surgem três sulcos.

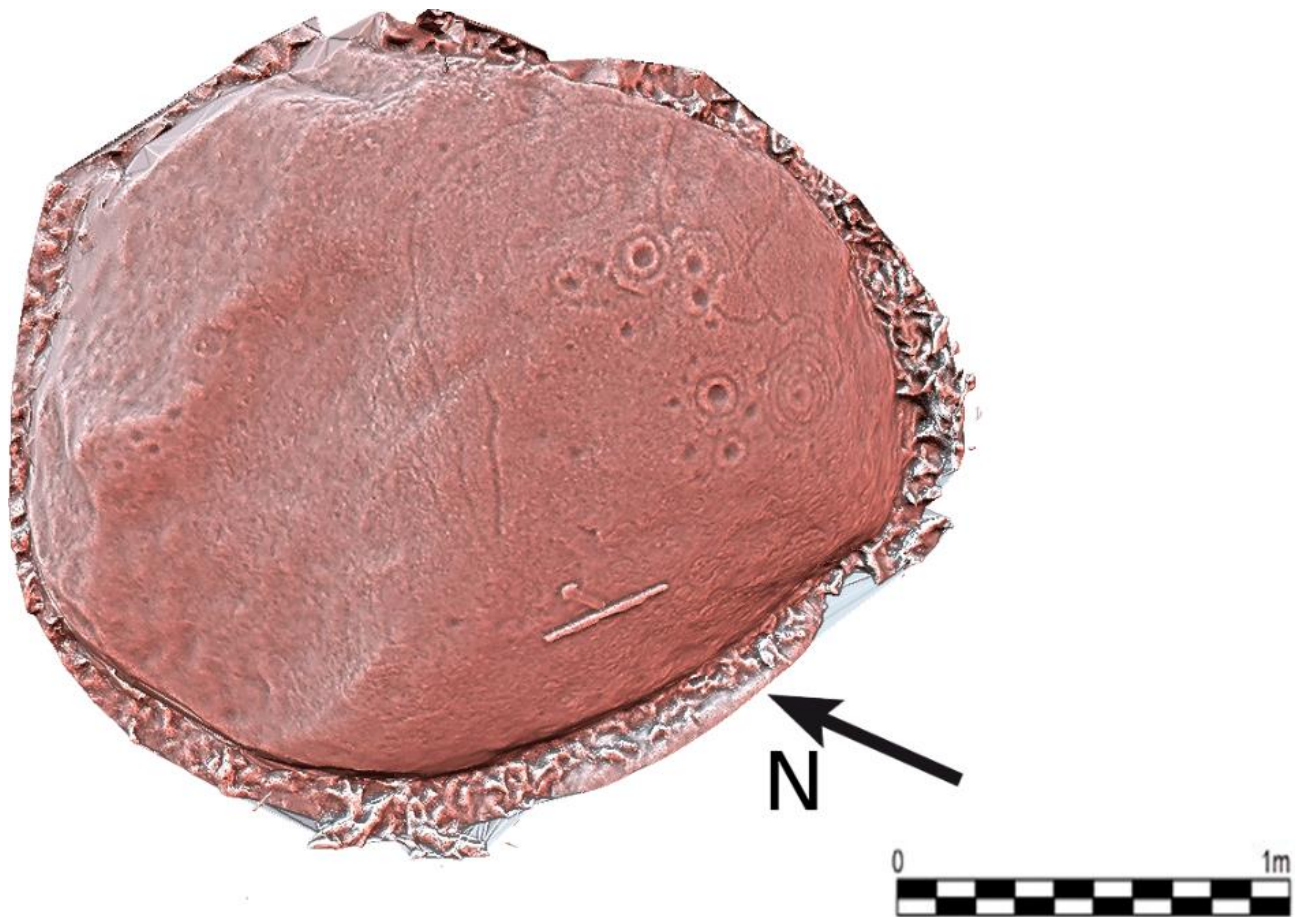


Figura 214 - Fotogrametria do Crastoeiro

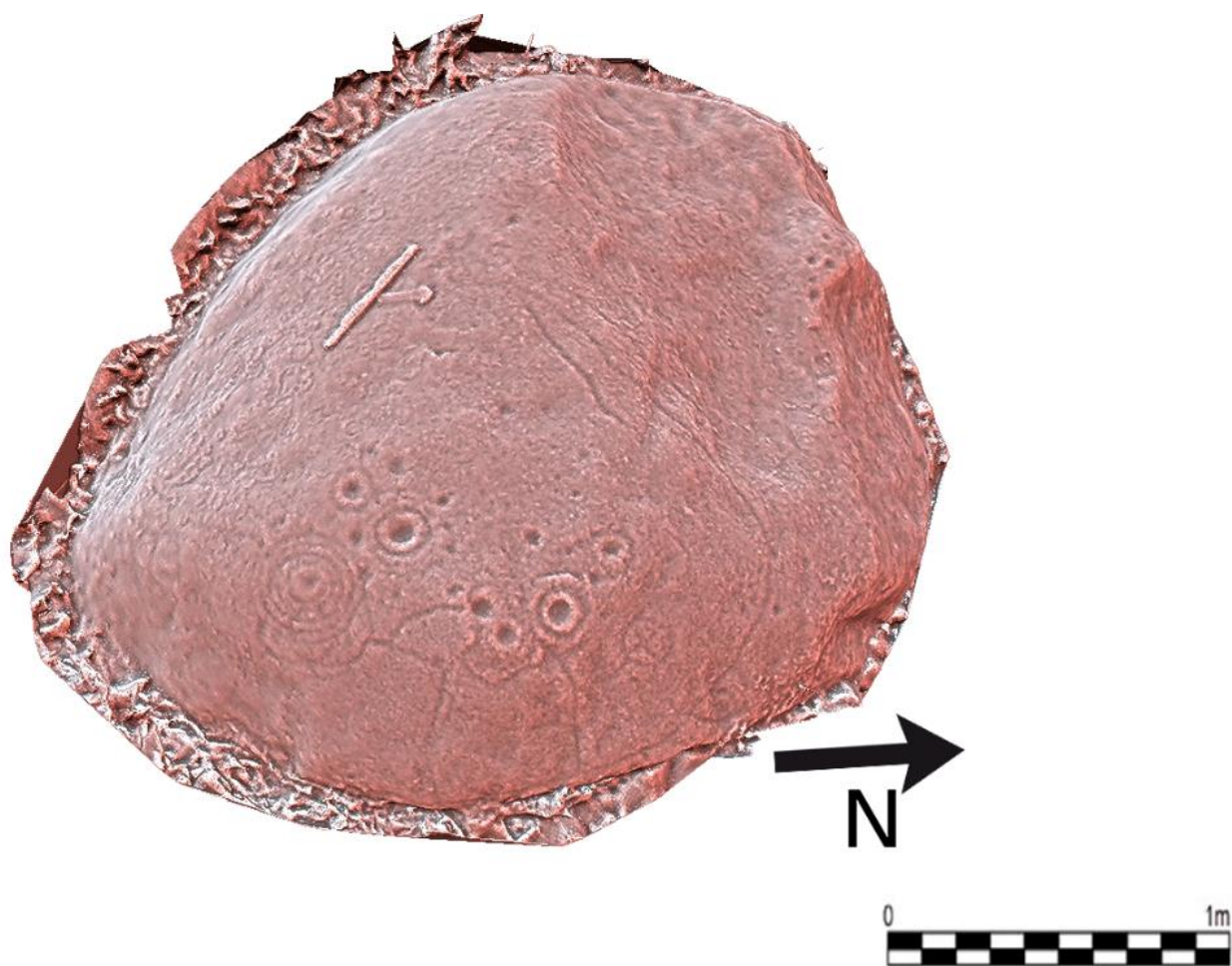


Figura 215 - Fotogrametria do Crastoeiro 2.

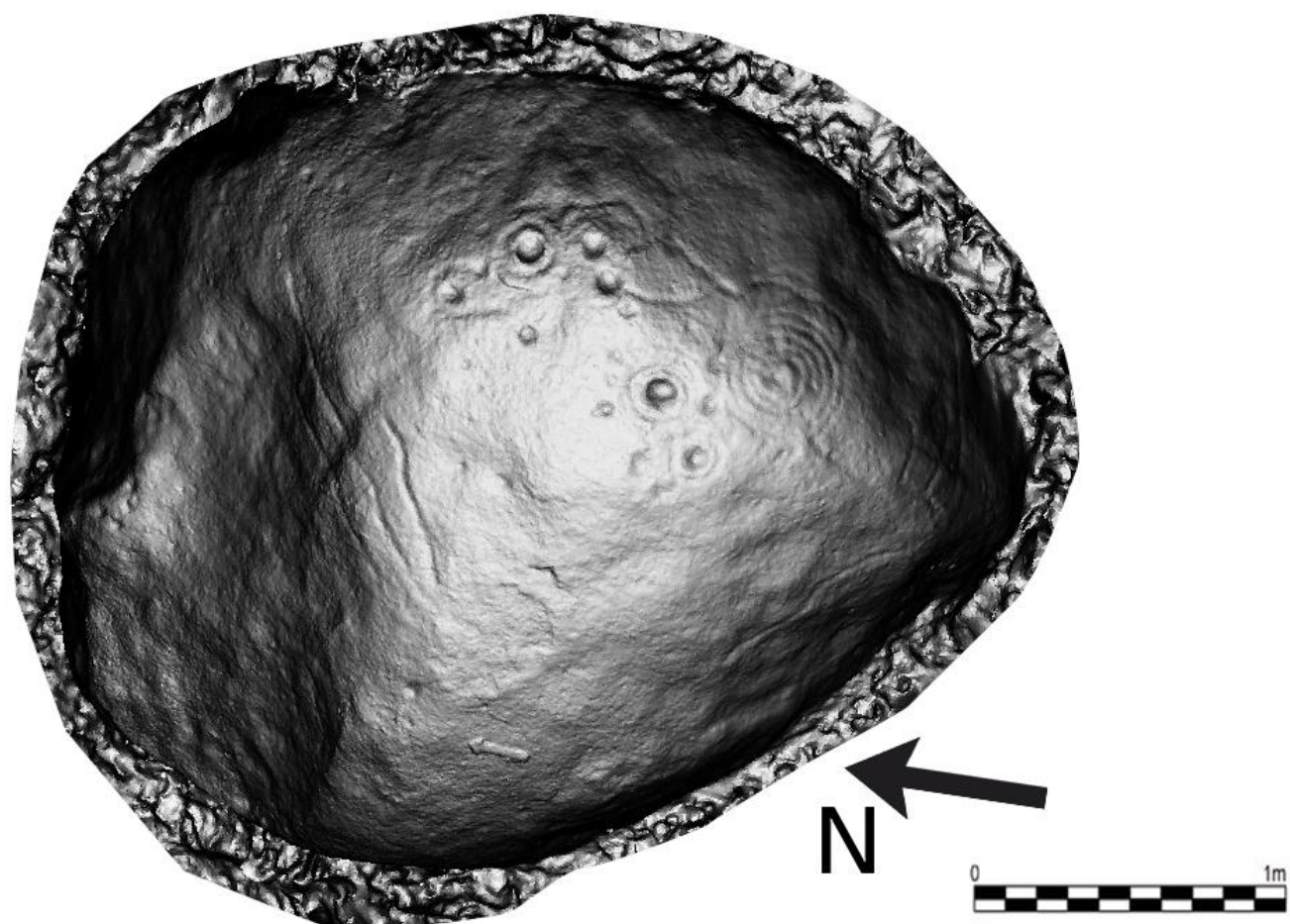


Figura 216 - Fotogrametria do Crastoeiro 2.



Figura 217 - Decalque do Crastoeiro 2 (Fonte: CVARN).

Técnica: percussão seguida de abrasão.

Estado de conservação: bom.

Bibliografia: Dinis & Bettencourt, 2009 e dados inéditos.

2.3.2 Ribeira de Pena

29) Eira das Lamelas

Localização administrativa: Vila Real/ Ribeira de Pena/ União de freguesias de Ribeira de Pena (Salvador) e Santo Aleixo de Além-Tâmega/ Lamelas.

Coordenadas: N 41° 30' 46" / O 7° 48' 2"

Altitude: cerca de 640 metros.



Figura 218 – Localização de Eira das Lamelas em excerto da Carta Militar n° 73, escala 1/25 000, CIGeo.

Acesso: Seguir em direção ao Parque de Lazer e Recreio de Lamelas e, após a chegada, seguir pelo caminho em calçada portuguesa até atingir um estradão de terra batida. A partir desse ponto, seguir em frente, encontrando-se, a cerca de 300 metros, uma placa indicativa do local.

Contexto físico e ambiental:

A Eira das Lamelas situa-se numa zona aplanada a oeste do monte do Alto do Facho, num anfiteatro natural formado pela bacia de receção da ribeira da Carvalha Seca que desagua na margem esquerda do rio Tâmega (Fig. 218). O afloramento situa-se numa área muito irrigada, com a presença de vários lameiros nas cercanias e pequenos charcos que se forma no afloramento.

O granito de grão médio e de grão médio a grosseiro abunda à superfície deste local (Ribeiro et al., 2000) (Fig. 219). A presença da exploração de estanho está bem patente nas imediações da Eira das Lamelas, encontrando-se vestígios deste recurso em todos os quadrantes, excetuando a noroeste, estando o mais próximo a um raio de cerca de 2 km, enquanto mais distantes, localizam-se num raio de cerca de 10 km (Ribeiro et al., 2000).

A vegetação é sobretudo arbórea predominando o pinheiro e alguns carvalhos, registando-se apenas o feto como vegetação arbustiva. Localiza-se junto de vias de circulação natural.

Relativamente à visibilidade, destaca-se, sobretudo, o posicionamento da rocha, numa plataforma, o que permite ao espetador observar a envolvente, embora de forma desigual. Como se encontra rodeado por vários montes, existentes a uma cota superior, desde o norte até ao quadrante oeste (Alto das Raposas, a oeste; o Alto do Facho, a este; o Alto das Lameiras, a norte) reúne melhores condições de visibilidade apenas para o quadrante noroeste onde se desenvolve a ribeira da Carvalha Seca. Para além disso, o afloramento detém visibilidade para a nascente da ribeira da Carvalha Seca (Sanches & Gomes, 2017). Atualmente, este afloramento encontra-se no meio de vegetação arbórea, no entanto, em períodos pré-históricos, poderia ter uma boa exposição solar.

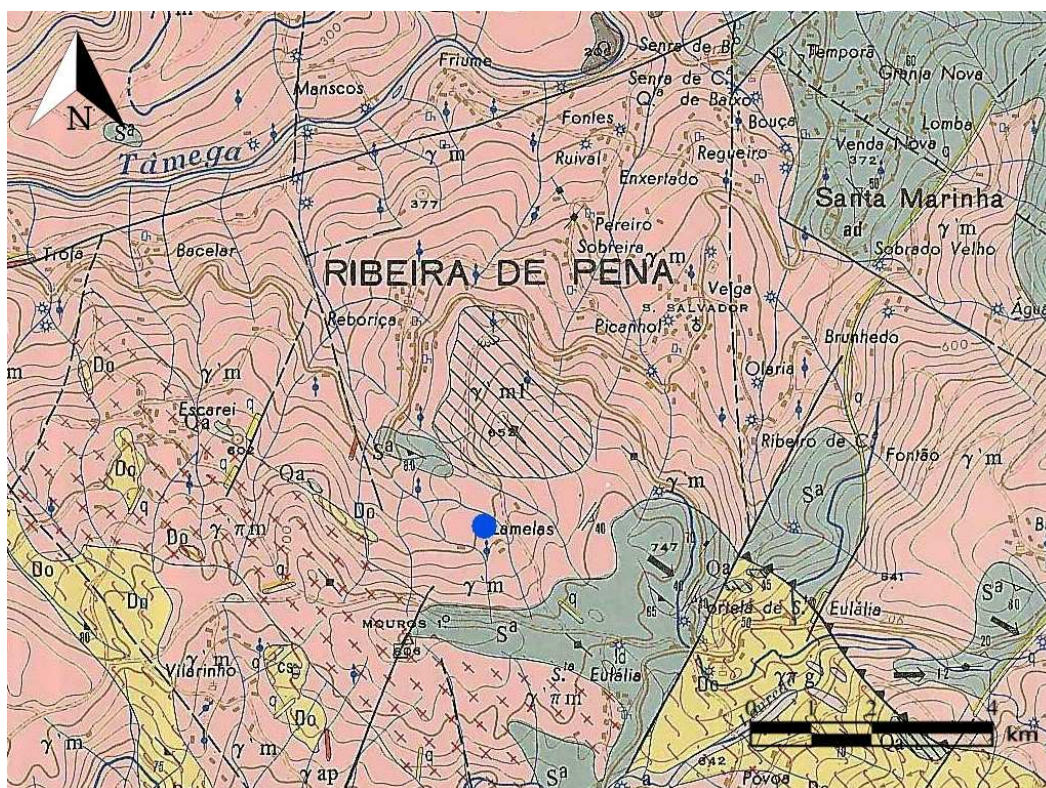


Figura 219 – Localização de Eira das Lamelas em excerto da Carta Geológica 6C - Cabeceiras de Basto, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

A sudoeste da Eira das Lamelas apenas se conhece o povoado fortificado do Alto da Subidade datável de entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro, segundo Carvalho (1981) e Silva (1986), tendo ainda sido encontrados alguns objetos em ouro segundo Vasconcellos (1917). A noroeste, existe evidências que, com algumas reservas permitem datar a ocupação do Alto dos Penedos Grandes entre o Calcolítico e da Idade do Bronze (Barranhão *et al.*, 2015/2016). A uma maior distância, num raio de 10 km para sudeste, regista-se a ocupação do Bronze Final do Castelo de Aguiar (Jorge, 1986).

Descrição física da superfície gravada:

O afloramento, rasante ao solo, com um contorno tendencialmente triangular, de grandes dimensões, com cerca de 13,70 metros no sentido norte/sul e cerca de 7,45 metros no sentido este/oeste, é de granito de grão médio, com algumas micas e com algumas incrustações de quartzo, segundo a notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 6C – Cabeceiras de Basto, na escala 1/50 000 (Ribeiro *et al.*, 2000) (Fig. 220). Possui várias diáclases, sendo que as mais profundas serviram para dividir o afloramento em diferentes painéis, resultando na divisão feita por Sanches & Gomes (2017). Possui alguns estalamentos e levantamentos junto à grande diáclase que se orienta no sentido este/oeste. Igual cenário observa-se no quadrante norte do afloramento. Esta última área caracteriza-se por estar mais elevada do que o resto da superfície, tendo o afloramento a sua pendente ligeiramente inclinada para sul e sudeste. A oeste e sudoeste são notáveis as marcas de acumulação de água quando ocorrem períodos de precipitação.



Figura 220 - Esquerda: Eira das Lamelas, vista a partir de este. Direita: Contexto da Eira das Lamelas.

Historial:

Este afloramento foi pela primeira vez referido em 1929 por Mário Menezes. No entanto largos se passaram até Carvalho (1981) realizar uma análise profunda deste afloramento, apresentando um decalque bastante simples, bem como tudo o que o envolve, com elevado pendor para a etnografia. Em 1986 é considerado Sítio de Interesse Público – SIP. Martins (1995) refere esta rocha no artigo intitulado *Arte rupestre em Sanjurge*. Raposo (2001), também referencia este sítio arqueológico, conferindo-lhe o caráter turístico. Gomes (2014) realiza a sua dissertação de mestrado sobre este lugar. Já em 2017, Sanches & Gomes (2017) elaboram novo estudo sobre esta rocha, apresentando um novo decalque da mesma.

Descrição dos motivos gravados:

A Eira das Lamelas caracteriza-se por ser um afloramento profusamente gravado, possuindo sete painéis (Fig. 221) mas apenas tendo círculos segmentados no painel 3.



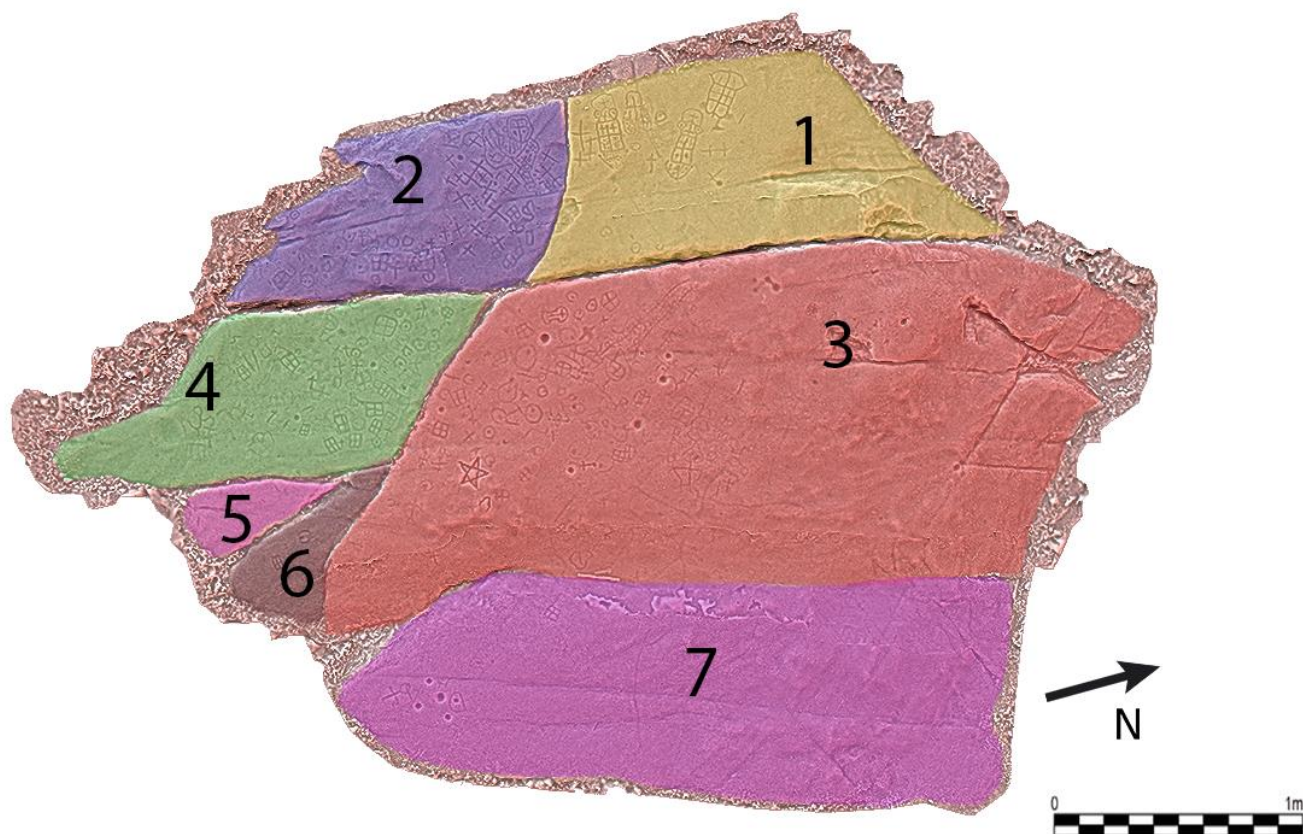


Figura 221 - Fotogrametria da Eira das Lamelas e respetiva divisão por painéis.

O painel 1, localizado no quadrante noroeste do afloramento, separa-se de dois painéis, o painel 2, a sul, e painel 3, a este, por duas profundas diáclases (Fig. 222). Neste painel registam-se representações complexas de quadrados segmentados de grandes dimensões, contendo, na sua parte superior, semicírculos adossados e na extremidade inferior figuras triangulares ou subtriangulares, igualmente adossadas. Foram consideradas como idoliformes por Sanches & Gomes (2017). Dentro destes motivos observa-se a gravação, sobretudo, de cruciformes, pelo que se levanta a hipótese de terem sido cristianizados, já em época histórica. Na envolvente destas figuras regista-se, ainda, círculos com covinha que se inscrevem, também na arte esquemática. Posteriores serão os vários cruciformes (cruzes gregas e latinas) e mesmo algumas covinhas.



Figura 222 - Vista para sudeste de Eira das Lamelas, com o painel 1 em primeiro plano.

O painel 2 localiza-se a sul do painel 1, estando profusamente gravado. Na sua extremidade noroeste observa-se uma figura sub-quadrangular, contendo no seu interior um quadrado segmentado em quatro partes, possuindo uma covinha em cada “compartimento”. Desta composição parte um sulco meandriforme. Adossada ao sulco que sai desta figura, a este da composição, regista-se uma figura subretangular que possui, no seu interior, uma nuvem de pontos alinhados e um cruciforme que terá sido adicionado posteriormente. A sul e este, registam-se quadrados segmentados, círculos com covinha, por vezes descentrada, semicírculos abertos e motivos em “U” com círculo ou sulco no seu interior e, pelo menos, um antropomorfo de braços erguidos. Em algumas áreas predominam os cruciformes (cruzes latinas) que, pela morfologia e profundidade do traço, parecem mais recentes.

O painel 3, encontra-se a este do painel 1 e a nordeste do painel 2 e é o painel mais profusamente gravado de todo o afloramento (Figs. 223, 224).

Correspondente ao primeiro momento de gravação, surgem os quadrados segmentados e círculos com covinha central em grande quantidade e distribuídos de forma dispersa, em menor

quantidade surgem os motivos em forma de “U” e os antropomorfos esquemáticos, concentrados na área central e no quadrante sudeste do painel. Sendo estes motivos claros representantes de manifestações de arte esquemática. Posteriormente, ter-se-ão gravado dois círculos segmentados, que se localizam sensivelmente a sudeste do painel. Ambos, possuem os seus segmentos orientados noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. Destaca-se, que um destes motivos, possui um longo sulco orientado noroeste adossado, no qual ocorrem pequenos círculos em toda a sua extensão. Registam-se, ainda, sulcos meandriiformes, pouco perceptíveis, espalhados um pouco por todo o painel. Num último momento de gravação, gravaram-se vários cruciformes (cruzes gregas e latinas), um pentagrama escavado na rocha e covinhas bastante profundas.

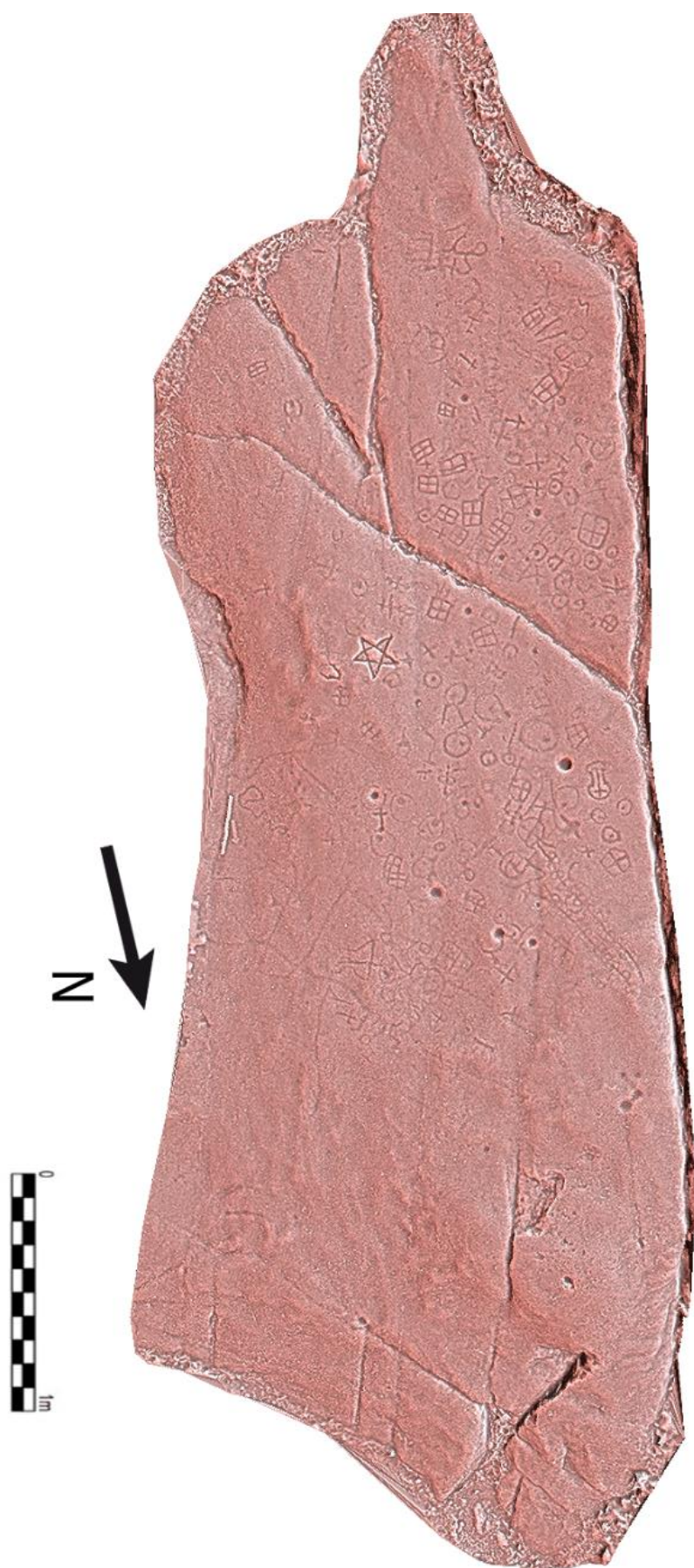


Figura 223 - Fotogrametria dos painéis 3, 4, 5 e 6 de Eira das Lamelas.

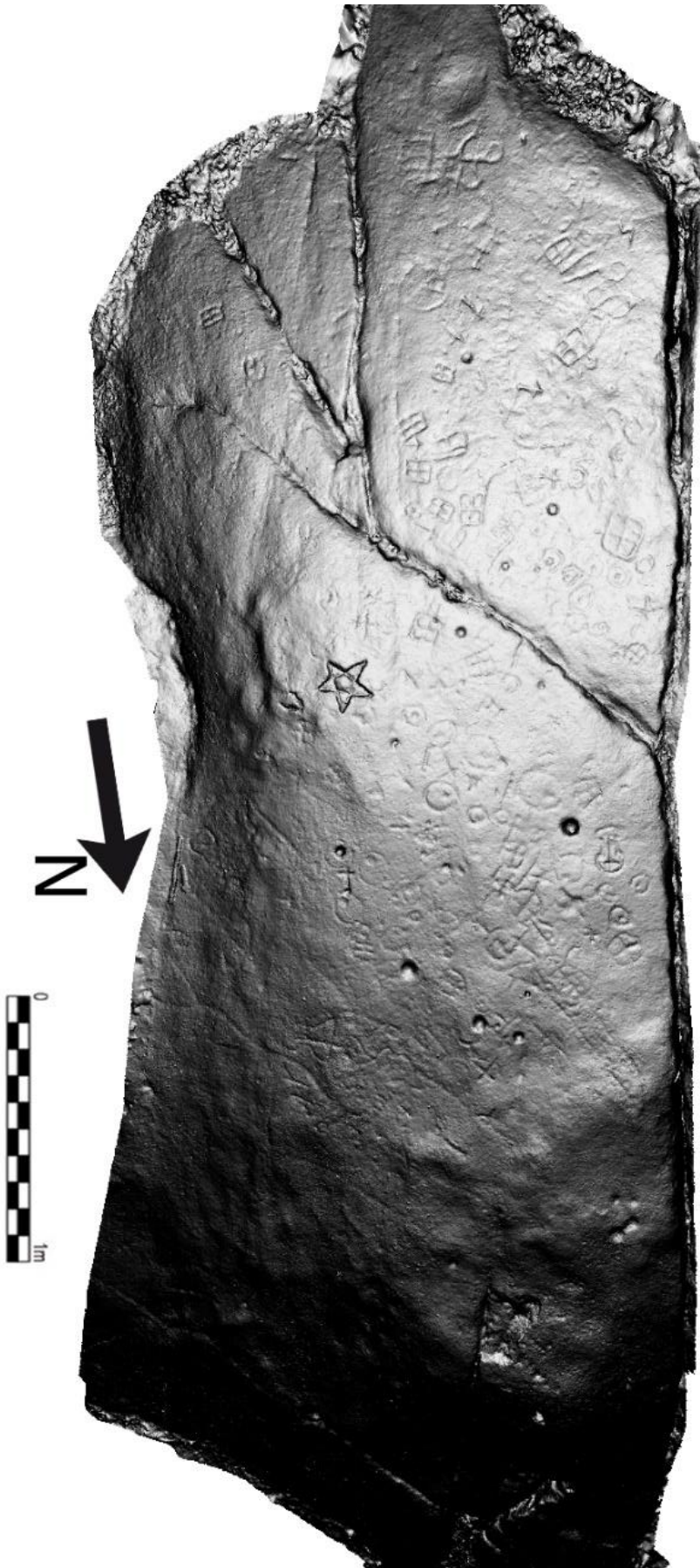


Figura 224 - Fotogrametria dos painéis 3, 4, 5 e 6 de Eira das Lamelas.

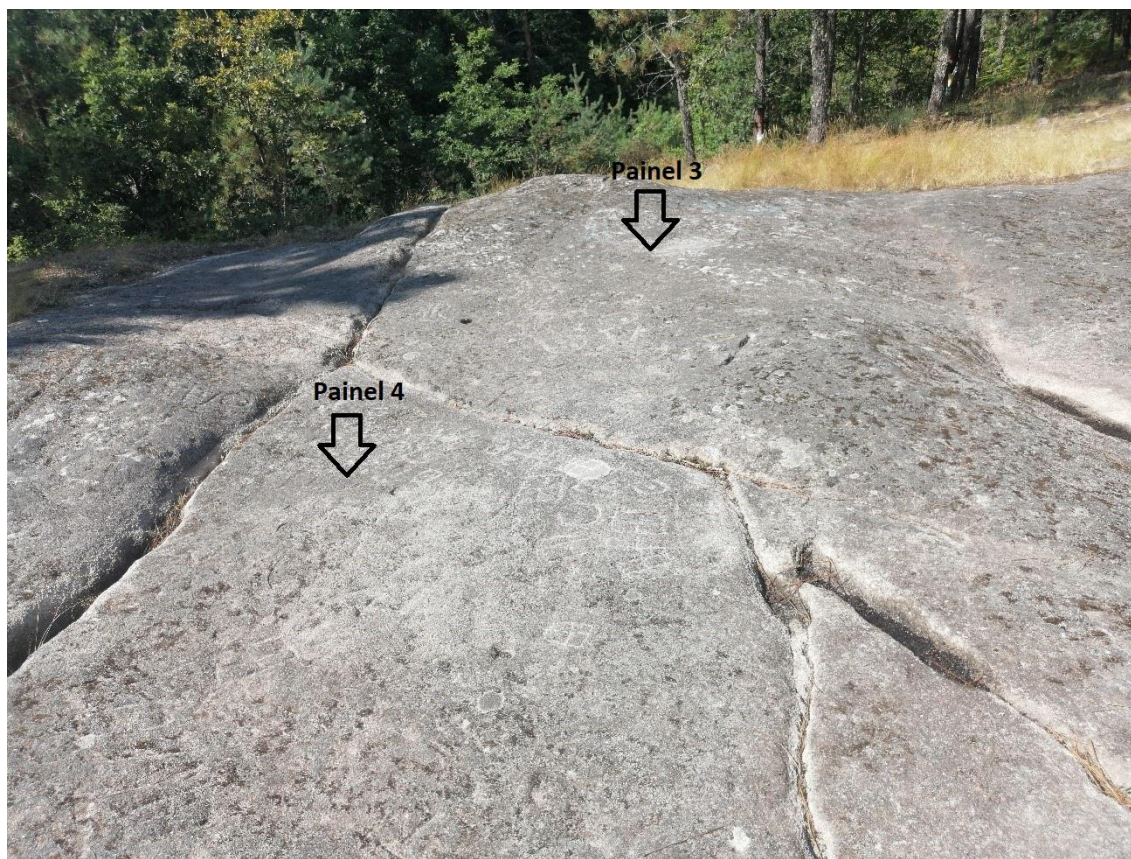


Figura 225 - Pormenor dos painéis 3 e 4 de Eira das Lamelas.

O painel 4 localiza-se a este do painel 2 e a sul do painel 3 e ainda que profusamente gravado, porém circunscreve as suas gravuras a uma área menor (Fig. 225).

A par do painel 3, a gramática da arte esquemática é predominante, registando-se vários quadrados segmentados, presentes, sobretudo a norte e no centro do painel. Estes fazem-se acompanhar de vários círculos com covinha central e motivos em “U”, igualmente com covinha central. Num momento posterior, ter-se-ão gravado a representação de um quadrúpede esquemático a sudeste, vários sulcos meandriformes e círculos simples, que existem um pouco por todo painel, estando algo erodidos. Os cruciformes (cruzes gregas e latinas) bem como as covinhas mais profundas, já de época histórica, encontra-se espalhadas aleatoriamente pelo painel.

O painel 5 localiza-se a este do painel 4, é de pequenas dimensões e, aparentemente, é estéril em motivos gravados. No entanto no levantamento de Sanches & Gomes (2017) aí aparece um quadrado segmentado. O painel 6 a sudeste do afloramento, mas este e nordeste do painel 5.

Possui apenas dois motivos, um quadrado segmentado e um motivo em “U” com um sulco na sua abertura, ocupando a área central do painel. O painel 7 localiza-se a este do afloramento e do painel 3 e revela, igualmente, poucos motivos gravados. Além de um quadrado segmentado, regista-se um cruciforme, covinhas e outras figuras que não parecem pré-históricas.

Técnica: picotado seguido de abrasão e pico metálico.

Classificação: Sítio de Interesse Público – SIP desde 1986.

Bibliografia: Martins, 1981; Gomes, 2014; Sanches & Gomes, 2017 e dados inéditos.

2.3.3 Chaves

30) Outeiro Machado/ Outeiro dos Machados

Localização administrativa: Chaves/ Chaves/ Vale de Anta/ Boqueiro.

Coordenadas: N 41° 45' 19.188''/ O 7° 30' 40.183''

Altitude: cerca de 437 metros.

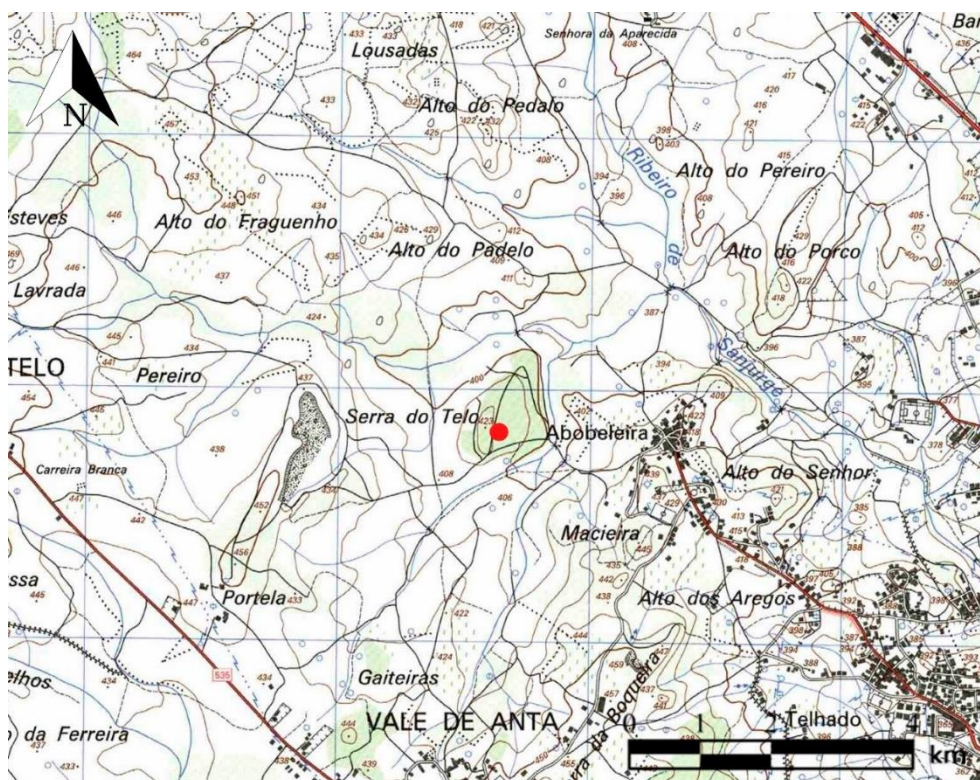


Figura 226 – Localização de Outeiro Machado em excerto da Carta Militar n° 34, escala 1/25 000, CIGeoe.

Acesso: Direção a Chaves, freguesia de Vale de Anta, lugar do Boqueiro, seguir pelo estradão da E.M. 535 Chaves – Soutelo, encontrando-se o lugar sinalizado.

Contexto físico e ambiental:

O Outeiro Machado situa-se numa plataforma aplanada do alto da vertente de um pequeno outeiro, no que popularmente é conhecido como serra do Bustelo (Fig. 226). É sobranceiro ao ribeiro de Sanjurjo, que passa a nordeste e este, e que vai desaguar ao rio Tâmega.

O granito alcalino, de grão médio a grosseiro, de duas micas ou moscovítico é o substrato geológico predominante nesta área (Teixeira, 1974) (Fig. 227). Em termos de proximidade com recursos

mineiros, não se observa este cenário, apenas registando as primeiras jazidas de estanho a um raio de 8 km para este e de um raio de 7 km para sul (Teixeira, 1974).

Trata-se de uma área próxima de campos agrícolas e de pastoreio. A vegetação arbórea presente no local inclui carvalhos e pinheiros e a arbustiva consiste em giestas, fetos e lavanda (Fig. 228).

Do local, detém visibilidade para nordeste, este e sudeste, nomeadamente sobre a veiga de Chaves e sobre a serra do Brunheiro, existente na margem esquerda do Tâmega. Para oeste a visibilidade é mais reduzida observando-se o cume da serra do Telo (Bustelo) e o campo celeste. Este afloramento encontra-se coberto pela vegetação arbórea existente, não permitindo ter uma boa exposição solar, no entanto esse cenário terá sido diferente no período pré-histórico.

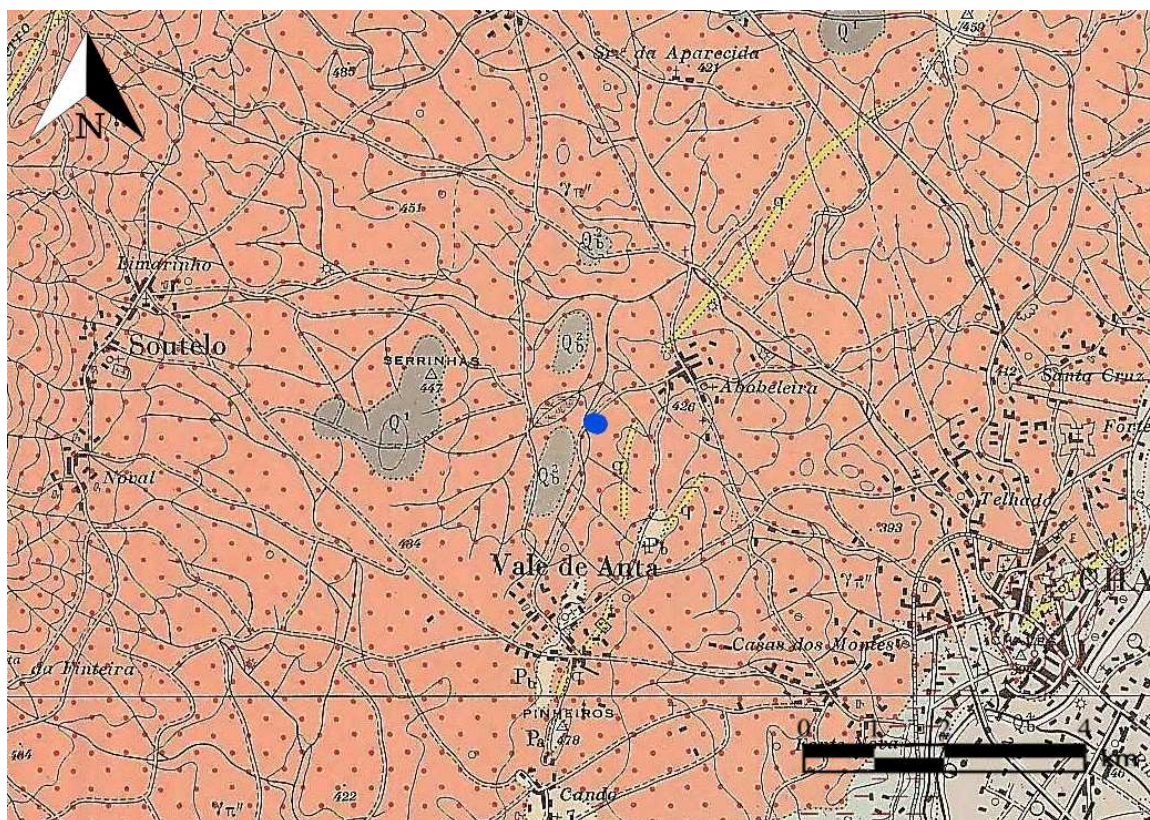


Figura 227 – Localização de Outeiro Machado em excerto da Carta Geológica 6B – Chaves, escala 1/50 000, LNEG.



Figura 228 - Contexto de Outeiro Machado.

Contexto arqueológico:

Este afloramento possui nas suas imediações alguns contextos arqueológicos. Desde logo, a nordeste, situa-se o povoado da Idade do Bronze Final de Santa Ana (Santos, 1995), na mesma área, encontra-se o depósito de Outeiro Seco (Savory, 1951), igualmente da Idade do Bronze. A uma maior distância, neste quadrante, evidencia-se o povoado do Souto com ocupação do Calcolítico e da Idade do Bronze (Pereira *et al.*, 1991). O depósito do Fragão da Pitorca, a este, da Idade do Bronze (Martins, 1981, 1990), surgindo perto desta a estátua-menir de Faiões (Jorge & Almeida, 1980). Mais perto, no mesmo quadrante, encontra-se a estátua-menir de Chaves datada do Bronze Final (Martins, 1980; Almeida & Jorge, 1980).

Descrição física da superfície gravada:

Trata-se de um afloramento de grandes dimensões, destacado do solo cerca de 6 metros, com cerca de 17,95 metros de comprimento no sentido nordeste/sudoeste e cerca de 9,23 metros de largura no sentido este/oeste, apesar de fraturado a poente e a norte (Figs. 229, 230, 231). É de granito alcalino de grão médio, de duas micras, segundo a Carta Geológica de Portugal, folha

6B – Chaves, na escala 1/50 000 (Teixeira, 1974). Tem várias diaclases em diversos sentidos, topo aplanado e pendente inclinada para este, terminando em ravina. As faces norte e oeste, também são ravinosas.



Figura 229 – Outeiro Machado visto de este, onde se pode observar a sua altura e paredes ravinosas. Há também a assinalar a existência de um abrigo.



Figura 230 – Esquerda: Outeiro Machado desde a extremidade sudoeste, a área de acesso ao topo. Direita: Outeiro Machado visto de sul.



Figura 231 – Outeiro Machado: visto de norte, desde o painel 1.

Historial:

Amplamente conhecido, Outeiro Machado, foi mencionada pela primeira vez por Vasconcellos (1917). Sampaio em 1928, publica sobre este afloramento na revista *Era Nova*. Corrêa em 1929, publica internacionalmente na revista *Révue Archeologique*. No ano seguinte, Santos Júnior consegue dedica o seu estudo a este afloramento, conseguindo identificar a quase totalidade dos motivos existentes. Fruto deste trabalho, Outeiro Machado é apresentado por Santos Júnior juntamente com outras estações rupestre no Congresso do Mundo Português em 1940. Após essa fase, Cardoso (1954) e Castro & Ferreira (1961) mencionam as gravuras de Outeiro Machado. É considerado Sítio de Interesse Público – SIP em 1970. Em 1978, Santos Júnior dedica um artigo, unicamente focado nas gravuras de Outeiro Machado. Este afloramento foi, igualmente, analisado por Martins (1995).

Descrição dos motivos gravados:

Este afloramento encontra-se profusamente gravado, na superfície superior e no início das pendentes a este. Foi subdividido, no âmbito deste trabalho, em oito painéis. Só foram registados círculos segmentados nos painéis 1, 2 e 3B (Figs. 232, 233).



Figura 232 - Fotogrametria de Outeiro Machado.

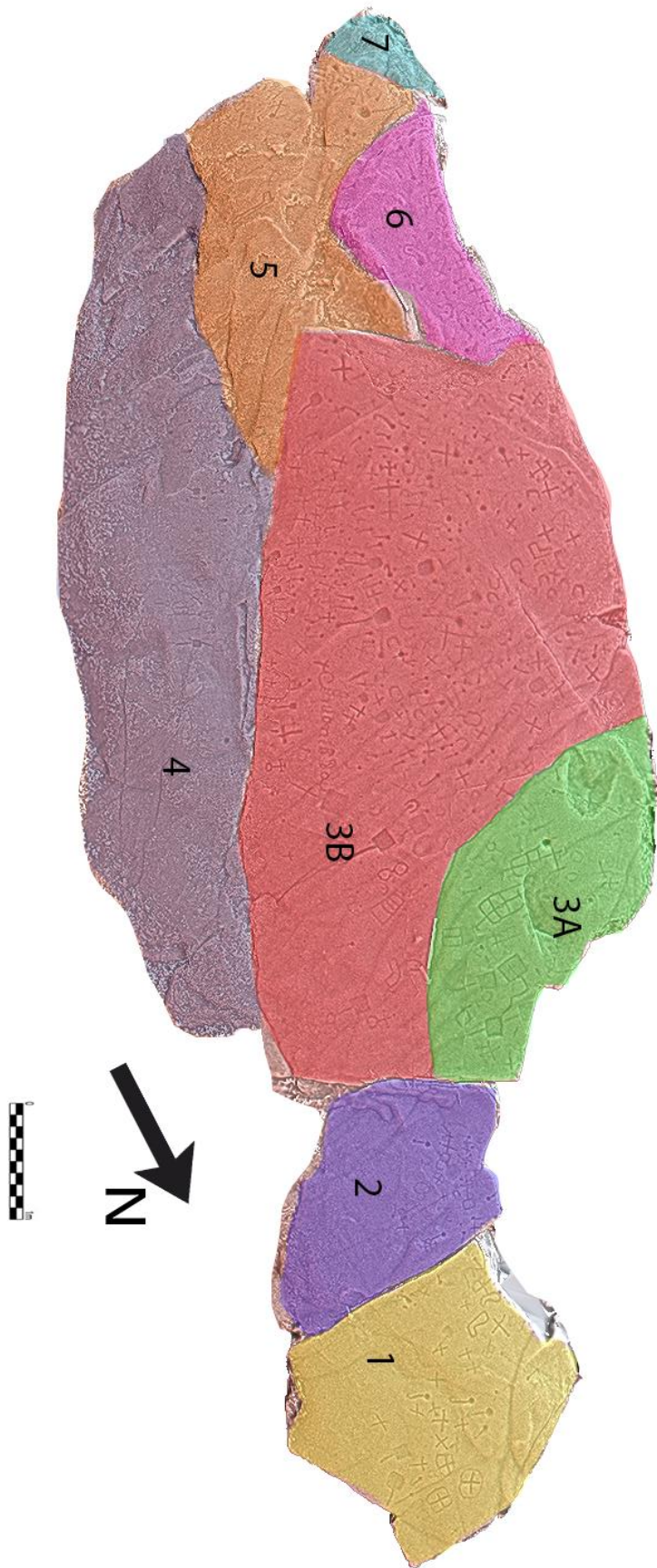


Figura 233 - Divisão dos painéis de Outeiro Machado.

O painel 1, localizado a norte do afloramento e a norte do painel 2, tem uma superfície plana e encontra-se parcialmente gravado (Fig. 234). Os motivos mais antigos, pelo grau de erosão, parecem ser os em “U”, um quadrado segmentado com apêndice, e o que poderá ser um machado de contorno trapezoidal e cabo curto, registando-se também paletas com cabo em baixo-relevo. De salientar que há mais dois motivos da mesma morfologia, mas mais avivados. Sobre o primeiro há uma sobreposição de um motivo indeterminado. A norte do painel observa-se um círculo segmentado cujos segmentos não se intercetam com o círculo e são mais profundos do que este, pelo que poderão ser mais recentes e representar uma cruz grega inserida dentro de um círculo. Os quadrados segmentados que estão nas suas imediações são também peculiares. Num deles, um dos segmentos não toca no quadrado (resultará de uma cruz inscrita num quadrado?). No outro, um dos segmentos sai fora do quadrado (que é muito imperfeito) e que, parece sobrepor-se a motivos em “U”, pelo que também poderá ser um histórico ou corresponder a alterações de motivos antigos. As covinhas com apêndices parecem ser, também, algo recentes, pela profundidade dos sulcos. Finalmente as cruzes gregas e latinas representam a cristianização do lugar, existindo uma que se sobrepõe ao cabo de uma paleta.

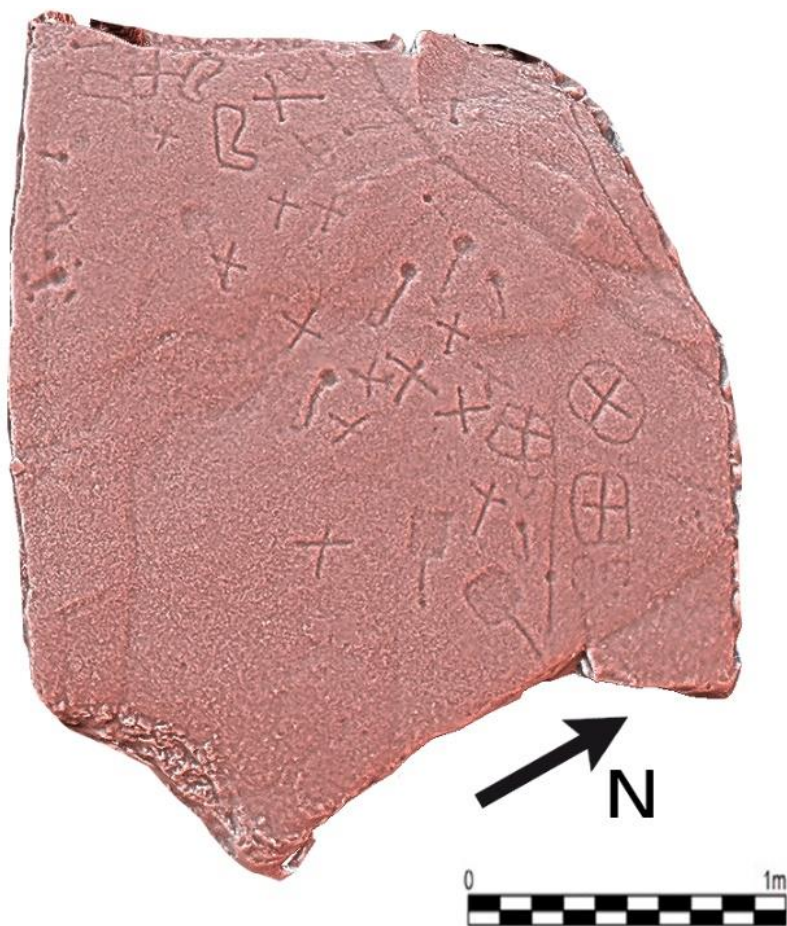


Figura 234 -Fotogrametria do painel 1 e pormenor do painel 1 de Outeiro Machado com quadrados segmentados, falso círculo segmentado e cruces históricas.

O painel 2, localizado a sul do painel 1, separado por uma diaclase. Tem uma superfície plana com uma ligeira inclinação para nascente (Figs. 235, 236). Encontrando-se parcialmente gravado.

Na área central é possível observar um círculo segmentado, algo erodido, cujos segmentos se orientam nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. Este parece estar ladeado, a este e oeste, por motivos tendencialmente ovais. Registam-se, talvez, três paletas em linha de contorno, cujos cabos parecem ter sido reutilizados para se transformarem em cruzes, devido à diferença de profundidade e, por vezes, de largura de sulcos. As covinhas e um pequeno círculo com apêndice são muito pronunciadas. Por fim, de época cristã, temos vários cruciformes, alguns ladeados por covinhas, e o que parece uma cruz da ordem de cristo.

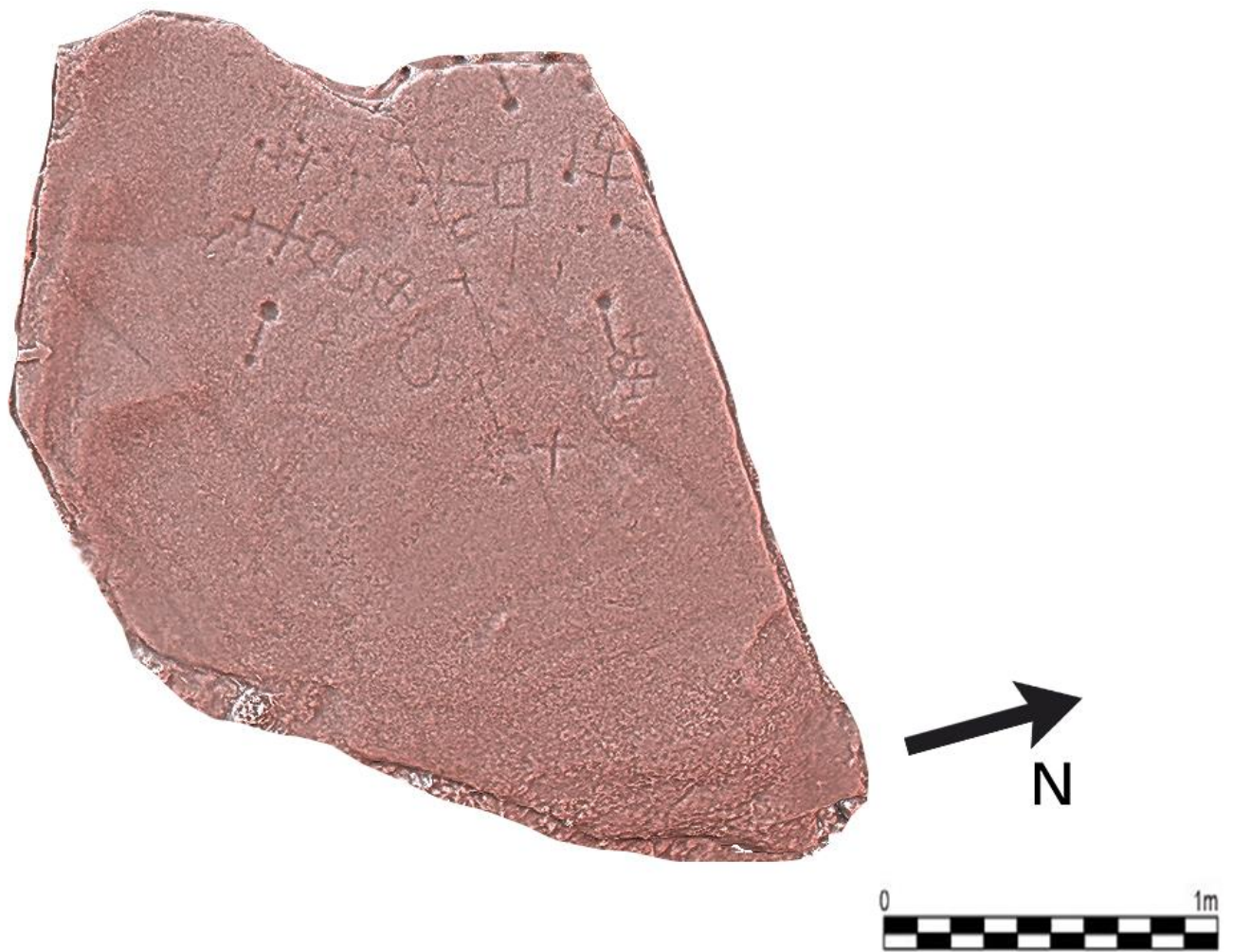


Figura 235 - Fotogrametria do painel 2 de Outeiro Machado.

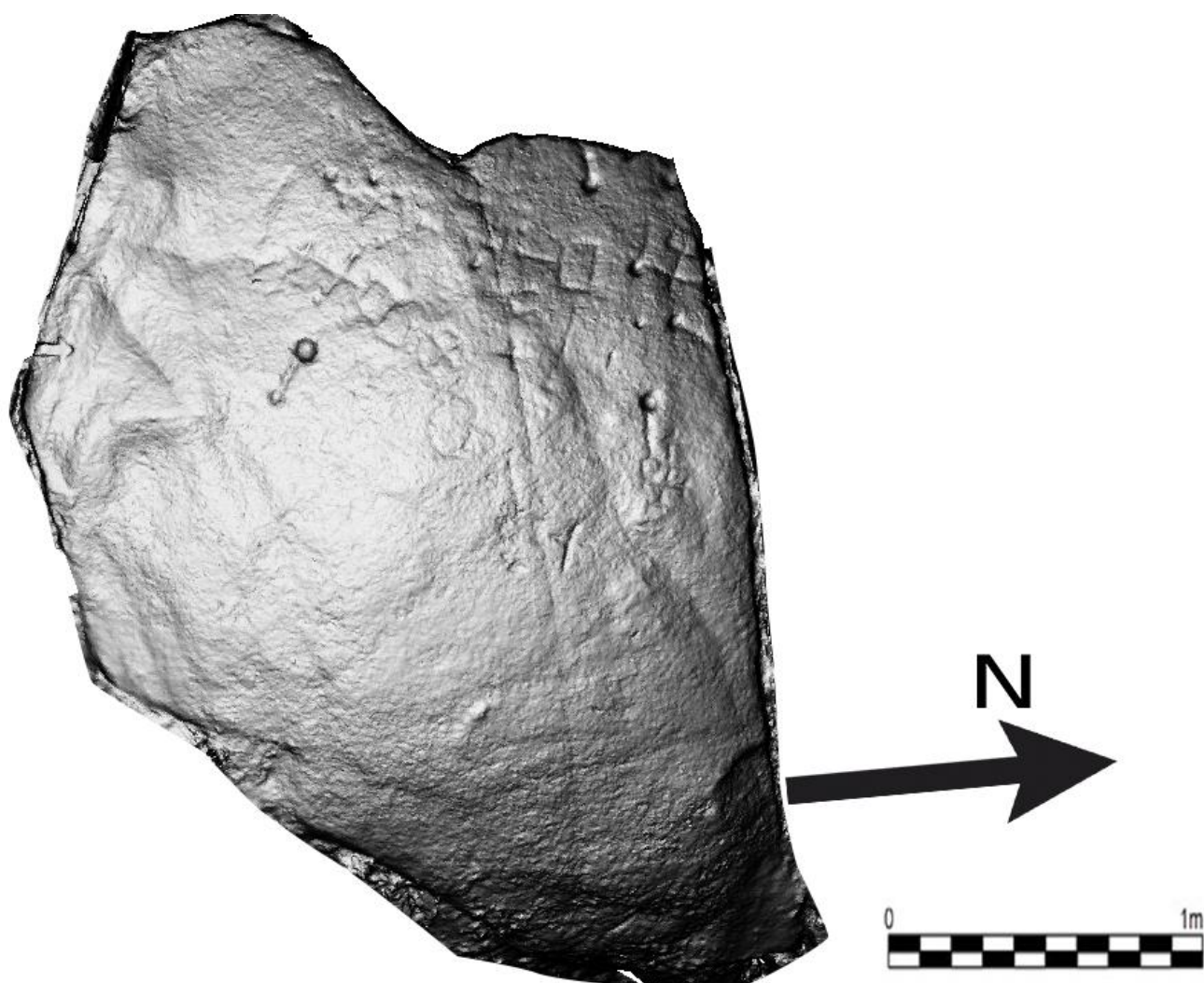


Figura 236 - Fotogrametria do painel 2 de Outeiro Machado.

O painel 3A localiza-se sudoeste do painel 2 e a norte e nordeste do painel 3B, em ambos os casos separados por diaclases. A sua superfície é tendencialmente plana, tendo apenas uma ligeira inclinação para este. Encontrando-se parcialmente gravado (Figs. 237, 238).

A sudeste do painel observam-se alguns motivos em “U”, alguns com sulcos no seu interior. Há, ainda, quadrados segmentados que parecem ter sido reutilizados em época cristã, tendo-lhes sido adicionadas cruces. A noroeste registam-se três paletas com cabo (completas) e uma paleta com cabo (incompleta). Por fim, devem ter-se gravado cruciformes, um deles sobre uma paleta. A estes motivos associam-se três cruciformes e uma representação de um possível peixe.

O painel 3B encontra-se a sudeste e a este do painel 3A estando completamente gravado. Quando se observa este painel identificam-se, dispostos de forma dispersa e orientados para vários lados, inúmeros motivos em “U”, por vezes com sulco no seu interior, muito erodidos. Também muito

erodido está o círculo segmentado da extremidade oeste, cujos segmentos se orientam nos sentidos noroeste/sudeste e nordeste/sudoeste. Há, ainda, a presença de inúmeras covinhas com apêndices, dispersas. A representação de paletas também é notória, com onze motivos, sendo apenas uma delas efetuada em baixo-relevo. De salientar o que poderá ser a representação de um machado de contorno, igualmente retangular e cabo curto. No quadrante noroeste, observa-se, junto das paletas, a representação de dois círculos simples articulados entre si, aos quais se associa um escalariforme, mais erodido do que os círculos. Este último motivo repete-se, pelo menos, mais uma vez, na extremidade este do painel. De época histórica serão os cruciformes que aparecem espalhados por todos os quadrantes do painel e que assumem várias formas: cruzes gregas, latinas e com base, representando cruzeiros, e os alfabetiformes.



Figura 237 - Fotogrametria do painel 3A e 3B de Outeiro Machado.

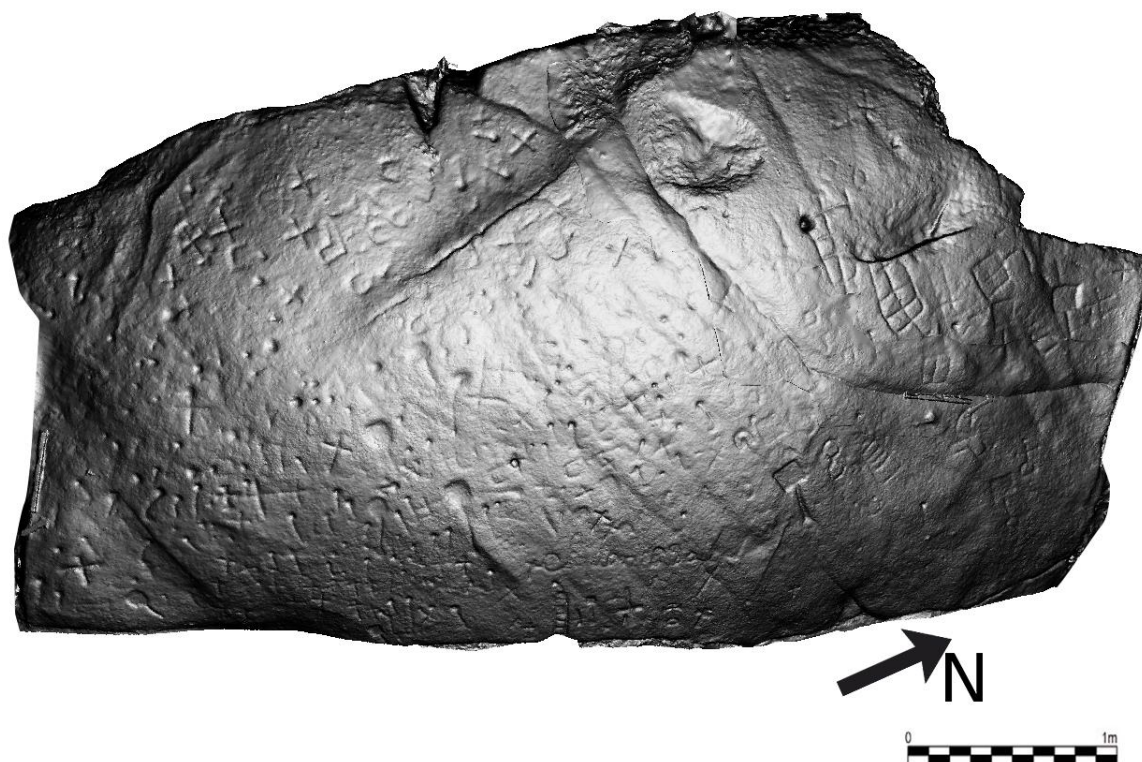


Figura 238 - Fotogrametria do painel 3A e 3B de Outeiro Machado.

O painel 4 localizado na área mais inclinada do afloramento, fica a nascente dos painéis 3B e 4. A sua superfície é inclinada para este, terminando em parede quase vertical. Encontra-se em elevado grau de degradação. Neste painel os motivos mais antigos poderão ser os em “U” e as paletas, existindo, pelo menos, seis exemplares, havendo possibilidade de existirem mais. Estas concentram-se na zona central e na extremidade sul. Há, ainda, covinhas com apêndice localizada de forma dispersa. Por fim, na zona central observa-se uma figura circular que é irrompida por sulco vertical.

O painel 5, localizado na extremidade sul do afloramento, está a sudoeste do painel 4, a sul do painel 3B, a este do painel 6 e a nordeste do painel 7, estando separado dos mesmos por diaclases. A sua superfície é aplanada na sua zona sul, no entanto tende a ter uma forte pendente para nordeste e este, junto do painel 4. É inevitável começar pelo motivo que mais se destaca em todo o painel e que se localiza no centro do mesmo. Trata-se de um machado de contorno talvez retangular, gume retilíneo e orientado a sul, com cabo de granés dimensões. Existe uma paleta com cabo que foi reutilizada para materializar um cruciforme. Na extremidade sul do painel registam-se inúmeros cruciformes que se fazem acompanhar por covinhas com apêndice.

O painel 6, localiza-se a sul do afloramento, a sul do painel 3B, a oeste do painel 5 e a norte do painel 7. Encontra-se a uma cota ligeiramente mais alta dos que os rodeiam. A temática presente neste painel, consiste na presença junto dos limites a poente e de várias covinhas com apêndice dispersas por todo o painel. Apenas de referir a presença de duas covinhas envoltas numa figura subcircular na zona central.

O painel 7 materializa o fim do afloramento, situado a sul dos painéis 5 e 6, localizado a uma cota mais baixa. A sua superfície é bastante plana possuindo pouco motivos. Contabilizam-se seis cruciformes, dois deles adossados, localizados na zona central e extremidade oeste do painel. Associadas aos mesmo surge um conjunto de seis covinhas com apêndice, dispersas pelo painel.

Técnica: picotado seguido de abrasão, baixo-relevo e pico metálico.

Estado de conservação: razoável.

Bibliografia: Vasconcellos, 1917; Sampaio, 1928; Corrêa, 1929; Santos Júnior, 1940, 1978; Cardoso, 1942, 1954; Martins, 1995; dados inéditos.

Classificação: Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 251/70, DG, 1.ª série, n.º 129 de 03 junho 1970.

2.3.4 Montalegre

31) Santo Ovídio 1

Localização administrativa: Vila Real/ Montalegre/ Outeiro/ Santo Ovídio.

Coordenadas: N 41°47'43.4"/ O 7°57'16.3"

Altitude: cerca de 720 metros.

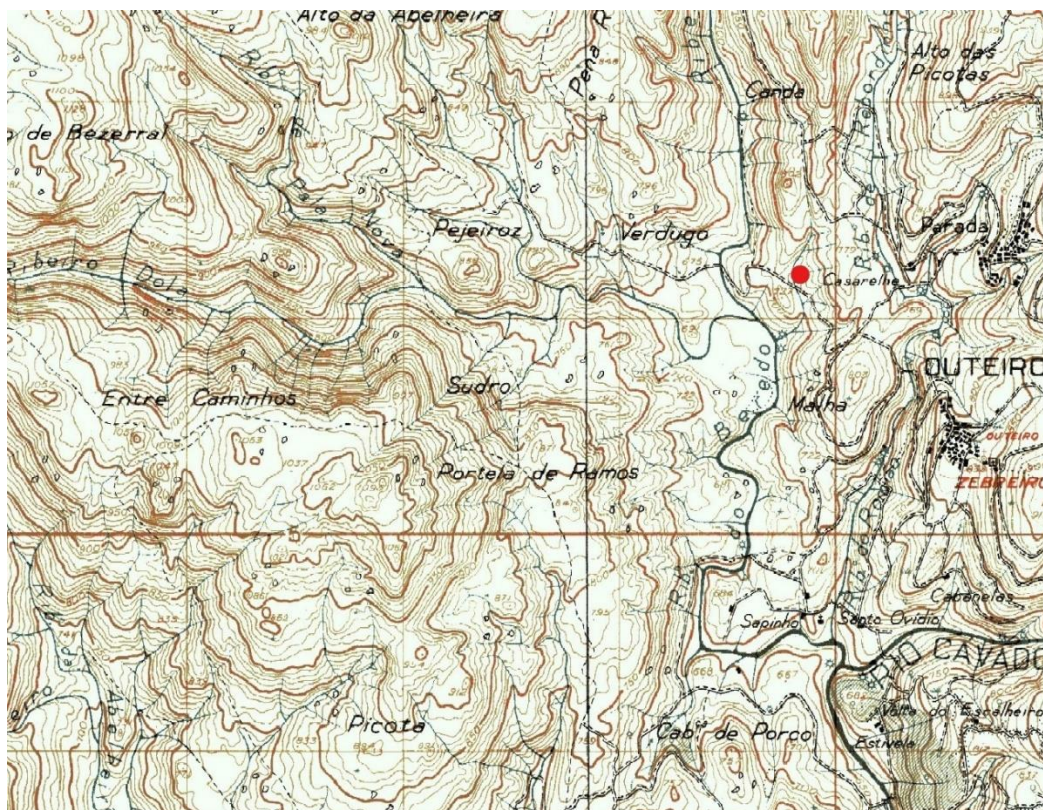


Figura 239 – Localização de Santo Ovídio 1 em excerto da Carta Militar n° 31, escala 1/25 000, CIGeoe.

Acesso: Localiza-se na Albufeira da Paradela, sendo apenas acessível quando ocorrem drenagens. Seguir em direção à freguesia de Outeiro, pela E.M. 308-4 e, após chegar ao centro da freguesia, percorrer um percurso pedestre em direção ao norte da albufeira, seguindo até à Ponte do Ribeirinho e virando à esquerda, em direção ao quadrante nordeste da albufeira.

Contexto físico e ambiental:

Encontrava-se na base da vertente oeste de um outeiro pedregoso, numa área de granito. Ficava na margem esquerda de um curso de água que desaguava no Ribeiro do Beredo, afluente da

margem direita do rio Cávado, à face do caminho, no seio de campos agrícolas (Fig. 239). O substrato geológico desta área é o granito porfiróide ou de tendência porfiróide, de grão grosseiro a médio, designado de Granito do Gerês (Noronha & Ribeiro, 1983). Relativamente aos recursos mineiros, não se observa essa proximidade, estando as jazidas mais próximas a um raio de cerca de 8 km a oeste, predominando o tungstênio, fortemente associado ao estanho (Noronha & Ribeiro, 1983) (Fig. 240).

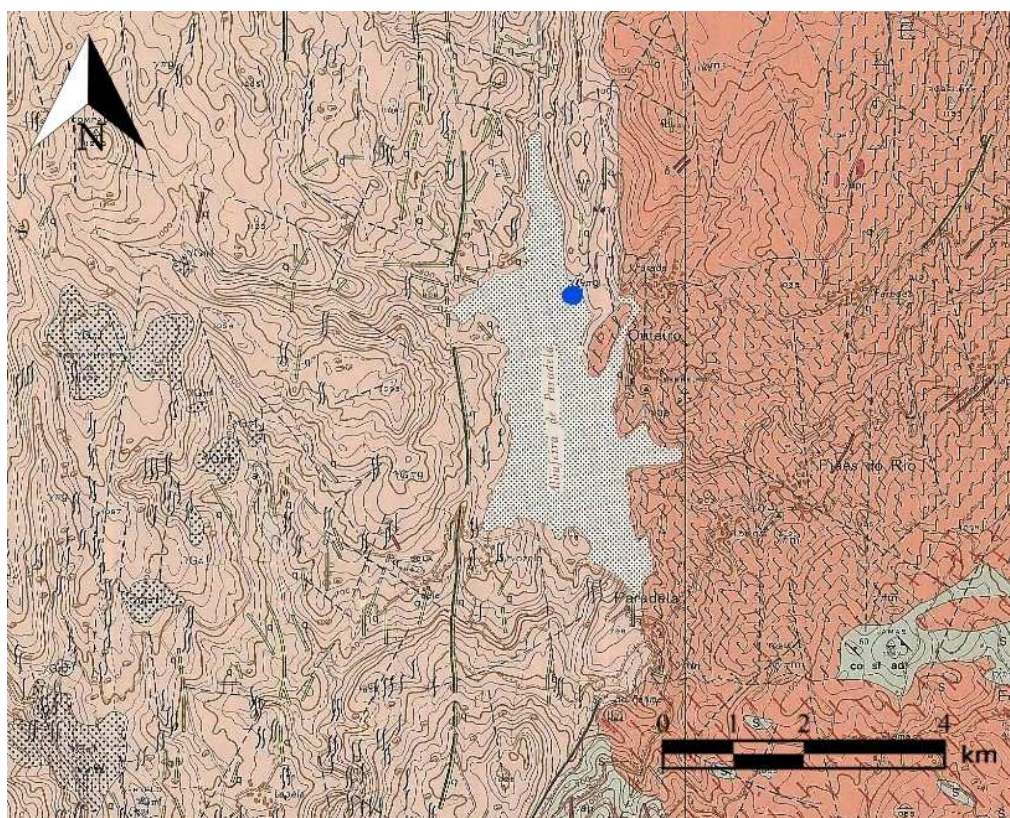


Figura 240 – Localização de Santo Ovídio 1 em excerto da Carta Geológica 6A – Montalegre, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Relaciona-se diretamente com o outro afloramento gravado, denominado de Santo Ovídio 2, que se localiza a sul e possui a mesma temática. Horst Stricker, morador no Outeiro, encontrou, nas imediações, cerâmicas de dois eventuais povoados da Idade do Bronze. Segundo dados do Portal do Arqueólogo, conhecem-se nas imediações da albufeira a presença de alguns contextos arqueológicos. A este de Santo Ovídio 1, um povoado fortificado da Idade do Ferro designado de Castro da Parada (Barreiros, 1915, 1920; Baptista, 1989; Fontes, 1992); a sudeste um povoado fortificado da Idade do Ferro designado de Castro do Outeiro (Barreiros, 1915, 1920), este último

acompanhado de dois povoados de cronologia indeterminada que se designam de povoado do Outeiro Forcado (Fontes, 1992) e povoado de Castelos (Barreiros, 1915). A sul, para lá da albufeira, observa-se o eventual povoado fortificado do Castro da Paradela (Barreiros, 1915, 1920; Cardoso, 1959; Costa, 1987; Fontes, 1992) e, por fim, a sudoeste observa-se outro povoado fortificado com a designação de Castro do Outeiro (Barreiro, 1915), balizado cronologicamente entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.



Figura 241 - Contexto de Santo Ovídio 1 quando ocorreu a dragagem da barragem da Paradela (cortesia de Horst Stricker)

Historial:

Descoberto por Horst Stricker, morador no Outeiro, quando da drenagem da barragem da Paradela para obras (Fig. 241).

Descrição física do afloramento gravado:

Afloramento de grandes dimensões, bastante destacado do solo, de contorno poligonal, para quem observa de frente (Fig. 242). Tem, ainda, a particularidade de apresentar uma grande concavidade, a meio. É de granito porfiróide ou de tendência porfiróide, de grão grosseiro a médio, designado de Granito do Gerês, se, segundo a Carta Geológica de Portugal, folha 6A – Montalegre, na escala 1/50 000 (Noronha & Ribeiro, 1983). Encontra-se adossado a um antigo muro do caminho.



Figura 242 - Santo Ovidio 1 (cortesia de Horst Stricker).

Descrição dos motivos gravados:

Afloramento apenas com uma gravura na sua extremidade inferior. Consiste num círculo segmentado em quatro partes (não tendo sido possível obter a orientação dos segmentos), sobreposto por uma cruz latina com base triangular (cruzeiro) (Fig. 243). O braço maior da cruz latina aproveitou dois segmentos do círculo segmentado, tendo estes um aspeto mais avivado em relação ao círculo, que poderá ser mais antigo. Este mede cerca de 20 cm, segundo Horst Stricker que o descobriu.



Figura 243 - Pormenor do círculo segmentado sobreposto por um cruzeiro (cortesia de Horst Stricker).

Técnica: picotado seguido de abrasão:

Estado de conservação: mau.

Bibliografia: inédito.

32) Santo Ovídio 2

Localização administrativa: Vila Real/ Montalegre/ Outeiro/ Santo Ovídio.

Coordenadas: N 41° 46' 56" / O 7° 57' 21"

Altitude: cerca de 720 metros.

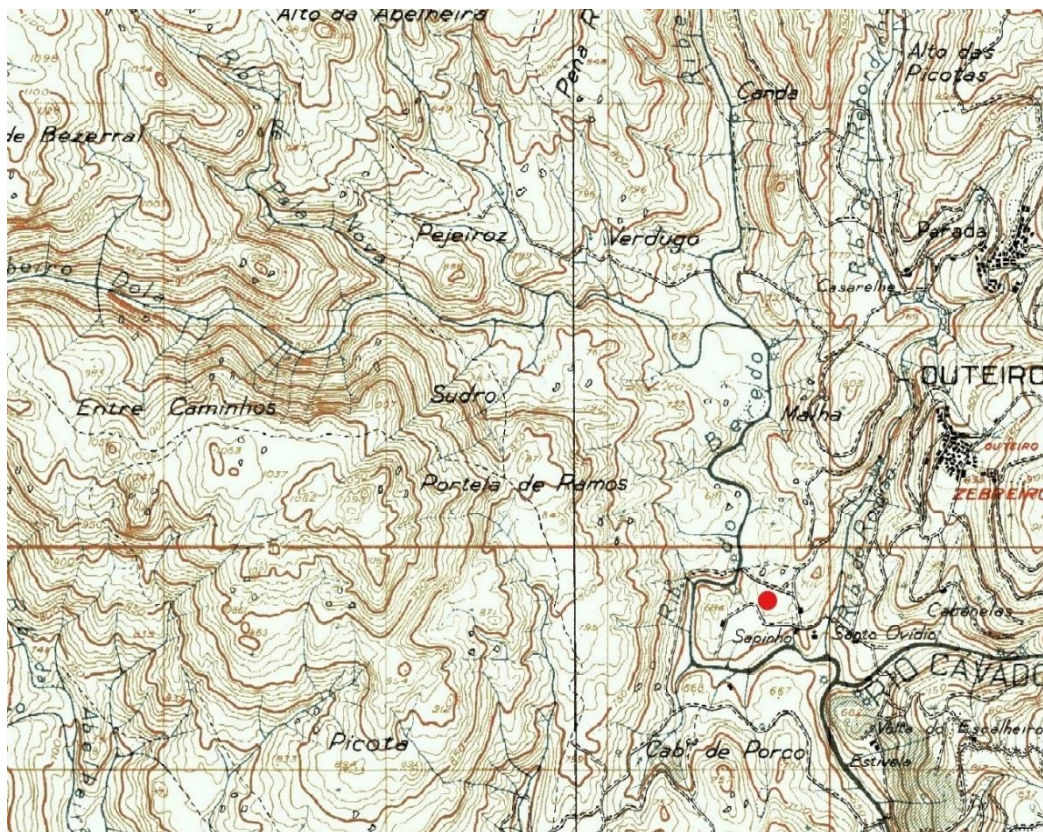


Figura 244 – Localização de Santo Ovídio 2 em excerto da Carta Militar n.º 32, escala 1/25 000, CI Geoe.

Acesso: Localiza-se na Albufeira da Paradela, sendo apenas acessível quando ocorrem drenagens. Seguir em direção à freguesia de Outeiro, pela E.M. 308-4 e, após chegar ao centro da freguesia, percorrer um percurso pedestre em direção ao norte da albufeira, seguindo até à Ponte do Ribeirinho e virando à esquerda, em direção ao quadrante nordeste da albufeira.

Contexto físico e ambiental:

Encontrava-se na base da vertente oeste de um outeiro pedregoso, numa área de granito. Ficava na margem esquerda de um curso de água que desaguava no Ribeiro do Beredo, afluente da margem direita do rio Cávado, à face do caminho, no seio de campos agrícolas (Fig. 244). O

substrato geológico desta área é o granito porfiróide ou de tendência porfiróide, de grão grosseiro a médio, designado de Granito do Gerês (Noronha & Ribeiro, 1983) (Fig. 245). Relativamente aos recursos mineiros, não se observa essa proximidade, estando as jazidas mais próximas a um raio de cerca de 8 km a oeste, predominando o tungstênio, fortemente associado ao estanho (Noronha & Ribeiro, 1983).

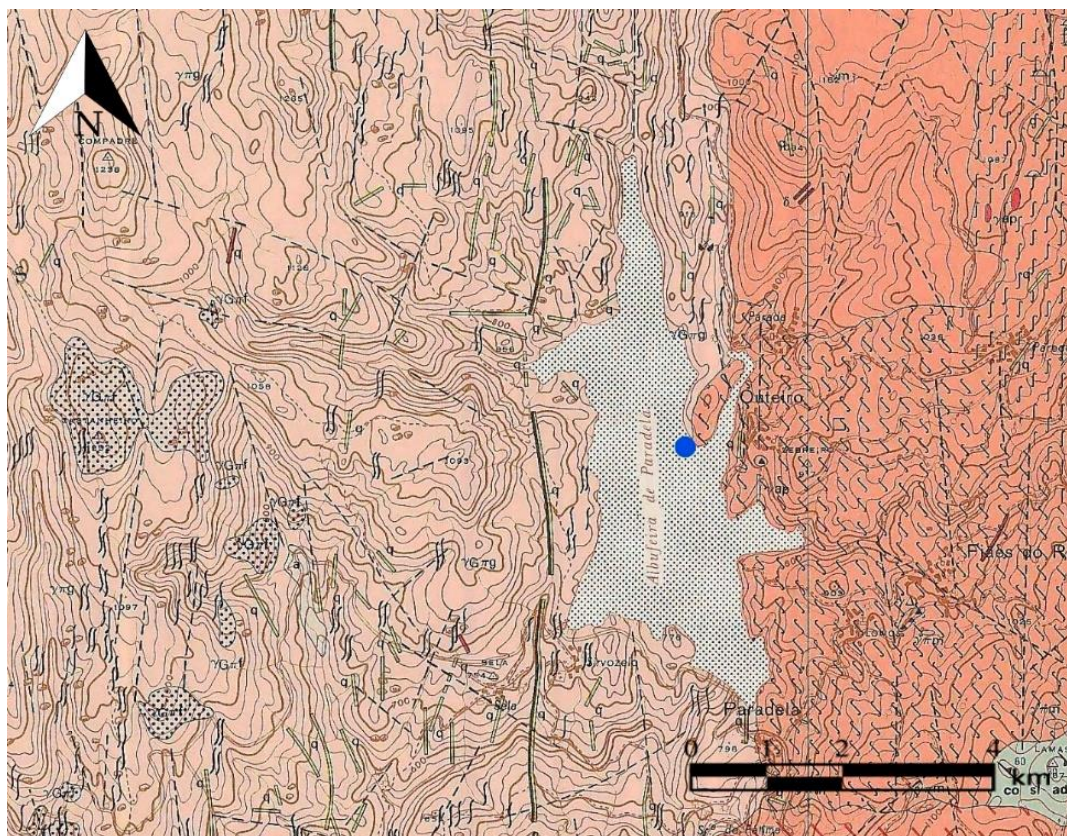


Figura 245 – Localização de Santo Ovidio 2 em excerto da Carta Geológica 6A – Montalegre, escala 1/50 000, LNEG.

Contexto arqueológico:

Relaciona-se diretamente com o outro afloramento gravado, denominado de Santo Ovidio 2, que se localiza a sul e possui a mesma temática. Horst Stricker, morador no Outeiro, encontrou, nas imediações, cerâmicas de dois eventuais povoados da Idade do Bronze. Segundo dados do Portal do Arqueólogo, conhecem-se nas imediações da albufeira a presença de alguns contextos arqueológicos. A este de Santo Ovidio 1, um povoado fortificado da Idade do Ferro designado de Castro da Parada (Barreiros, 1915, 1920; Baptista, 1989; Fontes, 1992); a sudeste um povoado fortificado da Idade do Ferro designado de Castro do Outeiro (Barreiros, 1915, 1920), este último acompanhado de dois povoados de cronologia indeterminada que se designam de povoado do

Outeiro Forcado (Fontes, 1992) e povoado de Castelos (Barreiros, 1915). A sul, para lá da albufeira, observa-se o eventual povoado fortificado do Castro da Paradela (Barreiros, 1915, 1920; Cardoso, 1959; Costa, 1987; Fontes, 1922) e, por fim, a sudoeste observa-se outro povoado fortificado com a designação de Castro do Outeiro (Barreiro, 1915), balizado cronologicamente entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

Descrição física do afloramento gravado:

Afloramento algo destacado do solo, de dimensões médias. É de granito porfiróide ou de tendência porfiróide, de grão grosseiro a médio, designado de Granito do Gerês, se, segundo a Carta Geológica de Portugal, folha 6A – Montalegre, na escala 1/50 000 (Noronha & Ribeiro, 1983), com algumas concavidades que o tornam impressionante.

Historial:

Descoberto por Horst Stricker, morador no Outeiro, quando da drenagem da barragem de Paradela para obras.

Descrição dos motivos gravados:

Afloramento onde apenas uma gravura é bem visível, embora parece ter outros círculos segmentados, muito erodidos, como, por exemplo, no canto inferior direito da fotografia. O motivo bem visível – um círculo segmentado, localiza-se na extremidade esquerda do afloramento, entre duas concavidades (Fig. 246). Porém, não foi possível obter a orientação dos seus segmentos pelo facto de o afloramento estar de novo submerso.



Figura 246 - Pormenor de Santo Ovídio 2.

Técnica: picotado seguido de abrasão:

Estado de conservação: mau.

Bibliografia: inédito.